3 1761 07149217 7

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/notassobreportug02teix

EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO EM 1908

SECÇÃO PORTUGUESA

# Notas sobre Portugal

Volume II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1909

LIBRARY
DEC
19
OF TORONTO

Antonio de Macedo

# Notas sobre Portugal

EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO EM 1908

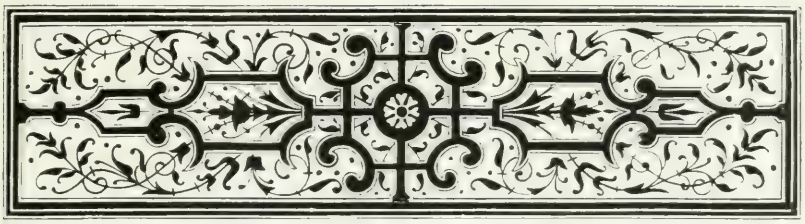
SECÇÃO PORTUGUESA

# Notas sobre Portugal

Volume II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1908

LIBRARY
JAN 18
UNIVERSITY OF TORONTO



# ADVERTENCIA PRELIMINAR

COADJUVANDO o meu collega Antonio Teixeira Judice nos trabalhos preparatorios das NOTAS SOBRE PORTUGAL, coube-me especialmente o encargo de traçar o plano do volume II, desde o inicio destinado á *expressão esthetica da vida e do país português*. Varias razões a que no anterior volume se allude, vieram porem difficultar e limitar a realização do primitivo plano do livro. O presente volume está por isso mesmo, como o primeiro, muito longe de ser a expressão integral a que aspiravamos. Entre outros capitulos deixaram de nos ser enviados os que se occupavam dos seguintes assuntos: *Ceramica Portuguesa, Escultura e Pintura em Portugal, A Lingua Portuguesa* (sua evolução no Brasil e em Portugal), *O Lyrismo Português*.

A falta d'estes artigos faz-se vivamente sentir, é evidente. Entretanto alguns houve que, dada a natureza dos seus assuntos, foi absolutamente necessario entregar a novos collaboradores. Refiro-me aos que, devendo constituir uma como que *Introducção esthetico-geographica* ao volume II, descreveriam *O País Português, O Povo Português, As Praias e as estações de aguas em Portugal*.

Sem a apresentação d'esses tres numeros, o 2.º volume teria de ser adiado porventura *sine die;* e mais valia publicá-lo, ainda que incompleto, desde que o seu plano se definisse.

Primitivamente dirigira-me eu ao Sr. Ramalho Ortigão e pedira-lhe que se dignasse acceitar a redacção dos citados tres artigos. Apesar, porem, da minha insistencia, o illustre escritor declinava o encargo numa carta em que me dizia não se achar, ao tempo, no estado de espirito necessario «para formular esse documento de sorridente carinho, para escrever as doces e coloridas paginas que nem escrevera já, nem de modo algum poderia escrever agora por falta de azul e de rosa em que molhar a ferrugenta penna».

Sendo porem, como disse, absolutamente necessario dar um successor ao Sr. Ramalho Ortigão, viu-se que não era facil, neste caso, como em qualquer outro, substituir a sua «ferrugenta penna»; e neste principalmente, attento o caracter que deviam ter esses três capitulos e que o illustre escritor tão bem definiu, e attento ainda o pouco tempo de que dispunhamos. Teixeira Judice encarregou-me então de resolver eu a questão, entregando-me a redacção d'esses numeros.

Ora, ridiculo seria acceitar eu o encargo nas mesmas condições em que primitivamente o propusera. Acceitei apenas, como uma especie de dever, *organizar* tudo quanto se referisse a esses artigos, dentro do espirito que presidiu á elaboração do plano do livro. *Organizar* é o termo justo, applicavel ao processo por mim adoptado para a consecução d'este intento, processo que, resolvendo a difficuldade da redacção porque a limitava á capacidade dos meus recursos, me permittia acceitar o terrivel encargo, até com verdadeiro prazer.

Graças á profissão de engenheiro, viajei por quasi todo o país, chegando a conhecê-lo na grande variedade de aspectos que só conseguem observar os que estudam e constroem vias de communicação. Igual conhecimento adquiri dos habitantes das nossas

varias provincias, com os quaes convivi e trabalhei. E, como na nossa litteratura, após 1870, muitas paginas se occupem da paisagem e do povo português, resolvi escolher de entre essas as que mais se ajustassem á impressão que directamente recebêra do país e das nossas gentes, bem como ao caracter d'esta publicação. Desde já, porem, declaro que não pretendo ter esgotado a serie d'essas descrições, nem o pretenderia ainda quando dispusesse de maior espaço do que me foi attribuido e de mais largo tempo.

Fixo a data de 1870 de uma maneira um pouco vaga. Só depois do apparecimento do *naturalismo* na nossa litteratura, é que o estilo da lingua portuguesa começou a especializar-se no sentido do assunto a tratar. Esse aspecto que, na arte de escrever, toma o principio, commum a todas as artes, do emprego logico do material, teve entre nós o seu inicio em Eça de Queiroz. Até elle, ou não se descrevia (Camillo e, em geral, Garrett), ou se tratava a paisagem de uma forma heraldica, ou generica (Herculano, Julio Diniz). O novo processo formal deve-se pois aos escritores naturalistas, e aos que se lhes seguiram, encontrando-se portanto nas obras publicadas após a data que fixei.

Voltando, porem, a falar da solução adoptada, julgo-a talvez mais fecunda do que se a descrição de todo o país ficasse entregue a um só temperamento artistico, o qual, sem duvida, se revelaria por forma desigual, pois que desigual seria a commoção nelle despertada pelos differentes sitios ou povoações. A minha solução deve necessariamente levar, senão desde já, com certeza mais tarde e num trabalho mais completo, á criação de uma especie de galeria de paisagens e quadros de genero onde todas as escolas de arte manifestem livremente os seus recursos proprios, em expressões do maximo poder; por nos revelarem commoções determinadas por affinidades de temperamento, e não productos de artificios artisticos a cujo emprego, em certos casos, a encommenda fatalmente leva.

Achada a solução, desejavel seria poder reunir a paisagem ou representação pictoral á paisagem litteraria; a juncção de duas expressões de arte, presas a processos formaes tão diversos, por certo daria dos varios assuntos uma mais completa e valiosa impressão. Para isso seria, porem, necessario empregar a gravura colorida, o que tornava sobremaneira complicado e dispendioso o problema. Recorreu-se pois, á gravura a preto, reproduzindo a photographia na maioria dos casos.

Fixada a parte meramente estructural dos citados artigos, devo ainda justificar, para cada um d'elles em separado, o espirito dirigente ahi seguido.

Na apresentação methodica das varias *Terras portuguesas,* divido o país em quatro zonas principaes. Tal divisão, feita *grosso modo,* á vara larga, pode sem duvida completar-se pela sub-divisão em zonas menores e mais especificamente caracterizadas. Procedo, porem, d'esta forma, não só por facilidade de exposição, como tambem em virtude das conclusões a que se chega em outro ponto do presente livro. Assim o Dr. Silva Telles, na sua *Introducção geographica* ao 1.º volume, formulando uma synthese que se me afigura abranger todas as opiniões anteriores sobre a materia, affirma:

«Portugal, no seu conjuncto, apresenta, pelos seus caracteres geomorphologicos, o aspecto de um immenso amphitheatro irregular, de SO. para NE., com o sopé meridional demasiadamente vasto em relação á superficie hypsometrica principal. Esta constituição morphologica facilita a interpretação geographica das suas redes hydrographicas, das grandes zonas de transito entre Portugal e a Espanha e os caracteres do seu clima».

Partindo d'esta synthese, divido o país nas quatro zonas principaes, ao deante definidas não só pelos seus caracteres morphologicos, pela vegetação, clima, densidade de população, etc., como ainda pela canção popular. Para mim, de todas as expressões do

*folklore* de uma nacionalidade qualquer, a canção é a que mais se prende á terra e ás condições naturaes do meio physico onde ella apparece e do qual procede immediatamente o seu caracter estructural e expressivo.

1.ª ZONA. — Constituida pela superficie hypsometrica principal do país. — Comprehende o trapezio irregular limitado a N. pela fronteira espanhola, a L. pelo rio Douro e ainda pela mesma fronteira, a S. pelo Tejo e, finalmente, a O. por uma linha quebrada que, partindo de Abrantes, passa a nascente de Thomar e Coimbra, toca em Agueda e, cortando no Porto a linha da costa maritima, se funde com esta desde ahi até Caminha. É pois formada pelas provincias do Minho, Trás-os-Montes, Beiras e grande parte do Douro.

Zona de aspectos variadissimos, imprevistos, formada por terrenos primitivos — archaicos e primarios (granitos e schistos cristallinos).

Paisagem extremamente movimentada, por vezes atormentada; formas amphitheatricas, declives pronunciados; solo aspero, violento. Vegetação variada e muito rica nas terras medias e baixas, dominando o pinheiro, o carvalho-roble de folha caduca (zona humida), o carvalho pardo nas Beiras e a oliveira; nas partes altas, o castanheiro, o azinho, e ainda o sobro e a amendoeira; arvores diversas. Milho dominante, centeio no planalto; cultura de medio valor, algumas vezes muito rica.

Clima variadissimo, pontos extremos; na parte voltada ao mar grande humidade, brumas; chuvas (de 1:000 a 1:500, attingindo a 2:000 na parte mais alta) maximas no outomno e inverno.

População a mais densa do país na zona baixa, menos de media na alta montanha; a mais pura e primitiva de todo o país nas montanhas beirans.

Luz geralmente metallica, luz de aço, reflectida pela mica dos granitos; por vezes hilariante.

Lingua a mais antiga e porventura mais incorrecta de todo o país.

Canção popular variadissima, profunda; danças vivas, alegres e rudes, geralmente caracterizadas apenas por um rythmo simples e persistente (chulas).

2.ª ZONA. — Constituida por terras baixas e comprehendida entre a linha acima indicada, de Abrantes ao Porto, e uma outra que, partindo do primeiro d'estes pontos e caminhando irregularmente, por leste de Coruche e Alcacer do Sal, corta a da costa maritima por baixo da bacia do Sado; e finalmente toda a linha da costa desde ahi até ao Porto. Abrange portanto toda a Estremadura e uma parte do Douro.

Zona de pequenas ondulações e aspecto calmo, formada por terrenos secundarios e terciarios, onde portanto abundam os calcareos, e pela maior faixa de terrenos modernos que possuimos.

Paisagem bastante uniforme, aguas baixas no interior das terras. Vegetação variada, em que as arvores de madeira branca e molle (choupos, salgueiros, vimieiros) e o carvalho português de folha mais resistente põem notas caracteristicas. A maior cultura do país, aspectos verdejantes.

Clima temperado, suave; chuvas de 700 a mil, maximas em janeiro.

População acima da media geral, uniformemente distribuida.

Luz quente que, em Lisboa, alegra e doira tudo (Eça de Queiroz) e parece igualar a da Persia (Dieulafoy).

É a região em que a lingua portuguesa toma a feição mais harmoniosa e correcta.

Canções e danças populares suavemente onduladas, leves de expressão.

3.ª zona. — Toda a região dos districtos alemtejanos de Portalegre, Evora e Beja, comprehendida entre o Tejo a N., a fronteira espanhola e o Guadiana a L., as serras de Monchique e Caldeirão a S., a costa maritima desde a foz do Seixe até ao limite da zona anterior, entre a foz do Sado e o Cabo de Sines, e a linha irregular que de Abrantes levamos até este ultimo ponto.

Constituem-na terrenos archaicos e primarios; granitos, schistos cristallinos e carbonicos. Com excepção de duas pequenas zonas montanhosas a nascente— Marvão e Portalegre (S. Mamede), Estremoz e Serra de Ossa, e ainda alguns oasis raros, toda a região é plana, monotona, desolada.

Paisagem extremamente ingrata, sem imprevistos; planuras com aspecto de steppes, exceptuando naturalmente a citada região montanhosa dos districtos de Portalegre e Evora. Terreno sêco. Vegetação pouco importante na maior parte da zona: oliveiras, mas principalmente azinhos e sobros. É o país do trigo.

Clima por vezes extremo, mas identico em toda a zona; annos ha em que, aos calores prolongados e ardentissimos do verão, se oppõe a neve no inverno. Chuvas medias, entre 500 e 700, hibernaes.

Zona a menos povoada do país, inferior a um terço da media geral.

Luz que cega, cruel.

Lingua aspera, mas pouco incorrecta.

Canção lenta, profunda, triste; danças rudes, por vezes vivas e alegres.

4.ª zona. — A provincia do Algarve. Num pequeno espaço, toda a variedade de terrenos e vegetação, esta ultima por vezes excessiva.

Zona cheia de imprevisto, de movimento na paisagem. Granitos, schistos, calcareos, grés e terrenos modernos. Solo riquissimo.

Castanheiros, oliveiras, montados, mas principalmente amendoeiras, figueiras, alfarrobeiras, palmeiras do esparto e arvores diversas.

Clima do mediterraneo; chuvas minimas, inferiores a 500.

Luz que ri e canta (J. Barreira).

População um pouco abaixo da media geral.

Lingua incorrectissima, formas regionaes; cantada em excesso.

Canção viva, alegre, por vezes erotica, pouco profunda [1].

Nestas quatro zonas, a 1.ª e 4.ª de grande variedade e riqueza de aspectos, a 2.ª e 3.ª de aspecto uniforme, embora uma d'estas encantadora e delicada, e a outra, a ultima, por vezes desolada e rude, vive, como diz o Sr. Fonseca Cardoso no seu estudo *Antropologia portuguesa,* inserto no volume I, uma *População* notavel pela sua simplicidade e homogeneidade ethnica: «Quando olhamos para o mappa das raças europeias de Ripley ou de Deniker, esta população ibero-insular salienta-se como a mais dolicocephala e homogenea da Europa nos seus caracteres somaticos». Sendo, porem, diversas de zona para zona, por vezes até dentro da mesma zona, as condições de solo e clima em que se encontra essa população, diversa tambem ella nos apparece no caracter, habitos externos e costumes quando de uma região passamos para outra.

Entretanto, até ao presente, está por fazer o estudo completo d'essas alterações, verdadeiramente dirigido pelo espirito scientifico. Fazem-se affirmações em grande parte gratuitas, paradoxaes ou, pelo menos, precipitadas. A estatistica comparada da quasi

---

[1] O pequeno espaço de que dispomos inhibe-nos neste momento de nos occuparmos de regiões importantissimas sob todos os aspectos, como são as nossas ilhas da Madeira e dos Açores. Somos forçados a limitar o nosso estudo ao continente do reino.

totalidade dos factos sociaes não existe; e tudo quanto nella se precisou, quer dentro, quer fora do país, chega a resultados que parece carecerem confirmados por trabalhos posteriores. Entre outros, factos ha, relacionados com o movimento de emigração e sendo até a sua causa, que permanecem em parte desconhecidos; de onde resultam inexplicaveis certos aspectos d'essa questão demographica. Este conjunto de circunstancias, ou enfraquece, ou condemna muitas das syntheses sugestivas e em extremo definidas que correm em publico, applicadas a phenomenos de uma complexidade tão difficil de abarcar.

A conclusão a que chega o Dr. Silva Telles, no seu citado trabalho, é que se me affigura encerrar o segredo de muitos factos que essas syntheses pretendem dominar: — «A população portuguesa é vigorosa, mas faltam-lhe neste momento instituições sociaes que favoreçam o seu crescimento». Essa falta far-se-ha sentir portanto em todo o modo de ser da população — *mens sana in corpore sano.*

O conhecimento directo que formei do povo português define-m'o como tendo um mesmo fundo de caracter, do norte ao sul do país, e apenas pequenas differenças em cada *habitat,* as quaes desapparecem após os primeiros tempos de convivencia, ou com a mudança de região.

Na propria canção popular, de um ao outro extremo de Portugal, ha um laço de parentesco, um fundo commum de caracter, que vae desde a mais viva das danças até ao mais calmo e mystico *bemdito,* e muito confirma o que expus. Esse fundo de caracter, a que não podemos deixar de chamar nacional, porque é absolutamente diverso do da canção espanhola, revela-se logo a partir de qualquer ponto da fronteira. A nossa canção, pobre de harmonia, embora muito interessante pelo desenho melodico e pelo rythmo, corresponderá, em ultima analyse, á simpleza primitiva que a anthropologia encontra no povo português.

Semelhantemente ao que dissemos acêrca da descrição da paisagem, e talvez até aqui com mais razão, deveria o estudo do caracter do povo português ser acompanhado de gravuras representativas dos varios typos das nossas populações. Identicos motivos aos já expostos nos levam, porem, a limitar a illustração do nosso artigo, apresentando quasi exclusivamente os typos das gentes beirans da alta montanha, por pertencerem á parte mais pura da gente ou raça portuguesa, e accusarem as maiores estaturas até hoje verificadas entre nós. Fazemo-los acompanhar de alguns typos da arte plastica popular por excellencia, a ceramica, lamentando não poder ainda documentar a evolução das suas tão lindas e variadas formas através do país, com a serie aproximadamente completa d'essas formas. O nosso trabalho reduz-se apenas a um esboço parcial da questão tão complexa e eriçada de difficuldades, que não pode deixar de ser a do estudo esthetico e ethnographico do povo português.

As *Praias portuguesas* fizeram em tempo objecto de uma humoristica e interessante publicação do Sr. Ramalho Ortigão. Hoje todas as condições d'esses sitios se acham alteradas por innumeras influencias, resultantes em geral da abertura successiva das nossas varias linhas ferreas á circulação e do aumento de população e riqueza do país. Desde o apparecimento da citada obra, algumas d'essas praias ganharam enormemente em importancia, outras perderam-na quasi por completo.

Mas a natureza especial d'este assunto é talvez o que mais sensivel torna a falta de uma penna leve, scintillante e espirituosa que pusesse bem em evidencia a atmosphera encantadora das nossas praias, a frescura inconfundivel dos seus aspectos — caso para, mais tarde e quando de maior espaço se disponha, ser novamente proposto a quem possua recursos para o tratar.

As nossas *Aguas mineraes* que, no volume I, apparecem estudadas no campo geologico pelo engenheiro Sr. Antonio Maria da

Silva [1], deveriam ser descritas ainda ahi, mas no campo da physiotherapia, pelo Conselheiro Tenreiro Sarzedas, medico-inspector do respectivo serviço official. Sem duvida, por deveres de uma outra importante commissão de serviço, não pôde o illustre funccionario enviar-nos o artigo promettido. Recorri, pois, ao seu estudo — *Aguas mineraes, Physiotherapia* (Impressões colhidas em missão especial) 1907, como sendo a mais completa e valiosa publicação que, sobre esse assunto, existe entre nós, para dar a caracteristica medica na noticia da respectiva villegiatura ao deante apresentada e, até certo ponto, preencher a lacuna que a falta do trabalho do Conselheiro Sarzedas foi abrir no volume I.

O terceiro artigo completa-se por um estudo de *Portugal como estação de inverno.* O meu objectivo, ao redigir este capitulo, foi sobretudo o de revelar o nosso país como excepcionalmente destinado a todas as formas de villegiatura e ao estabelecimento de estações de saude de todo o genero e para todas as camadas sociaes; e definir emfim o que se me afigura poder ser a solução do problema do fomento português.

Já em 1900, ao organizar os quadros analyticos das nossas aguas mineraes, quando confeccionei o catalogo da secção portuguesa na Exposição Universal de Paris, eu havia notado a grande riqueza e variedade de typos que Portugal possue nesse meio therapeutico. Hoje então, conjugando-os com os outros elementos que veem completar o nosso meio de *villegiatura* e o de therapeutica, mais se impõe, a meu ver, a importancia que este adquire deante das questões economicas que nos assoberbam. E não creio que vá causar estranheza esta juncção do *util* ao *agradavel.* A belleza da terra e do clima é um dos mais valiosos requisitos a recommendar na escolha das estações de aguas.

---

[1] Artigo — *Nascentes termo-mineraes de Portugal.*

Num conjunto de trabalhos da natureza dos que se acham comprehendidos no presente volume, a illustração tem indubitavelmente uma importancia capital. Procurou-se, por isso mesmo, reunir dentro d'elle o maior numero de documentos artisticos tendentes a esclarecer, tanto quanto possivel, os varios assuntos. Muitos d'esses documentos estão já conhecidos e até divulgados pelo bilhete postal. Quando recebiamos a photographia de um caso qualquer, por vezes succedia já a conhecermos pelo bilhete postal e, não raro, termos de preferir este á prova photographica. Entretanto muitas das nossas gravuras são completamente ineditas e aqui devemos consignar o mais vivo agradecimento ás pessoas que nos confiaram os originaes ao deante reproduzidos.

Em primeiro logar á Senhora D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães, illustre esposa do nosso amigo o Conselheiro Luis de Magalhães e notavel amadora photographica, a quem pertencem os originaes do Vidago, Cavado, Quinta do Mosteiro, Ria de Aveiro, Choupal, Felgueira, e outros ainda que damos em similegravura e denunciam um verdadeiro e superior sentimento artistico em quem os fez, como por exemplo a onda do mar *Ao norte do Porto* que disputa a primasia á celebre *Onda* de Courbet. Os nossos agradecimentos ainda ás casas Biel & C° e Guedes de Oliveira do Porto, ás Papelarias Guedes & Saraiva de Lisboa e Borges de Coimbra, que muito graciosamente puseram á nossa disposição as suas valiosas photographias. Ao meu illustre amigo, o Sr. Joaquim de Vasconcellos, que consentiu em facultar-nos, da sua enorme collecção de documentos da arte decorativa peninsular, collecção unica e de um valor incomparavel, todas as illustrações dos seus dois artigos; e a Annibal Fernandes Thomás, o bibliophilo cujo saber iguala a mais inexcedivel modestia, o qual nos forneceu as gravuras e lithographias, algumas d'ellas rarissimas, com que foi possivel illustrar, de uma forma quasi inteiramente inedita e de excepcional valor artistico, o artigo sobre musica do Sr. Ernesto Vieira.

Aos artistas, Srs. Antonio Augusto Gonçalves, Roque Gameiro, Luciano Freire e Ezequiel Pereira, a mais especial gratidão pela offerta dos encantadores desenhos que para nós quiseram executar e que sobremaneira enriquecem o presente volume. E a mesma dedicamos aos nossos amigos que, das varias provincias do reino, nos enviaram photographias interessantissimas, muitas d'ellas tambem propositadamente tiradas para este volume.

Um tal conjuncto de elementos representa um inapreciavel concerto de sympathias pelo nosso trabalho. E já agora applaudo-me pela solução achada para o organizar, porque graças a ella julgo ter conseguido dar, do nosso país e das nossas gentes, talvez a mais sincera, senão a melhor e mais significativa expressão esthetica, embora incompleta, como não pôde deixar de ser.

Antonio Arroyo.

# O PAÍS PORTUGUÊS

## O SOLO, O CLIMA E A PAISAGEM [1]

**Minho.** — A primeira impressão esthetica que eu recebi em plena natureza foi a de uma festa pagã. No 1.º de Maio, vae já de quarenta para cincoenta annos, todo o baixo Minho, de Caminha até ao Porto, festejava as *Maias,* o *Maio moço.* A primavera fôra naquelle anno excepcionalmente doce. E as searas, ao longo da estrada real que toca em Barcellos e Vianna, ondulavam como um mar de verdura sob o carinho da viração e do sol radioso. A vaga era baixa, largamente rythmada. Um ceu sem mancha e uma alegria indizivel nas cousas, nos animaes e nas gentes. Flores e giestas por toda a parte, engalanando as casas, as diligencias, as carroças, os carros de bois, coroando as boieiras e o rapazio, communicando ás cantigas e danças alegres uma harmonia luminosa de côres ricas [2].

---

[1] Chamamos a attenção do leitor para a materia exposta na *Advertencia preliminar* do presente volume, concernente á divisão do país em quatro zonas para o estudo da sua paisagem.

[2] A festa das Maias deu umas bellas paginas ao Sr. Rocha Peixoto, no seu vol. *A Terra Portuguesa,* 1897.

Esse mesmo aspecto do campo minhoto, mas numa estação mais avançada, descreve-o D. Antonio da Costa, *No Minho,* quando percorre a região do Lima.

Que formosissimo lanço de terreno por onde vamos nesta margem direita. Este parallelogrammo extenso e largo, que se interpõe entre nós e o rio, de searas tão vastas, tão louras e tão ondulantes pela viração, bem se pode dizer um oceano de ouro.

As searas são agora intermeadas de arvores verdejantissimas, porem dispersas, o que lhes dá um aspecto formoso de desalinho. As arvores do nosso lado direito, recebendo os reflexos do sol, projectam-se para o lado esquerdo sobre o oceano de ouro que vae entre nós e o Lima, e ficam ali como estampadas com todo o phantastico dos seus troncos e ramagens.

Comprehendi então como essa impressão se fixára fundamente no meu espirito, caracterizando o campo minhoto em toda essa zona do litoral que comprehende as baixas dos rios Minho, Lima, Cavado, Ave e Leça, apesar das manchas incolores, anodynas que, sobretudo entre o Porto e Famalicão, ladeiam a linha ferrea de onde a onde, e mais se notam nos pontos em que o schisto interrompe as terras de granito.

O LEÇA EM ALFENA

Esta zona, que é uma das mais visitadas do reino pela proximidade em que está de Braga, de Vizella e Guimarães, fatigando a vista pelo cruzamento de incidentes de um solo movimentado e rude, valles acanhados e divisorias de propriedades minusculas, indispõe em geral contra o Minho o habitante das terras do Sul, habituado á propriedade extensa, sem limites apparentes, do Ribatejo e do Alemtejo, e não o convida a visitar as encantadoras paragens do rio Minho, do Lima, do Cavado e do Tamega.

No campo de *Vianna,* diz-nos Ramalho Ortigão, a verdura da vegetação suavisa a luz; e a agua doce do rio, serpentado e lento, poetisa a natureza como nas regiões dos lagos.

N'esta quadra do anno principalmente, na occasião das colheitas, quando as ceifeiras, de mangas arregaçaças, atravessam os campos, carregadas de feixes de cannas maduras; quando o milho começa a aloirar as eiras, e ao longo das planicies ou por traz dos outeiros, nos pontos onde alvejam casas ou muros de quintas, se ouve a cantiga das esfolhadas; o aspecto do campo ainda virente, inundado de luz, tem o que quer que seja de uma apotheose bucolica, de um idyllio rural, por entre cujas estrophes o rio alastra mansamente a pacificação da agua.

A natureza parece uma larga festa em toda a bacia do *Lima*, fechada ao Sul pelo biombo de montanhas que principia de leste em Lindoso, na fronteira hispanhola, e termina a oeste em Faro d'Anha, sobre o porto de Vianna [1].

Apesar de baixa, essa região do norte tem comtudo um caracter diverso da zona entre Vouga e Tejo; a luz é ali menos quente, mas mais hilariante; o aspecto geral menos suave, um pouco acido, relativamente ao d'est'outra zona, lhe chama alguem. A differença de latitude e de natureza do solo bastarão por certo para explicar taes differenças, ainda quando a vegetação seja a mesma.

A alegria especial d'essa região, que se mantem por vezes até em montanhas algo elevadas, como em breve veremos, transforma-se comtudo em outras serranias minhotas, numa verdadeira contemplação extatica, solemne. E é ainda um homem do sul, ainda D. Antonio da Costa, que no-lo faz sentir.

Seguindo a estrada que de Vianna leva aos Arcos de Valle de Vez, parallelamente ao Lima, abandonava o rio chegando á villa; e tomando á esquerda, subia ao alto da serra do Extremo, fronteira da Galliza.

E sempre subimos.

Vae reabrindo o arvoredo da estrada, reabrindo, reabre de todo, e vemos então, cada vez mais abaixo e cada vez alargando-se mais, a planicie que deixaramos, convertida n'um immenso valle que toma uma infinidade de fórmas diversamente accidentadas.

Estamos finalmente no alto da serra do Extremo. Apeamo-nos no pinaculo.

Nos limites fronteiros, serras altas, um cortinado cinzento separando-nos do mundo...

---

[1] *Farpas*, 1 vol. Os sublinhados são nossos.

Em redor de nós as penedias nuas, adornadas da sua mesma aspereza, e esta nudez e esta aspereza tornando ainda mais solemne a vista que se desfructa.

Em baixo planicies, nas planicies taboleiros de esmeralda. Dos dois grandes lados vão subindo thronos de arvoredo, thronos de degraus sem conto. Pelo meio de toda aquella extensão, quadros parciaes. No centro de uma planicie esverdinhadamente amarella, um arvoredo escuro tão compacto que o diriamos uma ilha. Bosques, searas. Mais ao longe dois montes deixando ver para alem d'elles um accidentado de verdes claros, por tal forma, que parece uma cidade phantastica nos recortados da casaria. O sol na força do esplendor abrilhantando tudo aquillo.

Não é a Cruz Alta defrontando com a magestade de sete bispados, nem o Bom Jesus onde parece que a vida está saltando de contente. D'este pinaculo do Extremo, como de uma tribuna onde nos achamos extasiados, não se ouve uma voz, não se vê uma creatura. É, no silencio da solidão, a natureza a contemplar-se a si mesma.

Mas, como vêmos, até no alto do Bom Jesus a alegria da região minhota se revela na sua plenitude. Entretanto, o viajante que queira desde logo, e quasi á mesma altitude do pinaculo do Extremo, sentir essa nota caracteristica do Minho, como já deve ter visitado as encantadoras casas da Renascença que se encontram em Vianna (typos italiano, manuelino e flamengo), toma o trem descendente de Caminha para o Porto e, passado o tunnel do Tamel que mede proximamente um kilometro, desce em Carapeços, aonde mandou estar uma carruagem de Barcellos. E, através de campos floridos, de uma vegetação luxuriante, faz-se conduzir ao alto da montanha. D'ahi abraça para norte as aguas do Neiva, para sul as do Cavado, valles extensissimos em que a mesma nota jovial e forte se mantem até ás mais distantes cumiadas. Sob a incidencia do mesmo sol radioso, o contraste com as alturas do Extremo é de uma violencia que impressiona, sobretudo por se produzir a tão curta distancia e em terrenos de sua natureza identicos.

Na mesma carruagem, para que mudar? faz-se conduzir a Braga, desde que o amor pelas ruinas historicas o não leve a ver as do palacio do Conde de Barcellos, sitas na villa d'esse nome e na margem direita do Cavado.

*Braga,* onde com justiça costumam visitar-se, alem da sua cathedral e outros edificios menores, os Santuarios do Bom Jesus e do Sameiro e a ponte do Bico, offerece todavia um passeio muito

mais bello, raro até, se me afigura: o da estrada de Chaves, na encosta esquerda do Cavado. Ha uma ou duas duzias de annos seguia-se por ella quando se ia para o Gerez. Hoje, com fim de evitar um pequeno trajecto a cavallo na descida da montanha, abandonou-se porem essa e toma-se a estrada directa por Terras de Bouro, assente na encosta fronteira, a da margem direita. A differença esthetica entre estas duas vias de communicação é capital e deriva da differença de altura a que ellas passam sobre o leito do rio.

O CAVADO NA PONTE DO BICO

*O Cavado.* A estrada por Bouro é linda, sem comtudo se destacar do caracter dominante na região. De Braga desce ao Cavado, que atravessa sobre uma bella ponte de pedra e depois, subindo a pouca altura, lá segue suavemente até ás Caldas do Gerez, sem nos commover por fórma estranha. Diverso é o aspecto da estrada ainda não terminada de Braga a Chaves por Salamonde e Ruivães. Parte da capital do Minho, na direcção do Bom Jesus; mas a poucos kilometros toma á esquerda do santuario e começa a trepar pela montanha acima, convertendo-se numa verdadeira varanda sobre os extensos valles do Cavado, de um lado, do Geraz, do outro. O panorama que se goza em todo o trajecto até ás alturas de Vieira é um deslumbramento; porque a estrada passa muitas vezes a mais de 500 metros de altura do rio, e as encostas da serra são suaves, todas cobertas de vegeta-

ção e animadas pela nota branca dos casaes e infinitos incidentes do solo granitico. Passei ahi numa manhã de abril em que, duzentos metros abaixo da estrada, um mar de nevoa branca como neve enchia todo o valle até perder de vista. Illuminada de raspão pelo sol nascente, destacavam-se em grisalha tenuissima as faces dos rolos de nevoa que ficavam na sombra; e esse mar incomparavel parecia ondular allucinado, em busca de regiões fantasticas.

O *Gerez* é sem duvida alguma, de todas as serras portuguesas, a mais interessante pela flora, pela fauna, pelo pittoresco das

SUBINDO PARA O GEREZ

suas ribeiras e dos seus panoramas, pela qualidade das suas aguas, tanto medicinaes como potaveis; e é tambem a que offerece ao *touriste* maiores facilidades de accesso e de habitação. Alem de que, pela proximidade da estrada da Geira e da povoação do Suajo, elle offerece ainda assunto valioso e inedito a archeologos, ethnologos e linguistas. Entretanto, o espaço faltar-nos-ia se quisessemos falar largamente da maravilhosa serra, para dar uma ideia assás completa do seu valor. Como porem ella seja umas das mais conhecidas do paiz, e ainda devamos occupar-nos das suas nascentes termo-mineraes, julgamos-nos absolvidos da lacuna que abrimos neste ponto, não prolongando a sua descrição.

Mas não são estes apenas os aspectos grandiosos que no Minho se podem recommendar ao viajante. Regressando-se a Braga, impõe-se o passeio a Guimarães pela Falperra.

Se porem seguirmos a linha ferrea do Minho e a da Trofa a Guimarães, no intuito de visitar Vizella, não esquecer que, entre esta, Guimarães e as Taipas, pontos ha de onde se gozam panoramas absolutamente raros, graças á especial ondulação das terras através de zonas muito extensas. De Batoucos, por exemplo, a vista estende-se até ao mar da Povoa de Varzim, na distancia de uns quarenta kilometros, tangencialmente ás cristas de uma serie de pequenas ondulações do terreno, que gradualmente descem

EM VIZELLA

até ao Oceano, succedendo-se numa alternação pittorescamente rythmada de linhas de campos, arvoredos e brumas tenuissimas, salpicadas de vidraças de casaes infinitamente pequenas, onde o sol põe manchas de variegadas côres que se attenuam quanto mais mergulham na atmosphera luminosa e irisada pelas brisas salgadas do largo.

No *Berço da Monarchia,* se não temos igrejas como a Sé de Braga e a encantadora capellinha de S. João do Souto, temos comtudo varios templos a visitar, principalmente a Senhora da Oliveira e o seu valioso Thesouro. E logo após urge aproveitar o tempo em passeio até Fermil, nas margens do Tamega, seguindo a estrada que passa em Fafe e para o rio desce, tocando na Gandarella e atravessando uma zona inexcedivel em vigor de vegetação. Ou então, logo após Fafe, bifurcando á esquerda, tomar

pela estrada que vae atravessar o Tamega perto do Cavez e passar a cavalleiro de Ribeira de Pena, numa região de uma belleza deslumbrante, para se encontrar em Villa Pouca de Aguiar com uma outra estrada, a de Villa Real a Chaves.

O Minho, que encantava D. Antonio da Costa e ainda hoje encanta Ramalho Ortigão, ainda mais profundamente commovia Eça de Queiroz; tornava-o mystico, contemplativo, penetrava-o de

Á ENTRADA DA QUINTA DO MOSTEIRO

doce religiosidade. Notavel a seguinte descrição de uma vivenda do baixo Minho, que tenho razões para suppor ser a mesma que O. Martins visitara e algures descreve com aquelle enfado que ás vezes o atacava, vivenda que fica distante do Porto uns 10 a 12 kilometros.

Aqui, em torno do pateo (onde a agua da fonte todavia corre dos pés da cruz) são solidas tulhas para o grão, fofos eidos em que o gado medra, capoeiras abarrotadas de capões e de perus reverendos. Adeante é a horta viçosa, cheirosa, succulenta, bastante a fartar as panellas todas de uma aldeia, mais enfeitada que um jardim, com ruas que as tiras de morangal orlam e perfumam, e as latadas ensombram, copadas de parra densa. Depois a eira de granito, limpa e alisada, rijamente construida para longos seculos de colheitas, com o seu espigueiro ao lado, bem fendilhado, bem arejado, tão largo que os pardaes voam dentro como n'um pedaço de céo. E por fim, ondulando ricamente até

ás collinas macias, os campos de milho e de centeio, o vinhedo baixo, os olivaes, os relvados, o linho sobre os regatos, o mato florido para os gados... S. Francisco de Assis e S. Bruno abominariam este retiro de frades e fugiriam d'elle, escandalisados, como de um peccado vivo.

Não houve necessidade de alterar esta vivenda, quando de religiosa passou a secular. Estava já sabiamente preparada para a profanidade; — e a vida que n'ella então se começou a viver, não foi differente da do velho convento, apenas mais bella, porque, livre das contradições do Espiritual e do Temporal, a sua harmonia se tornou perfeita. E, tal como é, deslisa com incomparavel doçura. De madrugada os gallos cantam, a quinta acorda, os cães de fila são acorrentados, a moça vae mungir as vaccas, o pegureiro atira o seu cajado ao hombro, a fila dos jornaleiros mette-se ás terras — e o trabalho principia, esse trabalho que em Portugal parece a mais segura das alegrias e a festa sempre incansavel, porque é todo feito a cantar. As vozes veem, altas e desgarradas, no fino silencio, d'alem, d'entre os trigos, ou do campo em sacha, onde alvejam as camisas de linho crú, e os lenços de longas franjas vermelhejam mais que papoulas. E não ha n'este labor nem dureza, nem arranque. Todo elle é feito com a mansidão com que o pão amadurece ao sol. O arado mais acaricia do que rasga a gleba. O centeio cae por si, amorosamente, no seio attrahente da foice. A agua sabe onde o torrão tem sêde, e corre para lá gralhando e refulgindo. Ceres n'estes sitios bemditos permanece verdadeiramente, como no Lacio, a Deusa da Terra, que tudo propicia e soccorre. Ella reforça o braço do lavrador, torna refrescante o seu suor, e da alma lhe limpa todo o cuidado escuro. Por isso os que a servem, manteem uma serenidade risonha na tarefa mais dura. Essa era a ditosa feição da vida antiga.

NA MATTA DO MOSTEIRO

Se estes meios-dias são um pouco materiaes, breve a tarde trará a porção de poesia de que necessita o Espirito. Em todo o ceu se apagou a refulgencia

d'ouro, o esplendor arrogante que se não deixa fitar e quasi repelle; agora apaziguado e tratavel, elle derrama uma doçura, uma pacificação que penetra na alma, a torna tambem pacifica e doce, e cria esse momento raro em que ceu e alma fraternisam e se entendem. Os arvoredos repousam n'uma immobilidade de contemplação, que é intelligente. No piar velado e curto dos passaros ha um recolhimento e consciencia do ninho feliz. Em fila, a boiada volta dos pastos, cançada e farta, e vae ainda beberar ao tanque, onde o gotejar da agua sob a cruz é mais preguiçoso. Toca o sino a Ave-Marias. Em todos os casaes se está murmurando o nome de Nosso Senhor. Um carro retardado, pesado de matto, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo e simples e terno que, em qualquer banco de pedra em que me sente, fico enlevado, sentindo a penetrante bondade das coisas, e tão em harmonia com ella, que não ha n'esta alma, toda encrustada das lamas do mundo, pensamento que não pudesse contar a um santo...

A COZINHEIRA DA LAVOURA

Verdadeiramente estas tardes santificam. O mundo recúa para muito longe, para além dos pinhaes e das collinas, como uma miseria esquecida: — e estamos então realmente na felicidade de um convento, sem regras e sem abbade, feito só da religiosidade natural que nos envolve, tão propria á oração que não tem palavras, e que é por isso a mais bem comprehendida por Deus [1].

E os novos, os impressionistas e realistas, sentem tambem o caracter transcendente, esthetico da terra minhota, embora nelles a commoção se revele diversa da dos primeiros, numa expressão de jovial religiosidade pagã, presa á região que lhe inspira as formas plasticas das suas divindades.

Um sopro de pantheismo litterario de uma religiosidade cheia de pureza e de evocações frementes ás coisas naturaes, levou-nos, como peregrinos da Mãe-

[1] *Cartas de Fradique Mendes.*

Fecunda, ventre e tumulo das Fórmas, a «receber o baptismo da Terra», para os campos, estirados á beira das searas, sob a umbella pacifica dos grandes platanos, rumorosos de petizada aerea, hypnotisando-nos com o murmurio de colmeia que vinha do largo, em haustos bafejados de atomos dispersos como se algum braço de Deus bucolico, de olhos verde-mar e barbas da côr do linho, andasse a espalhar, n'um gesto rythmico de semeador, as calmas confidencias dos caules e das raizes. Sob esse ulular amoroso de caricia bracejante, no halito do aroma thuribular que vinha da sagração ritual dos oleos e do beijo tenuissimo dos polens, dizia-me o meu amigo, n'um segredo, como deante do mysterio inviolavel de um sacrario:

—Ouve a Natureza a amamentar os filhos!...[1]

O TAMEGA EM AMARANTE

**Trás-os-Montes.**—Pelo Gerez, Serra da Cabreira e Tamega, o Minho toca em Trás-os-Montes, região de aspecto algo differente da parte baixa minhota, já pela altitude geral, já pela ausencia de brisas maritimas e da grande humidade ali reinante, causas estas de influencia consideravel na vegetação e em todas as formas da vida.

É a provincia de Traz-os-Montes uma das mais pittorescas de Portugal, pelo interessante contraste de cordilheiras altivolas e de valles risonhos. Situada no extremo norte do país, é limitada a nascente e a sul pelo rio Douro, que lhe forma d'estas duas bandas como que os dois lados de um caixilho; a norte contém a raia gallega; e visinha a poente com a provincia do Minho.

---

[1] João Barreira, *Gouaches*.

Montanhosa, alpestre, revestida de vegetação de grande fuste na encosta das serranias, é tambem cortada em certas regiões do centro e norte por longos cerros escalvados. Os rios serpeiam quasi sempre apertados no fundo de desfiladeiros; pelas rampas, até alturas inacessiveis, erguem-se socalcos a prumo, grandes muralhas graniticas entremeadas de terra aravel, onde por vezes se agrupa um risonho souto, e onde fragas soltas, giganteas, se manteem a meia encosta em prodigioso equilibrio.

O país vinhateiro, ao sul, é notavelmente accidentado, e desce até ao Douro em escalões de pedra solta que seguram as fileiras de cepas, e de um tão movimentado aspecto bucolico na epoca das vindimas.

VIDAGO — NA MONTANHA

Quando um valle se alarga pelo afastamento das montanhas, e é irrigado por um ribeiro, a variedade vegetal dos coloridos, a frescura das hortas e a curiosa quadricula das culturas, fazem um alegre e repousante contraste com a face severa da montanha, de arborisação escura ou de rocha parda [1].

De Montalegre, terra de fundas pastagens e de gados de grande nomeada, por Chaves, as antigas *Aquae flaviae,* direito a *Bragança* no extremo norte do país, vae o *touriste* admirar a antiga cidadella, a villa gothica edificada no alto do monte em cuja encosta a cidade desce até á chan onde se alarga.

[1] João Barreira, in *Patria Portuguesa.*

E lá encontrará ainda quasi intacta a sua cinta de muralhas, em lanços successivos ligados por bastiões, a romanica Casa da Camara, a Torre de menagem com as suas lindas janelas gothicas, o Pelourinho, a Porca da villa e varias casas de habitação, de primitivas formas gothicas. De caminho para Mirandella,

VILLA REAL — LEVADA DO AGUEIRINHO

pisando o solo schistoso e levemente ondulado, quando os altos e copados castanheiros se projectam nobremente sobre o fundo luminoso do ceu poente, sente-se uma impressão nova e de facto impressionante. A natureza adquire ahi uma nobreza e serenidade que até então não haviamos encontrado; esses aspectos de paisagem divergem do resto do país.

Para baixar á zona do litoral offerecem-se dois caminhos. O primeiro, que acabo de indicar, leva-nos a Mirandella, docemente recostada num espraiamento da margem esquerda do Tua, e

seguindo a meia encosta, através de uma zona de penedias e ravinas atormentadamente tragicas, põe-nos lá em baixo, na margem do Douro. O segundo conduz-nos á região do Marão e a Villa Real, uma das terras mais estranha e grandemente bellas de todo o país.

*Villa Real* está construida a cavalleiro do Corgo, outro affluente do Douro, num planalto que circunda a funda ravina, de altissimas e abruptas encostas graniticas, em que o rio se despenha, apertado. O panorama que do cimo das *arribas* se apossa de nós é de facto maravilhoso. Valles successivos, cerros elevadissimos cobertos da mais luxuriante vegetação, succedem-se e entrecruzam-se até ao extremo do horizonte.

EM MONCORVO

Esse planalto em que a villa assenta é mais propriamente uma faixa de terreno nivelado, encostada á montanha e não muito larga. Num percurso de uma boa legua, em meio de arvores de todos os generos, carvalhos, salgueiros, castanheiros, e de um terreno feracissimo, segue linda a estrada até Matheus, nobre vivenda do seculo XVII, talvez a mais importante casa portuguesa como edificio, e sem duvida uma das mais nobilitadas do nosso país. Todos conhecem a celebre edição dos *Lusiadas* do Morgado de Matheus.

Ha ainda um terceiro caminho a seguir. Mas esse é só para *gentes de cavallo,* exige bom calção e corpo para sacrificio. É ir a cavallo de Bragança por Vimioso, o interessante jazigo dos alabastros; d'ahi a Miranda do Douro, onde o especial dialecto não é o menor attractivo da viagem, e, pela lombada superior do Sabor, visitar Moncorvo, os ricos jazigos de minerio ferroso, Freixo de Espada-á-Cinta e a sua igreja manuelina, precipitando-se final-

mente pela rude encosta duriense até á Barca d'Alva, fronteira do país.

MONCORVO — RIBEIRA DA VILLARIÇA

**O Douro.**—Não parar em Barca de Alva, porventura a cova de que mais justamente se pode dizer que no anno tem nove meses de inverno e tres de inferno. «Barca de Alva, diz Guerra Junqueiro, é demasiado tragico para mim. A paisagem é dura, escalvada, uma paisagem biblica em que o Deus que ali está bem é Jehová. O rochedo é só osso. Scenario para um profeta ou para um bandido. Ezequiel ou o Cura de Santa Cruz [1]».

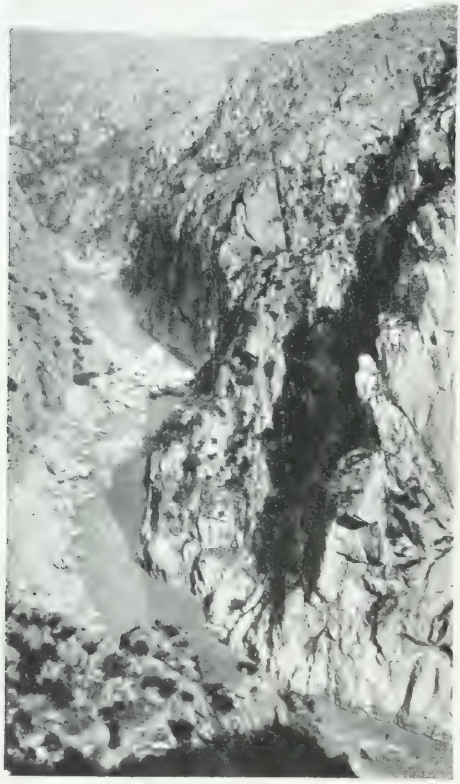
Por isso o viajante que ahi chega só tem de fazer uma cousa: tomar o comboio descendente para o Porto que, sempre a meia encosta, lhe permitte admirar tranquillamente o nosso mais bello rio e um dos mais bellos do mundo, sendo até para estimar que o desleixado atraso em que elle permanece nos permitta contemplá-lo em perfeito estado de pureza e virgindade.

Rolavamos na vertente de uma serra, sobre penhascos que desabavam até largos socalcos cultivados de vinhedo. Em baixo, n'uma esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capellinha muito caiada entre um laranjal maduro. Pelo rio, onde a agoa turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um barco lento carregado de pipas. Para

---

[1] Nos *Serões*.

alem, outros socalcos, d'um verde pallido de rezeda, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiam, todas brancas e assoalhadas, na fina abundancia do azul [1].



EM MIRANDA DO DOURO

Tendo descido numa estação a meio da linha ferrea, o grande artista que assim dizia, contempla o rio maravilhoso. E o encantamento persiste, a natureza anima-se, toma para elle novos aspectos ridentes.

O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de maio, abraçando, sem um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava. Para além a serra crescia em corcovas doces, com uma funda prega onde se aninhava, bem junta e esquecida do mundo, uma villasinha clara. O espaço immenso repousava n'um immenso silencio. N'aquellas solidões de monte e penedia os pardaes, revoando no telhado, pareciam aves consideraveis...

Mais tarde, toda a região envolvente o commove e absorve profundamente. Subindo das margens do rio, a contemplação do artista abraça toda a serra, que já não tem a aspereza da Barca de Alva e mais se confunde até com a zona dos campos de entre Douro e Minho.

---

[1] Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras.*

E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparavel belleza d'aquella serra bemdita!

Com que brilho e inspiração copiosa a compozera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, n'este seu Portugal bem-amado! A grandeza egualava a graça. Para os valles, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, de um verde tão moço que eram como um musgo macio onde appetecia cahir e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo

O DOURO — PERTO DE ARÉGOS

amavel, a que o esvoaçar leve dos passaros sacudia a ragrancia. Atravez dos muros seculares, que susteem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raizes colleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a solida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como prôas de galeras enfeitadas; e, d'entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgára, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeára nas telhas. Por toda a parte a agua sussurrante, a agua fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, d'entre as patas da egua...; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta á beira de ve-

redas, jorrava por uma bica, beneficamente, á espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era uma seara, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjaes rescendentes. Caminhos de lages soltas circumdavam fartos prados com carneiros e vacas retouçando: — ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, n'uma penumbra de repouso e frescura. Trepavamos então alguma ruasinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa

DOURO — EM PORTO MANSO

dos pinheiraes, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Frescos ramos roçavam os nossos hombros com familiaridade e carinho. Por traz das sebes, carregadas d'amoras, as macieiras estendidas offereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros de uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passamos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre comtigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bemdita entre as serras!

Assim, vagarosamente e maravilhados, chegamos áquella avenida de faias, que sempre me encantára pela sua fidalga gravidade.

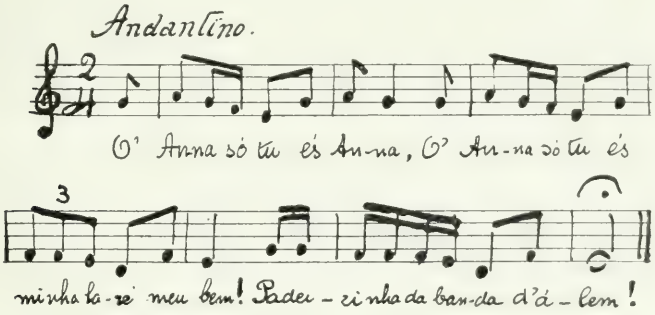
Sob a janella vicejava fartamente uma horta, com repolho, feijoal, talhões de alface, gordas folhas de abobora rastejando. Uma eira, velha e mal alisada dominava o valle, d'onde já subia tenuemente a nevoa d'algum fundo ribeiro Toda a esquina do casarão d'esse lado se encravava em laranjal. E d'uma fontinha rustica, meio afogada em rosas tremedeiras, corria um longo e rutilante fio de agua.

Tormes dormia no esplendor da manhã santa [1].

Não vá imaginar, quem ler estas paginas tão larga e nobremente sentidas, que só o artista raro e raramente consciente é que assim attinge a suprema espiritualização na formula symbolica em que nos transmitte a sua commoção esthetica, suggerida por uma região tão afastada dos convencionalismos mundanos em materia de viagens de recreio. O proprio habitante indigena de pé descalço e consciencia nulla, vi-o eu manifestar-se identicamente perante essa natureza de um encanto tão penetrante e elevado.

Era ao cair da tarde, um pouco a montante do sitio excepcionalmente bello de Entre-os-Rios, esse alargamento produzido pelo encontro dos dois valles, o do Tamega com o do Douro, e pela fusão de quanto de mais pittoresco e suave poderia encontrar-se em ambos elles. Baixava docemente o dia e a calma do ar e das encostas banhadas no pualho dourado do poente era solemne, extatica.

E da encosta fronteira á minha levantou-se uma voz dourada tambem, lenta e muito aguda, que assim cantava:

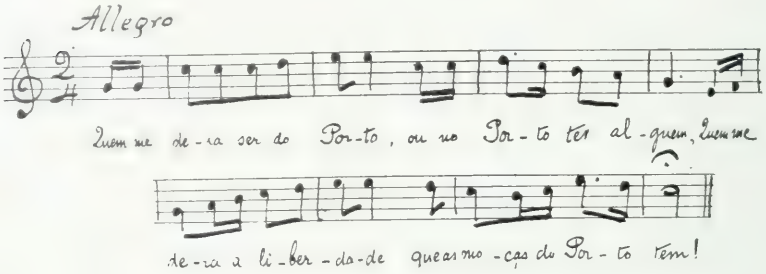



A ultima nota afastara-se docemente, num decrescendo lento, percorrendo o valle longo e calmo até ás ultimas quebradas. De

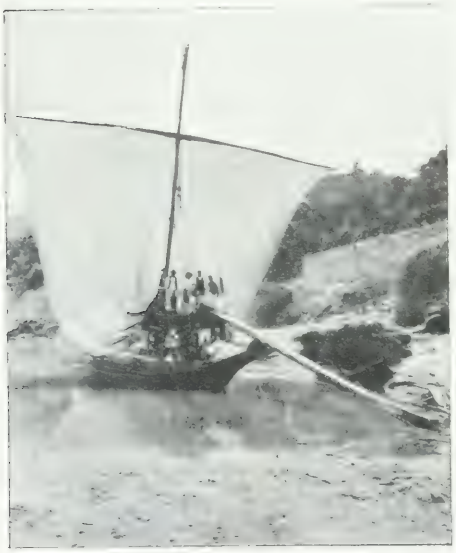
---

[1] Todos estes extractos proveem de *A Cidade e as Serras*.

longe, de muito longe, respondeu-lhe então uma outra voz mais viva e travêssa, em movimento tambem mais sacudido:




O dialogo repetia-se, mas cada vez mais afastado, mais tenue, mais profundo, mais vago. E a canção, esparsa no ar como se fôra a propria alma do povo, invadindo-nos e arrastando-nos á contemplação extatica do valle e das serras, parecia emanar do intimo das cousas e communicar-lhes toda a espiritualização transcendente, toda a alegria nobre e calma do seu carinho e da sua graça.



O DOURO — BARCO RABELLO

Essa alegria não era a mesma de outras regiões, mas era tal qual a sentira Eça de Queiroz, ingenua, estilizada com a simplicidade das cousas eternas, sem os maneirismos e elegancias das almas complicadas.

Para outros artistas, o Douro anima-se de uma vida diversa d'esta, mais externa, pictural e decorativa que nos dá, não a nota subjectiva anterior, mas a paisagem farta, de aspectos variados e densos, scenario vigoroso, largo, cheio de movimento e notavel pelas manchas da sua polychromia. A bacia da

Regoa assim impressiona o naturalista Ramalho Ortigão, «esse Corot com mais relevo», como lhe chama Eça de Queiroz. Nas linhas seguintes «o realismo d'essa paisagem» como elle o sente:

Debaixo da varanda, voltada ao norte, extende-se em doce declive um largo talhão de vinha baixa, cerrada, espessa, em todos os tons do verde, desde o mais vivo ao mais escuro, rajado das tintas maduras do outono em manchas côr de ambar e côr de fogo, louras-vermelhas, calcinadas. Em baixo o rio

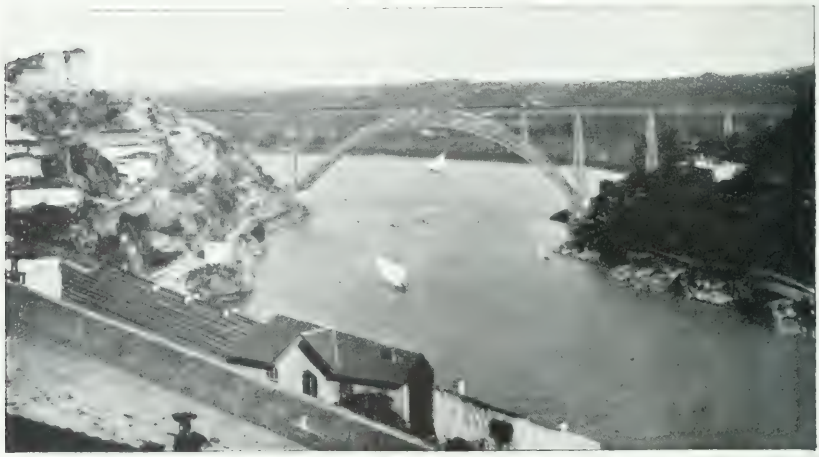
O DOURO — BARCO RABELLO

Douro, espraiado, descreve um enorme S em toda a extensão do valle, reluzindo entre rasgões de olivedos e de pomares, por traz das ramas viçosas dos choupos e dos amieiros. Uma cortina de montanhas fecha o horisonte de todos os lados. No plano mais alto, em frente, ao fundo, alteia-se a cordilheira do Marão, cujos cabeços calvos, de uma côr terrea banhada em sol, parecem pintar sobre a transparencia do ceu o dorso immenso de um phantastico boi. Por todas as encostas do primeiro plano descem os vinhedos em largos degraus de verdura, desde o alto dos montes salpicados de pinhaes até á beira do rio. Em todas as quebradas alvejam as casas caiadas de branco, scintillantes ao sol nascente. Na chã, por baixo da minha janella, um grupo de mulheres e rapazes vendimam; e os seus chapéos de palha, os seus lenços azues e vermelhos vistos de longe entre a verdura da vinha, trepidam na polvilhação luminosa como enormes borboletas. Na agua do rio, reflectindo-se nella como num espelho, passa devagar, levado na corrente, um grande barco esguio, da côr da madeira por

pintar, um pouco dourado pela luz; á popa, immovel, em pé sobre a apégada em forma de kiosque quadrado e de tecto chato, o timoneiro empunha a longa espadela que serve de leme á embarcação, emquanto á proa, junto do abrigo da chilreira ponteaguda, quatro remadores, as pás recolhidas, os braços cruzados, se deixam ir ao som da agua.

É a *bacia da Regoa*—a mais rica, a mais fertil, a mais abundante região agricola de Portugal, de que o pingue e risonho Valle de Jugueiros é a expressão superlativa e culminante.

Do alto de Covaes abrange-se todo o panorama d'esta admiravel bacia; a longa Serra do Marão, que lhe serve de panno de fundo; a garganta uberrima



O DOURO E A PONTE MARIA PIA

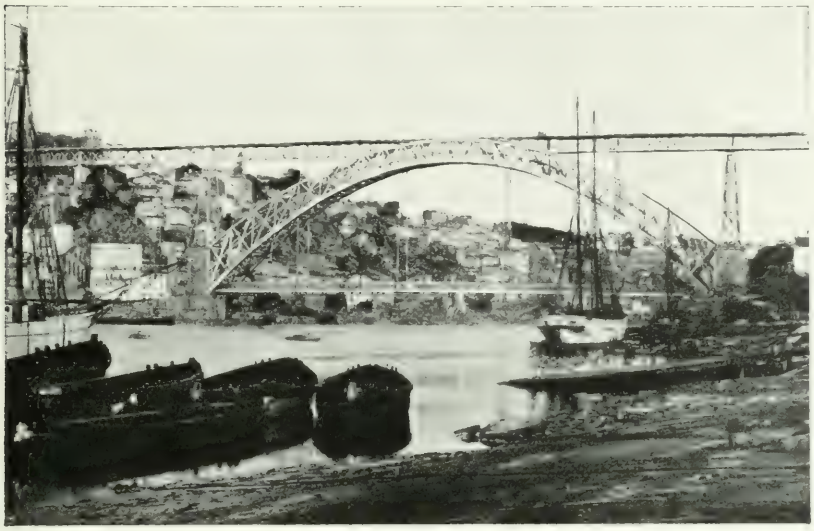
do Valle de Jugueiros; a Regoa e o Peso da Regoa, duas rectas parallelas, ligadas por uma perpendicular e descrevendo pela disposição da casaria a forma de um grandissimo H pintado a branco na encosta; finalmente os tres rios, o Douro, o Corgo e o Varosa, que se vêem serpentear conjuntamente por entre os vinhedos, de agua glauca, barrenta, ou azul, já profundos e angustiados nas ravinas, já espraiados na areia, já reluzentes ao sol, borbulhando arripiados pelas rochas ou espumando nas cachoeiras [1].

E, largando rio abaixo, sentado á proa do barco rabello, passa-se por Aregos, Entre-os-Rios, Melres, foz do Sousa, Oliveira e finalmente, attingida a deslumbrante bacia do Areinho, já entre-

[1] *Farpas*, vol. I.

vista apenas no crepusculo indistincto, atraca-se aos Guindaes. Está-se no Porto e, logo de manhã, caminha-se até ao Seminario velho, que fica ao pé da ponte Maria Pia; e é ainda Ramalho Ortigão que nos serve de guia esthetico:

O panorama extraordinariamente bello, que se descobre da grande ponte sobre o Douro, principia a desenrolar aos nossos olhos os seus differentes aspectos tão variados, tão imprevistos. O rio, liso e espelhado como uma chapa



O PORTO E A PONTE LUIZ I

de vidro azul e verde. Uma extensa cordilheira de collinas, cobertas de pinheiraes e desenhando no espaço vaporoso e humido as curvas mais suaves e as perspectivas mais graciosas e mais risonhas. Á beira da agua, sulcada de barcos, de côr escura, esguios, da forma de gondolas venezianas, remados de pé com largas pás que bracejam silenciosas e lentas, arredondam-se em grandes massas de um verde escuro e espesso os velhos arvoredos das quintas do Freixo, da Oliveira, de Quebrantões e de Avintes [1].

O Douro entra no mar a 4 kilometros do Porto. Toda a sua bacia desde o Areinho até a foz é um verdadeiro deslumbramento. E não devemos só vê-la do Palacio de Cristal; contemplemos o

---

[1] *Farpas*, vol. I.

velho Porto da margem esquerda do rio. A cidade estende-se em amphitheatro, dominada pela Torre dos Clerigos. O panorama é magnifico, de uma extraordinaria riqueza de aspectos. Depois ha que tomar a estrada marginal á borda do rio, para visitar as praias proximas, de que adeante falaremos.

Mas o Porto tem muito que ver. O seu Museu de Arte, a Sé e o Paço do Bispo, a velha igreja de Cedofeita, os Mosteiros de Leça do Balio e Aguas Santas, a 6 kilometros da cidade; e, em Gaia, a igreja circular da Serra do Pilar e seu claustro. O Porto conserva ainda intacta uma parte do antigo bairro da Sé, onde Garrett faz passar o seu *Arco de Sant'Anna* e onde existem ainda muitas cousas dignas de estudo.

NA BEIRA ALTA

**As Beiras.** — Limitada ao norte pelo rio Douro, a região das Beiras tem, d'esse lado, alguns pontos de accesso pelas estradas que partem de Fozcoa e de Lamego para o sul. Emquanto porem o automobilismo e a avidez do gozo esthetico não se impuserem energicamente, parece-me extemporaneo referir-me a esses meios de penetração. Falarei portanto apenas dos que mais simples e correntemente se offerecem ao *touriste*, os das vias ferreas em exploração.

Tres são elles. Para quem se achar no desnudado e desolado planalto do Douro, vale-lhe a pena utilizar a linha que, partindo de Salamanca em Espanha e desviando logo após Ciudad Rodrigo, se dirige a Villar Formoso, na fronteira, e d'ahi, pela Guarda, até á Pampilhosa. Para os que estiverem no litoral norte do país, tomar esta mesma linha da Beira Alta no seu extremo occidental, invertendo o trajecto. Para os da região sul a linha da Beira Baixa, testa em Abrantes e ponto de bifurcação das linhas que, partindo

do Entroncamento, irradiam para N.-E. e S.-E. Essas duas linhas das Beiras encontram-se na Guarda, vertice superior de um triangulo ferro-viario, dois lados dos quaes acabamos de apontar: Guarda a Pampilhosa, Guarda a Entroncamento por Abrantes. A base do triangulo é naturalmente formada pelo troço da linha do norte, do Porto a Lisboa, entre as duas estações da Pampilhosa e Entroncamento.

Da Pampilhosa subamos ao Luso, neste momento apenas para visitar a maravilhosa mata que os frades carmelitas lá nos deixaram um pouco acima, no Bussaco. A mata, apesar de contar hoje

O LUSO

muitas essencias diversas, é constituida principalmente pelo *Cupressus glauca,* ou *lusitanica* [1], e não por cedros do Libano, como quer uma lenda de proveniencia christã que, já em prosa, já em verso, se enraizou na crença geral.

A estancia do *Bussaco,* com o seu hotel, a proximidade dos de Luso, as suas aguas excellentes e a grandiosa e incomparavel mata, batida de todos os ventos, quer de terra quer do mar, que, coando-se através de um tão forte massiço de arvores, se enfraquecem quando poderiam incommodar, essa estancia é, sem

---

[1] Emygdio Navarro, *Quatro dias na Serra da Estrella*, 1884. Veja-se ainda o artigo do 1 vol. *A Silvicultura em Portugal.*

duvida alguma, uma das mais bellas e bemfazejas que o homem pôde conceber e realizar.

Da sua belleza, que Guerra Junqueiro prefere a toda e qualquer outra, diz-nos o altissimo poeta:

O que eu prefiro? O Bussaco e as praias do sul. A floresta e o mar são as aproximações do infinito. A floresta é uma oração; o mar uma grande messe de ondas. O Bussaco é como as antigas florestas cheias de religiosidade. Nem as aves cantam. Uma mudez augusta eleva as almas e as reintegra na natureza. É por isso que o Bussaco é uma floresta sagrada, divina, espiritual.

Paizagem para um santo, para uma grande alma contemplativa e cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis [1].

NO BUSSACO — ERMIDA DE S. MIGUEL

A impressão esthetica que essa mata, como tambem o mar, deixa em nós é todavia semelhante á das grandes composições do grande Bach; e Vianna da Motta, que, como interprete do gigante de Eisenach, é consultado na douta Allemanha, ainda recentemente confirmou este meu modo de sentir. A melancolia ingenua dominante em toda ella, a humildade evangelica que a gerou e a penetra inteiramente, a constancia d'essas duas notas manifestando-se no infinito cruzamento sempre novo e inesperado dos troncos e ramarias que a luz do sol, coada por mil maneiras, illumina de forma sempre imprevista, a pujança da vegetação, a solidez estructural do massiço de verdura, a elevação solemne e placida dos caules que, como themas principaes, são a base organica d'essa estructura, a ausencia de anarchia no meio da liberdade absoluta da germinação, tudo ahi, espirito, alma, sentimento, plastica, côr e luz, ruidos do vento e ruidos da floresta, tudo

[1] Nos *Serões*

nos eleva e commove como o contra-ponto da floresta sonora das grandes obras de Bach, a orchestra, côro e orgão, em que julgamos muitas vezes ouvir as vozes mais profundas da natureza e, por cima de todas, a do mar infinito!...

Do Luso a linha ferrea vae subindo e, no intervallo de tunnel para tunnel, deixando sempre ver um país encantador: Mortagua,

BUSSACO — A CRUZ ALTA

por exemplo, cujas collinas e prados tenho visto comparar aos da Suissa por varios estrangeiros.

Mas chegados a Santa Comba, tomemos a linha de Viseu. Em Tondella, estação intermedia, começa a estrada que leva ás faldas do Caramullo e ao valle de Besteiros, cuja paisagem attinge por vezes uma nobreza estranha, não já a da paisagem trasmontana, e muito menos a do Minho. O seu caracter é grave e calmo; o tom geral da verdura bastante homogeneo e melancolico. O ar e as aguas purissimos em toda a região, o panorama largo sem exageração.

*Viseu* é sem duvida um centro interessante. Na Sé manuelina a serie dos quadros do Grão Vasco, ou da sua escola. Só elles justificam a viagem. A curta distancia a serie de Fontello, no Paço

Episcopal. Mas deve ainda fazer-se a excursão de S. Pedro do Sul, villa encantadora, assente na baixa em que se encontram tres rios, o Vouga, o Sul e o Troce, e que por muitos é denominada a *Cintra da Beira*.

A paisagem é ahi de um equilibrio e doçura inexcediveis.

De Viseu, pela estrada ordinaria que atravessa uma zona de constante e bella vegetação, voltaremos a tomar a linha da Beira

O MONDEGO NA REGIÃO GRANITICA

Alta em Mangualde. D'ahi podemos subir até á Guarda para visitar a sua Sé gothica, mas no percurso encontramos um ou dois dos pontos de ataque á Serra da Estrella.

Antes de mais nada falemos porem do Mondego, que mais tarde iremos encontrar na região coimbrã; mas que, nascendo nas vertentes N. da serra, toma durante muitos kilometros, e emquanto permanece na região granitica ou primitiva, um aspecto diverso do que mais tarde adquire na região baixa do calcareo e na do litoral.

A ter que marcar n'ella, mais pormenorisadamente, algum sitio de maior predilecção, escolherei o divino e ignorado valle do Mondego, ao poente da Guarda. Não está ainda, graças a Deus, desvirginisado pelo excursionismo. Não vem desenhado em albuns, não anda photographado em kodaks, nem os ro-

teiros d'elle trazem descripção. É um parenthesis de lirismo idyllico, numa pagina d'elegia: um pomar virgiliano, alacre e fertil—ladeado por altas serras de cimos violaceos e nitidos perfis. A fita clara do rio desdobra-se lenta, entre salgueiros pendentes que lembram Musset e choupos leves que dão saudade de Antonio Nobre. Esparsas, aldeolas laboriosas e minusculas, de casas feitas com granito escurecido e duro, e de gente de gleba que amanha a terra á burguezia citadina, cuidando-lhe das flores da quinta, das couves na horta, dos frutos na veiga. E numa curva luminosa e ampla, por sobre as altitudes das montanhas, o azul ferrete do céo, um azul brunido, de esmalte, onde os mochos reaes e as aguias passam num vôo dominador e placido [1].

O MONDEGO NA REGIÃO GRANITICA

Apesar de nascido na serra rude e inhospita, e até quando atravessa a região alpestre do seu curso superior, o Mondego conserva em grande parte o caracter idyllico tão conhecido no seu curso inferior, mercê da abertura do valle que não tem a estreiteza de outros valles das regiões graniticas. E é por isto sem duvida que, para muitos, o verdadeiro rio da serra é o Zezere, que desce de escantilhão por penedias bravias, desde a origem até á foz.

O *Zezere* é o verdadeiro rio da serra da Estrella, como terei occasião de mostrar quando lhe descrever as nascentes, guardadas, como sentinellas giganteas de um mundo de monstros mysteriosos, pelos dois cantaros. Nascentes dignas de um rio como o Danubio, e como o Zezere o seria infallivelmente, se

[1] Augusto Gil, in *Serões*.

o Tejo, com perfidia castelhana, o não cortasse de meio a meio, em principios da carreira!

**A Serra da Estrella.** — Assim diz Emygdio Navarro no livro atrás citado. Para elle remettemos o leitor que queira informar-se acêrca do melhor ponto de accesso á Serra da Estrella, porque

ESTRELLA — A CASA DO FRAGÃO

uma excursão por taes sitios exige estudo e preparação especial, que não apenas a informação de um guia de viagens ordinarias. E, entretanto, suppomo-nos no cimo da sua esplanada, em companhia do guia Navarro e de Oliveira Martins. Este explicará primeiramente:

Por essas eminencias, tapetadas de relva no estio e de neves no inverno, nem as villas, nem as arvores se atrevem a subir: só o pastor nómada as habita. Do alto do seu throno de rochas vê gradualmente ir nascendo a vida pelas encostas: primeiro o zimbro, rasteiro e roido pelo gado, circumda os altos nús; logo apparecem os piornos, as urzes brancas, os carvalhos; depois, já a meia altura da encosta, os castanheiros, as lavouras, e os enxames das villas; afinal, na extrema baixa, o lançol de lagunas, tapete de esmeraldas engastadas em fios de brilhantes, que o sol faceta ao espelhar-se no labyrintho dos canaes [1].

[1] O. Martins, *Historia de Portugal,* vol. I.

Synthese de artista e de economista com saude delicada e habitos da capital, a que se contrapõe a truculencia trasmontana de Emygdio Navarro, nascida em região de frio e serras, e não de planuras e clima temperado.

Navarro visita a Serra por suggestão e na companhia do Dr. Sousa Martins, que a conhecia a palmos e que, como se sabe, foi o fundador do Sanatorio ali existente. A alegria e enthusiasmo transparece nas suas chronicas com uma exuberancia que faz perdoar algumas imperfeições e faltas de gosto.

PASTOR DO FOLGOSINHO

Acolá, ali em baixo, a curta distancia, está a cidade da Covilhã, mais alem está a villa do Fundão; a nordeste está a cidade da Guarda, a cidade mais alta da Europa, a 1:000 metros; ao norte, inclinando accentuadamente para o occidente, estão Gouveia, Moimenta, Ceia, S. Romão e todas as povoações do valle do Mondego. Com poucas passadas, abrange-se n'um relance a posição d'estas differentes povoações, aliás tão distanciadas umas das outras. Mas nenhuma d'ellas se divisa; os contrafortes da serra escondem essas povoações, e o terreno, que se vê, é alem d'ellas. Ainda assim, a perspectiva é magnifica. O nascer e o pôr do sol são ali de uma inexcedivel magnificencia.

E principalmente o nascer do sol é de aspectos phantasticos, e motivo de impressões extraordinarias. A luz doura as cumiadas da serra quando nos povoados mal se esfumam as trevas da noite. Sente-se despertar a vida da natureza em meio do somno do homem. As mais das vezes, a luz côa-se por brumas tenuissimas que rapidamente se adelgaçam até de todo se evaporarem, ou que descaem e se concentram sobre os logares inferiores, formando uma superfice alvacenta, que se prolonga até onde alcança a vista. Parece então que temos debaixo dos pés um mar, de largas e suaves ondulações e reflexos iriados, em que sobresaem os picos e cabeços mais salientes, como navios baloiçados em preguiçosa calmaria, ou cetaceos adormecidos á flor da agua, que ali tivessem ido aquecer o dorso escuro e viscoso!

Algumas vezes, quasi sempre a horas adiantadas do dia, esse mar tranquillo transforma-se em oceano revolto. As brumas esbranquiçadas ennegrecem com

a electricidade, que n'ellas se accumula. Em cima, um ceu purissimo, uma atmosphera placida. Em baixo, uma trovoada medonha. Os trovões estoiram com furia brava, que faz estremecer os flancos da serrania, e as chispas rastrejam em zig-zags de serpentes, como se os quizessem queimar com o seu halito de fogo. Espectaculo soberbo!

As corcovas e depressões da serra, com os seus covões profundos, os seus poios encastellados, as suas penedias caprichosas, as suas ravinas escarpadas,

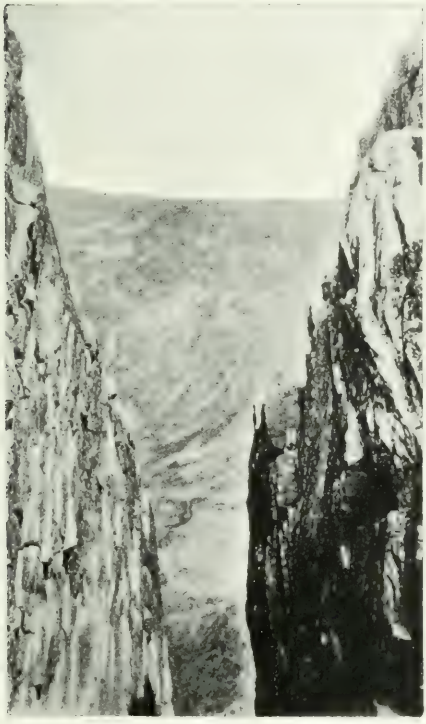
A LAGOA DO PANÃO

as suas geleiras frigidas, e as suas pradarias de esmeralda, abrangem-se d'ali, simultaneamente, em breves relances. Ao fundo, muito ao fundo, verdejam uns pequeninos valles, dourados pelos reflexos do sol, e que são as veigas largas e fertilissimas que abastecem o povoado. As gargantas medonhas da serra abrem sobre morros, que se amaciam na direcção d'esses campos, golfando abundantissimas aguas, que os fertilisam, e que tambem alimentam numerosas fabricas; e a grande esplanada ergue-se como um ubere, enorme, monstruoso, em posição invertida, com a sua corôa quasi permanente de brancos nimbos, como o ubere de uma boa vacca leiteira se mostra coroado de brancos pêlos! Ó terra, *alma mater!*

Na esplanada da serra o silencio é muito pronunciado. O ambiente parece ter uma solemnidade esmagadora; e, apesar da maior rarefacção do ar tornar menos transmissiveis as ondas sonoras, ouve-se muito distinctamente o ruido de passos e de vozes a larga distancia, como se fôra proximo. Registada esta ultima observação, eis-nos o caminho, na breve descida para os cantaros.

O CANTARO MAGRO

Depois de descrever a nascente do Zezere, as geleiras e as lagoas, e as duas «sentinelas», que lhes vigiam os primeiros passos, o *Cantaro magro* e o *Cantaro gordo,* sob a impressão agitante do grandioso drama que se desenrola nas encostas atormentadas da Serra, Navarro conta-nos como a torrente desce e se precipita contra o Tejo, inimigo vindo de terras de Espanha, pesadelo de fronteiriço habituado a espreitar, do alto da torre de menagem da cidadella brigantina, a invasão das hostes contrarias.



A GARGANTA DOS CANTAROS

Os primeiros filetes de agua que para norte e leste escorrem do rebordo da grande esplanada da *torre* são tambem as primeiras nascentes do Zezere. Este é o verdadeiro rio da serra da Estrella e o mais favorecido de aguas. O Tejo sae-lhe ao encontro em Constança, e só o vence porque a natureza do terreno o obriga a misturar-se com elle. Na arremettida, a braveza herminia leva de baixo a pujança castelhana. *Braveza herminia* é uma redundancia, porque o adjectivo *herminio* ou *hermenho* já de si quer dizer bravo, aspero, selvagem; e d'ahi vem chamar-se á cordilheira da serra da Estrella os *montes herminios,* como quem diz os montes bravios por excellencia. Passe a redundancia com este salvo-conducto. O Zezere, quando se entumece impetuoso, escorre com raivoso fragor por cima de penedias e cascatas, corta o Tejo de lado a lado com furia invencivel, e este só pode passar adeante galgando por

cima do seu inimigo, como se fôra sobre um açude! O rio esbarra contra os terrenos alemtejanos, que lhe fazem frente, e é então, e só então, que se dá por subjugado, não sem protestar por um largo espaço, com a côr mais azulada das suas aguas, contra a perfidia, que o assalta em começo da sua carreira, e a oppressão, que o esmaga na sua patriotica autonomia.

As geleiras, que raro desapparecem da região dos *cantaros*, são o principal elemento das suas nascentes.

A LAGOA COMPRIDA

Das alturas do Sabugal, de onde para norte desce o Côa a ajuntar-se ao Douro, desce tambem para SO. o Zezere a confundir-se com o Tejo, atravessando a região alpestre e pittoresca do valle que separa a Estrella da Gardunha. Abrigada dos ventos do mar por essas duas linhas de serra, existe ahi uma das mais ferteis e interessantes regiões do paiz — o districto de Castello Branco. Descendo da Estrella, encontra-se a estação de Unhaes da Serra, a 1:320 metros de altitude; logo em seguida, a cidade da Covilhã, a 770, e atravessando o Zezere, com a linha ferrea da Beira Baixa, passa-se no Fundão, que lhe fica fronteiro na aba norte da Gardunha. Do lado de alem, a linha ferrea vae sempre descendo na vertente da Serra, toca na sede do districto, já em região mais baixa, e acompanha o Tejo na margem direita, a partir de Villa Velha de Rodam.

A variedade dos terrenos que se atravessam, granitos ao norte, calcareos a sul, e de permeio zonas enormes de terrenos archaicos; a vegetação formada por oliveiras, azinhos, sobros, castanheiros, carvalhos e pinheiros; a forte quantidade de chuva

que envolve toda a região; e a accidentação frequentissima e por vezes violenta do terreno convertem esta parte extrema da nossa primeira zona num rico manancial de assuntos de paisagem. É uma região brilhantissima mas que participa um pouco dos caracteres da segunda zona, a dos calcareos.

Toda esta primeira zona se caracteriza, como vimos, por uma extraordinaria variedade de aspectos, procedentes da natureza do

O TEJO NAS PORTAS DE RODAM

solo, da sua excepcional e imprevista accidentação, da diversidade de ventos reinantes e resultante diversidade climatica, da riqueza de vegetação arborea e do aspecto generoso que os granitos communicam aos terrenos. Mas, chegados á foz do Zezere, é que vêmos que nos ficou para trás a zona dos terrenos baixos das bacias do Vouga e do Mondego, que, juntas ás do Tejo e Sado, completam a segunda zona principal do nosso systema de exposição. Agora desapparece a paisagem grandiosa e tragica, os terrenos graniticos com as suas enormes escarpas a pique, o denticulado das suas serranias, os seus valles apertados, os rios torrenciaes; entramos na região idyllica do calcareo, das ondulações suaves, das aguas lentas, valles dilatados e terras baixas. A vida suaviza-se.

Voltemos portanto um pouco para trás.

**Aveiro.** — Galgado o Douro por sobre a ponte de ferro, numa altura superior a 60 metros da superficie do rio, e contemplado por ultima vez o panorama da bacia que se estende de Campanhã ao Areinho e a serie dos contrafortes que, em escalão ascendente, se perdem ao longe, para NE., o comboio enfia pelo tunnel da Serra do Pilar, mas deixa-nos ainda ver de relance o amphitheatro imponente e pittoresco do velho Porto em quasi toda a

OVAR — O PAÚL DO CARREGAL

extensão. Toma agua em Gaia e desce vertiginosamente até a borda do mar, atravessando campos, vinhedos, moitas e pinhaes. Após Espinho, interna-se um pouco para as terras e voa, que o chão é plano; corta a baixa de Esgueira, de lés-a-lés, passa alem do Vouga, e pára na estação de Aveiro. Quem não viu a cidade e a zona que a rodeia, e quer experimentar uma sensação de profunda belleza e de vida intensa e diversa da que vira até ahi, e de que ninguem poderá suppor a existencia num país como o nosso, faz bem em não continuar a viagem.

A região de Aveiro é uma pequena Hollanda em pleno clima e luz occidentaes. E eu creio que a maioria dos portugueses ignoram o que essa zona baixa, conquistada lentamente ao mar, encerra em si de riquezas valiosas e de aspectos estheticos inten-

samente differenciados. Essa zona é producto do trabalho do mar, que forma as dunas, e do trabalho do homem, que as aproveita. A ria é um polypo collossal que se divide em infinitos braços e penetra pelo interior das terras, desde Ovar até aos Palheiros de Mira, em 40 kilometros da costa, e transversalmente numa largueza maxima de 10 kilometros.

As dunas transformaram-se a sul nos campos da Gafanha, dignos de estudo como exemplo methodico da posse das terras baixas pelo homem da montanha, e formação de um typo especial de propriedade. A ria é o laboratorio chimico dos adubos das

EM ILHAVO, NA PONTA SE. DA RIA

respectivas lavouras, o molliço, e é ao mesmo tempo uma admiravel via de communicação e transportes. Como aspecto, provavelmente pela extensa superficie de evaporação de centos de hectares de agua salgada, toda esta região se distingue do norte do país pela luz irisada que a banha e de momento a momento muda de tom.

Da ria, essa atmosphera caminha para o interior das terras, communicando á paisagem aspectos absolutamente differenciados.

Essa paizagem deliciosa e original, indecisa entre o mar e a terra, e que nos enche de vivo prazer, quando a dominamos desde os altos de Angeja á raiz das montanhas, attrae-nos como a sombra da manzanilla, cheia de frescura e veneno. Os elementos, confundidos, vingam-se da temeridade dos homens [1].

[1] Oliveira Martins, *loc. cit.*

Martins, falando de Angeja, deveria citar-nos ainda o sitio da Ponte da Rata, porque aqui mais ainda se nota a fusão dos elementos que elle aponta, pelo incremento que a maior distancia á costa necessariamente lhes communica.

A atmosphera da ria, alem de tudo o mais, parece communicar, como nenhuma outra, a todos os seres e objectos que nella mergulham uma tal graça e distincção de aspectos e movimentos que, por vezes, julgamo-nos ahi transportados a uma região ideal.

NA RIA DE AVEIRO

E quero crêr que o seja. Sentimo-lo quando por deante de nós desliza um dos muitos barcos molliceiros, com a prôa erguida em curva e pittorescamente ornamentada a côres vivas. Ou quando graciosamente envolta no seu chale, como uma estatueta de Tanagra, passa saudando-nos delicadamente uma tricana de Aveiro, irmã das de Coimbra e ainda das de Vianna, que Ramalho Ortigão considera as mulheres mais lindas de Portugal por serem, diz elle, as mais bem educadas, e talvez por não as ter comparado ás da ria aveirense. Ha ahi o quer que é de grego, nos rythmos por que se rege e nobilita a vida; e d'ahi virá porventura a illusão, que muitos teem, de uma colonia helenica origem da actual povoação e das suas gentes.

Mas furtemo-nos ao encantamento e avancemos até Coimbra, onde teremos de fazer novo esforço, maior talvez, para continuar

nesta peregrinação esthetica, tão esgotante para quem profundamente sente a belleza da terra.

Eis-nos em cheio na segunda zona principal, caracterizada, como apontamos na nossa *Advertencia preliminar* por: — terras baixas, rochas calcareas, choupos e salgueiros, luz dourada e jovial, clima temperado, calma ondulação do solo, aspectos que se succedem sem contrastes nem imprevistos violentos, vegetação variada e intensa, solo feracissimo.

O MONDEGO EM PENACOVA

*Coimbra.* — Estamos em plena região do baixo Mondego, que, lindamente posto em socego, ahi repousa da corrida através dos granitos beirões. O valle alarga-se voluptuosamente e as aguas preguiçosas, desapparecendo muitas vezes da vista das lindas tricanas, escoam-se de mansinho através dos areaes que assoreiam o rio. O panorama é d'aquelles que nunca esquecem. Desde Camões, que todos os poetas portugueses o teem cantado, fascinados pela doçura incomparavel dos seus aspectos, pela ondulação graciosa e senhoril das terras e montanhas marginaes. Até Fialho de Almeida, tão violento por vezes nos rythmos e côr da sua forte prosa, se deixou vencer pelas seducções do valle encantado.

Em torno á mole Universitaria, a cavalleiro na corôa da montanha, a cidade corre por todas as quebradas e vertentes, vendo-se, de cima, ruas, quintaes, jardins e torres. Desigual, cheio de bossas, o Mondego, como uma cobra na areia, espreguiça a sua trança d'agua morta, desde a Portella até ás franças do Choupal, e por toda a margem os choupos afusam-se, os casarões das quintas amadornam, e vêem-se os salgueiros chorando os tradicionaes amores

de Pedro e Ignez. Para alem do *talweg*, na outra margem, ergue-se gradualmente um amphitheatro de colinas, onde no primeiro plano as vinhas e pinhaes servem de fundo ás manchas claras dos casaes e dos conventos; depois, trepando sempre, mais sobre o longe, serras azuladas esfumam-se em vagos tenues d'aguarella, de uma côr incorporea que faz contraste com os planos nitidos verdes, bem postos, dos pomares e jardins rentes do rio. Por toda essa grande *vista* circular, os episodios são tantos, tão decorativamente lançados no sentido duma cegueira das linhas principaes, que os deslumbramentos da vista apenas logram fixar, por qui, por lem, manchas avulso — lá para a direita, perdidas num céo cruel de calma, as massas do Choupal, da Caudelaria e escola

O MONDEGO EM COIMBRA

regional de S. Martinho; apóz, os picos do cemiterio, na abrupta escarpa, e casarias dum bairro entre cyprestes e terras cultivadas; apóz, circumtornando sempre o olhar sobre a direita, campos de vinha, olivaes, pinhaes, zonas de succo — e depois as massas verdes do Jardim Botanico, e o Seminario, as Ursulinas e o Paço do Bispo — e cada vêz mais altos e distantes, planos de serrania, cabellugens de mattas, o céo côr de aço, os infinitamente longes, mal tocados,— grandeza, largueza, ares de Portugal, sorrindo paternalmente á vida rustica!

Todos os sitios consagrados pela emoção dos milhares de adolescentes que ahi passaram, de cabellos ao vento, de noite ou de dia, com a guitarra ou com livros, sosinhos ou em bandos, nalguma dessas divinas horas em que a alma, afinada pela dôr, communga o religiosismo amargo da natura: todos os sitios classicos de Coimbra, a Lapa dos Esteios, o Penedo da Saudade, Santo Antonio dos Olivaes, Santa Cruz, a Estrada da Beira, a Ponte, o Choupal — ai! todos elles, verdade, são calorosamente dignos da reputação que lhes fizeram, reputação que o tempo nobilifica, e de que não é possivel evitar

jámais o encanto absorvente. Esse encanto por certo vem da harmonia das formas, das harmonias da côr, da candidez esparsa, do repouso e dos accidentes idylicos naturaes, mas vem tambem de feitiçaria das sensibilidades poeticas, ideaes, que ali pulsaram, da quantidade de belleza physica, de generosidade d'alma, de crença ingenua, d'imberbe cavalheirismo, que durante seculos ondearam por ali as plumas dos seus gorros e os sons da sua voz — murmurios que as payzagens retiveram, corrigindo-se por estas reminiscencias nobres ou formozas, e reenviando ao *touriste*, de memoria, as impressões do seu deslumbramento. Por que não é já mysterio que uma payzagem seja, como nós, sensivel á lisonja. Quantas vêzes, sol posto, já a serra da Louzã mal curvejava no céo baço, no Penedo da Saudade, sosinho não vim eu, simples estranho, já cynico, á quintessencia de todas essas ancestraes fascinações. A natureza e a vida animal têem ali uma quebreira languida que se presta ao rythmo das falas, á molleza das ideias e á desinvolução do sonhar sentimental.

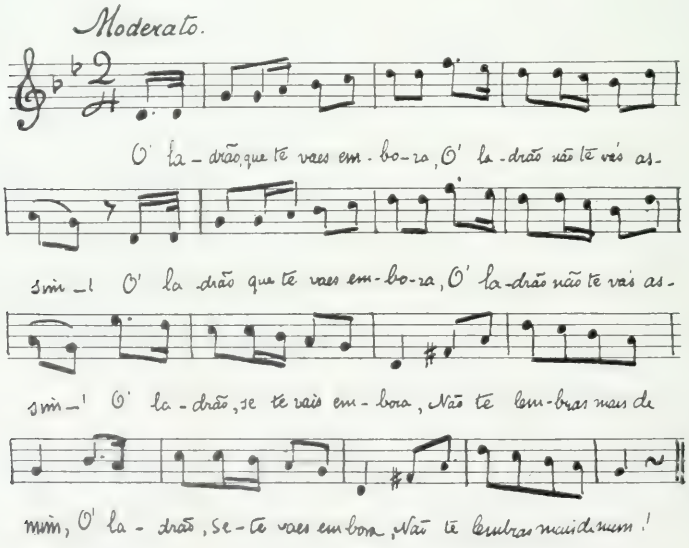
NO CHOUPAL

No Choupal, que é uma floresta nova de folhas muito verdes, rumores de nóras, braços de rio passando pontes, lavadeiras, rouxinoes e alagadios tufados de herva tenra; no Choupal a esbelteza gracil de certos macissos de ailantos, choupos, freixos, platanos, eucaliptos, zebrados de sol, pelas clareiras, esguios e ondulosos como ephebos, com verdes raros, frigerantes neblinas, vagas formas poeticas, a suggestão recebida assemelha-se muito á que nos toca, vendo sair das aulas, em chusmas, á Porta Ferrea, todo esse doirado enxame de rapaziada buliçosa. A mesma descuidosa complacencia, a mesma primaveril finura nos meneios, o mesmo grito de corações rindo ao viver. De sorte que, indissoluto o laço de harmonia, a mocidade escolar é para assim dizer, no seu bulicio, como que a projecção da natureza idylica que a circunda: uma penetra a outra, solidarias, a pensante e a sonhante; donde não é paradoxo dizer que as

suggestões artisticas são nesta terra como que uma florescencia do sólo e um oxigenio do ar, e colhel-as não custa, bastará quando muito olhar em torno [1].

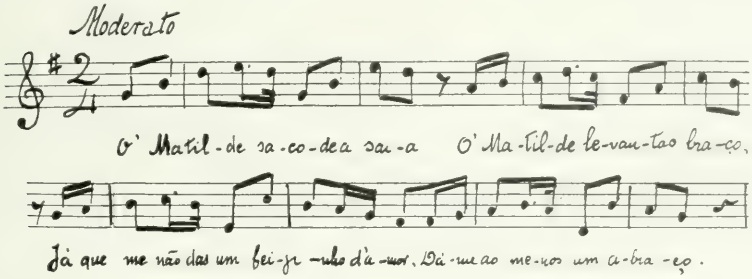
O MONDEGO E A ESTRADA DA BEIRA

Numa tal atmosphera, a canção torna-se doce e carinhosa, perdendo comtudo a profundeza que a caracteriza nas vertentes do granito: a *Dor* desappareceu com as asperezas da região anterior; a saudade é até expressa com galantaria e graça, entre sorrisos e boas maneiras.




[1] Fialho de Almeida, *A Esquina*.

As danças populares apparecem rythmadas de uma forma absolutamente diversa da primeira zona. Deixaram de ouvir-se as chulas, passamos a ouvir as danças de roda. E estas são balanceadas e de movimento moderado, em contraposição com a viveza e persistencia rythmica *elementar* das primeiras. Parecem todas geradas em estilo *rocaille,* curvas arredondadas e graciosas, arte de bom tom, jovialidade comedida e amavel.




Tudo isto se contém na natureza envolvente, independente da poesia a que a musica nos apparece ligada. Ahi, o que domina, o que traduz a commoção differenciada é a melodia, como expressão immediata que é dos estados de alma.

A estada em Coimbra comprehende necessariamente a visita á importante serie dos seus monumentos, museus e sitios celebres, aos conventos de Santa Clara, Cellas e São Marcos. Mas ahi ha o precioso *Roteiro Illustrado do Viajante em Coimbra*, muito bem illustrado, e para lá remetto o leitor, com a obrigação de o adquirir e estudar.

**Estremadura.** — Eu não sei porque, em logar de começar logo após Coimbra para abranger todo o resto da nossa segunda zona de paizagem, quasi a sua totalidade, a provincia da Estremadura, centro do país, não ha de comprehender o triangulozinho que nos occupou até agora e onde Aveiro e a cidade universitaria ficaram separadas das outras terras d'essa zona e ligadas ao Douro apenas na carta chorographica. Cousas antigas que provavelmente já ninguem sabe explicar, nem talvez valha a pena saber. Mas é um facto que nos encontramos dentro de outra provincia, embora não notassemos na paisagem differença a motivá-la.

*Thomar* está situado nas margens do Nabão, a 7 kilometros da estação de Payalvo, linha do Porto a Lisboa, e do lado opposto

ao mar. Esse pequeno trajecto faz-se por estrada ordinaria, aliás pouco interessante. As margens do Nabão, conservando

O RIO NABÃO

inteiramente o caracter da região do Vouga e Mondego, são porem encantadoras. Mas o que em Thomar se antepõe a tudo é a serie

O RIO ALMONDA

dos seus monumentos religiosos, das epocas romanica, gothica e renascença (diversos periodos), que pertenceram á ordem dos

Templarios e mais tarde á dos Freires de Christo. Essa serie, excepcional e bastante bem conservada, comprehende exemplares notaveis, alguns d'elles unicos na arte de Portugal.

Continuando na linha para os lados de Lisboa, deixamos á nossa direita uma zona extremamente pittoresca. Em primeiro logar toda a região de Torres Novas e do Rio Almonda, con-

O ALVIELLA EM PERNES

fluente do Tejo; e, logo abaixo, a do Rio Alviella, o confluente que fornece a agua á capital e cujas quedas de Pernes são interessantissimas. Comprehendidos entre as ultimas vertentes do Zezere a N.E. e a Serra dos Candieiros a poente, todos esses terrenos, embora se encontrem já no valle do Tejo e sejam em parte de recente formação, sentem ainda a proximidade do solo movimentado dos seus limites extremos. Estabelecem por isso mesmo a transição entre as nossas 1.ª e 2.ª zona de paisagem, tendo comtudo a caracteristica vegetação d'esta ultima.

Na mesma linha ferrea, e um pouco antes de Payalvo, encontra-se o ramal de Alfarellos, que nos leva á linha da Figueira a Lisboa, por Leiria, S. Martinho do Porto, Caldas da Rainha, Torres Vedras e Mafra. Esta região, pouco afastada do litoral, é digna de uma prolongada visita.

Em *Leiria,* edificada á beira do Liz, que por vezes a inunda, existem as ruinas do castello gothico de El-Rei D. Dinis, mais tarde aumentado por D. João I, e que foi o monumento civil mais importante d'essas epocas em Portugal. Do alto do castello, a vista abrange um panorama extensissimo e cuja belleza mereceu a Eça de Queiroz uma pagina encantadora, simples *Estudo de campo,* rapidamente esboçado, mas que apesar d'isso tem o valor de um quadro de mestre:

Em roda da Ponte, a paizagem é larga e tranquilla. Para o lado d'onde o rio vem são collinas baixas, de formas arredondadas, cobertas da rama verde-negra dos pinheiros novos; em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casaes, que dão áquelles logares melancolicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas que luzem ao sol, com os fumos das lareiras que pela tarde se azulam nos ares sempre claros e lavados. Para o lado do mar, para onde o rio se arrasta nas terras baixas entre dois renques de salgueiros pallidos, estende-se até os primeiros areaes o campo de Leiria, largo, fecundo, com o aspecto de aguas abundantes, cheio de luz.

Ao pé da Ponte, uma rampa desce para a alameda (macadamisada), que se estende um pouco á beira do rio (entre dois renques de velhos choupos). É um logar recolhido, coberto de arvores antigas. Chamam-lhe a Alameda Velha.

A tarde descahia muito limpida; o alto céo tinha uma pallida côr azul; o ar estava immovel. N'aquelle tempo, o rio ia muito vazio; pedaços de areia reluziam em sêcco; e a agua baixa arrastava-se com um marulho brando, toda enrugada do roçar dos seixos.

Duas vaccas, guardadas por uma rapariga, appareceram então pelo caminho lodoso que do outro lado do rio, defronte da alameda, corre junto de um silvado; entraram no rio devagar, e estendendo o pescoço pelado da canga, bebiam de leve, sem ruido; a espaços erguiam a cabeça bondosa, olhavam em redor com a passiva tranquillidade dos seres fartos — e fios de agua, babados, luzidios á luz, pendiam-lhes dos cantos do focinho.

Com a inclinação do sol a agua perdia a sua claridade espelhada, estendiam-se as sombras dos arcos da ponte. Do lado das collinas ia subindo um crepusculo esfumado, e as nuvens côr de sanguinea e côr de laranja que annunciam o calor faziam, sobre os lados do mar, uma decoração muito rica [1].

---

[1] *Crime do Padre Amaro.*

De Leiria, para se verem os mosteiros de Alcobaça e da Batalha, as *Caldas da Rainha* e a lagoa de Obidos, segue-se a estrada ordinaria, que, sobranceira á faixa da linha ferrea, permitte em certos pontos abranger com a vista as extensas terras que, em suave declive, descem até ao mar. Essa estrada, como todas as que atravessam a região, é uma paisagem continua e difficilmente se encontrarão outras que se lhe comparem. Ramalho Ortigão, referindo-se a uma d'ellas, confessa-o tambem:

A estrada a S. Martinho e a Alcobaça é simplesmente maravilhosa de paizagem; e nada vi jámais para lhe antepôr como tranquilla, risonha e pacifica expressão da natureza rustica e da vida rural. Na grande planicie, em tôrno dos pingues campos de Alfazeirão, a pequena bahia de S. Martinho do Porto parece embeber-se e penetrar na poetica doçura do solo, com a voluptuosidade de um beijo aquatico dado á campina pelo oceano. Para o lado opposto do caminho até á cordilheira que vem de Cintra, e cujo perfil violaceo se esbate ao longe nas transparencias do céo, é o largo e majestoso valle, salpicado de casaes alvejantes, entre as vastas searas ondulosas e os densos bosques de pinheiros sobre consecutivos e suaves comoros virentes de vegetação brava, cobertos de fetos, de giestas e d'urze, desabrochando á beira da estrada em flôres que se não vêem ao longe bebidas pela grande massa verde-negra, e são as estrellas douradas do tojo, os turbantes azues das alcachofras, e as pontas prateadas das moitas de trovisco, sobre que caem em regaçadas do vallado os cachos das madresilvas [1].

**Cintra.** — Para quem parte de Leiria, duas estações de verão se lhe offerecem proximamente a igual distancia: Caldas da Rainha e Cintra. Deixemos porem a primeira para quando nos occuparmos das praias e estancias d'aguas; tomemos a linha de Lisboa e, mudando de comboio no Cacem, sigamos para Cintra, onde iremos encontrar a temperatura mais idealmente fresca e consoladora. Assente num massiço de granito que, em epoca relativamente moderna, irrompeu do terreno cretacio envolvente, a villa deve á natureza especial do seu solo a vegetação maravilhosa que veste toda a montanha e as aguas preciosas que surgem por toda a parte.

Alem do paço real, que é um dos mais interessantes e suggestivos edificios do país, Cintra conta nas suas encostas uma longa serie de magnificas quintas, muitas das quaes dignas de serem

---

[1] *Farpas*, vol. I.

visitadas. O facto que porem a torna mais notavel é a grande diversidade dos seus panoramas e pequenas paisagens. De qualquer elevação a que se suba, avista-se sempre a vasta campina, que se estende no sopé da montanha, limitada a poente pelo mar e a nascente por uma cadeia de cerros pouco elevados. Para norte o horizonte é illimitado. É nesse chão extensissimo que fica

OLHANDO DO CASTELLO DOS MOUROS

Mafra, lá ao longe; mais perto, Collares; á esquerda, as Azenhas do Mar; e depois um rosario de outras povoações menores. Mas esse panorama, pela sua enorme extensão, nem dá paisagem nem geralmente chega a ter côr; á distancia que fica, e afóra certa epoca do anno, o aspecto d'essas terras é pardacento. O encanto para o pintor reside propriamente nos mil incidentes que nos surprehendem a qualquer volta do caminho dentro da povoação e nos terrenos montanhosos que a envolvem, a pequena paisagem local emfim.

Assim o sente tambem Eça de Queiroz, quando nos descreve Cintra num dos seus romances. A descrição apparece

entrecortada pelo dialogo travado durante um passeio através da villa[1].

Primeiro, um aspecto assaz frequente das encostas:

Parara diante da grade d'onde se domina o valle. E d'ali olhava, enlevadamente, a rica vastidão de arvoredo cerrado, a que só se veem os cimos redondos, vestindo um declive da serra como o musgo veste um muro, e tendo áquella distancia, no brilho da luz, a suavidade macia de um grande musgo escuro. E n'esta espessura verde-negra havia uma frontaria de casa que o interessava, branquejando, afogada entre a folhagem, com um ar de nobre repouso, debaixo de sombras seculares...

Depois, um pequeno lanço de estrada que fica de memoria desde a primeira vez que se visita Cintra, porque nos serviu de refugio ás horas de calor e tambem porque, na transição rapida da luz viva para a luz coada através da folhagem, elle se nos desenhou rapidamente á vista com harmoniosa distribuição de um quadro pictural:

Era apenas um bocadito d'estrada, apertada entre dois velhos muros cobertos d'hera, assombreada por grandes arvores entrelaçadas, que lhe faziam um toldo de folhagem aberto á luz como uma renda: no chão tremiam manchas de sol: e na frescura e no silencio, uma agua que se não via ia fugindo e cantando.

Eça sente vivamente todos estes aspectos successivos, tem a visão aguda do impressionista que rapidamente fixa, na mancha, os movimentos mais subtis, pela opposição e gradação dos valores.

Chegados aos Sitiaes, só então é que o panorama da baixa campina, agora toda verdejante, no começo da primavera, impressiona um dos excursionistas, que é artista. Ainda assim é sobretudo o effeito da luz na amplitude do ceu purissimo que fere a sensibilidade hyperesthetica do observador. Mais tarde, em plena e desolada charneca alemtejana, iremos encontrar a mesma nota idealizante e pantheista, fixada por Fialho de Almeida.

Cruges, no entanto, encostado ao parapeito, olhava a grande planicie de lavoura que se estendia em baixo, rica e bem trabalhada, repartida em quadra-

---

[1] *Os Maias*, vol. I.

dos verdes-claros e verde-escuros.... Tiras brancas de estradas serpeavam pelo meio: aqui e além, n'uma massa de arvoredo, branquejava um casal: e a cada passo, n'aquelle solo onde as aguas abundam, uma fila de pequenos olmos revelava algum fresco ribeiro, correndo e reluzindo entre as hervas. O mar ficava ao fundo, n'uma linha unida, esbatida na tenuidade diffusa da bruma azulada: e por cima arredondava-se um grande azul lustroso como um bello esmalte, tendo apenas, lá no alto, um farraposinho de nevoa, que ficara alli esquecido, e que dormia enovellado e suspenso na luz...

O passeio termina quando, erguendo os olhos, se lhes depara a chapada da Serra, que, desde os Sitiaes, sobe até á cumiada em que assenta a Pena. A impressão é de profundo assombro.

A PENA

No vão do arco, como dentro de uma pesada moldura de pedra, brilhava, á luz rica da tarde, um quadro maravilhoso, de uma composição quasi phantastica, como a illustração de uma bella lenda de cavallaria e de amor. Era no primeiro plano o terreiro, deserto e verdejando, todo salpicado de botões amarellos; ao fundo, o renque cerrado de antigas arvores, com hera nos troncos, fazendo ao longo da grade uma muralha de folhagem reluzente; e emergindo abruptamente d'essa copada linha de bosque assoalhado, subia no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente num relevo nitido sobre o fundo de céu azul claro, o cume airoso da serra, toda côr de violeta escura, coroada pelo Castello da Pena, romantico e solitario no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cupulas brilhando ao sol como se fossem feitas de ouro...

A commoção mais extraordinaria que, acêrca de Cintra, se encontra expressa em todas as literaturas é porventura a que Byron eternizou na *Peregrinação de Child Harold*. Ella attinge até uma excepcional acuidade, graças ao contraste violento em que nos apparece, relativamente aos versos anteriores onde o aspecto de Lisboa e o caracter dos seus habitantes são apresenta-

dos com côres pouco amaveis para nós. O genial poeta confessa-se offuscado pelas maravilhas que o cercam de todos os lados, desde o sopé da montanha ás cumiadas e, num impeto do amargo enthusiasmo, exclama: O' natureza, para que desperdiças os teus thesouros com tal gente?...

Os artistas não são, porem, os unicos que ahi experimentam tão superiores impressões estheticas. Os homens de sciencia affirmam-se igualmente commovidos perante a superior belleza do sitio. Em 1880, por occasião do Congresso de Anthropologia e Archeologia prehistorica, os seus membros fizeram a excursão de Lisboa a Cintra, por Cascaes, e eis como um d'elles refere as impressões ahi recebidas [1]:

Ao meio dia...: partimos de Cascaes para Cintra. Durante muito tempo a estrada sobe sempre, ladeada de tabaibos e piteiras gigantes, através de uma região arida, sêca, quasi nada cultivada. Mas, ao chegar a Cintra, o aspecto do solo muda de todo; reapparece a verdura e, de repente, ergue-se na nossa frente uma elevada montanha, coberta de vegetação deslumbrante, da qual emergem de onde a onde enormes rochedos de granito acinzentado, que o *palacio real da Pena* domina lá do alto.

Percorremos de carruagem os primeiros contrafortes da serra. De caminho, fui eu examinando os blocos de granito que cobrem o solo por toda a parte, tanto mais dignos de estudo quanto é certo serem de origem relativamente recente e pertencerem á epoca terciaria. Á primeira vista dir-se-hia que esta accumulação desordenada de penedos procede de um violento cataclismo; mas não é assim: as formas extravagantes, as varias posições que elles tomam explicam-se simplesmente pela acção dos agentes athmosphericos.

Chegados a meio da encosta, deixamos a carruagem e percorremos a pé uma serie de jardins onde os arbustos e as flores attingem dimensões que eu nunca vira em parte alguma: as hortensias azues e côr de rosa formam verdadeiras moitas; os héliotropos, as fuchsias são do tamanho de arvores. Entramos em seguida no parque real e, durante cêrca de duas horas, e sempre subindo, envolve-nos uma esplendida vegetação. As arvores mais raras crescem com extraordinario vigor. Aqui surgem grupos de *Araucaria imbricata, excelsa e brasiliensis* de porte gigantesco, *Eucalyptus* enormes, pinheiros de todas as especies; alem os *Leucodendrons*, cujas folhas brilham ao sol como se fossem de metal; logo adiante uma verdadeira mata de japoneiras de alguns metros de altura; e, por toda a parte, aguas correndo ou despenhando-se de muito alto, que atravessamos em pontes do mais pittoresco aspecto. As encostas tornam-se ingremes e, antes de chegarmos á Pena, montamos nos burros... para mais commodamente terminarmos a nossa excursão.

---

[1] Cotteau, *Le préhistorique en Europe*, 1880.

Ha pouco tempo ainda, tive occasião de realizar a excursão de Lisboa a Cintra na companhia do illustre musico e dramaturgo allemão Dr. Richard Strauss, durante a serie de concertos de orchestra que dirigiu em Lisboa. E julgo interessante aproximar, da impressão esthetica que encontrei nos *Maias* de Queiroz, a do artista germanico que habita uma grande parte do anno na região dos Alpes bavaros.

Havia chovido no dia anterior e, em Cintra, a vegetação tinha um aspecto viçoso que eu nunca lhe conhecera; para mais, uma absoluta serenidade na atmosphera. Subimos á Pena pelas duas horas da tarde. E, como o Dr. Strauss desde Lisboa não se cansara de ver «um jardim» em cada ponto do trajecto, eu prevenira-o de que ia achar-se mergulhado na mais luxuriante vegetação; que até ahi nada lhe podia dar ideia do que fosse a vegetação da Pena. E, já agora, trancreverei para aqui a descrição que então publiquei acêrca d'esse passeio.

A PENA VISTA DOS LAGOS

Fomos pela estrada do syndicato. O automovel trepava as vertentes da serra como que possuido de sentimentos heroicos; parecia que nos arrebatava da terra aos altos cimos. E a pouco e pouco ia-nos envolvendo a mais densa e variada floresta: todas as especies dos climas temperados e da zona torrida, todas as flores, todas as cambiantes de luz na mais rica das polychromias. E a mais inefavel serenidade penetrava a alma maravilhada do artista, que, de encantamento em encantamento, parecia dobrar ao peso da suprema ventura.

Démos a volta inteira ao parque, contemplámos a extensa planura e o mar, do alto castello, e descemos pelo caminho dos lagos. Quando ahi chegá-

mos, e chegámos já bastante tarde (porque não havia arrancar o grande artista do sitio em que parava para mais uma vez se extasiar), voltou-se elle para nós e disse-nos:

— Hoje é o dia mais feliz de toda a minha vida. Conheço a Italia, a Sicilia, a Grecia, o Egypto, e nunca vi nada, nada que valha a Pena. É a cousa mais bella que tenho visto e só me acompanha um pesar, não ter aqui, ao pé de mim, minha mulher, a minha companheira.

E logo adeante, erguendo a estranha cabeça para o castello:

— Este é o verdadeiro jardim de Klingsor; e lá no alto está o Castello do Santo Graal.

A CAMINHO DO TEJO

Nesta evocação do *Parsifal* de Wagner, Richard Strauss achava-se de facto em perfeita communidade esthetica com esse outro grande artista que foi Eça de Queiroz. O que mais uma vez banalmente demonstra que — *les beaux esprits se rencontrent.*

**O Tejo e Lisboa.** — Ha indubitavelmente tres rios notaveis em Portugal: o Douro, o Mondego e o Tejo. O primeiro reune em si uma longa serie de variados e, por vezes, tremendos panoramas num percurso relativamente curto; desde a sua entrada em Portugal, pela alcantilada garganta que vimos em Miranda, até ao espraiamento idylico do Freixo, Campanhã e Areinho, os aspectos sempre intensos da paisagem succedem-se como no desenro-

lar de uma viagem de sonho. O segundo, em contraste absoluto com esse, desde que entra nas terras do calcareo, só ahi tambem adquire igual, se não maior intensidade na nota que o caracteriza — a de inexcedivel doçura, alliada á graça mais carinhosa. Estes dois rios, pela natureza e dimensões dos seus valles, prestam-se pois admiravelmente á paisagem de arte; ao passo que o Tejo, na parte mais importante do percurso, desde a barra até Santarem, ou talvez ainda mais para cima, parece escapar-lhe pela sua vastidão. O curso pittoresco do Tejo, que tem o seu ponto culminante nas *Portas de Rodam,* termina com a região montanhosa, extremo S. da nossa primeira zona da paisagem. Quem lançar os olhos para a carta geologica do I volume, encontra esse facto justificado no espraiamento formado por terrenos de sedimento mais ou menos antigo, em redor de Thomar e Abrantes. Até ahi, servindo-nos da expressão de um ironista de Lisboa que se ignorava e descrevia o Douro, é o Tejo um *rio de provincia,* e é ahi que passa a ser um *rio de capital* e a dar-nos, quando muito, impressões rapidas, em massa. No Tejo inferior tudo é luz e mancha — o traço não basta para fixar a sua majestade e grandeza.

Vejamos porem as paginas descritivas que d'elle nos tem dado os nossos escritores em varios momentos do dia, desde o romper da aurora até ao pôr do sol:

> Um dia, ao amanhecer..... partiu para Santa Apolonia..... A madrugada rompia. A cidade estava silenciosa, os candieiros apagavam-se. Ás vezes uma carroça passava rolando, abalando a calçada; as ruas pareciam-lhe interminaveis; saloios começavam a chegar montados nos seus burros, com as pernas balouçadas, cobertas de altas botas enlameadas; n'uma ou n'outra rua uma voz aguda já apregoava os jornaes; e os moços dos theatros corriam com o pote da massa, pregando nas esquinas os cartazes.
>
> Quando chegou a Santa Apolonia a claridade do sol alaranjava o ar por detraz dos montes da Outra-Banda; o rio estendia-se, immovel, riscado de correntes de côr de aço sem lustre; e já alguma vela de falua passava, vagarosa e branca [1].

Esta notavel *grisalha,* cuja *lingua nova* já impressionou um subtil espirito [2], dá-nos a impressão, a mancha luminosa de uma madrugada fria no Tejo. Duas pinceladas, duas faixas de um cin-

---

[1] Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro.*
[2] Bruno, *A geração nova.*

zento pallido, horizontaes, e eis o quadro — o rio na sua vastidão completa. E os que empregam outras formas de arte, quando começam pelo pormenor da linha, rapidamente o abandonam, por insufficiencia ou incapacidade expressiva.

O TEJO EM TANCOS

No clarear de uma manhã de setembro que paizagem aquella, vista do alto da montanha!

A barra, o cabo, o oceano; a Arrabida ao sul; ao norte Cintra. O sol rompendo na orla do nascente, em braza, sem vibração de luz a principio, agora jogando as primeiras frechas ás cumiadas de Palmella, ferindo as ondinhas verde-claras do Tejo. A sul, escuro o céo; no remoto occidente, ainda mal desvanecidas as estrellas; na aragem, apenas sentida, o sôpro indizivel e virginal da madrugada; os gallos da aurora soltando a voz crystallina pelos casaes perdidos entre as hortas e pomares. O Jamor, nas voltas sinuosas, denunciando-se no trepido murmurio, atravez da nevoa opalina condensada sobre o valle. Ao altear do sol, refrescando o norte limpido, dezenas e dezenas de moinhos agrupados ou disseminados pelas cristas da serra, girando as suas aspas brancas e produzindo-nos a visão de que se movia toda aquella grandiosa e deslumbrante paizagem. Agora foram-se os moinhos, que tocavam de sabor alpino e agreste o ondulado e maravilhoso quadro. As fabricas deram cabo d'elles e deram-nos peor pão e mais caro [1]!

---

[1] Bulhão Pato, *Memorias* III.

Tanta vida, tamanha vastidão deslumbram e só se sentem movimentos, manchas, côres, luz e sons. Os objectos apontam-se apenas para nos orientarem, mas sem grande valor funccional ou expressivo. Para se abranger o Tejo, o afastamento necessario annulla o pormenor pittoresco.

E se assim é do lado de Lisboa, tambem não deixa de o ser da margem esquerda, e tanto com relação ao rio, como ao quadro que lhe forma a margem.

EM PLENO TEJO

A ondulação suave das linhas, attenuada pela grande distancia focal necessaria para se abranger integralmente o panorama de Lisboa, faz com que, da outra banda, a cidade se *estenda, valha* sobretudo horizontalmente e como massa, que não pelo pittoresco do pormenor em altura. E será talvez por isso que Eça de Queiroz no-la faz ver «aquecendo a sua velhice ao soalheiro, cansada de proesas e mares» [1].

Da ondulosa colina (a Atalaia, em frente de Lisboa) em que se alevanta o santuario, o olhar, correndo sobre os campos, hortejos, vinhas, matto e pinhaes de rama curta, fluctua, embriagado da côr, vindo topar a norte a expansão que o Tejo faz, chamada *mar de palha*, em cujo fundo, além, num recorte de montes, Lisboa desenrola o seu panorama esfumaçado. É uma coisa de sonho romanesco, essa admiravel grisalha da casaria polyedrica, comprimindo-se, tamanha, nos valles e gargantas, trepando ás cavalitas dos outeiros, molhando os pés nos caes, cantando pelas bôccas dos sinos, ou nos meios cansaços da faina, ennovelando a tumultuosa respiração pela guela das empanachadas chaminés!

---

[1] *Contos.*

As primeiras obliquidades do sol, pendendo em cataractas d'oiro para a barra, magia não sei qual toca de apotheose o panorama da cidade e seus contornos, que a propria gente rustica a cada passo lança os olhos, mordida dessa melancolica seducção.

Na agua do rio, azul lavado, com barcos de aza vermelha, e uma facha de espelho reflectindo a casaria dos caes de ponta a ponta, claridades de verão plaqueam lagos, onde gaivotas singram, entre as arripiadas tranças da corrente; limpido o ceu, mui alto, com absurdos d'ideia artezoando a cupula infinita, deixa o espirito offegar á coca de problemas — uma poeira paira, rolando polens, espectralisando a luz, idealizando, recuando, revelando planos, valores, puindo na foz do rio a fornalha solar que incende a barra, e escorre n'agua listrões de oiro sangrento.

Apezar da distancia e das tres leguas de mar que nos separa, a cidade inda assim campeia enorme, e a intumescencia da maré parece que a traz a nós, crescendo da agua, como um panno de fundo no reverso do qual alguem se agita..... para alem d'agua, um silencio magnifico, e como que a espectação hypnotica dum grande sonho de fumista. É esse silencio que, com a luz phantastica do poente, relevando e socovando faces na casaria acavalada pelos montes, parece tornar a cidade maior, a sombra della mais diaphana, e mais estranha a sua poesia evocativa. Com a inclinação do sol, arde em ala o poente, e o corredor da barra é como um grande foco de labaredas escarlates, fulvas, brancas, acharoadas de cereja e rosa e madre-perola, donde se côa, em feixe divergente, um turbilhão de poeira luminosa, que trespassa as formas, e apaga as linhas rigidas, fazendo de tudo quanto doira, silhuetas.

A noite vem, serena, forte e limpida, dos cerros, que os corvos enchem dos seus gritos viris, curvando vôos..... De roda o matto cheira á rezina das plantas veraniças; ondas de mosquitos zumbem de raspão; e o immenso fundo da cidade, do Tejo e das montanhas, passa de vagar por mil cambiantes, emmurchece de côr, sinistrisa-se de fumaradas, laivos, onde fios de vidraças chamejam de sangue e fogo ainda, como feridas [1]. ....

Dir-se-hia um quadro de Turner, como o *Pôr do sol no gran canale de Veneza*, ou *The Fighting temeraire*, qualquer d'elles caracterizado por uma agua tranquilla e vasta sobre que pousa e se reflecte um ceu de fogo, uma fornalha ardente com toda a serie de tons que as chammas possam tomar, em que o quadro envolvente não tem *valor*, ou não existe.

Da outra banda do Tejo prolonga-se ainda por algum tempo a segunda zona esthetica do nosso systema. E, logo em frente de Lisboa, temos o sitio que, para muitos, é o mais pittoresco de

---

[1] Fialho de Almeida, *Á Esquina*.

Portugal — a região de que a Serra da Arrabida é o centro e está comprehendida entre as bacias do Tejo e Sado. Subamos ao ponto mais alto de Almada e olhemos de lá,

.....de onde os olhos se desafogam correndo desde o Castello de Palmella até Nossa Senhora do Cabo. Quadro enorme que abraça todo o cimo ondulado da serra da Arrabida: pomares, vinhedos, vastissimos tratos de pinheiral, que se perdem nos longes das planuras que vão morrer nas faldas da

OLHANDO PARA A OUTRA BANDA

montanha divisoria do Sado e Tejo. O esmalte dos casaes, aldeolas, logarejos, moinhos de vento, campeando de entre massiços de verdura; a ampla bahia do Alfeite, tudo ou no referver ao dia ou no descair da tarde, com as frechas horizontaes do sol ponente, tem variedade, expressão e viveza como em poucas partes se encontram.

A tarde era de verão, serena e calmosa; mas arejada por um mareiro do oceano salgadio e fresco. As copas frias do espadeiro, da talia, do boal, vinhos d'este torrão celebrados já por Gil Vicente e Camões, accendiam até a alma de um velho que lá estava [1].....

Ou então, subamos ao topo da propria serrania, com Oliveira Martins, que nos leva lá e se compraz em ter ahi uma

---

[1] Bulhão Pato, *artigos dispersos*.

visão semelhante á que nos descreveu na esplanada da Estrella:

A nossos pés descem as anfractuosidades da serra vestidas de espessas mattas, as giestas douradas, as bagas carmineas dos medronhos, o rosmaninho, a alfazema, misturando todos os seus aromas inebriantes. Sobranceiros a Palmella, vemos-lhe os muros ameiados; Setubal desenha-se no valle aberto n'um jardim de laranjaes; no fundo quebram-se as ondas contra as rochas do Cabo; e para o lado opposto as collinas da fidalga Azeitão ondulam por sobre o espesso tapete de pinhaes que vae morrer no Tejo. Erguendo a vista, divisamos além do mar a ponta de S. Vicente ao sul; para leste, Evora de um lado, as campinas do Riba-Tejo do outro; para norte Lisboa em amphitheatro sobre a sua bahia; alem d'ella Cintra e os montes da Estremadura cistagana, — a qual até ao Mondego forma a primeira zona estremenha [1]...

NO RIBATEJO

E, com Martins ainda, atravessemos o Tejo um pouco mais acima, em frente de Santarem, e teremos uma ideia completa d'essa formosa zona portuguesa que começou um pouco para lá de Aveiro. Elle mesmo se encarrega de no-la fazer ver:

O litoral do centro, entre o Mondego e o Tejo, é a parte mais benigna do país. O ar temperado pelas brisas do mar..... a flora é variada, reunindo o pinheiro bravo e o manso, a vinha, a oliveira e o carvalho, o trigo, o milho e o centeio. Desde os campos que o Mondego todos os annos fertiliza, por Leiria e Alcobaça vestidas de florestas, pelas veigas do Nabão, chegamos ao Tejo; e, transpondo-o, entramos no seu valle, que é para nós como o Nilo é para o Egypto. N'elle com effeito o campino nos traz á ideia o typo d'essas raças da Africa setentrional, lybios ou mouros..... A cavallo, de pampilho ao hombro,

---

[1] *Historia de Portugal*, I.

grossos sapatos ferrados, gorro vermelho na cabeça, o ribatejano, pastoreando os rebanhos de touros nas campinas humidas e vicejantes, é como um beduino do Nilo. A vasta planicie matizada de povoações e bosques de choupos, de salgueiros e de álamos, contornada ao longe pelas cumiadas das serras, tem o caracter das paizagens do Egypto, ou de Tunis, dominadas pelo esqueleto giganteo do Atlas [1].

A paisagem d'esta região impressiona os estrangeiros em virtude da vegetação que lhe fixa o caracter. «Uma bella e larga

NO RIBATEJO

estrada, ladeada de choupos altos», assim é designada a que seguiram até Mugem os excursionistas do Congresso de Archeologia em 1880 [2].

É sempre o choupo a arvore que mais caracter imprime na paisagem da região.

**Alemtejo.** — Entre a zona mais suave e graciosa e a zona mais alegre e mexida do país, estende-se por uma enorme planicie a mais triste e menos bemfadada de todas, o Alemtejo. Não falo das cidades, nem de algumas villas, poucas na realidade, em que a vida é farta e larga. Falo do geral da provincia e sobretudo das enormes extensões em que só se encontram azinhos, sobros e algumas oliveiras, as estevas de flores tristes e timidas, trigo e

[1] *Loc. cit.* Nesta transcrição tenho em vista apenas a nota da paisagem portuguesa ahi contida, independentemente da analogia de caracter achado por Martins com a paisagem do Nilo, que para mim é absolutamente incomprehensivel. Os que lá foram é que poderão julgar e dizer de sua justiça.

[2] Cotteau, *loc. cit.*

calor africano no verão, enormes enxurradas e, por vezes, neve no inverno, e uma população dispersa, rala. Toda a parte baixa do Alemtejo, emfim. E, como insignificante seja a parte montanhosa da provincia, apenas um pequeno canto no seu extremo norte junto da fronteira espanhola e a linha meridional de serras que, de nascente a poente, a separam do Algarve, pode dizer-se

ARREDORES DE SANTAREM — ESTRADA DE ALMEIRIM

que a monotonia da planura alemtejana domina em toda a nossa terceira zona esthetica.

*Evora e Beja* são cidades dignas da visita dos que se occupam de cousas de arte e archeologia, a primeira principalmente.

A grande cultura vae invadindo a provincia, de norte a sul; a população cresce, lentamente; os meios de transporte e as condições de vida vão melhorando. Mas, em virtude da sua grande extensão e da natureza do seu solo, por vezes apparentemente arido, essa provincia, que necessariamente se ha de converter num celleiro collossal, está por emquanto muito longe da situação a que deve aspirar.

E comtudo o Alemtejo tem um aspecto, uma feição esthetica muito sua e muito interessante que, por uma extrema simplicidade de linhas, escapa á grande maioria. Artistas notaveis demonstraram a sua existencia, indo ahi buscar o thema de commoção

para as suas obras: D. João da Camara e Fialho de Almeida, entre outros. D'essa terra, apparentemente ingrata e cruel, nasce como em qualquer outra o symbolo artistico; ella tem o seu *folklore* regional, não raras vezes penetrado de sentimento doce, posto que melancolico.

Mas, até agora, só sei de almas habituadas á dor que se sintam bem dentro da suggestão esthetica ahi possivel. As almas alegres nada teem que ver em taes sitios. Faltam-lhes as côres, a gente, o bulicio, sons, vivacidade, alegria emfim.

NO ALTO DA SERRA DE S. PAULO

D. João da Camara conheceu muito profundamente a terra alemtejana e a sua vida propria. São exemplo d'isso a sua comedia *Os Velhos* e o drama, ou melhor a estranha tragedia *A Triste Viuvinha*. Elle até na charneca deserta se sentia muito bem:

Sahi de manhã, e o dia todo deixei-me andar perdido por montes e valles, a beber o sol, a ouvir as abelhas, a ver o vôo das pêgas entre as urzes e o rosmaninho, o alecrim e as murtas, e toda aquella verdura, ainda mais alegrada, de espaço a espaço, pelos medronheiros em moita.

Mas a Semana Santa fôra cedo n'aquelle anno, e rainhas da charneca eram então as estevas, todas em flôr ainda. As herdades pareciam um grande mar branco e verde, que um sopro perfumado fazia mover docemente.

Nos sobreiros cantavam os trigueirões, repetindo sempre a mesma cantiga, e uma poupa trinava nas suas duas notas, que se ouvem de tão longe.

Ás vezes as pêgas cortavam-me adeante o caminho, e dois corvos, lá muito alto, passavam crocitando, de viagem.

E nem uma voz humana, nem um signal de homem n'aquella charneca immensa!

Já vinha anoitecendo e eu era longe de casa. Demorei-me a ver desapparecer o sol detraz da serra que divide as aguas do Mira e do Sado.

Aquietavam-se os rumores da charneca. Passaram uns sopros mais frios e as folhas das arvores estremeceram.

Um algarvão passou cantando, e dois noitibós puzeram-se na minha frente a saltitar pelo caminho, dando vôos curtos quando eu me approximava.

N'uma clareira do azinhal o rosmaninho crescia mais denso. Já sobre elle as abelhas haviam deixado de zumbir e, á bocca da noite, com o sereno que o humedecia, embalsamava o ar mais intensamente.

Fugira o sol. As papoulas das estevas começaram a enrolar-se.
Já luziam muito brancas, muito frias, no céo, as primeiras estrellas.
Um rouxinol poz-se a cantar para os lados do rio.
Mas o rouxinol da charneca não canta como o dos salgueiraes do Tejo e do Mondego; é mais triste, menos variado o seu canto [1].

NO ALEMTEJO

Nessas duas peças que citei encontram-se por vezes trechos de um symbolismo profundo. Assim, passando-se ambas ellas em terras de trigo, o moinho converte-se no *leitmotiv* de que todos os outros themas são como que mero desenvolvimento. Nas situações alegres — «que cousas bonitas dizem as cantarinhas!» Na situação tragicamente dolorosa da *Triste Viuvinha,* ella ouve — «Aquelle moinho a uivar, que tristeza!»

Fialho de Almeida, nas paginas que conheço, dá-nos do Alemtejo aspectos de grande aspereza, tragicos. Quer no *Idyllio triste* [2], de que transcrevo em seguida a descrição da região montanhosa da provincia, mas sobretudo nos *Ceifeiros* [3], pagina notavel pela nota de ansiedade crescente que se apossa dos pobres trabalhadores do campo, no tempo da ceifa dos trigos, sob um

---

[1] Estes excerptos pertencem todos á *Patria Portuguesa,* 1906.
[2] In *O País das Uvas.*
[3] In *Á Esquina.*

calor de enlouquecer, torturante, asphyxiante, sente-se a alma do artista revoltada contra um espectaculo cruel, que communica á sua commoção esthetica uma acuidade e vibração excepcionaes.

Descortinado das cristas,..... o panorama era grave, concentrado, austero de rythmo. Uma natureza carnuda, pouco fecunda, brutal de perfil, mostrava as mamellas viris, n'este vasto socego de virgindade dormente que nenhum desejo espicaçava ainda. De roda, valles cobertos de tojo, piorneiras, scillas e troviscos, sem caminhos, sem passaros, sem florações : collinas asperas fazendo uma especie de galope d'ondas, por quarenta leguas de raio, té aos limites do céo, e lá longe, marcando os quarteis generaes das herdades, cazalitos brancos com medas de palha á bocca das arribanas grandes e agudas como obeliscos — lá longe, entre azinheiras nodosas, que tinham o ar de monumentos funebres, contemporaneos dos dolmens.

Grandes sobreiras estacavam por toda a banda, com physionomias lugubres, contorcendo as pernadas n'uma musculatura furiosa e vermelha. A baixo d'estes sinistros colossos, não tinha exuberancias nem mimos a primavera. Humidas penumbras estagnavam á flor da terra : reles camilhas de musgos, fulvas, verde-negras, côr de sangue pisado, cobriam o chão tortuoso, por cujos rasgões rompia a ossatura das rochas, com esqualidezes de hombros furando os andrajos d'um pedinte. Em face, nenhuma nesga de horisonte sequer adivinhada por entre dois cabeços mais brancos. Estevaes por toda a parte, urze pouca... só os medronheiros protestavam com o seu verde vivo, contra as sombrias gammas do matagal. E um silencio ! Por ali não voavam cotovias. Algum passarito do matto, d'estes trepadores cinzentos, ageis, pequeninos, que esvoaçam em espiral nos troncos dos carrascos, receosos da propria palpitação das suas azas, ou o cacarejar traiçoeiro das viboras, cujos sobresaltos guardam o frenesi macabro de pequenos espiritos malfazejos da charneca.

Entretanto o conto termina por uma verdadeira paisagem de alta e calma belleza :

Era em começos de junho. No céo nem a mais leve sombra : profundezas de anil palpitavam n'uma suavidade bonançosa : o sol ia subindo, e apenas o griffo, d'azas abertas, quazi immovel no azul, dir-se-hia uma grande traça roendo o manto de Nossa Senhora. Ainda alguns bois colhiam a dente, com mimo, as herbagens razas do solo.

Eu vivi muito tempo na parte mais inclemente e inhospita do baixo Alemtejo. Mas ainda ahi vi que o homem tem sempre meio de lutar contra a má sorte. *Quem canta, seus males espanta.* O povo tem razão quando assim diz. Num dos meus passeios pela charneca tive, uma vez, ensejo de ouvir a deliciosa canção

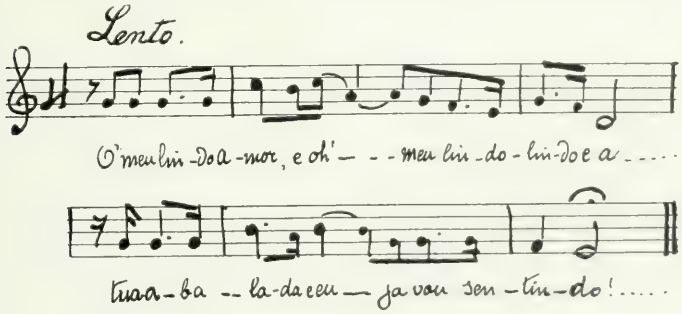
que abaixo transcrevo e que parecia erguer-se das entranhas d'aquella terra infeliz, na mais intima identificação com a natureza, e como que fazendo corpo commum com ella. Julgando que essa era a nota mais sinceramente reveladora da tristeza da região e dos seus habitantes, procurei defini-la no modesto conto, que sou forçado a citar para exemplificação da minha theoria, e pode intitular-se—*A alma da charneca.*

O calor era atroz. Partimos por volta da uma hora da tarde; assim o exigia o serviço. Os cavallos caminhavam resignadamente, meio entorpecidos ou congestionados pelo sol implacavel. Ao longo do caminho uma immobilidade e silencio profundos, só quebrados de onde a onde pelo crepitar dos ramos de esteva, como de lenha mettida ao forno. Aves, cães, homens, todos evitam o sol áquella hora; os proprios insectos parecem reservá-la para a sua sesta diurna.

Sempre a passo e através de uma região monotona, onde não ha fontes, nem pedras, nem cal, nem gente; onde o solo rijo, argiloso, deixa passar as aguas das chuvas sem as reter, em enxurradas collossaes que devastam e não fecundam; onde faltam portanto as alegrias descuidadas e communicativas das terras minhotas, de onde eu ia, e o imprevisto constante do generoso solo granitico. Apenas de quando em quando algumas azinheiras fundindo-se na monotonia envolvente.

E eu ia pensando que nem sempre aquella terra assim fôra, erma, pobre e melancolica. Contam que em tempos passados havia sido rica e alegre; que a agricultura prosperava ahi, graças aos trabalhos da mourama. Vieram depois as guerras; e os mouros abalaram com o seu saber e os seus segredos de fazer cousas. Hoje, a charneca parece absorta, ou esquecida das alegrias festivas d'esses tempos. Como corpo sem alma.

De repente, muito ao longe, por trás de um casal, de um monte, como lá dizem, ergueu-se uma melopeia lenta e suave, verdadeira canção de *steppe,* de um desenho levemente ondulado e de uma harmonia como que horizontal.




As ultimas notas, num esbatimento prolongado e doce, perderam-se quando desciamos para o leito sêco da ribeira. Do lado fronteiro prolongava-se o esteval. Mas esse canto gerado em sitios de desolação acompanhou-nos ainda por

largo tempo. A alma da charneca, alma de moura encantada, infiltrava-nos, em seducções de arte, toda a sua tristeza e saudade das alegrias perdidas.

**Algarve.** — A viagem ao Algarve, que constitue a 4.ª zona do nosso systema, effectua-se hoje de duas formas: a maritima, pelos vapores da carreira de cabotagem entre Lisboa e os portos d'essa provincia extrema; a terrestre, pelo caminho de ferro.

O GUADIANA EM MERTOLA

O *Guadiana.* — Antes de construido o caminho de ferro propriamente do Algarve, o viajante ia só até Beja, no troço alemtejano; ahi tomava a estrada ordinaria até Mertola, assente em amphitheatro, na margem direita do Guadiana, e descia o rio em pequenos vapores, de Pomarão até á Foz. Oliveira Martins, no livro que tenho citado, fala d'essa viagem em termos de quem ainda conserva vivo o horror da impressão recebida. Para elle, na chegada a Villa Real, experimentava-se a sensação «de quem entra de um sertão em um jardim; de quem deixa uma escura gruta por uma luminosa planicie». Ao silencio e impassibilidade

alemtejana, succede o constante movimento, a fala, o cantar de uma população como os gregos das ilhas (*sic*).

Para Bulhão Pato, caçador romantico que nunca teve medo nem a chuvas, nem a sol, nem a *terreno de cabras,* a viagem no pino do verão foi uma delicia que terminou por uma caçada e por uma pescaria no *Pulo do lobo*, queda de agua e limite extremo da navegação do Guadiana. Elle descreve-nos todos esses sitios sob a persistente e enthusiastica commoção de uma alma de artista num corpo tão habituado a bons como a maus tratos [1], e que não pensa em assustar-se com elles.

A viagem por caminho de ferro, ainda que se passasse de dia, nada teria de interessante. Planuras sem incidentes desde Pinhal Novo até Beja, o mesmo de Beja até Garvão. O mesmo solo incaracterisco na subida da montanha divisoria das aguas do Sado e do Mira até ao Valdisca, que se atravessa em tunnel. E a descida até Santa Clara de Saboia, na vertente sul, nem por isso é mais pittoresca. São os cerros que nos descreveu Fialho de Almeida.

A partir do valle do Mira nova subida, a da Serra do Caldeirão por S. Marcos até á Portella dos Termos, de onde definitivamente se desce para o mar. Em Tunes bifurcação: para poente, por Silves até Portimão e, brevemente, até Lagos; para sul até Faro e, logo para nascente, por Faro, Olhão e Tavira, até Villa Real de Santo Antonio, na raia fronteiriça e foz do Guadiana.

Nesta ultima forma, o *touriste* raro poderá experimentar a sensação de contraste que tanto commoveu Oliveira Martins á passagem de uma provincia para outra, no extremo leste do país.

*Monchique.*—Mas tem-na, e muito maior até, se quiser lançar mão dos velhos processos de viajar por montes e valles. Quem de Odemira, encantador oasis á beira do rio Mira e a meio caminho entre o mar e Santa Clara de Saboia, ou ainda d'esta ultima povoação, se metter á terrivel serra da Mesquita e, a cavallo, bem entendido, que não ha outra forma de o fazer, subir em direcção á Foya, cujo solo é o mais português que existe, chega ao alto da serra e experimenta uma das mais extraordinarias e complexas sensações estheticas que podem imaginar-se. Da cumiada

---

[1] *Paisagens*, 1871.

granitica de Foya, e de Monchique, que lhe fica logo por baixo, á sombra de um extenso bosque de castanheiros, olhando para sul, lá do alto de quasi mil metros, abraçará toda a região, cortada de infinitos pormenores de paisagem, que em leque se inclina docemente para o mar num raio de vinte kilometros, e comprehende Portimão, Lagos e outras terras ainda. O panorama maravilhoso apparece-lhe delineado com a nitidez dos climas africanos. E elle dirá, com Martins e outros, que toda a natureza canta, mergulhada numa luz de apotheose, que parece cantar, tambem ella.

MONCHIQUE

Toda a região da serra se presta ao estudo do paisagista, sendo que, ás vezes, o faz desanimar pelos excessos da vegetação, como no valle dos Pisões succede. Esses excessos dão-se tanto na quantidade das plantas como na dureza dos tons, provenientes de um solo fecundissimo e de um clima muito ardente.

Além d'isso, após os granitos encravados em carbonicos do alto da Serra de Monchique, de um e de outro lado da baixa onde assenta a linha ferrea, valle que separa aquella serra da do Caldeirão, diversas faixas de calcareo veem tornar ainda mais rica e variada a vegetação da provincia. E, finalmente, como graças ao seu clima, as arvores das zonas quentes ali possam viver ao ar livre, ao castanheiro, oliveira e amendoeira, ás varias especies das zonas temperadas, aos massiços de figueiras e alfarrobeiras dominantes na região de menor altitude, vem ajuntar-se a palmeira do esparto, para mais caracteristico tornar ainda o *facies* especialissimo da paisagem local.

EM LOULÉ

Conheço poucas canções algarvias e nenhuma d'essas é notavel pelo desenho melodico e muito menos pela profundeza da commoção que encerra. São canções alegres, vivamente rythmadas, por vezes ironicas ou de um impudor brutalmente realista. Tudo porem me leva a crer que esse país, de gente muito mexida e cantadeira, onde tudo canta e ri espontaneamente, não precisa de canções mais dramaticas do que

Ti'Annica, ti'Annica,
Ti'Annica de Loulé,
A quem deixaria ella
A barra do cachiné?

Gente feliz, não ha duvida.

É para notar que o Algarve não seja para nós um centro de attracção, que não o visitemos como deviamos, não o aproveitemos no sentido do clima excepcionalmente regular e sêco do seus invernos encantadores, das excellentes condições de alguns dos seus portos — Lagos, por exemplo; finalmente, da sua paisagem, que só agora começa a ser explorada pelos artistas pintores. Nas duas serras que a limitam a norte, essa provincia offerece largo campo de estudo e observação pictural.

A LUZ NO ALGARVE

Mas consignando o facto e em virtude d'elle mesmo, é que tambem lamento o pouco conhecimento que os nossos escritores tiveram d'essa terra, para nos poderem dizer o que ella lhes fez sentir. Sobretudo o que eu desejo obter é a impressão do escritor que não nasceu ahi e que, vindo de fora da provincia, está por isso mesmo disposto para receber impressões muito mais intensas do que as gentes da terra, indifferentes ao que vêem todos os dias. Conta-se que Flaubert, esse grande artista tão sensivel á forma, tendo nascido e vivido em Rouen, a maravilhosa cidade gothica, só muito tarde, e por a isso o levarem, é que começou a perceber o valor dos excepcionaes thesouros de arte ahi accumulados.

MONCHIQUE — O PARAISO

Para os da terra, as obras de arte passam despercebidas, a commoção esthetica não chega a produzir-se. Por isso recorro novamente a Bulhão Pato, que assim nos descreve *Uma alvorada no Algarve:*

As estrellas no Algarve parecem maiores do que nas outras provincias de Portugal. O azul do firmamento é, como o do mar Mediterraneo e do ceo da Italia, quasi azul ferrete.

Fim de agosto. Aragem branda e tépida. As figueiras nodosas, de folhas verde-negras, avergam os ramos para o chão aplanado pela mão solicita do lavrador, ramos carregados de figo pincre, quer dizer, propicio para se apanhar e dispol-o nos almanchares — esteiras onde se passam os frutos.

A abundancia e variedade dos figos é enorme; todos deliciosos no aroma e no sabor.

As felosas, verde-oiro, atravessaram o mar acudindo ás agudes — formigas grandes com azas — e aos figos. Assim que assomam os primeiros alvores no horisonte, revoam aos milhares pelos braços do figueiral.

A gula sae-lhes cara, que os rapazitos já lhes teem armado as esparrellas onde caem aos centos.

Quando o sol descobre, os pequenos lá vão n'um vozear triumphal, devorando figos e celebrando a victoria.

É a vida descuidada e alegre, em plena natureza, sem a menor preoccupação dolorosa, na absoluta confiança paradisiaca!

E terminando aqui a minha longa jornada, embora mais tarde deva referir-me ás especiaes condições climatericas da provincia, principalmente das suas praias, e olhando para trás, para o caminho percorrido que me apparece docemente illuminado neste entardecer em que escrevo, lembro-me das palavras com que Eça de Queiroz fecha *A Illustre Casa de Ramires:*

«E Padre Sueiro... recolheu á Torre vagarosamente, no silencio e doçura da tarde, rezando as suas Ave-Marias, e pedindo a paz de Deus para todos os homens, para campos e casaes adormecidos, e para a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amoravel, que sempre bemdita fosse entre as terras».

ANTONIO ARROYO.

# O POVO PORTUGUÊS

Desde o velho chronista, para quem o povo português era, «de seu natural, terno e amavioso», até Eça de Queiroz, que na *Illustre Casa de Ramires* formulou, quanto a mim, a expressão perfeita da mais elevada porção da *gens* portuguesa, muitos escritores teem procurado definir-lhe a indole e todos os portugueses teem, a tal respeito, emittido opiniões decisivas.

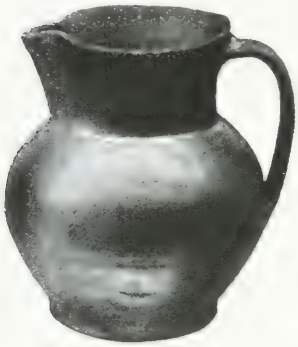
Como, porem, nenhum homem illustre resista á critica do seu criado de quarto e como, vistos de perto, todos os seres humanos nos surprehendam mais pelos defeitos que teem e nos incommodam, do que pelas suas qualidades superiores, muitas vezes incapazes de nos impressionarem immediatamente, certo é que, na maioria dos casos, essas apreciações reflectem apenas a resultante do sentimento pessoal do escritor e das acções sobre elle exercidas pelo meio, e raro a impressão de um juizo critico assente em dados scientificamente determinados.

Ferraz de Macedo (1845–1907) [1], procurando definir o *typo normal português* que pudesse servir de base á remodelação da nossa legislação criminal, produziu um trabalho de synthese so-

---

[1] *Bosquejos de Anthropologia criminal*, 1900.

bremaneira precipitado, generalizou sobre bases que não comportavam uma tal extensão e deixou de ver factos que, em parte, inutilizavam a sua obra. Elle julga demonstravel a opinião de estar o português em periodo regressivo. E assenta esta affirmativa na alteração que, em virtude de cruzamentos effectuados em cinco seculos de communicações maritimas, soffreu a *physiologia correcta* do povo que combatia e vencia os romanos e que levava a cabo as viagens e gloriosas façanhas do seculo XV. Em seu entender, a valentia, sobriedade e energia dos primitivos portugueses achar-se-hiam hoje enfraquecidas pela mistura com outras raças.



O CANJIRÃO DE CHAVES

Para Ferraz de Macedo o português é dotado de uma *genesia violenta e proliferante,* acompanhada de solicitações alcoolicas accidentaes (*sic*), que lhe esgotam os orgãos visceraes, thoracicos, medullares e encephalicos; o português gosta pronunciadamente de anecdotas de fundo erotico; é muito intelligente, mas tem pouca iniciativa individual, tenacidade e persistencia; instavel na observação e pesquisa como na opinião formulada, mas imitador primoroso; é um impulsivo bom, fatalista e resignado com a pobreza, incauto e imprevidente, aggressivo na controversia (por ignorante), brioso, franco e leal, poucas vezes poltrão ou traiçoeiro; amante das suas tradições gloriosas, dotado de patriotismo vibrante, que muitos confundem com a jactancia dos soberbos e dos altaneiros desvanecidos.

Esta synthese, em parte applicavel a todo o povo português, afigura-se-me tambem em parte influenciada pelo modo de ser de certas camadas inferiores da agglomeração lisbonense, aliás pouco numerosas. Devemos lembrar-nos que Ferraz de Macedo foi um perseguido, que a imprensa o contrariou nos seus trabalhos anthropometricos, que até quis impedi-los, factos estes que o predisporiam contra o meio em que viveu. D'ahi viria o exagero na generalização de certos modos de ser inferiores, lançando-os á conta do país inteiro.

Eu vejo o povo português como tendo estacionado e não como tendo regressado; elle apparece-me hoje como o fôra nas duas epocas gloriosas citadas por Ferraz de Macedo.

Após as ultimas campanhas de Africa, quando perguntava aos officiaes como se conduzira o nosso soldado, elles respondiam-me sem discordancia: «aqui na mão, sempre fiel, docil e caminhando para a frente». Devo dizer comtudo que a confiança nos chefes, que taes factos denunciam no soldado português, tem a sua razão de existencia na forma por que o nosso official, contrariamente ao que noutras nações acontece, se conduz em campanha. Desde que se entra no sertão, a vida das tropas é uma só para chefes e praças de *pret;* um só o rancho e, quando se chega a uma nascente de agua, maxima consolação nos climas tropicaes, bebe-se por ordem hierarchica, mas de baixo para cima.

Factos identicos se deram com a *Légion portugaise* que, de 1807 a 1813, fez parte dos exercitos de Napoleão e se bateu na Allemanha e na Russia. Mr. P. Boppe [1], lançando mão apenas de documentos autenticos e officiaes existentes em França, demonstra que os nossos se houveram como verdadeiras tropas *d'élite*, com valentia e coragem brilhantes. Assim succedeu em Wagram e Smolensko, onde os batalhões portugueses se cobriram de gloria. Na funesta e inevitavel retirada da Russia, os nossos soldados e officiaes souberam morrer como as melhores tropas francesas. E a indisciplina que então se observara entre os soldados portugueses, em tempo de guarnição que nunca em campanha, só deve ser attribuida á bondade e fraqueza de certos chefes; quando estes se chamavam Gomes Freire, Sarmento e Candido Xavier, e ainda Pacheco, o alferes assassinado por um miseravel que todavia soube morrer com coragem, a disciplina era completa. Alem de que nunca o bom humor desamparou os nossos conterraneos, nunca a guitarra e a canção portuguesa deixaram de se ouvir nos intervallos tranquillos d'esses agitados seis annos.

Na *Introducção geographica*, ao volume I d'este livro, o Dr. Silva Telles, quando trata dos *Movimentos da população portuguesa,* affirma o seguinte: «É importante a nossa natalidade media. Encontramo-nos porem a meia escala no ponto de vista da mor-

---

[1] *Légion portugaise* (1807-1813), par le commandant P. Boppe, 1897.

talidade e a nossa emigração masculina é consideravel. Pois, apesar d'estas razões, a percentagem de crescimento é superior á das principaes nações latinas. Se analysassemos a mortalidade por idades, a conclusão a que chegariamos seria a confirmação do que temos dito. *A população portuguesa é vigorosa, mas faltam-lhe neste momento instituições sociaes que favoreçam o seu crescimento*».

DA SERRA DA ESTRELLA

O proprio gosto pelas anecdotas eroticas que aponta Ferraz de Macedo não denuncia o estacionamento da vida portuguesa em pleno seculo XVI, quando ainda em França eram moda na côrte da rainha de Navarra, como na Florença do seculo XV e de Boccacio o haviam sido tambem?...

E este estacionamento parece concordar ainda com uma outra face do caracter português, que se encontra em Ferraz de Macedo e que causas historicas explicarão.

O povo português, segundo o nosso anthropologista, não tem typo physionomico, nem dynamico determinado; cada individuo é uma singularidade; costumes, habitos, aspirações, indoles, vicios, virtudes, são variadissimas nas collectividades e teem multiplas origens ethnicas (*sic*). Não deverá comtudo entre nós attribuir-se esse estado, que de resto é commum a todos os povos civilizados como o proprio Macedo reconhece, de preferencia á crise de 1580–1640, ao dominio absorvente durante tres seculos da inquisição, do jesuitismo e de todas as outras milicias catholicas, que nos impediram de progredir, e finalmente á anarchia romantica que,

desde 1834, nos invadiu e não se preoccupou com a educação civica do nosso povo?...

A falta de *imaginativa constructiva,* usando da formula de José Sampaio (Bruno) num dos seus livros, não se resumirá em grande parte na falta de educação, a originalidade correspondendo a um novo ou maior agrupamento de factos ou elementos? Ou terá de ser attribuida a simplicidade e pureza ethnologica, que, contra a opinião de Macedo, parece hoje acceite por todos sem discrepancia, á elevada percentagem de dolicocephalia na nação portuguesa, gente poetica e musical, mas não criadora de organismos e symbolos plasticos, como alguns querem?

POTE DE VILLAR DE NANTES (CHAVES)

Facto é que a nossa simpleza intellectual vae desde o criado de servir que executa bem uma primeira ordem e mal uma segunda, quando ambas lhe forem dadas ao mesmo tempo, até ás pessoas que se teem por cultas, mas a quem repugnam os aspectos complexos e só pedem narrações curtas, em poucas palavras, feitas de uma maneira succinta, schematica, com prejuizo dos factos e da sua relacionação com outros, a que muitas vezes os prendem as mais intimas affinidades.

Para explicar os factos de *ordem criminal* Ferraz de Macedo recorre a influencias mesologicas — excesso de tolerancia, invocadas pelos tratadistas especiaes, neste momento tambem.

O Sr. Dr. Alfredo Luis Lopes, no seu *Estudo estatistico da criminalidade em Portugal nos annos de 1891 a 1895* [1], nota que, parallelamente ao que succede em quasi todos os outros paises, se deu entre nós no referido periodo uma notavel diminuição dos grandes crimes, e um tambem notavel aumento de crimes

[1] Lisboa, 1897

menores, com um abaixamento sensivel da idade dos criminosos. Evidentemente estes resultados carecem de ser verificados e confirmados para grupos de annos posteriores e isso tanto mais quanto devemos reflectir em que esse periodo de 1891 a 1895 corresponde a uma epoca agitadissima entre nós, a uma dupla crise economica e social. Entretanto d'ahi devemos tambem concluir pelo aggravamento, tornado mais sensivel numa tal epoca, da nossa falta de instituições educativas destinadas propriamente ao povo.

A estatistica comparada dá a Portugal a seguinte situação na escala do crime de homicidio, considerado dentro do periodo de um anno e em relação a cada 100:000 habitantes [1]:

Segundo uns, o homicidio nos Estados Unidos da America, está para a Espanha, Italia, Austria e França, nas relações de 2, 4, 5 e 9 respectivamente, e de 20 para a Inglaterra, Escocia e Allemanha. Neste caso, a Portugal corresponderia a relação de 7, entre a Austria e a França; isto é, nós teriamos uma percentagem sete vezes menor do que os Estados Unidos.

Segundo outros, por anno e por cada 100:000 habitantes, correspondiam: 8,05 crimes de homicidio na Italia; 4,5 em Espanha; 2,16 na Austria; 1,9 na Belgica; 1,46 na França; 0,9 na Irlanda; 0,85 na Allemanha; 0,61 na Escocia; 0,4 na Inglaterra. Neste caso Portugal estaria entre a Espanha e a Austria.

É para notar a opinião que, acêrca do nosso povo, formúla um diplomata allemão que, em 1843, isto é, numa das epocas mais agitadas da Europa central no seculo passado, visitou Portugal em missão de estudo artistico; refiro-me ao conhecido Conde de Raczynski [2]. «Geralmente falando, eu não receio dizer que o país é pouco conhecido... Byron, no seu *Childe Harold,* chama aos portugueses «os ultimos dos ultimos». Os proprios homens de Estado em Portugal deploram com lagrimas nos olhos a desmoralização do povo... Quanto a mim, direi que, tendo estudado os portugueses, os considero um povo intelligente, laborioso, moderado, de caracter bom, doce e alegre. São faceis de governar;

[1] Estes dados encontram-se no referido *Estudo* do Dr. Lopes e no relatorio que precede as propostas de fazenda do Conselheiro Ressano Garcia, em 1897.

[2] *Les Arts en Portugal,* 28e lettre.

amantes da religião apesar dos muitos padres que teem; amantes do throno apesar de tantos ministros que se succederam em tão pouco tempo, etc.».

Esta opinião e os dados estatisticos que a precedem confirmam, na sua summula, as affirmações que anteriormente temos exposto e que nos levam á conclusão final de que ás classes dirigentes, ás que deviam dar o exemplo que o povo, sempre imitador, seria levado a imitar, é que deve ser attribuido o estado de atraso das nossas massas populares. Com bons chefes, dirigido pelos grandes caracteres da nossa historia, o povo português foi sempre grande.

A BILHA DE THOMAR

De mais, nos movimentos de maior effervescencia politica, o nosso povo apparece-nos penetrado de um sentimento de justiça e de uma moderação dignos de serem admirados. Basta recordar como se effectuou a transição da dynastia afonsina para a joanina e o movimento de 1640; como decorreu a epoca das guerras liberaes e das suas consequencias mais proximas. O civismo do povo português tem-se ultimamente affirmado com mais intensidade, por exemplo, na recepção dos varios congressos, já no de archeologia em 1880 e recentemente no de medicina e no telegrapho-postal; por toda a parte os sabios estrangeiros são acolhidos com singular deferencia e attenções de todo o genero. Mas acima de todas essas, devemos citar a recepção feita em 1905 a Mr. Loubet, presidente da Republica Francesa. «Toda Lisboa estava na rua, diz um visitante estrangeiro, e não exagero avaliando a multidão em mais de 400:000 pessoas, das quaes 100:000 das provincias. Todos manifestaram o seu enthusiasmo, mas em attitude digna, sem atropelamentos, sem grosseria» [1].

Note-se que esta impressão contrasta de um modo notavel com a que o mesmo autor havia recebido em Madrid, dias antes. E, apesar d'isso, já muito poucos em Portugal a conservam na memoria.

---

[1] Jean Bernard, *La vie de Paris*, 1905.

Os aspectos geraes do povo, como succede em todas as nações, apresentam-se evidentemente alterados em proporções ao longo do país, conforme as condições naturaes das diversas regiões. Entretanto pouco é o que, nesta ordem de ideias, se pode affirmar hoje de uma forma categorica e documentada.

DA SERRA DA ESTRELLA

Oliveira Martins, na sua *Historia de Portugal,* vol. I, quis dar-nos um quadro distributivo do caracter do povo português, definindo com precisão as suas alterações sob a influencia do solo, altitude, clima, vegetação e densidade da população. Fê-lo porem de uma maneira incompleta, deixando-se ainda influenciar pelos regionalismos, conforme lhe eram ou não sympathicos.

O *minhoto,* para elle, é paciente, laborioso, tenaz, persistente e ingenuo, mas obtuso, destituido de elevação de espirito; é um ser preso á terra, como um enxame de formigas que a sugam. O clima humido, variavel, a vegetação rasteira, a fertilidade da terra e o vinho *acido* que ella produz, explicam o seu caracter, identificado finalmente ao dos bretões e flamengos!

O *trasmontano,* vivo, agil e robusto; espirito elevado, concordante com a fixidez e nobreza da paisagem local.

O *beirão occidental,* menos vivo que o trasmontano, mas robusto, herculeo, de face animal. É o representante dos antigos bandidos da região, «anachronico representante de uma independencia de outra idade».

O *alemtejano* do *norte,* vivendo num solo e vegetação semelhante ao trasmontano, tem o olhar vivo, gesto livre, porte nobre e seguro; é brioso, folgazão, hospitaleiro e communicativo.

O *alemtejano* do *sul* deixa-se influenciar pela paisagem solemne, o *occidental* pelas emanações pantanosas que o convertem numa população enfermiça, miseravel.

O *algarvio,* sol africano, primavera constante, é um andaluz, ou um grego do Archipelago. Vivo, falador, cantador, um agitado constante, de uma agitação infantil, encantadora.

Martins, que nesta *classificação* adoptou *em parte* as sentenças populares, formuladas nos apódos reveladores das hostilidades provinciaes, esqueceu-se comtudo de caracterizar outras regiões do país; não se refere a alguns typos acêrca dos quaes o povo formulou de ha muito a expressão synthetica, e que porventura lhe deveriam merecer especial attenção.

Refiro-me em primeiro logar aos dois typos populares que mais influencia tiveram e teem na nossa vida nacional: o *lisboeta,* a quem o homem do Porto chama *alfacinha,* e o *tripeiro;* nem tão pouco se occupa do *saloio,* que é porventura o que o povo melhor caracteriza, ao *braguez,* etc., etc.

Ramalho Ortigão faz-nos um interessante parallelo do *minhoto* e do *transmontano:*

A gente é affavel, hospitaleira, carinhosa, e a mais pacifica do mundo. Um bacharel meu amigo, que exerceu aqui (em Vianna do Castello), durante um anno, o logar de substituto do delegado do Ministerio Publico, contou-me que no anno em que elle serviu se não fizeram audiencias, porque não houve crimes na comarca.

«É o povo de Vianna — diz Frei Luis de Sousa na *Vida do Arcebispo* — dotado de um particular zelo do bem da sua republica: e no que toca ao commum, ainda que uns com outros andem desavindos, logo são unidos e conformes: e onde sentem ser necessario sabem não perdoar diligencia, nem trabalho, nem despesa». A seguir, por meio de uma frase bem feita, o biographo do arcebispo dá a entender que os de Vianna são desconfiados: *Acautelam-se,* diz elle, *sem o darem a entender.*

Emquanto a *desconfiados,* devem sel-o os viannenses, como todos os minhotos. É esse o defeito caracteristico que mais os distingue dos seus vizinhos trasmontanos. Quem bate a uma porta no Minho tem a certeza de ouvir, noventa vezes sobre cem, as seguintes perguntas: — *Quem está ahi?... quem é o senhor? quem procura?... que lhe quer?...* Quem bate a uma porta em Tráz os Montes tem iguaes probabilidades de ouvir uma unica resposta: — *Entre quem é.* O minhoto é humilde, resignado, soffredor; por isso, timorato e precavido. O transmontano é resistente e arrebatado; por isso, é aberto

e decisivo. Cada um tem os defeitos das suas virtudes e as boas qualidades dos seus defeitos [1].

D. Antonio da Costa merece tambem citar-se quando se refere ás povoações do Minho, e especialmente á mulher minhota.

Depois de no-la descrever nas suas festas, nas feiras, nas esfolhadas, cantando ao desafio, ataviada com todas as riquezas

MULHERES DE VIANNA DO CASTELLO

de *os seus ouros* e todo o pittoresco dos seus trajes [2], passa a estudá-la como *utilidade*. Porque, diz, «n'esta provincia, ao contrario do que em toda a parte succede, a mulher é que toma verdadeiramente o logar do homem e o homem não passa de accessorio».

---

[1] *As Farpas*, vol. I. Igualmente a citação de pag. 84.

[2] No ultimo fasciculo da *Portugalia* (tomo II, fasc. 4) vem publicado um largo estudo sobre *As Filigrannas*, pelo Sr. Rocha Peixoto, do qual nos foi cedido graciosamente o *croquis* aqui inserto.

No Minho, poderá ainda o trabalho das artes e officios pertencer ao homem. Os campos pertencem á mulher.

Os homens lá emigram para o Brasil, Alemtejo, Lisboa, Porto, Hespanha [1]; á minhota, quasi exclusivamente, é que está incumbido o trabalho da provincia... As proprias crianças são já criadas desde a mais tenra idade para a lida que as espera... Assim é que se vae educando aquella incomparavel mulher do nosso Minho.

Alem de commover o espectaculo de a vermos nos campos, não commove menos o encontrarmo-la pelas estradas, duplicando a sua actividade e o seu ganho, pois que sendo já um trabalho a conducção dos carros, a transportação de instrumentos agrarios, a carregação á cabeça de fardos pesadissimos, vae conjuntamente fiando ou cosendo para não perder o tempo...

Não menos impressiona o vê-las nos mercados, todas senhoras da sua missão, activas, conversando com seriedade e acerto, como quem possue o conhecimento da vida e a experiencia dos negocios...

Notemos como é que, sendo Oliveira Martins mais economista do que historiador e artista, este aspecto da vida minhota lhe pôde escapar, e sobretudo que elle não se refira ao facto da mulher minhota ser geralmente mais robusta do que o homem da região. Quanto a mim, o exemplo que cita D. Antonio da Costa impõe-se ao estudo de todos os que se interessam pelo futuro de Portugal. De facto, dentro da nossa sociedade, a minhota é por emquanto a unica mulher que conseguiu igualar-se ao homem.

POTE DAS CALDAS DA RAINHA

Num delicioso paradoxo, que em seguida transcrevo, Ramalho Ortigão symboliza-nos o estremenho das Caldas da Rainha, o habitante da nossa segunda zona de paisagem, em que a doçura da atmosphera e da terra parecem effectivamente influenciar a formação do caracter regional de uma maneira inilludivel, como de resto succede na região do litoral minhoto. Adeante veremos a confirmação pela estatistica.

---

[1] É nos districtos de Braga e Vianna do Castello que a relação do numero de mulheres para o dos homens é maior, 121,1 no primeiro, 128,4 no segundo districto.

Detalhe que seria iniquo omittir: na cadeia das Caldas ha apenas dois presos. Affirmam-me que são sempre os mesmos: dois honestos e assiduos funccionarios, devidamente gratificados para fingir de criminosos e se conservarem ás grades do carcere, com o fim de fazer ver aos povos que os ferros de El-Rei se não fizeram para as moscas, e que — ainda ha juizes... nas Caldas. Quando algum d'estes cavalheiros pede licença para se ausentar por alguns dias da masmorra, deixa um amigo incumbido de o substituir no seu cargo. Se não se tomassem tão serias e rigorosas medidas, a cadeia passaria, segundo todas as probabilidades, pelo desgosto de ficar deshabitada, tal é a pertinaz velhacaria com que os scelerados aqui se recusam á obsequiosa perpetração de qualquer especie de crime!

CAMPINOS DO RIBATEJO

Esta região de paisagem baixa e doce prolonga-se ainda para alem do Tejo. A população *ribatejana* impressiona comtudo de uma maneira *sui generis* o observador-artista.

O fallecido archeologo de Gand, Adolf de Ceuleneer, que esteve em Portugal por occasião da sessão lisbonense do Congresso Internacional de Anthropologia e Archeologia Prehistoricas (1880), a proposito da excursão a Mugem, refere-se [1] ao cortejo que

[1] *Bulletin de l'Académie d'Archéologie de Belgique*, 2ème partie, XIII, Anvers 1882.

acompanhou os excursionistas desde a ponte de Santarem até ao logar das escavações, e acêrca dos cavalleiros ribatejanos com seus pampilhos na mão, á laia de lança, acrescenta:

Examinando esta população robusta e tão seductoramente original de aspecto, reconhecemos que todos quantos haviam tratado o povo português de raça degenerada e abastardada o conheciam apenas por um exame superficial de qualquer cidade importante, e que jamais haviam percorrido o campo português. Julgaram Portugal de leve, da mesma maneira que em tempos idos Edmond About falou da Grecia, num pamphleto tristemente celebre.

Fialho de Almeida descreve-nos, numa soberba pagina, a vida d'essa bella região do Tejo em Vallada, onde o homem é, a um tempo, lavrador, pastor de grandes rebanhos e marinheiro [1]:

Emfim, a barca. Oh Deus, como é bonito! e como eu gostaria de ser um barqueiro sardento, herculeo, ruivo-oiro-poente assim descalço, especie de girasol lacustre de alguma heroica flora acorrentada ás mythologias da infancia d'este rio! Ter uma barca assim em pão de bico, nos polos revirada como as gondolas, chata de fundo, o almagre da vela á luz morrente, e toda a vida cantando, rio abaixo, a ballada de Ophelia, com o pampilho ribatejano, que na terra guia o touro — na agua servindo de remo, haste da vida, movida sob a stria de aço do meu musculo! Leziria plena e rio pleno, agua e verdura, salgueiros por toda a parte — bemaventurados os que choram! — mergulhando os cabellos verdes na corrente.

Lentamente, a barca vem acostando a margem do portinho...

Toda a campina que atravessamos é na realidade uma positiva maravilha, e tem-se a turgente sensação d'um vale do Nilo, d'uma terra da promissão vascular, pondo á bocca do homem a teta da abundancia, como a dizer-lhe, bebe! De todas as partes folhas de ceara vão té aos engastes do ceu, n'um raio extensissimo, e em marés incessantes de verdura, tendo por espuma espigas bemfazejas. Nas pastagens tufantes, cuja erva gorda impa chorume, manadas de cavallos e bois correm á solta, sob as pedradas e a lança do gaúcho local, de calção azul e sapato d'espora, matacões e barrete verde ou rubro, plantado esculturalmente n'uma sella mourisca, com seu xairel de pelle de cabra. Tocam chocalhos, os grandes cães rabões ladram ás rezes, e o grito em *ói!* dos maioraes, muito alongado, põe na charneca o quer que seja de um queixume guttural, sem patria, monossyllabado da primeira lingua do universo.

---

[1] In *Gatos*, n.º 27, de 4 de julho de 1891. Aproximar d'esta apreciação a que transcrevemos, de O. Martins, no anterior estudo, concernente a esta mesma região ribatejana.

Onde a onde, casas, raro arvoredo, a não ser na margem dos rios e das rigueiras, e doçuras de ceu, climas benignos, monotonias de luz á flor do trigo-verde, verde.—De sorte que o verdadeiro habitante e suzerano d'esta zona, não é talvez o homem, mas o cavallo e o boi selvagem, elle quem manda e decreta a civilização das populações que lhe interrompem o deserto, quem faz o caracter do homem...

Até hoje, os unicos factos da vida social portuguesa que as estatisticas definem de uma maneira assaz precisa são os referentes á distribuição do crime e da expansão migratoria das varias zonas. Depois que o Banco de Portugal reuniu em si o movimento economico e financeiro do país, deve elle ter estatisticas que nos elucidem sobre as respectivas questões. Mas essas não são do dominio publico, não são conhecidas.

DA SERRA DA ESTRELLA

Conforme nos ensina o citado *Estudo* do Dr. Alfredo Lopes, os peores districtos, quanto á natalidade dos criminosos, são nos homens: Bragança, Evora, Beja, Braga e Lisboa; nas mulheres: Bragança, Aveiro, Villa Real, Braga e Porto. Os melhores, nos homens: Vianna, Leiria, Coimbra e Villa Real; nas mulheres: Santarem, Leiria, Faro e Portalegre.

A distribuição do homicidio faz-se em ordem descendente na seguinte serie: Bragança, Beja, Evora, Viseu, Villa Real, Guarda.

De uma maneira geral, pode dizer-se que, áparte as grandes agglomerações de Lisboa e Porto, onde naturalmente o terreno a isso se presta mais do que qualquer outro ponto do país, é nas zonas altas e asperas que o crime violento apparece mais frequentemente. Nas zonas baixas e doces é elle muito mais raro. Correlativamente, nas zonas altas habita o português de raça mais

pura e forte; nas zonas baixas o português influenciado pelas migrações de via maritima.

Um dos factos estatisticos que, ha annos ainda, diziam corroborar a affirmação de Martins acêrca do minhoto, provinha das nossas emigrações e suas proveniencias provinciaes. Passava em julgado que só o minhoto é que devia emigrar, e que de facto mais emigrava, porque lhe faltavam as qualidades moraes de nobreza e distincção de caracter que tornam o homem incompativel com certos mesteres inferiores. Que o minhoto a tudo se sujeita. E assim se explicava tambem o desprestigio que sobre o nome de português pesa em alguns paises estrangeiros.

Entretanto, a estatistica revela que, desde 1866, a emigração se foi estendendo aos districtos de Villa Real, Aveiro, Viseu, Lisboa, e mais recentemente aos de Coimbra, Bragança e Guarda, sem falar nos das ilhas dos Açores, onde a emigração é um facto constante desde muito tempo. Note-se que districtos ha em que a emigração é insignificante: Castello Branco, Santarem, Portalegre, Evora, Beja e Faro [1].

O que, a meu ver, estas opiniões demonstram, entre outras cousas, e apesar da gloria que Portugal não pode deixar de ter como colonizadora do Brasil, é que as condições em que se faz essa colonização ou emigração não satisfazem ás necessidades sociaes hodiernas. Os nossos Governos teem, fatalmente, de preparar o colono para um estado superior das regiões aonde elle se dirige; as escolas de colonização, as de expansão commercial e mercantil devem ser organizadas neste sentido. O português é de seu natural aventureiro e confiante; emigra de qualquer forma: só, com mulher e filhos, para onde lhe indiquem as pessoas que elle respeita. Da parte d'estas está tambem o dever de o esclarecer e preparar para o seu novo destino.

Á caracterização differencial tão definida, embora incompleta, que Oliveira Martins algo fantasiosamente via nas nossas varias provincias, devo eu ainda oppor a minha experiencia de annos, em contacto com as populações de quasi todo o país, tendo de aproveitar a sua actividade productora no sentido de obter o

---

[1] Ver o quadro XXXIV do relatorio do Conselheiro Ressano Garcia, atrás citado.

maior trabalho possivel, em agrupamentos que exigiam a imposição de uma forte disciplina, num genero de producção por assim dizer sempre a mesma por toda a parte, e portanto nas melhores condições para apreciar as differenças que pudesse haver de terra para terra.

Exerci a minha profissão de engenheiro civil fazendo estudos de campo e construcções em varias provincias do país: — no alto Minho e na sua região mais baixa, no Douro, na Beira Alta e na Beira Baixa, nos campos do Mondego, no baixo Alemtejo, etc. Em todas essas terras encontrei o mesmo fundo de caracter no povo português: a docilidade, a bondade, grande poder de trabalho, alegria, resignação, lealdade e sobriedade. As differenças de uma para outra região não me parece que affectassem esse fundo: eram superficiaes, ou affectavam apenas um certo numero de sentimentos muito geraes, revelando-se ainda nas maneiras exteriores. Alem d'isso, achei sempre uma grande malleabilidade de adaptação em todo o homem português, com excepção do habitante do baixo Alemtejo; o que attribuo ao excessivo e prolongado isolamento em que este vive do resto do país, á minima densidade da população local, menos de dezaseis habitantes por kilometro quadrado, excepção de facto muito notavel em toda a parte; e finalmente á excepcional dureza da vida regional e á inferior capacidade do solo na adaptação ás varias culturas, que o torna, por isso mesmo, menos apto á colonização por gentes vindas das outras provincias.

Nessas construcções e estudos em que andei, ouvi muitas vezes a opinião de estrangeiros, acêrca do nosso trabalhador, confirmar o que deixo dito.

Elle revela porem uma inferioridade a que não vejo alludir entre nós e que carece de ser seriamente estudada e corrigida. Porque se o nosso operario é um imitador precioso, como affirma com razão Ferraz de Macedo, não devemos comtudo deixar de lhe notar uma lentidão inconsciente da qual, apesar do grande poder de trabalho que acima apontei, resulta necessariamente uma producção muito limitada em quantidade e um preço de mão de obra muito elevado.

Será isto, porem, um facto incorrigivel?

Penso que não, e que nos encontramos aqui em frente de um caso que rudemente exige a criação de instituições educativas,

a que, em parte, allude o Dr. Silva Telles. Essa lentidão é o que mais impressiona o estrangeiro que nos visita e observa a nossa vida nacional; e é tambem o que mais confirma a ideia que teem do nosso atraso os que investigam as causas dos factos sociaes.

Os irmãos Goncourt, tendo visitado a Italia em 1867, escrevem no seu *Diario*, vol. III, o seguinte:

«A inferioridade da raça italiana que, durante tanto tempo, eu havia procurado definir, achei-a hoje: é que ella não tem nervos. Denuncia-se isso numa cousa bem pequena: em não ter a menor sombra de impaciencia pela lentidão com que tudo aqui se faz».

Tomando d'esta nota apenas o que ahi ha de aproveitavel, vemos que a situação actual do nosso país relativamente aos grandes centros de producção se assemelha bastante ao que, na Italia de ha quarenta annos, se passava relativamente á França de então.

Ao passo que a Italia dormia num estado de semi-inconsciencia, a França era então a segunda nação industrial, ainda marchava muito á frente da civilização mundial. Era o país das grandes empresas e das grandes construcções, dos Lesseps e dos Haussman. Em Paris, dizem-me as pessoas d'esse tempo, sentia-se um movimento, um poder e exuberancia de vida, uma riqueza e uma alegria incomparaveis, de que nada hoje pode dar ideia. A febre d'essas grandes empresas, o moderno espirito dos grandes negocios e da grande industria ahi fôra gerado e prosperara. Era, emfim, o aspecto inteiro da vida moderna que os Goncourt contrapunham ao antigo modo de ser persistente em Italia e que os leva a affirmar, com ingenua pedantaria, «a inferioridade da raça italiana».

E, entretanto, a Italia da Renascença é hoje uma grande nação moderna. Transformou se, porque quis educar-se. E, perdendo a lentidão que tanto lhe censuraram, passou a affirmar novamente a antiga superioridade da sua raça.

Porque não succederá outro tanto entre nós, que demos o o melhor do nosso sangue e do nosso esforço para essa mesma obra da Renascença?

Até nesse Alemtejo, a mais lenta das nossas provincias, não se vê desde já que a colonização trazida pela cultura extensiva

açarretará finalmente comsigo a riqueza, o aumento de população, as alegrias da vida e a febre na producção — a vida moderna, emfim?

Nessas syntheses, que citei, das caracteristicas differenciaes da alma popular portuguesa, nada se encontra relativo á sua capacidade esthetica, tanto receptiva como productora. E comtudo, quer-me parecer que se pode dividir o país em duas zonas quanto aos divertimentos de que o povo gosta, sendo o Vouga a linha divisoria; linha que, se attentamos bem, pôde já encontrar-se, posto que algo indecisa, em manifestações de outras ordens.

UMA QUARTA DO RIBATEJO
(Estylização erudita da casa Leitão & Irmão)

Facto é que, do Vouga para o norte, o país prefere as romarias, as illuminações á maneira do Minho, de que, durante um certo tempo, Santo Thyrso foi o logar mais notavel; as procissões, a meu ver, são ahi muito mais importantes do que os cyrios do sul, bastando para isso lembrar, por exemplo, os enormes andores da Trofa, construcções de grande altura, todos de papeis dourados, creio, com aspecto do quer que é de oriental; e, finalmente, a representação dos autos religiosos, o do Menino Deus e outros, a que ainda hoje se assiste nas aldeias do norte, estabelece um destaque profundo com os espectaculos habituaes da parte meridional do país.

Do Vouga para o sul o primeiro divertimento popular é incontestavelmente a corrida de touros, a qual nunca pôde aclimar-se no Porto e em Lisboa chama á praça multidões enormes; e ainda, muito mais do que no norte, a feira popular com toda a serie de espectaculos que lhes andam annexos.

Já procurei definir a *Canção* em algumas provincias do país, estabelecendo-a com caracter differencial nas quatro zonas fixadas na *Advertencia preliminar*. O nosso cancioneiro musical, não menos rico do que o poetico, como irmãos gemeos que são um do outro, está, salvo casos excepcionaes, por colligir scientificamente, isto é, segundo um methodo e systema que garantam a autenticidade da melodia, do seu rythmo, da sua escala e até da sua harmonia. Geralmente a colheita é influenciada por mil causas diversas que, difficultando a audição justa, impedem a notação perfeita. Não devemos, comtudo, admirar-nos de que tal succeda entre nós quando é certo que em França, não ha muito tempo ainda, o cancioneiro estava por colleccionar [1]. Esta é a razão por que as nossas mais bellas canções são geralmente desconhecidas do publico culto e do estrangeiro. E pode dizer-se que até agora só logrou ser conhecido o romantico *Fado*, de proveniencia e caracter tão inferior, *pendant* meridional do talvez ainda mais romantico *Noivado do Sepulcro,* essa especie de fado do norte, acompanhado a violão e não a guitarra como o do sul. O *Noivado* e a *Canção do Marujo* afiguram-se-me as mais dramaticas das nossas cantigas populares.

O CANJIRÃO DE LISBOA

PRATO DO SECULO XVII

A nossa canção é quasi exclusivamente amorosa. A canção satyrica, não muito abundante, é por vezes mais pittoresca do que profunda. A canção politica e patriotica quasi não existe na memoria do povo; entre nós, ella foi producto de um dado momento historico e passou sem deixar vestigios. Não podia tão pouco ter apparecido em Portugal o canto coral ou orpheonico que suppõe um estado social homogeneo [2],

---

[1] Ed. Schuré, *Histoire du lied, ou la Chanson populaire en Allemagne.* Nouvelle édition, 1903.

[2] Combarieu, *La musique, ses lois, son évolution,* 1907.

e não a *anarchia doce* em que vivemos, numa ignorancia muito accentuada da vida civica das nações mais avançadas.

E agora é que principalmente nos apparece o português *terno* e *amavioso* de que mais acima falei, o português que, na frase popular, *tem sempre quartos para alugar no coração,* e contra cujos excessos Ferraz de Macedo clamava no deserto. Eu não conheço mais profundas expressões de amor do que as da poesia popular portuguesa. Dante inventou:

Tanto gentile e tanto onesta pare
La donna mia quando ella altrui saluta,
Ch' ogni lingua divien tremando muta
E gli occhi non ardiscon di guardare.

Mas esta ideia do temor que impede de levantar os olhos para a mulher amada, definiu-a com a maxima intensidade o nosso povo:

Quando te encontro na rua,
Baixo os olhos num momento:
Olho pr'á terra que pisas,
E com isso me contento [1].

Alongaria extraordinariamente este trabalho se quisesse citar casos admiraveis de fantasia popular portuguesa, como estes por exemplo:

Aqui tens meu coração,
Se o quiseres matar podes.
Olha que estás dentro d'elle
E, se o matas, tambem morres.

Quando eu era pequenino
E que minha mãe me embalava,
P'ra me calar me dizia
Que para ti me criava.

Mandei fazer um relogio
Das pernas de um caranguejo,
Para contar os minutos
Do tempo que te não vejo.

PRATO DO SECULO XVII

[1] Pedro Fernandes Thomás, *Canções Populares da Beira,* com uma introducção por J. Leite de Vasconcellos, Figueira 1896.

De um extremo ao outro do país, a poesia amorosa parece brotar da terra, como o seu producto mais geral e mais variado em expressão.

As canções religiosas, bemditos, ladainhas, etc., são por vezes interessantes, de um sentimento ingenuo e festivo, de uma luz muito pura, em nada parecido com o do povo nosso irmão, em que a musica chega a attingir expressões quasi tremendas. A poesia eleva-se, em alguns casos, ao mais profundo symbolismo:

No ventre da Virgem Santa
Encarnou divina graça;
Entrou e saiu por ella
Como o sol pela vidraça.

O POTE DE COIMBRA

A imaginação poetica do nosso povo tem uma vitalidade rara que se estende a todos os nossos poetas cultos; todos elles produzem bellas series de versos, absolutamente com o mesmo sabor e poder da nobre fantasia do nosso *folklore,* faculdade esta que, sem ter a importancia que attingiria no dominio musical, é todavia digna de citar-se como feição nacionalista de ordem superior.

Tinta vermelha e doirada
Com que Deus fez d'improviso
Ha seculos a alvorada
E ha meses o teu sorriso.

GUERRA JUNQUEIRO, *Carta á minha filha.*

Quem dá ais, ó rouxinol,
Lá para as bandas do mar? . .
É o meu amor que na cova
Leva as noites a chorar!...

Ó meu amor, dorme, dorme
Na areia fina do mar
Que em antes da estrella d'alva
Comtigo me irei deitar!...

GUERRA JUNQUEIRO, nos *Simples.*

Ouvi atrás de um vallado
Uma grila a rir, a rir;
Andava um grilo enxofrado
Com outro grilo a discutir.

D. João da Camara.

Ha bons dez annos uns estudantes em Coimbra, hoje todos elles poetas consagrados, achavam-se reunidos, e resolveram improvizar quadras. Eis algumas d'ellas:

Amas a Nosso Senhor
Que morreu por toda a gente,
E a mim não me tens amor
Que morro por ti sómente.

Raparigas tomae tento
Cachopas não vos fieis,
Cantigas leva-as o vento
Cartas de amor, são papeis.

Augusto Gil.

Com amores m'amofino,
Tenho um amor cada mês:
É este o triste destino
De um coração português.

Por ti perdi o socego,
E dizes p'ra te deixar!
Dize ás aguas do Mondego
Que não corram para o mar.

Lopes Vieira.

Marias da minha aldeia,
Todas vós sabeis urdir
De um certo linho uma teia
Onde todos vão cair!

Cantae-me as vossas cantigas
Junto ao rio a murmurar...
Mas baixinho, raparigas...
Deixae-o tambem cantar.

Teixeira de Paschoaes

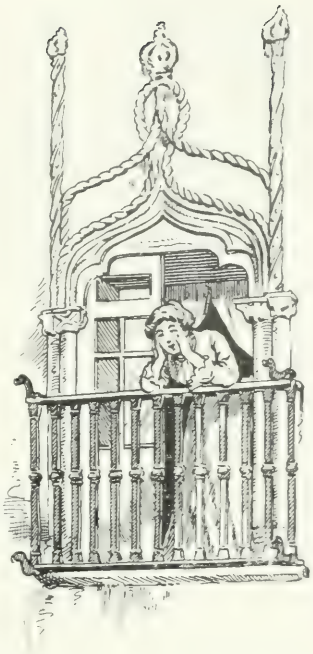
Seja-me ainda permittido citar de Augusto Gil quatro disticos da maior e mais rara belleza em que o amor é symbolizado de uma forma absolutamente inedita:

Boca talhada em milagrosas linhas
A luz augmenta com o seu falar.

Esta manhã um bando d'andorinhas
Ia-se embora, atravessava o mar.

Chegou-lhes ás alturas, pela aragem,
Um adeus claro que ella lhes dissera,

— E suspenderam todas a viagem,
Julgando que voltára a primavera...



As formas do *namoro* em Portugal são variadas, mas hoje já menos numerosas do que em outros tempos. Eu creio ter conhecido o ultimo homem que, no Porto, ainda namorou de lenço na mão.

Camillo fala d'esta forma nos *Mysterios de Fafe*. Era uma especie de systema telegraphico para grandes distancias, com uma asa só, o braço direito descrevendo varios meneios e tocando nas varias visceras e orgãos do corpo que podiam ter voto na materia: os olhos, a boca, raras vezes a cabeça, o coração sempre, etc.

Hoje, nas cidades e num certo numero de camadas sociaes, domina o namoro da janela para a rua, que os espanhoes tambem teem e a que dão o nome de *pelar la pava*.

A gamma percorrida pela alma terna e amaviosa do português é infinita e nenhum povo o excede em variedades de aspectos, profundeza de commoção e belleza dos symbolos de arte.

Tambem se pode dizer que Portugal é um dos paises onde persiste com mais intensidade o flagello do seductor, elevado quasi á categoria de um heroe nacional. O português julga de seu dever trazer dentro do peito, até aos setenta annos pelo menos, um vulcão!...

Assim dizia Eça de Queiroz que eram os extinctos e terriveis romanticos. Mas o *beau ténebreux* da França de 1830 ainda vive em Portugal. E eu encontrei a prova d'isso nos nossos recolhimentos de regeneração de mulheres. Dizia-me uma senhora allemã, directora de um d'esses institutos, ao norte do Mondego, que aqui não succedia como no seu país. Cá, as mulheres entram com uma inscrição provisoria; e ao cabo de uns tantos dias, reconhecem-se as que podem aproveitar com o regime

educativo da casa e as que serão rebeldes a esse regime. Estas ultimas são afastadas, despedidas. Ficam apenas as outras que, ao cabo de pouco tempo, se convertem em creaturas obedientes e de caracter agradavel e brando. Na Allemanha não succede assim; as internadas chegam por vezes a espancar as madres directoras dos estabelecimentos.

Está-se a ver que as despedidas em Portugal são as que se prostituiram por temperamento proprio, as vesanicas, as destinadas, não á *maison de réforme*, mas sim ao manicomio; ao passo que as outras, as internadas, são as victimas da allucinação momentanea dos sentidos e da seducção, que não perde um momento, que está quasi erigida em dever nacional. Eça de Queiroz encarnou esta feição do erotismo indigena no typo do *portuguesinho valente*.

E evidente que uma tal aberração não pode existir, não existe na Allemanha. E por isso tambem as casas de regeneração de lá tão differentes são das de cá.

Já atrás falei das nossas danças no que respeita ao rythmo. Devo porem ainda dizer que, como forma, ellas se reduzem a poucos casos, dos quaes o principal e mais abundante é o da dança da roda, geral em todo o país. Ainda assim esta forma verifica-se mais *em plano;* são cruzamentos de linhas que se effectuam sem attitudes especiaes. Das danças portuguesas, aquella em que as attitudes começam a ser esculturaes é o *Vira*, sem duvida a mais graciosa de todas e já hoje muito introduzida na sociedade elegante.

Entretanto estamos ainda longe das attitudes e graças da *Tarantella*, bem como do drama, ou melhor da tragedia que traduzem os meneios das *Danças espanholas*.

Não vem para aqui falar das artes decorativas do nosso *folklore,* porque alguem mais autorizado do que eu o faz, noutro estudo especialmente destinado a essa face do genio popular português.

Julguei porem necessario illustrar o presente artigo com alguns vasos de louça popular, colhidos em pontos afastados entre si, formas de uma elegancia inexcedivel. E ajunto-lhes dois pratos da nossa ceramica do seculo XVII, com assuntos amorosos, sendo um d'elles o *coração alado,* que voa e entra por toda a parte e

parece pairar nos ares. De entre as expressões do nosso *folklore*, desejaria ainda inserir aquellas que logo após as da ceramica, formas solidas, perfeitas, absolutas, mais impressão nos dão da fantasia estructural: os nossos barcos de navegação fluvial, alguns d'elles notaveis até pela decoração ornamental, como seja o que apparece na nossa gravura da ria de Aveiro (estudo anterior), e cujos perfis tão bem se casam, cada um d'elles, com a physionomia do seu rio. Até mais parecem um elemento necessario á paisagem. Tudo isto serviria para completar o conjunto de expressões estheticas que, até hoje, o povo português encontrou para as necessidades da sua vida social. Falta-nos porem o espaço para tão extenso programma.

Por isso mesmo, na presente publicação, se procurou definir em estudos especiaes, dedicados a regiões varias da ethnographia, os differentes aspectos da obra artistica do nosso povo. E por isso tambem foi eliminado do presente estudo tudo quanto, nas nossas superstições populares, se pode relacionar com certas praticas e factos criminosos.

Este povo português, que tão mal apreciado tem sido por nacionaes e estrangeiros a ponto de o darem por moribundo, revela todavia hoje energias latentes que, como vimos, se prendem ás epocas mais gloriosas da sua historia, que são da mesma natureza das que então geraram as grandes figuras da nossa civilização anterior ao seculo XVII e da sua expansão.

É certo que a pleiade de homens notaveis que appareceram em Portugal desde a fundação da monarchia até 1580 nem sempre teve successores da mesma estatura. Toda a dynastia afonsina e parte da joanina, essas almas mysticas e sublimes de Santo Antonio e do Condestavel Santo, os cerebros organizadores de D. Henrique, João II, Afonso de Albuquerque e Pedro Alvares Cabral, a coragem, ousadia e tenacidade consciente, capazes da «maior façanha da humanidade», de Fernão de Magalhães, não se repetiram, não podiam repetir-se em epocas posteriores. Entretanto, á obra economica e politica que vae de D. Dinis a D. Fernando, contrapõem-se as de Ericeira, Castello Melhor e Pombal e a dos economistas do primeiro quartel do seculo XIX, que só em O. Martins, após sessenta annos de rhetorica dissolvente, encontram um ponto de contacto; a Fernão Lopes succede Alexandre

Herculano, como aos pintores e architectos do seculo XVI succede um grupo de artistas notaveis do seculo passado e do actual; e é tambem desde o começo do seculo XIX que a nossa litteratura e a nossa arte offerecem um movimento digno de succeder ao dos quinhentistas — com Herculano, Garrett, Camillo, João de Deus, Anthero do Quental, Guilherme Braga, Eça de Queiroz e Soares dos Reis, não falando já nos artistas vivos.

A estupenda expansão que a nossa actividade manifestou até 1580 havia-nos esgotado e preparado para cair nos braços da Inquisição, dos jesuitas e de todas as ordens monasticas, e sermos uma das suas victimas mais sugadas. E, quando se deu o advento do regime liberal, parece que a violencia da transição, atordoando-nos e encontrando-nos sem preparação para esse novo estado, nos entregou sem defesa possivel nas mãos de novos tutores não menos egoistas do que os anteriores. É bem certo que todas as aristocracias são identicas na sua evolução e historia; inventadas para proteger, guiar e defender, rapidamente se convertem em exploradoras e perseguidoras.

Entre nós, diz o Sr. Dr. Adolpho Coelho [1], ha um facto que convem estudar: a existencia de um povo, por cuja educação os governos que se teem succedido desde a revolução chamada liberal quasi nada fizeram até hoje, e que todavia tem boas qualidades, que contrastam por vezes singularmente com as dos chamados dirigentes. O nosso povo encontra-se a um nivel em geral relativamente elevado, se o compararmos com as condições dos povos chamados incultos; é isso o resultado de um trabalho de educação da parte da geração que precede sobre a que segue?

Raczynski, que nos veio encontrar em principios de uma nova vida politica, como vimos, define nitidamente a situação social do país É digno de observação, no nosso movimento literario e artistico do seculo XIX, o facto de um só d'esses homens

---

[1] *A pedagogia do povo português*, in *Portugalia*, tomo I, fasc. I. Neste ponto do seu estudo, de que appareceram tres artigos na citada revista, propõe-se o sabio professor mostrar «a existencia, no povo, de uma pedagogia digna de attenção, ainda que de accordo com os traços fundamentaes da caracteristica psychica» por elle, autor, apresentados. A indole do nosso artigo é que nos não permitte acompanhá-lo na sua exposição tão nova como profunda; para ella pois remettemos o leitor.

notaveis que citei, Garrett, haver sido politico e grande orador! Nenhum dos outros o foi. E esse mesmo bem maior nos appareceria hoje, se a politica e outras seducções mundanas o não tivessem attrahido e absorvido. De facto ellas diminuiram-no muito, fazendo-o igual, por vezes, a outros literatos que, muito altamente collocados na vida parlamentar, pertencem todavia a uma literatura que mais convem ignorar ou esquecer.

Dado o caracter e a indole do nosso povo, as suas incontestaveis virtudes e energias latentes, somos pois levados a explicar-lhe o estacionamento actual unicamente pela acção das classes dirigentes. Acresce ainda que as classes superiores da nossa sociedade, quando se não retraem, absteem-se comtudo de exercer uma acção benefica sobre o meio social; acompanham essas classes dirigentes, apparecendo então caracterizadas por uma accentuada anarchia mental.

A imagem da parte mais sã da nossa aristocracia hereditaria, dá-no-la Eça de Queiroz de uma forma completa e com uma profundeza inigualavel na *Illustre Casa de Ramires,* quando descreve o caracter do protagonista do livro, Gonçalo, descendente de uma illustre casa do norte do país. A summula é perfeita:

> Aquelle todo do Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a immensa bondade, que notou o Sr. Padre Sueiro... Os fogachos e enthusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistencia, muito aferro quando se fila á sua ideia... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negocios, e sentimentos de muita honra, esses escrupulos, quasi pueris, não é verdade?... A imaginação, que o leva sempre a exaggerar até á mentira, e ao mesmo tempo um espirito pratico, sempre attento á realidade util. A viveza, a facilidade em comprehender, em apanhar... A esperança constante n'algum milagre, no velho milagre d'Ourique, que sanará todas as difficuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociavel. A desconfiança terrivel de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide e apparece um heroe, que tudo arrasa... Até aquella antiguidade de raça, aqui pegada á sua velha torre, ha mil annos... Até agora aquelle arranque para a Africa... Assim todo completo com o bem, com o mal, sabem vocês quem elle me lembra?
>
> — Quem?...
>
> — Portugal.

Portugal, sim; mas o Portugal romantico e bohemio como ainda existe no seio da aristocracia do nosso país.

O typo criado por Eça tem, a um tempo, as virtudes do norte, as virtudes e os habitos do sul. Por isso elle encerra, no seu symbolismo, a summula mais completa do fidalgo português, tomando esta palavra na sua melhor e mais alta accepção.

O nosso país, para em tudo ser conforme ao retrato que da sua *élite* nos faz Eça de Queiroz, supersticioso e fatalista como um mouro, joga constantemente em todas as lotarias possiveis, apregoadas em altos brados a todos os cantos de Lisboa, o que lhe dá um caracter deprimentissimo aos olhos do estrangeiro. Espera pela *sorte grande*. Mas tambem está esperando todos os dias por esse outro milagre no genero do velho milagre de Ourique, em que um grande politico, um Messias ha de vir «pôr isto a direito». E não se convence de que toda a obra util pessoal tem de resultar da accumullação de pequenos esforços methodicamente dirigidos; e que toda a obra nacional tem de ser collectiva; que hoje é a massa penetrada de ideias superiores de civismo e altruismo que substitue o grande politico dos tempos passados. As classes dirigentes tambem teem de convencer-se de que é preciso amar o país para poder dirigi-lo no sentido mais util para todos.

A grandeza da Allemanha moderna partiu do movimento iniciado no tempo das guerras napoleonicas. Então nasceu a ideia da *patria allemã* que, evolucionando gradualmente, produziu em 1870, o actual Imperio Germanico.

A Italia e a Allemanha modernas serão os dois modelos que teremos de seguir para alcançar o nosso levantamento nacional.

ANTONIO ARROYO.

# PRAIAS E ESTAÇÕES THERMAES

## PORTUGAL, ESTAÇÃO DE INVERNO

QUEM quiser utilizar-se das praias portuguesas, das estações thermaes e outras quaesquer estações de hygiene do nosso país, não deve aspirar a ver realizado aqui o que pôde encontrar no estranjeiro. O cosmopolitismo ainda por emquanto não nos invadiu para nos impor os habitos e installações grandiosas que, de ha quarenta annos para cá, a França, a Belgica, a Allemanha, a Suissa e a Inglaterra vão offerecendo ao *touriste* e ao doente millionario. O contraste entre esses paises e o nosso, neste assunto *villegiatura e cura de aguas,* é por isso mesmo muito profundo. Mas tambem elle denuncia-se logo á entrada em Portugal, ás vezes até na *gare* fronteiriça. Eis como Eça de Queiroz, em *A Cidade e as Serras,* nos descreve, á entrada pelo Douro, uma estação de caminho de ferro bem nossa. Acabava de atravessar a sonora e eloquente Espanha, como sempre de capa aos hombros e de espada a flanco, e, de repente, sem dar por isso:

Acordei envolto n'um largo e doce silencio. Era uma estação muito socegada, muito varrida, com rosinhas brancas trepando pelas paredes — e outras rosas em moitas, num jardim, onde um tanquesinho abafado de limos dormia sob duas mimosas em flor que rescendiam. Um moço pallido, de paletot côr de mel, vergando a bengalinha contra o chão, contemplava pensativamente o

comboio. Agachada rente á grade da horta, uma velha, deante da sua cesta de ovos, contava moedas de cobre no regaço. Sobre o telhado seccavam aboboras. Por cima, rebrilhava o profundo, rico e macio azul de que os meus olhos andavam agoados.

Este aspecto, que se encontra em qualquer das nossas linhas de penetração — Minho, Douro, Beira Alta e Baixa, Caceres, Elvas-Badajoz, Villa Real de Santo Antonio e Faro, é bem o de um país que ainda vive gozando a natureza sem muito a explorar industrialmente. E a vida das nossas praias, e outras estações a que me venho referindo, é tambem assim geralmente pacata e nada febril. O proprio jogo de azar que, nos sitios do estrangeiro onde se joga, toma proporções de assustar, exige installações deslumbrantes e leva muita gente ao suicidio, esse mesmo, apesar de ser factor indispensavel para a manutenção de certos divertimentos obrigatorios em taes estações, não passa entre nós de uma perversidade amena e pouca perturbadora da paz das familias.

A maioria das nossas estações ganha com isso, porque ainda conserva o aspecto dos centros de reunião em que pessoas que se conhecem combinam encontrar-se em tal epoca do anno. Não quer isto dizer que, como tambem succede no estrangeiro, algumas d'ellas não se tenham transformado e convertido em grandes centros de villegiatura. Assim succedeu, por exemplo, com a praia da Figueira da Foz após a abertura do caminho de ferro da Beira Alta. Até então ella era apenas uma praia frequentada por familias de Coimbra e campos do Mondego, poucas de Lisboa e Beira. Mas desde 1882 não é só uma grande parte do país, mas tambem uma certa porção de terras de Espanha que ahi leva os seus habitantes, por camadas que se succedem em agosto, setembro e outubro; tres camadas sociaes diversas.

Temos porem de começar a nossa enumeração por um dos extremos do país. Seguiremos, para este caso, a ordem já anteriormente adoptada, começando pela provincia do Minho.

De facto Portugal, como país de extensa costa maritima, conta uma grande quantidade de praias, de um extremo ao outro d'essa linha de costa; graças ao movimento e natureza do seu solo, possue innumeras nascentes de aguas mineraes de todos os generos, e altitudes, exposições e climas, que lhe tornam possiveis estabelecimentos de cura de doenças variadissimas. E assim é tambem

que as suas praias podem ser habitadas durante longos meses do anno, geralmente de junho a novembro; que tem estações thermaes em todos os pontos do seu territorio; e que pode estabelecer desde o Sanatorio para a cura da tuberculose, nas grandes altitudes, até as estações de verão e de inverno, accessiveis a todas as camadas sociaes e não somente a classes privilegiadas.

## AS PRAIAS PORTUGUESAS

Desde a foz do Minho até á foz do Douro, as praias do mar teem um caracter differente de todo o resto do país. Está-se na zona dos granitos, terrenos extremamente recortados, onde as pequenas praias se succedem com intervallos muito curtos. Encontram-se neste caso, a partir de *Caminha,* as praias de *Moledo do Minho, Ancora* e *Vianna do Castello,* ligadas todas entre si pela estrada marginal que da fronteira chega até á sede do districto e que, para muitos, é a mais bella do alto Minho.

Durante muito tempo, — conta-nos D. Antonio da Costa —, vae seguindo por entre verdura, n'uma linha recta e alva; o mar acompanha-a á direita com a regularidade de que, em vez de ser marginado de areaes, o é ao contrario de vegetação, de maneira que reune a grandeza e severidade de um mar ao encanto e doçura de um rio. Entre a estrada e o oceano, em linha parallela, a extensão de veigas, ora verdes, ora louras, e á nossa esquerda uma variedade de quadros successivos [1].

Na foz do Cavado temos *Esposende* e não muito longe a *Apulia.* Nas proximidades do Porto, *Leça da Palmeira* e algumas praiasitas que ficam entre Matozinhos e S. João da Foz.

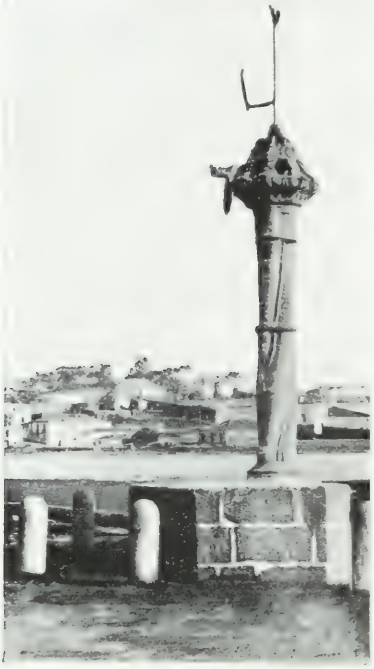
Todas estas teem o caracter familiar a que atrás me refiro, e foi numa d'ellas, *Mindello,* a sul de Villa do Conde, que desembarcaram os 7:500 *Bravos,* os companheiros de D. Pedro IV. Devo ainda citar novamente *Leça da Palmeira,* na foz do Leça, já pelo seu caracter campestre, já por ser a praia preferida pela colonia inglesa do Porto.

Mas entre ellas algumas outras se encontram que teem proporções consideraveis. Logo a seguir á Apulia, a *Povoa de Var-*

[1] *No Minho.*

*zim* que, sem contestação, é a mais frequentada das praias ao norte do Douro, embora exclusivamente pelas provincias contiguas — Minho e Trás-os-Montes. Já ahi por 1873 ou 1874, nos seus inicios, D. Antonio da Costa assim no-la descreve:

Povoação extensa, está atulhada de banhistas. É, de pouco tempo, uma completa invasão: a moda, na provincia. De manhã, praia; de tarde, passeio no paredão, ou ver as pescarias; depois o delirio do jogo. No coração da villa, onde se acham os hoteis, os tres botequins, e as tres casas publicas de jogo, difficil é o transito á tardinha e á noite. De agosto a outubro concorrem aqui 22:000 pessoas. A praia fica num dos extremos, praia larga, aberta, excellente [1].



VILLA DO CONDE

Em contraste com a Povoa, como mais tarde encontraremos as praias da Granja e Espinho, apparece agora, á foz do Ave, a vetusta e aristocratica *Villa do Conde,* anterior á fundação da monarchia e hoje muito procurada pelas familias das cidades do norte. A citar ainda *Matozinhos,* a mais frequentada das praias vizinhas do Porto, e finalmente *S. João da Foz.*

Em todas estas praias e arredores ha mais ou menos curiosidades astisticas a visitar, e a algumas d'ellas já me referi quando tratei do país em geral. Alem dos edificios de Caminha e Vianna do Castello, devo porem aqui lembrar os que se encontram nas proximidades da Povoa do Varzim e Villa do Conde: as igrejas romanicas de Rates e S. Christovam de Rio Mau, as igrejas manuelinas de Villa do Conde e Azurara e outros monumentos menores, o pelourinho da Villa, por exemplo. De Leça da Palmeira, em delicioso pas-

[1] *Loc. cit.*

seio, visitam-se facilmente os antigos mosteiros de Leça do Bailio e Aguas Santas, a que já me referi tambem e que foram respectivamente sedes, entre nós, aquelle da ordem militar de S. João, ou do Hospital de Jerusalem, mais tarde chamada de Malta, este da ordem militar e canonica do Santo Sepulcro.

Diga-se ainda que, em quasi toda esta parte da costa portuguesa, ha uma industria local — a das rendas de bilros, feita com linha, e no typo da chamada *Dentelle torchon*. Centros principaes d'este fabrico: — Vianna, Villa do Conde e, para o sul, Peniche.

NA PRAIA DE MATOZINHOS — O SENHOR DO PADRÃO

De Matozinhos até *S. João da Foz*, mais conhecida por *A Foz*, a estrada marginal segue em pequena elevação, de onde se goza o panorama de mar mais delicioso que tenho visto; a estrada recorda um pouco as *digues* que ao longo do mar se usa construir nas praias de Flandres e sobre as quaes, mais tarde, se levantam dezenas de soberbas edificações. Mas, se as casas da nossa estação portuguesa não se lhes podem comparar, todo o resto é infinitamente superior ao que se encontra nessas paisagens do mar do norte. Ceu, luz, atmosphera maritima de uma intensidade rara, vegetação envolvente, tudo isso se encontra em poucos sitios como nessa successão de pequenas praias, a do molhe de Leixões, a do paredão de Carreiros, a de Gondarem, a praia dos Ingleses e a do Ourigo.

Ramalho Ortigão, apesar de viver ha muitos annos no sul, não recorda esses sitios sem viva commoção:

Sob o ceu radioso, — diz-nos elle —, um vasto mar azul ondula, bate os rochedos da costa e inunda-os de espuma. Na atmosphera fresca, picante de sal, palpita o perfume das algas. Ao longe do mar negreja uma extensa linha como

a de um formigueiro, de pequenos barcos á pesca do caranguejo. A areia da praia reluz polvilhada do sol. Cantando no ar como a frescura de uma alvorada ouve-se o pregão alegre, vibrante, alongado em toda a largura da pronuncia de uma rapariga minhota: — *Merca louça branca ou amarella, merca?* Abro bem a bôcca para me deixar embeber e penetrar da luminosa alegria do ar em que parece diluida uma poeira aquatica, diaphana, de perolas liquidas douradas pela luz. O pregão tão caracteristico da *louça branca ou amarella*, que tantas vezes ouvi em pequeno na estação dos banhos n'este mesmo sitio, transporta-me em espirito ao tempo passado, e sinto-me como n'um banho ideal de mocidade [1].

FOZ DO DOURO — PRAIA DO OURIGO

Todas estas praias desde Leça da Palmeira até á Foz, num percurso de 4 kilometros que se prolonga por um outro de igual comprimento até o centro do Porto, não podiam deixar de ser frequentadas principalmente pela população da segunda cidade do reino. A Foz, porem, é mais propriamente um bairro do Porto, já faz parte da cidade e tem uma população fixa. Os forasteiros são ahi relativamente em pequeno numero.

Por isso mesmo, a Foz de hoje é muito diversa da que Ramalho Ortigão nos cita nas seguintes palavras, escritas ha mais de trinta annos:

Por uma janella aberta sobre o terraço a luz côr de perola da madrugada entrava humedecida e salgada pela viração maritima. As banheiras, filhas e moças

[1] *Farpas*, I.

da Maria da Luz, armavam as barracas na praia, cantando ao longe em terceiras, n'um côro argentino de sopranos, uma barcarola local. Os primeiros pregões matutinos dos vendilhões ambulantes penetravam do lado da rua pelas fendas horizontaes das gelosias, que o clarão da manhã pautava luminosamente de azul [1].

Esta é a evocação da Foz, a que se ia de carroção puxado a bois, mais tarde em *char-à-bancs* e, ainda durante muito tempo, em americanos puxados a mulas. Tudo isso está hoje algo modernizado e apressado em velocidades de conducção. O *Passeio alegre,* junto da foz do rio, é um ponto de reunião elegantissimo e de bom gosto indiscutivel.

A NORTE DO PORTO

Como disse atrás, estas praias teem um caracter especial: a rocha de granito entra pelo mar e recorta a faixa de areia com formas muito caprichosas. Passada a foz do Douro encontramonos porem, desde logo, na zona das dunas, larga superficie de areia, lisa, sem incidentes que lhe rompam a uniformidade.

Após *Arcozello,* pequena praia de recente data, apparece a *Granja,* que é a mais aristocratica de todas as do norte e a uma das mais agradaveis de todo o país como temperatura de verão.

[1] *Farpas,* I.

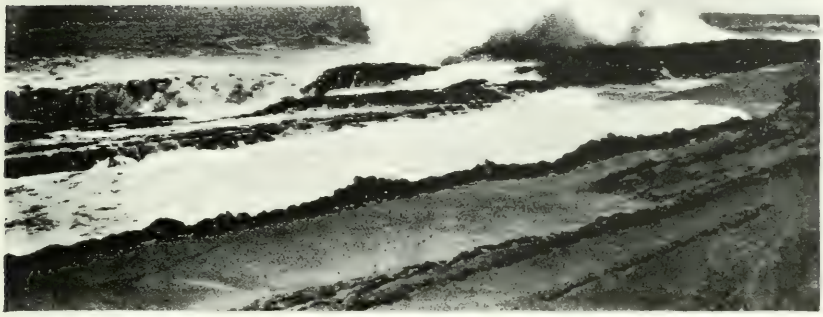
Graças á vegetação que se encontra por toda a parte e á sua mata, pode dizer-se que na Granja nunca se sente calor. Acresce a esta circunstancia o facto da proximidade do Porto e de uma infinidade de aldeias, para que nada ali falte como alimentação. Mas, antes de mais nada, é o proprio aspecto da terra que seduz: uma especie de alameda ou jardim, onde uma multidão de casas de apparencia agradavel oppõem irregularmente as côres vivas das suas fachadas ao verde profundo das arvores. A Granja tem os seus apaixonados de Lisboa e até de Espanha; muitas familias

A RIA DE AVEIRO JUNTO DA COSTA NOVA

distinctas espanholas a frequentam ha já muitos annos e até algumas possuem ahi casa propria; e, de facto, sempre ella tem sido considerada como uma excepcional *Estação de verão.*

A quatro kilometros de distancia, e sempre á beira da linha ferrea do Porto a Lisboa, está *Espinho,* desde sempre rival burguês da Granja, mas muito mais importante como população de banhistas. Para o norte do Vouga não ha praia mais frequentada do que esta, nem talvez a Povoa de Varzim a iguale. Um serviço de *tramways* põe-na em communicação com o Porto e Aveiro. O mar tem ha annos destruido uma parte da villa; mas a cada bairro que elle destroe succede um novo bairro construido mais para o interior. E parece que o mar é que tem de ceder. Espinho não pode acabar. Cada vez é, pelo contrario, maior

Retomando-se a linha ferrea, se fôr de noite e não houver bruma, olhando para o lado do mar, logo após Estarreja e a 20 kilometros de distancia avista-se o bello farol da barra de Aveiro, que fica no extremo da Costa Nova, nome que ahi toma a praia. A duna tem em Aveiro uma importancia excepcional, a que me referi quando, no meu estudo anterior, citei a região da Gafanha, conquistada completamente ao mar. A Costa Nova fica precisamente no extremo poente d'essa região e apenas separada d'ella pelos braços da ria parallelos á linha da costa maritima.



A PRAIA DA FIGUEIRA DA FOZ

Mas a praia mais importante de toda essa região é a *Figueira da Foz*, aonde se chega, quer deixando a linha ferrea do Norte na Pampilhosa e tomando a linha que d'ahi segue até o mar, quer deixando-a em Alfarellos e seguindo pelo ramal que bifurca na Amieira, linha de Torres, e entra na Figueira depois de atravessar o Mondego. Por seu valor proprio, como cidade, e pela pequena distancia a que se acha de Coimbra, a Figueira é uma das mais valiosas terras de villegiatura do país. A praia propriamente dita é lindissima. E, sem ter a grandeza da bahia de Cascaes, a pequena bahia de Buarcos é comtudo digna de ser citada pelo seu panorama especial.

Olhe-se para o lado do norte, do alto do forte de Santa Catarina, construi o na foz do Mondego. A direita, longe, ao fundo,

limita-nos a vista um massiço denso de pinheiros; mas descrevendo um arco concavo deparamos com a povoação de Buarcos á beiramar, e mais adeante o Cabo Mondego penetrando nas ondas. Em plano inferior, estende-se a praia como um crescente franjado de escuma alvissima. Inigualavel o seu aspecto festivo, de manhã, num dia de sol, quando armadas todas as barracas de lona muito branca, encimadas por pequenas bandeiras vermelhas que o vento agita.

NA NAZARETH

Figueira da Foz, cidade, possue o seu theatro; mas no *Bairro Novo*, na praia, encontra-se o maior *Casino* ou *Kursal* de todo o país, exceptuando o *Colyseu* de Lisboa.

Após Vieira, ainda assente na duna e no parallelo de Leiria, encontra-se a primeira praia em terreno de arribas, *A Nazareth,* sitio notavel graças ao salto mortal que D. Fuas Roupinho, por obra do mafarrico, ia dando, se a Senhora dos Afflictos lhe não acode a tempo. O aspecto que a arriba ahi toma é verdadeiramente formidavel. A rocha eleva-se a pique numa enorme altura, algumas dezenas de metros, e creio que nenhuma outra arriba se lhe pode comparar. D. Fuas é que podia realmente gabar-se de ter escapado de boa.

*S. Martinho do Porto,* a mais familiar das praias ao sul do Vouga, dotada de uma temperatura ideal, que faz d'ella uma ver-

dadeira *Estação de verão,* é uma bahia pequenissima, circular, a que dá accesso um corte vertical nas arribas de mar. Hoje, após assoreamentos seculares, é apenas o resto de uma grande bacia; porventura no futuro, quando se rebaixar a entrada do porto e as dragas escavarem os terrenos interiores, converter-se-ha num collossal porto de abrigo. Do lado do mar protegem-no as arribas, do lado de terra uma cadeia circular de montanhas. E, se nós, em logar de seguirmos a linha de Torres, que o serve, subirmos por um momento ao alto das montanhas onde passa

O FAROL DA GUIA, A N. DE CASCAES

a estrada das Caldas até Alcobaça e Leiria, de que Ramalho Ortigão nos deu a descrição inserta no meu primeiro estudo, S. Martinho apparecer-nos-ha apenas como uma bella saphira de um azul profundo engastada no extremo d'essa enorme caldeira circular.

Mas retomemos a linha ferrea até á Estação de Mafra.

Seguindo d'ahi em carruagem, passa-se pelo convento de Mafra, a obra de D. João V, uma enormidade collossalmente inutil, notavel pela sua grandeza e perfeita construcção. D'ahi pode ir-se pela Ericeira, villota edificada no alto das arribas, em cujos intervallos se encontram excellentes mas pequeninas praias; deixando á direita as Arribas do Mar, a Praia das Maçãs e o pittoresco valle de Collares, subir a Cintra, para depois se tomar a estrada de Cascaes.

*Cascaes* é a mais importante das nossas praias de arribas. Ahi se encontra a celebre *Boca do Inferno,* funda caverna por onde o mar entra com grande estrondo quando está mexido e cujo aspecto é então deveras fantastico, sobretudo observado do alto da estrada contigua. Por ser a residencia da côrte nos primeiros meses do outomno, pela proximidade em que se acha de Lisboa, a que a liga

A BOCA DO INFERNO EM CASCAES

o melhor serviço de *tramways* do país, e pela sua maravilhosa situação sobranceira á bahia que tem o seu nome, esta estação adquire uma importancia de facto excepcional entre nós.

A margem direita do Tejo, após Lisboa, segue numa linha ondulante até á barra e ahi forma, com o seu prolongamento da costa maritima, o angulo voltado ao sul, em cujo vertice, e fronteira ao Bugio, em meio da barra, está a Torre de S. Julião. A partir d'ahi, a costa inclina docemente, quasi para noroeste, descrevendo um arco concavo, em sentido portanto contrario ao d'esse angulo, e circunscrito á formosa bahia; como ultima praia

de uma serie que, na sua encosta, de facto se segue sem interrupção: Carcavellos, Parede, S. João do Estoril, Santo Antonio do Estoril e Mont'Estoril, está Cascaes. Todas essas praias olham pois para sul e acham-se abrigadas dos ventos rijos do norte pela serra de Cintra, circunstancias que lhes dão condições climaticas especiaes de que mais adeante falarei. Ellas teem ainda um caracter novo entre nós. Residencia da côrte, do mundo diplomatico e das familias nobres do país, Cascaes impõe obrigações tambem especiaes a algumas d'ellas e é por essas que o cosmopolitismo entra em Portugal.

Com effeito, o Mont'Estoril mais parece uma estação do Mediterraneo do que uma praia portuguesa. Entretanto a transformação faz-se lentamente, porque carece de capitaes importantes para se terminar.

Apesar d'isso, a magnificente bahia continua a ter a sua natural belleza que obra alguma humana será capaz de diminuir. «O sitio,—diz um estrangeiro—, tem uma belleza oriental, com a sua vegetação dos tropicos, as palmeiras, as piteiras gigantes, as camelias, e as cristas de olivaes e soutos de sobreiros coroando de verde as colinas que dominam a immensidade azul» [1]. E note-se que o mesmo autor diz ainda que a conservou para elle, após a festa consagrada da illuminação que ahi costuma ser um deslumbramento, na opinião até dos mais exigentes.

Na margem direita do Tejo as estações balneares succedem-se ate ao Bugio, como um longo rosario de contas: Pedrouços, Algés, Dafundo, Cruz Quebrada, Caxias, Paço d'Arcos, Oeiras, outr'ora muito importantes, quando as descreveu Ramalho Ortigão nas suas *Praias de Portugal* e não havia ainda a linha ferrea do litoral, hoje bastante diminuidas d'essa antiga importancia. Na margem esquerda, encontra-se a modesta estação da Trafaria, ao mesmo tempo povoação de pescadores. Bulhão Pato, que habita perto d'ahi, em Caparica, dá-nos uma viva descrição de uma pesca de sardinha, cheia de pitoresco local.

Sol alto ainda, saimos até á praia. Era vespera de Nossa Senhora da Conceição, a grande festa annual da terra. Os habitantes é que estavam descoro-

---

[1] Jean Bernard, *La Vie de Paris*, 1905.

çoados e tristes; a sardinha, a famosa sardinha da salga, não tinha dado nada ou quasi nada. Mais uns dias de escassez e lá se iam as esperanças... o pão por muito tempo! Mar calmo. Na crista dos médãos, homens, mulheres, rapazes, mudos, immoveis, olhos cravados na companha, que lá muito ao largo vinha, regressando. De manhã os alcatrazes, de aza fechada, caindo do alto como raios, picavam a flor das aguas, indicio de grandes negras de sardinha. Pelo cariz do tempo, o lanço devia de ter sido grande. Chegaria a salvamento, ou rebentaria o saco?! Silencio profundo nos de mar e nos de terra. O silencio é signal certo de grande preoccupação de espirito, nos moradores de povoações maritimas, tão vivos e loquazes.

Ao rez do mar grandes grupos moviam-se visivelmente inquietos. Com o sol, que já no ponente batia o areal, aquellas figuras pareciam tomar proporções giganteas, cingidas de nimbos de ouro. O sol, as montanhas, o mar, as soberbas e solemnes paizagens, em vez de apoucarem o homem, engrandecem-no.

Á beira de agua principiou a correr um torvelino, levantando pyramides de areia. De repente uma lufada subita correu violenta. Os prodromos do furacão teem rugidos dolorosos como os de leão na entrada da febre. Daria n'uma tempestade? Quantos corações ficaram apavorados em tal momento!

Os barcos aproximaram-se da terra. A multidão silenciosa. A vaga alta como de mar movido ao longe, embora não arrebatada. N'um ai tudo salvo ou tudo perdido! O sacco... a montanha de prata, estava a salvamento na praia. Raros olhos ficariam enxutos vendo rebentar a alegria d'aquelle povo!

O sol, disco de fogo, tocava a superficie das aguas, que serenavam, passada a borrasca ephemera, permittindo que olhos humanos se cravassem no seu occaso explendido. Em breve a linha arenosa e já desmaiada, que segue até o Cabo, a bahia de Cascaes, os picos de Cintra, os montes e povoações do norte, o Tejo dormente, desvaneciam-se no breve crepusculo das tardes de inverno. O pharol do Espichel, girando as suas aspas de fogo intermittentes, parecia abrir sulcos luminosos pelo mar levemente enrugado. Bugio e S. Julião accendiam-se. As estrellas estremeciam no firmamento limpido. Noite coroada de lumes. A aragem era um alento virginio, e a vaga na praia um suspiro amoroso. As redes voltaram ao mar. A companha bradou a uma voz:

—Avé, Maria purissima! [1]

Repete-se esta scena da nossa vida do litoral de um extremo ao outro do país. Entretanto ella toma no Tejo um aspecto diverso, de uma grandiosidade que não deve passar despercebida. E, recordando o que dissemos acêrca da paisagem no nosso grande rio, mais uma vez se verifica que essa grandiosidade lhe vem do fundo luminoso em que tudo se projecta e nos apparece aumentado. Os dramas humildes da existencia dos pobres pescadores,

---

[1] Bulhão Pato, *Memorias*, III.

dentro d'esse quadro de uma luz tão perturbadora, attingem uma intensidade tragica excepcional. Como que se transformam em episodios de uma vida sobrehumana.

Note-se ainda que a scena passa-se no inverno.

De Cascaes até ao extremo sul do reino, vamos agora encontrar-nos numa região cujo clima se aproxima notavelmente do do Mediterraneo: chuvas minimas e temperaturas medias. Por isso mesmo a nossa descrição tem agora de ser curta, para tomar maior incremento na ultima parte d'este trabalho — **Portugal, estação de inverno.**

SETUBAL — CASTELLO DE S. FILIPE

Ao sul de Lisboa, a linda cidade de *Setubal* abriga-se por detrás dos montes de Palmella contra os ventos do norte. A sua praia, na foz do Sado, forma-se ao pé das arribas que, já agora, só nos deixarão, dobrado o Cabo de S. Vicente, para alem de Portimão. Effectivamente, as melhores praias do Algarve — a da *Luz* (Lagos) e a da *Rocha* (Portimão), ambas ellas encantadoras como paisagem, são tambem ambas ellas de arribas.

Toda a nossa costa, desde a foz do Sado até ao cabo Espichel, olha para sul e é extremamente abundante em fauna maritima de variadas especies. Ahi fica Cezimbra, a *piscosa*, como lhe chamou o nosso epico, suppondo que só lhe analysaria os versos quem soubesse latim. Mas entre ella e a foz do rio, um pouco a

nascente do Outão, encontra-se a pequena praia de Albarquel, alojada na bahiazinha do mesmo nome e protegida pelas arribas onde assenta um velho forte desmantelado. Ha annos pensou-se em fundar ahi uma estação scientifica, destinada ao estudo de essa rica zona maritima, como preparatorio da exploração methodica de todas as industrias do mar em torno da pesca, fonte principal da riqueza da região.

Da ponta sul da barra do Sado e encurvando levemente para terra, a costa desce no meridiano até ao cabo de Sines, numa

SETUBAL — PRAIA DA MARIA ESGUELHA

faixa de terrenos modernos onde se não encontra praia alguma. Abrigada dos ventos do norte pelas arribas do cabo e toda voltada ao meio dia, apparece então a pequena angra onde existe a unica e modestissima praia da provincia alemtejana.

O nome de *Sines* parece oriundo de *sinus*. O *golfo,* apesar da sua diminuta superficie, teria pois sido considerado nos tempos antigos como o golfo por excellencia: por não haver outro ponto abordavel em grau e meio da costa maritima, desde o Sado até ao cabo de S. Vicente. Mas não é esse facto que o illustra para a nossa historia, e sim o de ahi haver nascido, em 1469, a Estevam da Gama e á *lady* entre nós chamada Branca Sodré, um filho de nome Vasco, que é porventura o mais feliz dos portugueses, se não em vida, certamente depois da glorificação eterna que sobre elle irradiam os versos de Camões.

A pequena praia de Sines é a mais familiar e timorata das suas congeneres portuguesas. Frequentam-na algumas familias da terra e poucas de Espanha, vindas por Badajoz e ainda por Ayamonte. É mais uma povoação algarvia pela natureza das culturas locaes, condições climaticas e caracter dos habitantes; e vive principalmente da industria da pesca, identica á do Algarve, e da exploração da cortiça, peculiar ao Alemtejo.

Desde ahi, em toda a costa, correndo a Sul, e ainda depois de passado o cabo de S. Vicente, não divisamos novas praias.

PORTIMÃO — PRAIA DA ROCHA

De facto, as da Luz e da Rocha, a que acima alludi, ficam no Algarve e a mais de vinte kilometros para leste da ponta de Sagres.

Mas esta ultima provincia conta ainda uma grande quantidade de praias, das quaes não podem deixar de se citar: *Ferragudo, Carvoeiro* (Lagoa), *Armação* (Pera), *Albufeira* e *Monteroso* (Villa Real de Santo Antonio), todas ellas agora em *terreno de praia,* o terreno moderno do extremo do país.

Nas costas do Algarve teem-se desenvolvido varias pescarias e as industrias annexas das conservas. Mas ainda assim a pesca peculiar á região continua a ser a do atum que se realiza em armações especiaes e duas vezes por anno, nas viagens migratorias que o timido animal periodicamente effectua, com percurso obrigatorio pelo extremo do nosso país.

A região algarvia tende a desenvolver-se, em parte, graças aos seus portos de mar e, sobretudo, ao de Lagos, que está destinado

a um prospero futuro, se fôr convenientemente aproveitado para as necessidades das grandes viagens maritimas de circulação. Ha annos já que a marinha inglesa de guerra toma a bahia de Lagos como um dos pontos de apoio e estacionamento para as suas grandes manobras, reunindo ali por vezes esquadras collossaes, ou varias esquadras ao mesmo tempo. E é digno de apontar-se o seguinte caso de contraste que, não ha muito, pôde ali observar-se entre a maior frota de guerra da actualidade, pertencente á primeira nação colonizadora de todos os tempos, e um pequeno vaso de uma minuscula nação que foi a primeira a descobrir e a conquistar terras e novos caminhos por todo esse mundo além.

NA PONTA DE SAGRES

Era de verão. E, na linda e majestosa bahia estava ancorada uma armada inglesa de mais de cem navios de todos os tamanhos, grandes couraçados, cruzadores, avisos, torpedeiros, *destroyers,* submarinos. Tinham chegado havia pouco tempo e, desde logo e em plena marcha, tomavam as rigorosas posições que depois sempre mantiveram, quando regressavam das manobras. E assim, aquella enorme força de guerra impunha-se pelo seu formidando caracter de sciencia e calculo impeccaveis. Mas do alto avançou um delicado veleiro, a nossa corveta de instrucção dos guardas-marinhas. E, com suprema elegancia, a todo o pano, passou pela frente da frota britannica, rodeou-a e, saudando-a graciosamente, lá se metteu de novo ao mar, como uma evocação de sonho de arte, symbolo galante da nossa epopeia maritima, quando de cá se ia á descoberta da Africa portentosa, á conquista da India, ao encontro do Brasil, ou á volta do mundo dentro de

quaesquer cascas de noz. E a pessoa que de Lagos me descrevia o caso acrescentava:

E, na ponta de Sagres, a alma do grande e tremendo Infante enterneceu-se pela primeira vez na sua metade portuguesa, e pela primeira vez pasmou de quanto cá se fez, com elle e com o pouco que havia. A metade inglesa, essa achou simplesmente correcto e natural que todos os officiaes e toda a tripulação da frota britannica, mais de quarenta mil homens, corressem á amurada dos seus navios, para ver uma cousa inedita para quasi todos — passar a alma dos antigos marinheiros portugueses.

## AGUAS E ESTAÇÕES THERMAES

Como se lê na memoria do Sr. engenheiro Antonio Maria da Silva sobre *Nascentes thermo-mineraes* de Portugal, vol. I, graças á contextura e antiguidade do nosso solo, regista-se nelle a existencia de um sem numero de nascentes de emprego therapeutico. E tal é a riqueza d'esse nosso meio therapeutico que, apesar de dividido o país em duas zonas de desigual distribuição e applicação, doenças ha que, através de ambas as zonas, encontram a cada passo as *aguas santas* que as curam.

O chefe do serviço official de inspecção das nossas nascentes, num valioso trabalho de onde extracto [1], fornece as mais amplas indicações acêrca do seu melhor aproveitamento. E não é em meia duzia de paginas que poderá resumir-se o importante assunto, apesar de limitado, tanto quanto ao numero de nascentes, de que indico as mais importantes, como á descrição das suas situações locaes. Por isso citamos a fonte de informação para quem mais seguramente queira aproveitar-se d'essas *fontes de salvação.*

Na enumeração que se segue, refiro ainda o valor therapeutico da nascente apenas á sua *especialização* e não a todas as suas applicações. E farei essa enumeração por grupos de doenças e segundo a ordem de exposição adoptada até aqui.

**Rheumatismo e doenças de pelle.** — Este é o grupo mais numeroso das nossas aguas e thermas, facto que nos leva aqui a chamar a attenção dos nossos leitores para o citado estudo do Sr. engenheiro Silva, por nelle se encontrarem as razões de ordem geologica que explicam e regulam o apparecimento das aguas em taes ou taes terrenos.

*Caldas de Monção,* districto de Vianna, já conhecidas desde 1706. Bicarbonatadas, sodicas e lithinadas. Grande caudal — 1:600 doentes por anno, geralmente espanhoes. A estação vae de 15 de maio a 31 de outubro. *Buvette* e balneario.

A villa de Monção está situada no extremo norte da fronteira, á borda do rio Minho que, no dizer de D. Antonio da Costa, não vae, como o Lima, brincalhão, serpeando; vae cheio de margem a margem, através de duas paredes formadas por arvoredo silvestre, em lanços extensos e calmos, com solemnidade.

A esta solemnidade, — acrescenta depois —, junta-se ainda outra de Monção a Valença: são as falladas *ranhas* (degraus d'agua na largura do rio) pelas quaes o barco tem de descer, e tres d'ellas, as da *Filha boa,* e a de *Terra caida,* de perigo mortal.

«...na margem direita, a cidade de Tuy, a sentinella de Hespanha com a sua cathedral dominando a povoação, e na margem esquerda Valença, a atalaya portuguesa, com a sua coroa de fortificações, de cujo centro se hastea a bandeira das quinas...»

---

[1] Conselheiro Sarzedas, *Aguas mineraes — Physiotherapia*, 1907.

*Caldas do Eirogo,* a 5 kilometros de Barcellos, para nordeste. Bicarbonatadas, chloretadas, sodicas, siliciosas e sulfhydricas. Abundantes, duas nascentes. Estação de 1 de junho a 31 de outubro — 500 doentes por anno. *Buvette,* pulverizações e balneario.

Estas thermas são de recente exploração e acham-se assaz bem installadas, apesar de não terem attingido ainda a situação a que o seu constante progresso deve fazer aspirar. Ellas estão alem d'isso situadas numa linda região, já atrás citada, a do valle onde poisam as vertentes do Tamel, em aguas do Cavado.

O RIO VIZELLA

*Caldas da Saude,* a 3 kilometros de Santo Thyrso, para norte. Chloretadas, sulfureas, sodicas, silicatadas e bromo-iodadas. Abundantes. Estação de 1 de maio a 30 de setembro — 300 a 400 doentes por anno. Balneario.

Estas aguas, embora exploradas ha muito tempo, e crê-se até que pelos romanos, teem actualmente uma installação modesta, posto que bem cuidada e moderna.

*Caldas de Vizella,* concelho de Braga, já conhecidas do tempo dos romanos. Carbonatadas, sodicas, sulfureas, siliciosas. Enorme caudal, varias nascentes. Notaveis tambem na cura da syphilis, — 3:000 doentes por anno. Estação de 1 de maio a 31 de outubro. *Buvette,* pulverizações e balneario.

D. Antonio da Costa chama á terra *A pittoresca Vizella,* e diz-nos que, na sua paisagem, o que mais nos encanta é a desharmo-

ma de todos os elementos que a compõem e se transforma de facto na mais formosa das harmonias; que não ha extensão, mas graça, nessa paisagem.

O rio, — conta-nos elle —, meio encoberto com tanta vegetação, já saltando de entre fragas, já serpeando por entre arvoredo, alarga os braços debaixo da ponte nova, o sitio mais pitoresco, e reflectindo ao longo d'elle os castanheiros, os carvalhos e os salgueiraes, offerece então aos olhos um limpido espelho, e aos ouvidos um doce queixume produzido pelo som melancolico das successivas quedas de agua, que nos acordam a saudade.

EM CALDELLAS

*Caldellas*, a 16 kilometros de Braga. Bicarbonatadas, sodicas, calcicas, carbonicas e silicatadas. Abundantes, varias nascentes. Muito empregadas tambem, fora da sua especialização, em doenças do apparelho digestivo — 700 a 800 doentes por anno. Estação de 1 de junho a 30 de setembro. *Buvette* e balneario.

Caldellas está situada numa baixa minhota cuja paisagem é suavissima e o terreno envolvente feracissimo. A 100 metros e a meia encosta, sobranceiro ao valle, o Hotel da Bella Vista. Para se apreciar o valor do sitio basta dizer que, conhecidas dos romanos e durante muito tempo abandonadas as aguas, ahi pelos fins do seculo XVIII foram novamente exploradas pelos frades de Rendufe. E, como é sabido, os frades, no nosso paiz pelo menos, eram possuidores dos sitios mais bellos e valiosos, que por cá havia.

*Chaves*, no districto de Villa-Real. São as *Aquae flaviae* e, mais tarde, *calidae* dos romanos. Bicarbonatadas, sodicas, gazo-carbonicas, siliciosas.

Estas aguas estão até agora mal exploradas, apesar das superiores qualidades que todos lhe reconhecem. É de crer, porem,

que, terminado o caminho de ferro, cuja testa fica situada na planturosa e celebrada veiga, que se estende em plano inferior á villa, esta adquira maior importancia, graças á maior facilidade de accesso; e que, então, as suas *aguas* se transformem e adquiram por seu turno o valor real que devem ter.

*Caldas de Moledo,* á beira do Douro, proximas da Regua. Bicarbonatadas, sodicas, silicatadas e sulfureas. Grande caudal, varias nascentes. Muito empregadas tambem no tratamento da

O TAMEGA EM CHAVES

syphilis — 900 a 1:000 doentes por anno. Estação de 1 de junho a 31 de outubro. *Buvette*, pulverizações e balneario.

Pela sua situação ao lado da linha ferrea do Douro, a povoação é um centro de excursões interessantes: ao rio maravilhoso, cuja visita se deve fazer em quasi toda a sua extensão dentro do país; á região de Villa Real, a que atrás me referi; finalmente, a Lamego, seus edificios e arredores.

*Thermas da Rainha D. Amelia,* cêrca de S. Pedro do Sul, districto de Viseu. Apesar do seu enorme caudal, elevada hyperthermia, e da maravilhosa situação em que se acham, estas thermas estão ainda por estudar devidamente e até por aproveitar como convem.

Já me referi anteriormente á encantadora povoação a que se dá o nome de *Cintra da Beira,* a villa de S. Pedro do Sul, sobranceira ao espaçoso valle em que confluem quasi ao mesmo

tempo o Troce, o Vouga e o Sul. A falta de um caminho de ferro concorreu, porem, até agora para essa villa ser menos conhecida e visitada. E tudo leva a crer que, construida a linha do Vouga, a região prospere e se converta num ponto de excursão e villegiatura, a que dá o maior valor, não só a superior belleza de toda a região em redor, como tambem a proximidade da cidade de Viseu com as suas riquezas de arte.

O *Banho de S. Pedro,* que dista apenas alguns kilometros da villa, será então largamente aproveitado. Porque deve dizer-se que, na sua composição e applicações therapeuticas, as aguas do Banho parecem constituir uma entidade á parte, dentro do país. O Sr. Conselheiro Sarzedas assemelha-as ás aguas francesas de Evaux, e suppõe-nas indicadas para o tratamento de rheumatismo, neurastenia, nevralgias, doenças uterinas, lithiases biliar e renal, atrophia muscular e artero-esclerose. São aguas sulfhydricas.

*Caldas de S. Jorge,* a 7 kilometros da Villa da Feira. Abundantes. Sulfhydratadas, chloretadas sodicas e alcalinas. Estação de 1 de junho a 30 de setembro — 400 a 500 doentes por anno. Balneario.

Estas aguas estão situadas numa região de vastos pinhaes. A installação carece de grandes melhoramentos, por datar de muitos annos e não haver sido convenientemente modificada.

*Aguas chloretadas de Alcanhões,* a 7 kilometros de Santarem, para o norte. De exploração recente. Chloretadas sodicas, levemente sulfatadas e siliciosas. Uma nascente só, mas abundante. Empregada tambem nas doenças de estomago — 200 a 300 doentes por anno. Estação de 1 de junho a 30 de setembro.

A situação d'estas aguas é por emquanto muito modesta e carece melhorada.

*Cucos,* a 2 kilometros de Torres Vedras. Aguas e lamas mineraes especialmente usadas no tratamento do rheumatismo. Chloretadas sodicas, bicarbonatadas, calcicas, lithinadas e siliciosas. Grande caudal em varias nascentes — 400 a 500 doentes por anno. Estação de 15 de maio a 30 de setembro.

Estas thermas são de exploração recente. Apesar d'isso, a sua installação é magnifica, e a sua prosperidade constante e crescente. Accesso pela linha de Lisboa–Torres–Figueira.

*Caldas da Rainha,* entre Lisboa e Leiria. Aguas chlorosulfatadas, sulfhydricas e fosfatadas. Grande caudal, varias nas-

centes. A sua especialização é precisamente: arthritismo, syphilis, doenças utero-ovaricas — 4:078 doentes em 1906. Estações: de 15 de maio a 31 de outubro, e de 1 de janeiro ao ultimo dia de fevereiro. *Buvette,* pulverizações, balneario.

Estas caldas, que já foram conhecidas pelos romanos, possuem installações de primeira ordem. Graças porem á amenidade do clima e á superior belleza da região em que a villa está situada, esta é ainda um grande centro de *villegiatura,* como *Estação de verão*; 8:000 a 10:000 forasteiros, pertencentes ás mais elevadas camadas sociaes, ahi veem todos os annos passar a temporada mais quente do anno.

CALDAS DA RAINHA — RIO DO AVENAL

A linda villa das Caldas da Rainha é o centro de *villegiatura* que em Portugal mais se parece com as terras de aguas francesas e allemãs. Não tem, certamente, *Trinkhalle* magnifica, nem a esplendida *Conversations-haus* de Baden; não tem o *Corsaal* de Wiesbaden, com o seu portico jonico, a sua arcada rodeada de lojas de luxo, e o seu grande salão, de galerias sustentadas em columnas de marmore, revestido de estatuas de Carrara; não tem theatro, não tem sumptuosas salas de concerto, e de bibliotheca; não tem galeria de pintura, nem galeria de antiguidades, nem grande hotel, nem grande restaurante, nem pavilhões, nem *cottages,* nem *chalets,* nem quintas de recreio. Tem, porem, optimas arvores, o bello parque chamado da Copa, a linda avenida dos alamos, os choupos, as acacias e os pinheiros da mata, — a sombra sufficiente, emfim, para se passar o dia todo na fresca oxygenação do ar livre, primeira condição essencial no tratamento das lisboetas anemicas, emmurchecidas durante o inverno na atmosphera mordente e definhante das salas e dos theatros.

A circunstancia, porem, que dá ás Caldas da Rainha a sua grande superioridade sobre todos os logares de *villegiatura,* ainda os mais afamados em Portugal, como Cintra, como o Bussaco, como o Bom Jesus de Braga, é que esta villa é o centro da mais artistica, da mais historica, da mais pittoresca região de todo o país. Em nenhum outro logar se proporcionam aos *touristes* mais rapidas e mais faceis excursões encantadoras de arte e de archeologia [1].

---

[1] *Farpas,* I.

Através d'esta região, já revelada noutras palavras atrás transcritas, Ramalho Ortigão leva-nos a visitar os monumentos da Batalha e Alcobaça, as ruinas do castello de Obidos e a encantadora lagoa do mesmo nome; outras ruinas ainda, as do palacio de Leiria, que foi o maior edificio gothico civil do país; os tumulos, cruzeiros e pelourinhos dispersos nesta zona privilegiada, os campos de Aljubarrota e da Gollegã, a villa de Pombal. E, aconselhando-nos que visitemos tudo isso, promette um mês bem cheio de prazer inedito, quer ao estudioso, quer ao artista. E com razão o diz.

*Estoril.* Aguas chloretadas e silicatadas. Nascente abundante. Estação de 24 de junho a 31 de outubro — 1:000 doentes por anno. Balneario, pulverizações, inhalações, etc.

Estas aguas estão situadas em Santo Antonio do Estoril, bahia de Cascaes, e em meio da mata que os frades tiveram artes de ali plantar, existe o estabelecimento, frequentadissimo durante grande parte do anno. O primeiro balneario ahi construido data do tempo de D. José.

*Banhos da Poça,* em S. João do Estoril. Chloretadas-sodicas, silicatadas e lithinadas. Estação de 24 de junho a 31 de outubro — 500 a 600 doentes. *Buvette,* inhalações e balneario.

Estas aguas, que estão bem installadas, parece terem sido as primeiras exploradas da região, mercê da influencia outrora exercida pela Misericordia de Cascaes.

*Alcaçarias.* No Terreiro do Trigo, Lisboa. Chloretadas sodicas, azotadas. Balneario. Caudal abundante.

São muito conhecidas as installações d'estes banhos, que se recommendam pelo seu asseio e boa disposição.

*Banhos de S. Paulo,* Lisboa. Chloro-sulfatadas, sulfhydricas, carbo-gazosas. Caudal inesgotavel. Estação de 15 de maio a 31 de outubro — 1:500 doentes por anno.

Valiosissimas estas aguas, no tratamento do rheumatismo principalmente; e, dada a sua situação dentro da cidade, no seu ponto mais central, seria para desejar que a installação do balneario pudesse realizar-se em condições superiores ás actuaes.

*Fadagosa de Marvão,* districto de Portalegre. Bicarbonatadas sodicas, sulfhydricas, siliciosas, ferreas. Abundantes. Estação de 1 de julho a 30 de setembro — 500 doentes, geralmente espa-

nhoes da Estremadura. Exploradas desde 1780, mas principalmente após 1885. *Buvette* e balneario.

Situadas no extremo do Alto Alemtejo, quasi na fronteira, numa região alpestre e pittoresca, estas aguas são pouco conhecidas dos naturaes do país. Tem-lhes por isso mesmo faltado o apoio que merece o esforço do concessionario, criador do estabelecimento.

MONCHIQUE — EM CAMINHO DA PONTE DO LAGEDO

*Thermas de Monchique,* Algarve. Chloretadas sodicas, siliciosas. Grande caudal, quatro nascentes. Especialização, alem do rheumatismo: dyspepsias e doenças sêcas da pelle. Balneario — 700 a 800 doentes por anno. Estação de 1 de junho a 30 de setembro.

Estas thermas estão situadas na vertente sul da serra de Monchique, numa das mais lindas regiões de Portugal, a que anteriormente me referi no meu estudo do *País*. Envolvem-nas uma grande mata e goza-se de lá um panorama maravilhoso e extensissimo. Monchique soffre comtudo, se bem que em menor grau que as thermas anteriores, do afastamento em que se encontra

do centro do país. Complicando-se as necessidades de ordem therapeutica com as necessidades annuaes de villegiatura, é natural que os habitantes das cidades procurem de preferencia as regiões ao norte do Tejo, mais proximas como estão da zona populosa do país. Se assim não fôra, a estação de Monchique teria prosperado de forma excepcional.

**Doenças da pelle.** — Confinadas numa parte dos valores therapeuticos da classe anterior, ou ainda caracterizadas por uma

O MONDEGO NA FELGUEIRA

inversão na ordem d'esses valores, apparecem-nos varias estancias de aguas:

*S. Pedro da Torre*, a 5 kilometros de Valença. Chloretadas sodicas, sulfatadas, calcicas, magnesianas e siliciosas. Uma nascente só. Installações modestas. Estação de 1 de junho a 31 de outubro — 130 a 200 doentes por anno. Balneario.

*Caldas das Taipas*, a 7 kilometros de Guimarães. Bicarbonatadas sodicas, sulfureas e siliciosas. Caudal abundante, quatro nascentes. Estação de 1 de maio a 30 de novembro — 1:300 a 1:500 doentes por anno. *Buvette* e balneario.

As Taipas estão situadas no percurso de estradas que de Braga levam a Vizella e a Guimarães, dentro da zona minhota a que tão

largamente me referi no meu primeiro estudo. São já conhecidas desde o tempo dos romanos. Mas o seu maior valor só foi reconhecido em meados do seculo XVIII, graças aos esforços de um frade, Frei Christovão dos Reis, carmelita descalço.

Estas caldas estão talvez prejudicadas pela proximidade de Vizella, uma das grandes estações do nosso meio therapeutico e de *villegiatura*.

FELGUEIRA — A CASA DO MOLEIRO

*Caldas da Felgueira,* a 7 kilometros de Canas de Senhorim, linha ferrea da Beira Alta. Carbonatadas sodicas, gazo-carbonicas, silicatadas e sulfhydratadas. Tres nascentes e um caudal consideravel. Estação de 25 de maio a 30 de outubro — 400 a 500 doentes por anno. *Buvette* e balneario.

A especialização completa d'estas aguas é: *arthritismo localizado na pelle, mucosas e serosas.*

As Caldas da Felgueira estão situadas a pequena distancia do Mondego e na sua margem direita. Mas esse Mondego não é o da zona baixa e terrenos modernos da doce região coimbrã; é ainda o que corre apertado em valles graniticos, 300 ou 400

metros acima de ess'outro, através de uma paisagem forte e extremamente pittoresca, que mais se aproxima da das terras minhotas.

A installação da Felgueira é considerada como uma das melhores do nosso país. O povoado de que toma o nome é ainda hoje insignificante. O conhecimento d'estas aguas data dos fins do seculo XVIII, em que começaram a ser apregoadas as suas virtudes anti-herpeticas. Valeu-lhes porem immenso a reputação que lhes fizeram alguns medicos eminentes de Lisboa, Manuel Bento de Sousa, Antonio Maria Barbosa e Silva Carvalho. Ainda hoje ellas são frequentadas principalmente pelas familias do sul do país.

NO VIDAGO

*Banhos do Luso,* primeira estação da linha ferrea da Beira Alta. Estas aguas são bicarbono-chloretadas, sodicas, gazo-carbonicas. Muito abundantes. Estação de 1 de maio a 31 de outubro — mais de 1:000 doentes por anno. *Buvette* e balneario.

Especialização correcta: *vicio arthritico.*

Conhecidas pelas suas virtudes anti-herpeticas desde o fim do seculo XVIII, estas aguas só comtudo começaram a ser exploradas a partir de 1850. A estancia do Luso é d'aquellas a que um longo tirocinio imprime caracter. Luso é propriamente um balneario. Mas é um balneario dentro de um dos mais extraordinarios sitios destinados a superior *villegiatura.* Basta para isso a proximidade a que está da mata do Bussaco. É pois uma estação a todos os respeitos privilegiada.

*Aguas de Almoinha,* a 3 kilometros de Alcobaça. Chloretadas sodicas, sulfatadas sodicas, carbonatadas calcicas, siliciosas. Caudal abundante. Estação de 23 de junho a 31 de outubro—600 doentes por anno. Duas estancias. *Buvette* e balneario.

Especialização correcta: doenças da pelle e intestinos (constipações principalmente).

Estas aguas são de exploração recente. Estão situadas a meia distancia entre o Vallado e Alcobaça, e á beira da estrada que os

A PONTE ROMANA DAS PEDRAS SALGADAS

liga, atravessando a região encantadora que Ramalho Ortigão descreveu partindo de S. Martinho do Porto. Hoje já raros tomam esta antiga estrada. Vão em caminho de ferro até Vallado e de lá é que sobem a Alcobaça.

**Doenças das vias digestivas.** — Voltamos á região de Trás-os-Montes e no districto de Villa Real encontramos algumas das mais conhecidas aguas do país, situadas á beira da nova linha ferrea da Regua a Chaves. Procedem todas ellas de um vasto lençol que vem do interior de Espanha.

*Vidago,* a meio caminho entre Chaves e Villa Pouca de Aguiar. Bicarbonatadas-sodicas, gazo-carbonicas, lithinadas e arsenicaes. Varias nascentes de diversa mineralização e applicação. Estação

de 1 de junho a 30 de setembro — 700 a 800 doentes por anno. *Buvette.*

Estas aguas, que foram já conhecidas pelos romanos, são consideradas preciosas, as da nascente *Vidago* primitivo principalmente. Exportam-se em grande quantidade. O seu uso é sobretudo interno, por isso mesmo a *Buvette* comprehende quasi completamente os serviços de exploração da estancia.

NAS PEDRAS SALGADAS

Apesar d'isso projectam-se ahi futuras e grandiosas installações para uma epoca proxima, em virtude principalmente do accesso que agora dá, a toda essa região, a nova linha ferrea.

A empresa d'estas nascentes explora tambem uma das nossas melhores *aguas de mesa,* a de *Sabroso.*

*Campilho.* Excellente nascente de aguas bicarbonatadas, sodicas, gazo-carbonicas, ferruginosas, lithinicas, fluoretadas e levemente arsenicaes.

São aproveitadas estas aguas apenas para exportação; perfeito todo o serviço de captagem e engarrafamento.

A nascente brota a pequena distancia de Vidago.

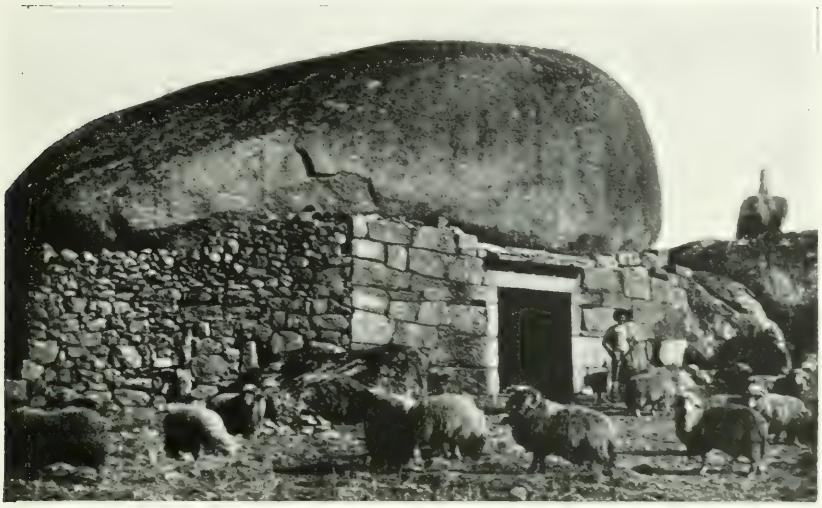
*Pedras Salgadas,* a meia distancia entre Vidago e Villa Pouca. Bicarbonatadas sodicas, lithinadas, gazo-carbonicas. Muito abundantes. Varias nascentes com diversa mineralização e applicação. Estação de 15 de maio a 30 de setembro — 1:152 doentes em 1906. *Buvette,* balneario.

Especialização correcta: doenças gastro-intestinaes, arthritismo.

São de recente exploração, embora se pense que fossem conhecidas dos romanos. Excellentes as installações quer do balneario e dos hoteis, quer da expedição das aguas em garrafa.

A estação das Pedras Salgadas está situada numa região bastante elevada, de onde se goza um soberbo e vasto panorama da serra. De todas as suas nascentes a mais reputada é a do *Penedo*.

Se em logar de tomarmos a linha da Regua a Chaves, seguirmos pela que mais acima parte de Foz-Tua em direcção a Mi-



PEDRAS SALGADAS — A CASA DO ..É NABO

randella, a meia distancia entre estes dois pontos, e para nascente, encontra-se o soberbo manancial de outra excellente *agua de mesa:*

*Aguas de Bensaude.* Bicarbonatadas sodicas. O caudal, aproveitado sobretudo para exportação, é superior a 500 metros cubicos em vinte e quatro horas e provém de varias nascentes.

Especialização: dyspepsias incipientes.

**Doenças diversas.** — Como disse, os nossos agrupamentos de nascentes são determinados pela *especialização* de cada uma d'ellas, o que não quer dizer que, na maioria dos casos, o seu valor therapeutico não seja mais variado e rico do que posso fazer

suppor. Mas aqui obedeço a uma necessidade mental já atrás notada, a de ver os factos em linha schematica e portanto muito simplificados. Por isso entro agora numa numerosa classe de entidades therapeuticas que não podem reduzir-se aos nossos typos geraes. E começo pela mais notavel de todas as nascentes portuguesas.

GEREZ — MOINHO NO RIO CALDO

*Gerez*. Esta nascente, que parece ter sido conhecida dos romanos, o que de certo não admira por ella se achar nas vizinhanças da celebre estrada militar da *Geira*, que nos ligava ao centro do imperio, mais ainda parece ter sido preparada para allivio de um povo de aventureiros que, das suas peregrinações pelas terras equatoriaes e da zona torrida, em redor de todo o mundo, regressam a casa com o figado grandemente avariado.

Ellas são de facto *heroicas para o figado*, embora tambem se empreguem no tratamento da diabetes.

São alcalinas, silicatadas, fluoretadas e carbonatadas sodicas. Divididas por varias nascentes, o seu caudal é abundantissimo. Estação de 15 de maio a 31 de outubro — 2:000 doentes por anno. Applicam-se principalmente para uso interno.

Já me referi á região em que estas nascentes brotam, descrevendo sobretudo a belleza superior dos amplos valles que lhes dão accesso, do rio Cavado e seus affluentes. A estação do Gerez no valle do rio Homem, um pouco a montante de Villar da Veiga, está situada numa altitude assaz consideravel, na zona de 400 a 700 metros.

Esta circunstancia, ligada ás que concorrem na serra, quer no campo geologico, quer no da fauna e flora, converte a estada

ahi numa constante revelação de aspectos raros e ineditos de paisagem intensa, até dentro dos terrenos graniticos em que é habitual ser assim.

A quem desejar pois inteirar-se completamente do que esse sitio offerece á curiosidade multiforme do *touriste,* tomo a liberdade de lembrar a monographia que o Dr. Ricardo Jorge ha annos

GEREZ — CASCATA DAS PALAS

escreveu com um enthusiasmo, que não tem fim, pela maravilhosa estancia.

O Gerez possue installações de primeira ordem. Mas possue sobretudo, alem da sua milagrosa agua medicinal, a mais perfeita agua potavel que jámais bebi, quer como sabor e leveza, quer como temperatura — a agua que nasce do chão, por trás da *Casa amarella,* e que tem a temperatura constante de 12 graus centigrados. Esta agua não conhece dilatados, nem receosos. Bebe-se impunemente em qualquer momento.

Alem d'estas aguas do Gerez, outras ha que muito se recommendam no tratamento da diabetes.

*Caldas de Melgaço,* no Minho. Bicarbonatadas mistas, com predominancia calcica, siliciosa, ferrea e lithinada. Abundantes,

seis nascences. Estação de 15 de maio a 31 de outubro — 800 a 900 doentes por anno. *Buvette.*

Especialização: diabetes.

Estas aguas são de exploração moderna. A sua situação junto do rio Minho, a montante de Monção, participa do pittoresco de todo o curso d'esse rio na parte mais alta.

*Aguas de Curía,* na região da Bairrada, districto de Aveiro. Estas aguas, que teem grande affinidade com as de Contréxeville, são de exploração recente e vieram preencher uma lacuna no meio therapeutico português. Muito abundantes. Sulfatadas, calcicas, bicarbonatadas sodicas, levemente magnesianas, ferruginosas e lithinadas. Estação de 15 de maio a 31 de outubro. *Buvette* — 273 doentes em 1905; tendencias para aumentar.

Especialização: visa os arthriticos e attinge os gravelosos. (Aumenta o funccionamento do figado e rins).

Estas aguas são exportadas em quantidades já hoje consideraveis. A região onde ellas brotam é encantadora e pertence á segunda zona da nossa classificação, a das terras baixas das proximidades do litoral. Curía está situada a igual distancia entre Aveiro e Coimbra, a poente e muito proximo da linha ferrea.

*Foz da Certã*, na margem esquerda do Zezere, freguesia de Sernache do Bomjardim. Pela sua mineralização, estas aguas devem considerar-se *unicas* no país. Sulfatadas, sodicas, aluminosas. São empregadas só para uso interno e exportadas.

Especialização: diabetes e dyspepsias por fermentações anormaes.

Estas aguas não estão ainda completamente estudadas.

*Aguas de Santa Martha,* Ericeira. Chloretadas-sodicas, nitricas, magnesianas, siliciosas. Abundantes. Rompem nas rochas, á borda do mar. São de exploração moderna.

Estas aguas carecem de um estudo mais completo do que o realizado até hoje. Os melhores resultados que se teem obtido com o seu emprego são: uso interno, em doenças de estomago, rins e bexiga; uso externo, em doenças de pelle, eczema e rheumatismo.

*Aguas da Amieira,* a 11 kilometros da Figueira da Foz. Chloretadas, sodicas, bicarbonatadas-calcicas. Enorme caudal, tres nascentes. Estação de 15 de maio a 31 de outubro — 1:200 a 1:300 doentes por anno. *Buvette* e balneario.

Especialização: doenças de estomago e da pelle.

Estas aguas estão em exploração desde 1885. A Amieira fica no cruzamento da linha de Torres com o ramal de Alfarellos, junto dos deliciosos campos do Mondego.

*Aguas de Moura,* no districto de Beja. Bicarbonatadas calcicas, chloretadas, magnesianas, nitratadas e lithicas. Grande caudal. São as aguas potaveis das fontes da villa. Exportam-se em grande quantidade.

Os *saes de Moura,* assim conhecidos como producto pharmaceutico, são os que mineralizam estas aguas.

Especialização: arthritismo.

O TAMEGA NA SUA FOZ

**Doenças das vias respiratorias e arthritismo.** — Termina esta enumeração por duas estações de agua de uma *especialização* accentuadissima, tanto mais para notar quanto é certo que todas as aguas sulfureas se applicam mais ou menos no tratamento das doenças d'este grupo. Dado, porem, o valor therapeutico das duas nascentes, a especialização definida, sobretudo da primeira d'ellas, impõe-nas como entidades differenciadas.

*Entre-os-Rios,* na confluencia dos rios Tamega e Douro. Abundantes. Sulfhydratadas, sodicas, carbonatadas e chloretadas. Estação de 1 de junho a 15 de outubro — 500 a 600 doentes por anno. *Buvette,* pulverizações, inhalações e balneario.

Apesar de conhecidas desde muito tempo, a sua exploração regular é relativamente moderna.

Já por vezes me referi á região superiormente bella do rio Douro e em especial ao sitio de Entre-os-Rios, que é uma incontestavel maravilha.

As installações da estação figuram entre as melhores do país, e o seu futuro affirma-se pelo aumento constante de *touristes*. Porque Entre-os-Rios não é apenas uma estação de aguas; é um logar de *villegiatura* muito definida e caracterizada.

*Aguas de S. Vicente,* entre Cette e Entre-os-Rios. Abundantes. Chloretadas, carbonatadas sodicas, silicatadas e lithinadas. Estação de 1 de junho a 15 de outubro — 400 doentes por anno. *Buvette,* pulverizações, inhalações e balneario.

ENTRE OS-RIOS — MARGEM DO DOURO

Ainda ha pouco tempo não se tinha completado o estudo clinico d'estas aguas, porque a sua exploração é recentissima. Por confrontação com outras, é-lhes porem assinada a seguinte especialização: — doenças das vias respiratorias e arthriticas.

As installações são excellentes.

A estação, alem de tudo o mais que concorre nella e na região deliciosa que a envolve, torna-se notavel porque está hoje posto a descoberto o *balneario romano,* em que as aguas foram exploradas — achado precioso, de um valor inestimavel e de uma riqueza de pormenores verdadeiramente excepcional.

**Aguas purgativas.** — Entre as lacunas que até agora existiam na serie dos valores therapeuticos representados pelas nossas nascentes thermo-mineraes, uma havia que especialmente se fazia sentir — a das *aguas purgativas.* Á riqueza da visinha Espanha,

na especialidade, para só falar d'esse país, oppunhamos nós uma absoluta penuria. Annunciam porem ultimamente os jornaes da capital que vae ser registada uma nascente de *aguas laxativas,* descoberta em Charniche, freguesia da Ventosa, concelho de Torres Vedras. Da analyse que lhes foi feita, resulta que a presença de avultada quantidade de sulfato de magnesio nestas aguas assina-lhes um logar especial na hydrologia portuguesa.

A sua especialização parece ser: regularização das funcções gastro-intestinaes.

Segundo affirmam, são de um sabor muito agradavel ao paladar e de uma pureza excepcional.

## PORTUGAL, ESTAÇÃO DE INVERNO

Apesar da sua limitada extensão, Portugal possue uma grande variedade de climas. Como diz o Dr. Silva Telles na sua *Introducção geographica,* a situação do país, a natureza e relevo do seu solo, a grande quantidade de altas serras ao norte e a exposição especial das suas encostas, as terras baixas do litoral e da provincia alemtejana, a acção do Oceano em grande parte do territorio, tudo isso leva-nos a suppor que Portugal ha de possuir climas de montanha, de valles e de planicies e climas maritimos. Tudo isso nos leva tambem a comprehender as variedades de vegetação e de regime agricola em cada região e, em parte ainda, o temperamento e aptidões das respectivas populações.

O clima evidentemente, como resultante das circunstancias de maior ou menor pressão do ar, de maior ou menor regularidade e excessos de temperatura, do grau de humidade, dos ventos reinantes, de chuvas, neves, trovoadas e nevoeiros, da luminosidade mais ou menos constante e intensa da atmosphera e da sua nota de côr, o clima, digo, tem uma influencia marcada na saude physica e moral dos respectivos habitantes e deve portanto ser estudado como meio hygienico e therapeutico. Ora «em Portugal, diz um distincto medico inglês, o Dr. Dalgado [1], ha terras

---

[1] Dr. D. G. Dalgado, *The Climate of Lisbon and of the two health resorts in its immediate neighbourhood. Mont'Estoril, on the Riviera of Portugal, and Cintra.* London, 1906.

com climas de quasi todos os typos e para todas as estações, mas algumas não são exploradas e outras carecem de melhorar as suas condições de vida».

Afigura-se-me até que muitos dos nossos climas, sobretudo no que toca a terras do interior, nem conhecidos são. Ha annos passeava no valle de Besteiros, faldas do Caramullo, com um medico illustre; impressionado pelo nobre aspecto da paisagem, pela tranquillidade e doçura do ar e pela especie de abrigo que nos criavam as serranias envolventes, elle pára de repente e exclama:

— Que esplendida estação de saude aqui se não fazia!!...

E como este, através do país inteiro, vi eu muitos casos que não sei que estejam apontados pelos especialistas. Mas já hoje felizmente ouvimos falar dos Sanatorios da Serra da Estrella, de Parede, Oeiras e Outão; das colonias maritimas para crianças em Peniche, no Estoril e na Trafaria. Já milhares de pessoas da nossa melhor sociedade vão *fazer a estação de verão* nas Caldas da Rainha e em Cintra, retemperar-se na mata do Bussaco e no Bom Jesus do Monte. Já se aponta Unhaes da Serra como estação de outono e já o Estoril começa a ser considerado como estação de inverno, não falando nessa ilha encantada da Madeira, a decana das nossas estações, que tão requestada vae sendo por estrangeiros, no momento presente.

Mas, em qualquer d'estes grupos, estão felizmente apparecendo sempre casos novos. E é para notar que, no nosso litoral abundem, como apontei, as estações de inverno e egualmente as de verão.

A respeito de Cintra, diz-nos o Dr. Dalgado:

«Cintra é uma villa construida para residencia de verão. É uma encantadora estação de moderada altitude, moderada temperatura e agradavel humidade no verão! Ella tem nesta estação ar puro, mas enriquecido pelos aromas exhalados da sua abundante vegetação; o ozone é ahi naturalmente em maior quantidade do que em Lisboa».

Mas, para este medico, é sobretudo o Estoril que merece uma consideração que, por certo, surprehenderá a maioria dos portugueses.

«A atmosfera no Mont'Estoril, acrescenta elle, é muito pura, maritima e saudavel, e melhor a tornam ainda os seus pinhaes e matas de eucalyptos que, como é bem sabido, teem a propriedade de aumentar a quantidade de

ozone do ar. Durante o inverno não ha movimento na localidade, nem automoveis, nem poeira».

Referindo-se á luminosidade da atmosfera lisbonense durante o inverno, á necessidade de dois dias de sol em cada tres para uma boa convalescença, e partindo dos dados da estatistica meteorologica, affirma que tanto Lisboa como o Mont'Estoril excedem as exigencias medicas. Eis aqui, na totalidade, as observações que elle faz relativamente a esta ultima estação.

O ANTIGO CONVENTO DE SANTO ANTONIO DO ESTORIL

«Lisboa tem uma temperatura muito mais suave e uniforme que Biarritz ou Nice, e tão suave, mas mais uniforme que Catania. A sua humidade relativa pode considerar-se *desejavel* e os ventos dominantes são moderados. Com todas estas vantagens e com as que já notei .... uma cidade tão grande nunca pode ser um bom logar para convalescentes; mas pode ser recommendada a todos os que desejem aliar uma temporada de descanso com os divertimentos de uma cidade muito alegre e um clima muito dôce.

O Mont'Estoril é, a todos os respeitos, superior a Lisboa e, por isso mesmo, muito mais o é relativamente a Biarritz, Nice ou Catania. O facto é que, tendo eu procurado, em toda a zona oeste e sul da Europa, um bom clima para ahi fixar a minha residencia, nenhum encontrei ainda que pudesse soffrer comparação com o Mont'Estoril durante os meses de novembro a março, tanto pela pureza atmosferica, igualdade de temperatura e secura comparada, como pela ausencia de ventos. Se juntarmos a isto as vantagens provenientes dos seus pinhaes, avenidas de palmeiras e matas de eucalyptos, dos seus lindos chalets, bons hoteis e excellente systema de canalizações, da sua agua tão pura e leve como salutar, da sua magnifica praia de areia, dos

seus innumeros passeios, da pesca e outros divertimentos na bahia, da sua luxuriante vegetação tropical e maravilhosa profusão de plantas indigenas e exoticas, dos seus laranjaes carregados de frutos dourados, de um ceu azul e de um mar azul, temos uma estação de belleza e salubridade incomparavel, unica — um verdadeiro jardim em plena primavera — quando a Inglaterra ainda está envolvida em tristeza, nevoeiro, geada e neve. Pela sua excepcional situação para quem vem por mar de Londres, New-York ou Rio de Janeiro, e pela proximidade em que está de uma grande cidade, alegre e hospitaleira como Lisboa, o Mont'Estoril não tem rival.

Therapeuticamente considerado, o Mont'Estoril pode ser classificado entre tonico e estimulante por um lado, e calmante por outro. Casos ha em que partilha das qualidades de ambos. Actua como estimulante nos casos de debilidade proveniente de febres ou doenças pulmonares, no cansaço das crianças, na debilidade senil e em algumas formas de dyspepsia; e como calmante em muitos casos de asthma, insomnia ou irritabilidade nervosa; ao passo que a sua temperatura igual e secura relativa são extremamente beneficas para o rheumatismo chronico e gotta, e em muitos casos de catharro chronico e pulmonar. A sua acção pode comparar-se, servindo-me de um exemplo caseiro, á de um bom copo de vinho do Porto, que estimula em certos casos e tempera em outros, sendo que em nada affecta uma pessoa robusta e forte.

Estas mesmas observações podem ser applicadas a Cintra durante o verão.

O Mont'Estoril é um logar ideal de repouso, principalmente para os esgotados pelo trabalho, porque ahi dormirão melhor do que em qualquer outro sitio. É tambem uma esplendida estação intermediaria para as pessoas que voltam dos tropicos e desejam evitar os rigores de um inverno do norte; ou para os doentes a quem uma mudança de grande calor para grande frio seja extremamente prejudicial ou perigosa. Tambem pode ser recommendado aos que não supportam as habitações aquecidas artificialmente; porque no Mont'-Estoril não ha necessidade de fogões nem de fato pesado. Em alguns casos de tuberculose pulmonar incipiente seria sem duvida vantajosa a estada ahi; mas parece-me difficil encontrar alojamento, por isso que tanto os proprietarios de chalets, como os donos dos hoteis, se recusam a acceitar inquilinos ou hospedes nessas condições».

O Dr. Dalgado, no seu opusculo, depois de mais uma vez recommendar o Mont'Estoril aos *touristes* em geral, formúla uma serie de quadros meteorologicos em que estabele a comparação da nossa praia com as estações de Biarritz, Nice e Catania, concluindo pela incontestavel superioridade do Mont'Estoril.[1]

---

[1] Recentemente chegou-me ás mãos um artigo publicado no *The Practitioner*, de julho do corrente anno, intitulado *The Three Estorils. The Portuguese Riviera.* By G. H. Brandt, M. D. Neste artigo estende-se aos *tres Estoris* o modo de ver do Dr. Dalgado ácêrca de Mont'Estoril e da sua comparação com as *Franco-Italian Rivieras.* Faz-se tambem ahi allusão ás thermas de

Quer-me parecer porem que esse estudo deve ser estendido ao sul do nosso país, onde ha praias e estações do litoral que, aliás sem competencia especifica para o affirmar, julgo superiores ao Mont'Estoril. E lançando mão dos dados que se encontram no trabalho d'esse illustre medico e dos que fornecem os *Annaes do Observatorio D. Luis,* annos de 1904 e 1905, chego ao seguinte apanhado:

TEMPERATURAS MEDIAS

| Annos | Estações | Inverno | Primavera | Verão | Outono | Annuaes |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1856–1900 | Lisboa | 10,63 | 14,38 | 20,69 | [illegible] | [illegible] |
| | Biarritz | 7,79 | 12,39 | 19,67 | 15,25 | 13,80 |
| | Nice | 7,91 | 13,27 | 21,93 | 15,79 | 14,75 |
| 1875–1900 | Catania | 10,8 | 15,00 | 25,10 | [illegible] | 17,60 |
| 1904–1905 | Lisboa | 10,68 | 15,05 | 20,50 | 16,64 | 15,74 |
| | Lagos | 11,94 | 16,04 | 21,58 | 17,90 | 16,82 |
| | Faro | 12,02 | 16,54 | 22,60 | [illegible] | 17,38 |

A progressão gradual de Lisboa até Faro, passando por Lagos, mantem-se em todas as outras relações meteorologicas, confirmando a crescente superioridade das estações á maneira que nos afastamos para o sul. É o que demonstra o quadro seguinte:

| Annos | Estações | Maxima amplitude thermica | Humidade relativa | Quantidade annual de chuva | Nebulosidade | Ozone |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1856–1900 | Lisboa | – | 79,88 | 738,3 | – | [illegible] |
| | Biarritz | – | 74,91 | 1.067,4 | – | – |
| | Nice | – | 75,8 | 766,9 | – | – |
| 1875–1900 | Catania | – | 61,9 | [illegible] | – | – |
| 1904–1905 | Lisboa | 34,9 | 67,30 | 542,15 | 3,65 | [illegible] |
| | Lagos | 34,4 | 61,59 | 429,45 | 4,00 | – |
| | Faro | 29,7 | 72,10 | 391,55 | [illegible] | 6,52 |

Santo Antonio e S. João do Estoril, concluindo por dizer: «I hope I have convinced the rieder of the importance of the Estorils. They offer at the same time a unique winter climate and abundant facilities for mineral-water treatment.» *The Practitioner,* Limited, London, W. C. Strand, 149.

Devo acrescentar que, nas praias do sul, ha ausencia de ventos fortes e nevoeiros, sendo que a irradiação solar é ahi muito superior á do norte e a temperatura mais uniforme. Por estes varios motivos eu julgo toda a costa do Algarve destinada ao estabelecimento de estações de inverno, devendo porventura começar-se por impulsionar a criação da de Lagos, por causa da sua admiravel bahia.

É para citar ainda a analogia de aspectos que parece existir entre este sitio e as regiões do sul da Italia. Coelho de Carvalho, na nota final á sua traducção das *Eclogas de Vergilio,* assim no-lo diz:

Os primeiros quinze dias aqui passados, são horas de continuo deslumbramento; tanta é a luz no céu e no mar, que tudo se impregna de um fluido luminoso; e, se nos corpos a opacidade é uma illusão dos nossos sentidos imperfeitos, a atmosphera de luz, que nos envolve, a tudo dá uma tal apparencia de diaphano que, nos primeiros momentos, a realidade é sonho.

A tarde estava deliciosa; e então notei, mais uma vez, quanto a paisagem d'esta região algarvia se assemelha ás praias da *Grande Grecia;* como esta bella bahia de Lagos nos provoca nitida a visão d'aquelle encantado golfo, onde, n'um recanto da costa, existe o tumulo de Vergilio, e sobre cujas aguas vagava em noites de luar o espectro de Agrippina, a assassinada mãe de Nero.

É semelhante o recorte das arribas; erguem-se tambem ao fundo do quadro as altas montanhas cor de violeta; e, n'essa tarde, uma leve nuvem branca pousara sobre o pico de Monchique, como lá a coma de fumo empluma, por vezes, de branco o cimo do Vesuvio.

O que mais acorda a lembrança da paisagem do sul da Italia é a igual côr no céu e no mar, que céu e mar já aqui não são do mesmo azul, nem do mesmo verde, que, ao voltar para o norte o promontorio de Sagres, as ondas e o firmamento vão tomando.

Depois, que placidez ao declinar da tarde! Parecia que a natureza inteira caira em beatitude, enervada pela embriaguez intensa da luz d'aquelle dia de agosto.

A agua do rio, em baixa mar, entre as restingas e coroas do areal de ouro levemente rosado, era serena, como tanques de prata espelhenta; e uma e outra barquinha de solitaria vela latina deslizava, ao amor da briza, em partida para a pesca do alto, ou em demanda do porto da villa, com peixe para levar á lota. A paz e a côr de um quadro vergiliano, embora em Vergilio o desenho seja diverso.

**Conclusão.** O estudo do nosso povo fez-me invocar os exemplos do resurgimento da Allemanha e da Italia como modelos a seguir na nossa obra nacional. O presente estudo leva-me a invo-

car um outro exemplo, o do povo suisso, como um dos que melhor praticam a industria que talvez possa denominar-se — da *villegiatura*. A França e grande parte da Italia nella encontram uma das suas maiores fontes de riqueza. Apesar d'isso, quero crer que o exemplo suisso sobreleva ao das outras nações como systematização verdadeiramente nacional de toda uma rede de instituições tendentes a um mesmo fim profissional. A industria do hotel é, nesse país essencialmente productor, a segunda industria. E entretanto nada o impede de ser ha muito tempo um dos mais notaveis nas industrias mecanicas, de ser hoje notabillissimo na cultura da vinha e nos meios da sua defesa contra os agentes atmosfericos, de ser a nação da pedagogia, etc., etc.

Ora as condições especiaes do nosso país predispõem-nos para sermos uma nação industrial semelhante á Suissa nesse ramo da *villegiatura*.

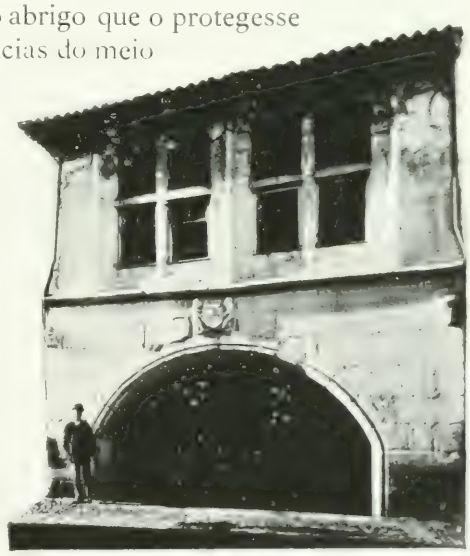
Inutil dizer o que a nossa situação, encarada sob este aspecto, acarretaria comsigo para a conservação e desenvolvimento de todo o nosso tão pittoresco *folklore* industrial; para todas as profissões relacionadas com as necessidades do *touriste*; para a nossa agricultura e industrias annexas; para todas as industrias do mar e do litoral, para a nossa marinha mercante; para as vias de communicação no interior do país; para todas as industrias de construcção; para a cultura e producção das bellas artes; para o desenvolvimento da musica.

A nossa paisagem, o caracter do nosso povo, as nossas praias e nascentes thermo-mineraes, as nossas estações de montanhas, valles, planicies e litoral, eis ahi a grande riqueza do nosso país, superior no seu conjunto, segundo parece, ás que possuem os outros paises.

ANTONIO ARROYO.

# A HABITAÇÃO EM PORTUGAL

A CASA DE HABITAÇÃO em Portugal, bem como em todos os logares e em todas as epocas em que o homem precisou de levantar o abrigo que o protegesse contra as inclemencias do meio ambiente, obedece, na sua estructura, nas suas disposições geraes, na sua orientação, ás condições ambientes de solo e clima, indo buscar áquelle, montanha nua ou floresta espessa, os materiaes constructivos, e adaptando a este a distribuição e o destino das suas partes componentes. Ora, sendo os materiaes da nossa região, assim como o seu clima e o conjunto dos seus habitos domesticos, semelhantes aos de toda a Europa do sul e aos que na zona levantina occupam a orla do Mediterraneo, d'aqui deriva uma certa similitude de aspectos e espontanea convergencia de moti-



EM VIANNA DO CASTELLO

vos que integram a habitação portuguesa no grupo de nações que teem um fundo commum de procedencia ethnica e certa analogia de condições historicas.

Sujeita á multiplicidade das condições sociaes, quer na dispersão imposta pelas primitivas circunstancias agrarias, quer no agrupamento solidario originado pela formação inicial do burgo, a habitação, coexistindo com as transformações por assim dizer cellulares da vida popular, é como que o *alter ego* do homem

EM VIANNA DO CASTELLO

e o seu mais candido e intimo reflexo. A casa do pae do velho Hesiodo, reconstituida pelas investigações sagazes da archeologia na simplicidade primeva da sua feição, é o nucleo ancestral da familia hellenica, verdadeiro symbolo da vida pastoral e agricola da Attica contemporanea do autor dos *Trabalhos e os Dias*.

Para se fazer uma exposição critica da habitação humana, mesmo em qualquer ponto restricto da superficie da Terra, urge sempre discriminar a casa rural da casa urbana, e extremar ainda, entre os dois typos, as que têm caracter de formação espontanea das que obedecem a moldes eruditos. Estas, mercê de uma tal ou

CAPITEL DA CASA DE COLOMBO

qual preoccupação de sumptuosidade e das determinantes estheticas que lhes deram origem, são quasi sempre edificações de procedencia exotica, em geral construidas nos periodos de arte que caracterizam as varias phases da architectura religiosa, e obedecem por isso, na sua traça e na sua ornamentaria, aos modelos trazidos pelo novo canon architectonico. Por uma reacção natural, o alvenel da região mantem certos motivos tradicionaes dos estadios anteriores, mas naturalmente influenciado pelos novos elementos, termina por os adaptar á construcção humilde, á qual elles vão adherindo como cristaes, formando assim os élos seculares da tradição decorativa. É o caso do romanico, do gothico, e, na Idade Moderna, da inexhaurivel fonte de inspiração que tem sido, até á actualidade, o movimento de reviviscencia da arte greco-romana conhecido pela designação da Renascença.

CASA DE COLOMBO NO FUNCHAL (demolida)

Na estreita faixa que constitue o solo português, lei analoga domina o facies da habitação, imprimindo-lhe como que o stygma do substractum geologico, quando, como na zona granitica, as aldeias fundem o tom fuliginoso das suas fachadas e dos seus colmos com o scenario pardo da montanha, ou quando, como na região do calcareo, as frontarias reverberam sob

a intensidade da luz que d'ellas parece irradiar, as telhas brilham com o ouro dos seus musgos e as chaminés erguem no azul ferrete a variadissima gracilidade dos seus perfis esbeltos como minaretes.

EM VIANNA DA CASTELLO

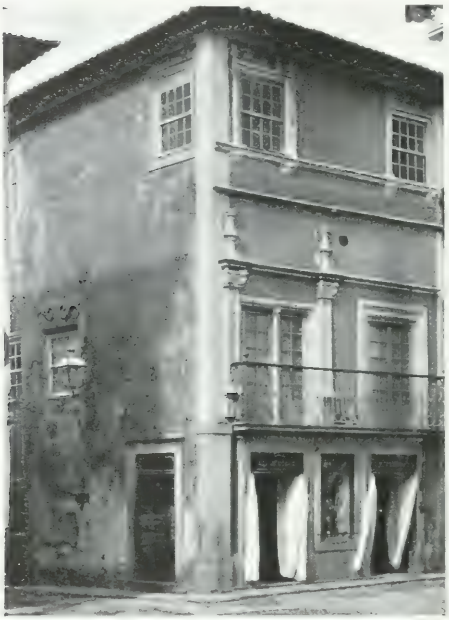
Nas largas manchas de afloramentos graniticos, a casa typica tem expressão a maior parte das vezes identica nos pontos mais diversos do nosso territorio, e esse parentesco logo fere a curiosidade do observador e expressivamente o informa sobre a identidade de costumes e a permanencia de tradições. Em geral de um só andar, é de pedra accumulada sem cimento, recordando o rude apparelho polygonal das idades primitivas, ou em fieiras regulares de pequena espessura, collocadas de cutello e constituindo o *perpianho* tão vulgar nas areas transmontana e minhota. Ao rés-do-chão, cavam-se as lojas para a alfaia agricola, o gado, ás vezes o lagar e o celleiro; a escada, exterior, encosta a uma das fachadas ou cae sobre ella perpendicularmente: é desguarnecida e rude, ou cobre-se no patim do alto com um alpendre elementar. Para a rua publica, frequentemente para um quinteiro, deita a varanda de madeira, forrada de ripas mal esquadradas, as mais das vezes desguarnecida de balaustres; nas regiões onde a pedra abunda, veda-se até ao peitoril com lagens rectangulares, e o seu beiral saliente firma-se em columnas delgadas de fuste monolithico. Aos cantos, dois aposentos furados por janellinhas timidas, quasi sempre de taipa, quando este elemento se associa á pedra, completam a physionomia da habitação.

O clima determina a orientação das fachadas que precisam de ser mais rasgadas pelas aberturas, accusa o pendor dos tectos na região das neves, alonga a beirada nos logares onde durante as longas invernias os ventos desabridos erguem telhados e côlmos que tém de ser seguros por fieiras de pedras ou grandes lagens de schisto.

Um typo de casa de mais arejado aspecto, frequente nas regiões do Minho, Tras-os-Montes e Beiras, é a casa da classe media rural, com entrada nobre pelo largo portão que encosta a um dos esquinaes do predio, ora apenas coberto por um tejadilho que o protege das infiltrações da chuva, ora com certas preoccupações architectonicas, de pilastras e cornija saliente, sobre que se ergue uma cruz flanqueada por dois vasos heraldicos. Dentro, o amplo pateo rectangular que tanto lembra as pousadas das Castellas e da Andaluzia, com dois dos seus lados occupados pela larga varanda soalheira, assente em pilares ou columnas de pedra, mais raramente sobre arcaria apparelhada. De beiral saliente firmado em prumos de madeira sobre que o travejamento se adapta por meio de um cachôrro duplo formando capitel, quasi sempre sem balaustres, é esta varanda em geral orientada a sul ou nascente e é ali onde se fia ao sol de inverno, onde se dorme nas noites caniculares, servindo no outomno de sequeiro do milho ou de madureiro da fruta. É para ella que dão os aposentos da casa, e por vezes, nas povoações de encosta, domina os casebres humildes, branquejando, caiada e cheia de cravinas, a indicar a habitação do lavrador mais abastado ou a tranquilla e farta residencia ecclesiastica. Para o pateo dão

EM VIANNA DO CASTELLO

os estabulos, os celleiros com as arcas de castanho cheias de centeio ou de azeite, as arrecadações; alli se empilham as carradas de lenha sob um telheiro, e a um canto se acolhe o fôrno de tecto conico, cruzado por dois tijolos sobre a porta laivada de fumo; pela estrumeira do chão, saltam porcos e gallinhas em convivencia familiar e nas noites calmas de julho repousam os bois pacificos, ruminando. A cobertura da casa é de telha vã fixa por pedregulhos ou então argamassada; as chaminés, raras e simples, não alindam o perfil da empena como nas mais pobres casas algarvias, e o fumo, ou se espalha no ambiente saindo pelos intersticios do tecto, ou irrompe de uma abertura vedada por um rectangulo de cortiça do qual pende uma canna formando cabo.



EM VIANNA DO CASTELLO
Casa onde nasceu Miguel de Vasconcellos

A ornamentação das casas em toda a região granitica é pobre, não só pela dureza rebelde do material, o que onera a construcção, mas pela ausencia da cal e dos innumeros recursos das suas combinações. As aberturas são succintas, sobretudo nas regiões de longo e nevoso inverno, e as fachadas, secularmente tisnadas a fumo e sol, apenas nalgum pobre e tosco poial se ornamentam com o mangerico humilde, ou o vermelho vivo da sardinheira. Nas zonas mistas, já apparecem frisos e pilastras, e entre os prumos da varanda lançam-se arcos de taipa, muito caiados e frescos.

Por vezes, nas aldeias de encosta, por onde se escalonam os enormes blocos graniticos, alguns em prodigioso equilibrio, ha casas cavernas, talhadas na rocha viva, que lhes fornece a area do pavimento além de uma ou duas paredes, servindo-lhes em

alguns casos de cobertura pelo aproveitamento de grandes lagens que avançam sobre os esteios naturaes e formam vastas palas monolithicas. É a antithese da casa de *adobe,* parallelipipedo de barro, a que se mistura palha cortada, sêco ao sol ou ao fôrno e privativo das regiões onde de todo falta a pedra, como nas zonas geologicas de formação recente. É este o antiquissimo exemplo da Mesopotamia, com suas muralhas de *adobes* sêcos ao sol do mês de Nizam, chamado *do tijolo,* muralhas que uma cheia levava ás vezes na impetuosidade da corrente.

Citemos tambem a especialissima construcção dos palheiros do litoral, formados de pranchas de madeira pintadas a vermelhão, que se vêem de Aveiro até Mira, os quaes, elevando-se sobre estacaria, se esquivam á invasão das areias, que, passando-lhes por debaixo, vão mais longe formar a nova duna, ou prolongar a antiga. Assim, os habitantes das cidades lacustres se esquivavam ás cheias dos lagos suissos ou ás inundações da planicie lombarda.

EM VIANNA DO CASTELLO

Nas regiões calcareas, a alvenaria, com os seus variadissimos recursos, a plasticidade da pedra, o conjunto das industrias do barro, o tijolo, o azulejo, a telha recortada, e tambem a figura decorativa, dão á habitação aspectos de cantante polychromia e pasto á imaginação do artista regional, que assim vivia numa constante labutação criadora. O clima favorece os aspectos felizes, a tradição exalta-os, e é assim que a paisagem é tão pittorescamente illustrada de notas decorativas, com os extensos lanços de aqueductos demandando o filão recondito onde a agua aflora, os pilares gigantes da nora arabe, gemedora

e nostalgica, aureolada pelo arco-iris da agua borrifada pelos alcatruzes, os terraços sonhadores onde florescem espirradeiras e sangram bouganvillias, e esses candidos thuribulos do lar que são as airosas chaminés algarvias. Os grossos pilares que sustentam as varandas do norte substituem-se por arcarias que a existencia do tijolo e do barro torna de facil construcção, sendo ainda com tijolo que se revestem os pavimentos, se formam as abobadilhas de descarga das portas e janellas, os celleiros, as adegas, os fornos. Recortado, é um dos mais caracteristicos recursos decorativos da região, empregando-se em frisos de cimalha, ameias, chaminés, pombaes e nos arcos rendilhados das janellas em ferradura; conjugando-se em graciosos desenhos, vê-se nas varandas, terraços, platibandas e em certas janellas reconditas, especies de rótulas que lembram de longe discretos ralos de confessionario. O azulejo fórma a percinta dos corredores com o desenho fresco e simples de faixa e contra-faixa, verde e branco; illustra a frontaria com a imagem do santo padroeiro e reveste os alegretes do miradouro onde enrubescem as rosas do canniçado.

EM VIANNA DO CASTELLO

Os tectos, sempre cobertos de telha curva, alvejantes de cal, ornamentam-se nas regiões de Aveiro, Coimbra, Thomar, na vasta zona estremenha e para além do Tejo, com figuras da olaria popular nas extremidades das empenas ou perto do angulo dos beiraes — leões heraldicos, perús, pombas, animaes fantasticos — e as pontas do telhado erguem-se em bico, á chinesa, com telhas lanceoladas, recortadas como uma renda. As chaminés, sobretudo no Alemtejo e Algarve, são de uma infinita variedade, umas como

minusculos zimborios de cathedral, outras com pilastras doricas e cimalha classica, outras cylindricas cingidas por calabres espiralados, outras encimadas por cupulas aos gomos lembrando turbantes mouros, outras emfim em que o alvanel juntou argamassa e tijolo segundo os azares da fantasia, produzindo modelos inéditos de originalidade e de graça.

O typo da habitação rural do Alemtejo é o *monte,* centro da familia agricola das vastas herdades da região, correspondente

O PAÇO DE CALHEIROS EM PONTE DE LIMA

ás quintas ou granjas do norte e condicionado apenas pela divergencia das suas circunstancias agrarias. Simples rés-do-chão estendendo em maior ou menor area o agrupamento das suas dependencias quando do lavrador remediado, toma as proporções de uma *villa* quando na posse do *landlord,* que chega a fazer d'elle um palacio citadino com todo o luxo e conforto da habitação urbana. Intermedio, está o monte do agricultor rico, de habitos campesinos e casa farta, mas sujeito por tradição e gosto á simplicidade rustica do viver ambiente. Na monotona ondulação do país alemtejano, no alto da lomba ou a meio da encosta, sob o reverbero inalteravel da luz, os *montes* desenham-se em destaque nitido, brancos como marabutos, desdobrando a horizonta-

lidade das suas linhas e o leve pendor dos seus telhados faiscantes, a cima dos quaes apenas irrompe o recorte geometrico da chaminé.

O monte comprehende a casa de habitação do proprietario e o conjunto das dependencias onde se guarda a alfaia agricola, se faz o queijo e se amassa o pão, e onde repousam os serviçaes, os maltezes e o gado. Albergaria do caminheiro, do vagabundo,

PAÇO DE CALHEIROS

o palheiro do monte offerece dormida e agasalho aos que o acaso, a róta ou a mendicancia fazem passar pelo ambito da herdade acolhedora.

A sala de entrada, ladrilhada a tijolo, com o escrupulo de limpeza tradicional nesta região e que só tem paridade no asseio classico dos interiores hollandeses, deslumbra com o polido refulgente do vasilhame caseiro, as *cantareiras* de louça, estanho, cobre, arame, que enchem as estanheiras pintadas de azul e branco. Os corredores, caiados como os dos conventos, com cotovelos e recantos, conduzem á sala de jantar e á larga cozinha, em cuja ampla lareira crepita perennemente, dia e noite, o lume de azinho

e de sobro. Pelas paredes, o mesmo scintillante reflexo de metaes brunidos que constituem o trem do serviço domestico e dos ganhões quando a cozinha é commum; a um canto, o bojo do pote de barro, com o galbo classico do *dolium* romano. As demais dependencias, a amassaria, queijeira, celleiros, cavallariças, palheiros, cabanas, agrupam-se em volta da habitação, formando assim um pequeno e alvejante burgo, ou destacam-se em maior area

CASA RURAL DO MINHO

D'este typo procede a casa do seculo XVII, com escada exterior parallela á frontaria e varanda alpendrada (gr. anterior)

como factores municipes d'este pequeno mundo agrario. Ao lado a eira, em sitio alto e batido de vento para a limpa, mais além os vastos tanques para o gado, claros rectangulos onde o azul se mira, implacavelmente; a nora arabe ou a cegonha, ás vezes o aqueducto, por fim a horta e pomar, quadriculas de verdejante repouso no incommensuravel descampado da região.

Nas villas e cidades, pelas multiplas adaptações do seu viver, é impossivel reduzir a habitação a um typo ou typos que, mesmo differenciados nas diversas zonas do país, resumam a concor-

CASA RURAL DO SUAJO
D'este typo procede a casa seguinte, do seculo XVIII

dancia dos factores constructivos e a variedade dos elementos ornamentaes. Pelas condições incessantemente variaveis da existencia social com todas as suas imposições de luxo e conforto, pela infiltração cosmopolita e pelas correntes da arte e da moda dia a dia renovadas, a habitação urbana reune um conjunto heterogeneo de elementos artisticos, superfluos ou incompativeis com a habitação rural, ao passo que lhe faltam outros, ás vezes de bem interessante cunho esthetico, inherentes á vivenda campestre, á qual imprimem caracter e pittoresco. Foi nas cidades e villas que mais especialmente actuou a influencia dos architectos e alveneis que de regiões estranhas vinham, com

EM BRAGA — CASA DO FEITAL

EM PONTE DE LIMA

seus novos canons, proceder á construcção dos edificios religiosos ou dos grandes edificios publicos; é, pois, nesses centros que em maior profusão ainda se conservam restos de escultura de pedra, de talha de madeira, de ferro forjado, de bronze e muitas outras vinhetas illustrativas da habitação em Portugal.

As escadas exteriores, e por isso os alpendres, tão typicas e logicas no campo, apparecem sómente em uma ou outra casa primitivamente isolada e pouco a pouco cingida pela crescente invasão das novas edificações que lhe conquistaram a antiga area da cêrca ou terreiro; e ainda se justificam em algum largo tranquillo ou alameda umbrosa como as que, a datar do seculo XVII, se construiram em quasi todas as terras do país. As portas, rectangulares ou ogivaes, de aresta viva ou chanfrada, com alisares lisos ou historia-

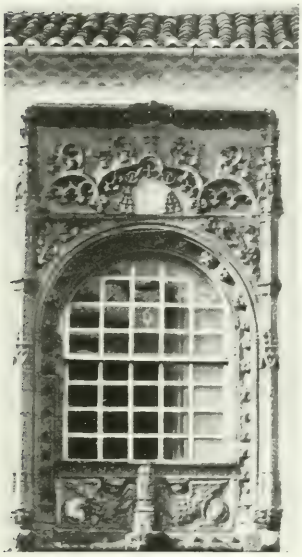
AMARANTE

dos, as janellas de peitoril saliente, unas ou geminadas, com verga direita ou curva, de arco pleno ou polycentrico, as cornijas, os modilhões, as gargulas, todos os trechos decorativos que davam physionomia á habitação portuguesa, são coevos, como disse, das fórmas de arte importadas, e ás quaes entre nós se imprimiram modificações regionaes, fórmas de arte que dominaram em certos periodos da nossa historia. Essa lei observa-se desde a vetusta casa do senado de Bragança, que entesta com o primitivo romanico, até ao desolador hybridismo da architectura contemporanea. É assim que certas villas e cidades do norte, Vianna do Castello, Braga, Guimarães, Miranda do Douro, Porto, Trancoso, Coimbra, Thomar, ao sul Lisboa com os seus velhos bairros de Alfama e Mouraria, e sobretudo a rica e archeologica Evora, nos dão, pela sua antiguidade e resistencia á intervenção cosmopolita, uma das mais vivas impressões do viver archaico e dos recursos do constructor, que tenazmente alliava a tradição á novidade pela conservação tocante e ingenua de alguns rythmos do passado.

CASA DOS COIMBRAS EM BRAGA (demolida)

Na ornamentação das nossas casas urbanas, uma das influencias mais remotas e persistentes foi a influencia mourisca, não só pela admiravel mestria dos seus alveneis chamados a todo o país, como pela perfeição technica dos seus ensambladores, em todos os trabalhos de madeira. Rótulas de fusos esbeltamente torneados,

tectos como os da igreja de Caminha, da Universidade, da sala das Pêgas, dos Cysnes e dos Brasões, no Paço de Cintra; balaustres de sacadas e de gelosias, cancellas, modilhões, a infinita variedade dos utensilios domesticos e da lavoura, mostram a pericia dos velhos artifices mouriscos e o indelevel cunho que a tradição hispano-arabe deixou nas artes decorativas em Portugal. Tal influencia, anterior á fundação da nacionalidade, tão radicada ao sul do país pela concordancia de solo e clima com o natural das gentes invasoras, deu á arte de construir, á marcenaria, á olaria, á metallurgia e a muitas das industrias texteis nacionaes, o mais abundante manancial de vocabulos, que ainda hoje se mantém no seu pittoresco lexicon. Os serviços do mouro industrioso eram de tal maneira apreciados, até nas provincias da extrema norte, que os povos de Bragança solicitaram para os do seu districto a graça de serem excluidos do decreto de expulsão que maculou o reinado de D. Manuel.



CASA DOS COIMBRAS

A rótula mourisca é a mais antiga vedação conhecida das habitações peninsulares, e ainda hoje é rara a verga de janella, por essas villorias provincianas, que não conserve nos angulos superiores os ganchos sobre que rodava a charneira do caixilho. Este manteve-se movediço já depois da applicação das vidraças, fixou-se mais tarde em moldura saliente, na face exterior dos alizares, para finalmente lhes revestir as quatro faces internas.

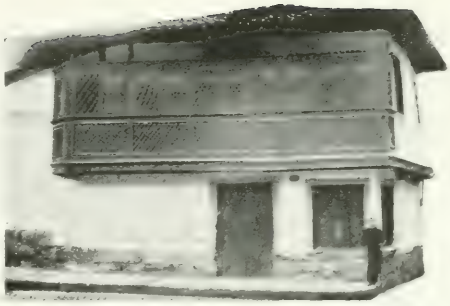
CASA DOS COIMBRAS
Conceptacúlo dos [illegible]

Em algumas terras do Minho vêem-se casas com fachadas literalmente cobertas de

adufas cujos operculos ao erguer-se rangem nas dobradiças. Cerradas ao exterior, como que se calafetam de mysterio, lembrando parlatorios de convento ou corredores de serralho: restam ainda como reliquias uma casa na Rua de S. Marcos, em Braga, e outra na Rua do Valle das Donas, em Guimarães. Villa Real tem exemplares lindissimos de adufas, bem como Bragança, o Porto e quasi todas as povoações do sul, onde foi mais duradouro o dominio arabe. As sacadas de balaustres torneados, de madeira, que tanta côr imprimem ás fachadas, teem a mesma remota origem mourisca e ainda hoje se vêem em algumas frontarias archaicas de Vianna do Castello, Braga e Guimarães; os balaustres recortados, que bateram em retirada deante da barateza dos inexpressivos trabalhos de ferro fundido. conservam-se, entre outras terras, nas pittorescas varandas da rua Direita em Chaves, onde persiste uma timida adufa obsoleta, esquecida na sombra do beiral saliente e decrepito... Os tectos apainelados, coloridos e avivados a ouro, com o imbricado geometrico dos azulejos hispano-arabes, de tão rico effeito nos salões de outr'ora, apenas se manteem em raros edificios religiosos, podendo citar-se o que resta, bastante restaurado, numa capella do claustro da Madre de Deus, em Xabregas.

CASA DOS COIMBRAS EM BRAGA

São raras as fachadas romanicas e gothicas que subsistem, a não ser em algumas cidades raianas, como Bragança, Miranda, no Porto o typico exemplar do bairro da Sé, em Trancoso, restando em outras terras vestigios quasi submersos por modificações



EM GUIMARÃES

successivas. São todas, porém, de uma primitiva simplicidade, e ornamentam-se no norte com parcas e barbaras decorações, mercê da rijeza hostil do material. É dos inicios da Renascença, e de então para cá até aos fins do seculo XVIII, que se conservam os mais interessantes exemplares da habitação portuguesa. As fachadas quinhentistas apresentam em geral grandes superficies lisas, adaptadas ás irregularidades da rua; as aberturas são asymetricas e revelam o destino interior dos aposentos, destacando-se, como motivos de arte, janellas de peitoril, sacadas geminadas, janellas de angulo, e ao rés-do-chão as portas, que conservam frequentemente a sobriedade rude de uma ogiva sem ornamentos, de chanfro simples e aduelas enormes, á etrusca; ao alto, como em certas casas de Vianna, Porto, Villa Real, Evora, uma linha de ameias pyramidaes que remata a cornija terminal. Desde D. João II, e a seguir com a arte denominada manuelina, começam as aberturas a tomar as fórmas do gothico terciario e a afogar-se no enlabyrinthado e profuso abraço da sua ornamentação offegante. As vergas são polycentricas, em arco abatido, em ferradura, á mourisca; bipartem-se por

EM BRAGA

BRAGANÇA — Casa gothica da Cidadella

DESENHO ORIGINAL DO SR. ALFREDO DE ANDRADE

meio do mainel fasciculado ou torcido, flanqueiam-se de pinaculos gothicos e seus cogulhos, envolvem-se nas caprichosas curvas do calabre. São d'este periodo as casas do Conde da Carreira, em Vianna, e na mesma cidade o lindissimo exemplar da rua de S. Pedro; em Villa Real a casa do Paço que pertenceu á historica familia dos Tavoras; em Braga a casa (hoje demolida) da Rua de S. João, antigo solar da familia dos Coimbras; no Porto, a casa ameada, tambem demolida, da Rua das Flores, e a rica sacada de angulo da casa natal do Infante D. Henrique, hoje na Quinta da Avelleda em Penafiel; em Coimbra, o historico paço de Sub-Ripas; em Viseu, a casa onde nasceu D. Duarte; na Batalha, as duas janellas typicas, hoje deslocadas; em Lisboa, a Casa dos Bicos, com a pittoresca decoração em ponta de diamante. Vem em seguida a Renascença com a pureza repousante da modernatura, a decoração discreta e fina das pilastras, os medalhões, as janelas esquarteladas,—tranquillo hiato depois da plethora manuelina. Subsistem d'este periodo casas em Vianna do Castello, Guimarães, Coimbra, Thomar, Lisboa (claustro da Companhia Editora, no Conde Barão), Azeitão (Palacio da Bacalhôa), Evora, Villa Viçosa, etc.

VIDAGO — Casa rural

Uma das mais interessantes casas d'este periodo, rica habitação rural em plena herdade alemtejana, é a denominada *Sempre Noiva,* entre Evora e Arraiolos. Dos fins do seculo XV ou principios do XVI, representa um dos mais bellos exemplares da edificação quinhentista. A fachada, de vasta superficie e nobres proporções, apresenta tres sacadas de arco de ferradura geminadas

NO VIDAGO

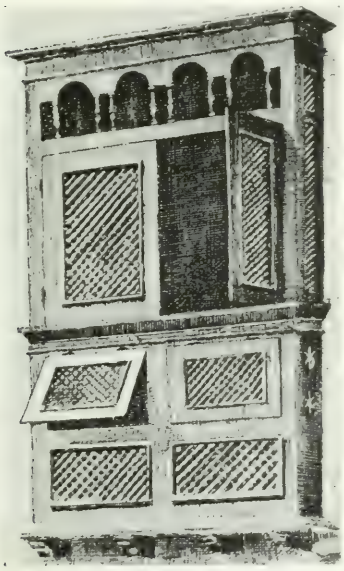
por delicadissimos maineis de marmore, e a um canto uma graciosa janella de angulo. A escada exterior, que termina em amplo terraço outr'ora coberto, é um dos mais pittorescos exemplares da construcção alemtejana. Dentro, o salão e uma especie de côro abobadado que dava para a capella, atrás a torre, hoje demolida, e engenhosas escadas de caracol que dão á fachada posterior uma tão imprevista e colorida série de perfis curvilineos.

Além das aberturas, thema a que o architecto dera todo o seu amor e todo o seu cuidado, as frontarias das casas quinhentistas ornamentavam-se com graciosas vinhetas, como o archanjo S. Miguel dominando o dragão; a meridiana, ora ao alto de uma cornija ora na face de um torreão; o galeão velejando num esquinal de muro ou o nicho recolhido sob um baldaquino de corda. Por certas ruas da velha Lisboa ainda hoje se vêem os galeões trazendo nas vergas os corvos de S. Vicente, em vulto ou em baixo relevo, sendo um dos mais finamente modelados o que se encontra na esquina da Rua da Alfandega para a rua dos Arameiros. Em Evora, á sombra dos bei-

VARANDAS EM CHAVES

VILLA REAL
A casa de Matheus

raes, usavam-se os frisos de *sgraffitos* [1], de que ainda restam exemplares datados do meado do seculo XVII; e nas sobreportas, já nos fins do seculo XVIII, ornatos em alto relevo, de côr de cinza ou amarello pallido, o que faz assemelhar as janellas e sacadas a tremós Luis XVI. O ferro forjado foi sempre admiravelmente trabalhado em Portugal, constituindo ainda hoje uma das raras industrias artisticas que se conservam em terras de Bragança. Servia para gelosias, balaustres, papagaios, para as espheras armillares que flanqueavam o peitoril das sacadas, para grimpas e cataventos com leões rompentes, anjos, sereias, e tambem os attributos da paixão: finalmente para os escudetes das aldrabas, e para a ferragem e a pregaria dos portões.



EM VILLA REAL

[1] Os *sgraffitos* obtinham-se collocando sobre a superficie caiada uma folha de metal com um ornato em aberto, e raspando em seguida a cal por meio de um garfo de ferro. A côr cinzenta do barro ficava assim a descoberto consti-

CASA GOTHICA NO PORTO
Projecto de restauro

Com a intromissão do factor greco-romano, a habitação portuguesa abandona as linhas irregulares e a caprichosa liberdade dos ultimos clarões do gothico, e começa a modelar os seus alçados pelos principios da Renascença italiana. Ao sabor medieval das casas do campo e da cidade, com a assymetria das aberturas, o imprevisto fantasioso dos motivos locaes, as linhas de ameias e as, ainda que raras, torres circulares, succedem as frontarias de pilastras historiadas, de cornijas, de platibanda; a symetria imposta pela nova escola começa a distribuir as janellas de peitoril ou as sacadas em filas regulares, de proporções classicas, em que o andar nobre destaca como centro de composição pela sua importancia e grandeza. A um curto periodo em que os elementos antigos, ainda distribuidos com leveza e graça, dão pittoresco a certas construcções quinhentistas, tal como aconteceu na primeira Renascença italiana, do florentino Brunellescho, succede entre nós o estylo *barroco*, durante o seculo XVII e parte do seculo XVIII. As janellas e sacadas sobrecarregam-se com pesados frontões triangulares ou em arco, as cimalhas alongam-se e alteiam-se,

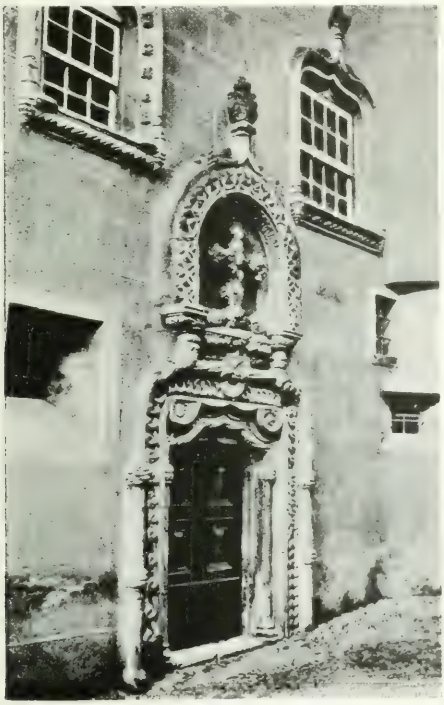
BUIRA — Casa rural

tuindo o fundo do desenho. Este tambem se obtinha cinzento sobre fundo branco, arrancando-se na folha de metal a recortar, em vez do fundo, o ornato.

os portões rasgam-se como entradas triumphaes, sobrepujados pela arrogancia dos brasões que desdobram solemnemente em cataractas de escultura a flora dos seus paquifes. De amplos pateos lageados a pedrinha meuda, ascendem pomposas escadarias num sumptuoso desenvolvimento de corrimões e patamares, percintadas de azulejos ricamente decorativos, historiando guerras e caçadas, jogos, duellos, idyllios em parques de luxo.

EM THOMAR

Na cidade, a planta d'estas habitações é simples, quasi sempre rectangular; mas no campo, em que a liberdade do architecto o deixava vaguear pela tradição local e pelo destino inherente ao meio, bem como pelo maior alargamento da area, as casas dos seculos XVII e XVIII constituem os mais expressivos e interessantes exemplares da habitação rural portuguesa. As escadarias exteriores, de varios lanços, os torreões de angulo, com linhas de ameias entre quatro pyras heraldicas, as galerias abertas e as vastas varandas ao sul, com tectos assentes sobre a delicada elegancia dos fustes doricos, a linha classica dos balcões, fazem destacar, entre as mais typicas, as casas Bertiandos, Pomarchão e Nossa Senhora da Aurora, em Ponte do Lima, onde tambem se vê a vivenda senhorial dos condes de Calheiros, avultando com so-



COIMBRA — Casa de Sub-Ripas

EM LISBOA

berana linha solarenga no largo panorama de uma natureza uberrima; as casas da Torre, em Soutello, e a do Feital, ambas perto de Braga; com as proporções de palacio a sumptuosa vivenda de Matheus, solar dos Condes de Villa Real, e o palacete torreado da quinta do Freixo, na riba-Douro. Da architectura que no tempo de Luis XV reagiu contra o renascente italianismo, temos em Lisboa a fachada, cheia de côr, da casa da rua da Alfandega a que encosta a casa dos Bicos, o soberbo palacio da Mitra, no Campo de Santa Clara, e uma porta na travessa de André Valente. Do regresso ás formas antigas, e d'esse sobrio e fino classisismo que foi a arte Luis XVI, existe em Queluz o bello exemplar que representa com distincção a modalidade architectonica do tempo de D. Maria I.

Ha annos, um dos nossos mais notaveis homens de sciencia, Ricardo Severo, mandou construir na tranquilla rua do Conde, no Porto, a sua casa de habitação, e como aquelle illustre director

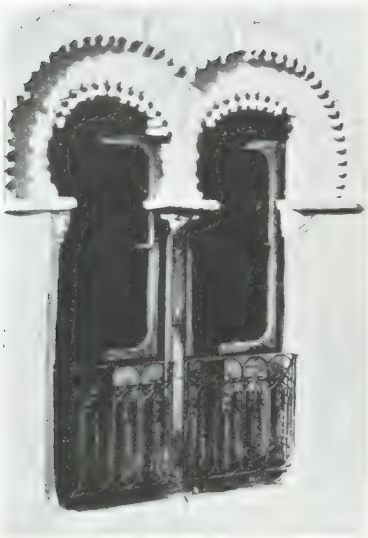
EM LISBOA — Ao Conde Barão

da *Portugalia* possue, além de vastos conhecimentos archeologicos, uma delicada sensibilidade artistica, conjugou, adaptando-os á construcção e condicionando-os ao viver actual, os mais encantadores elementos tradicionaes arrancados aos exemplares archaicos que

EM LISBOA — Casa dos Bicos

restam do viver d'outrora: a escada exterior, de alpendre; as janellas geminadas pela columna dorica, de fuste gracil, com a cimalha saliente sobre misulas; a rotula, a janela de angulo, e deliciosas vinhetas como o nicho, a meridiana, os poiaes para craveiros e mangericos, a veleta no ápice da empena, onde se recorta a carreira de um leão rompente. Reunindo a tradição ás imposições modernas, não pretendeu exemplificar um typo historico e invariavel de habitação regional, mas reunir num schema do nosso tempo tudo o que as suas viagens pelo país lhe sugeriram de bello, de pittoresco e de logico: é por isso um dos mais intelligentes tentames no sentido de dar á casa portuguesa sabor local, poesia e conforto. Não esqueçamos as sympathicas tentativas do architecto Raul Lino, e o projecto da casa O'Neill, em Cascaes, repas-

EM QUELUZ — A casa que foi do Marquês de Pombal



EM VIANNA DO ALEMTEJO

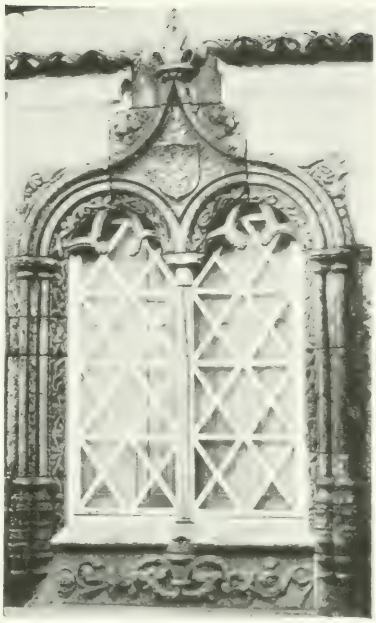
sada de sabor historico, devida á rica fantasia do distincto pintor Francisco Villaça.

Para se completar o estudo organico da habitação portuguesa e d'ahi se poderem tirar conclusões de caracter generico que nos habilitassem a unificar na variedade apparente dos aspectos externos os typos onde se surprehendessem analogias estructuraes, seria preciso reproduzir um conjunto de plantas que comprehendesse todas as variantes (pois que as fachadas são expressão da planta) e dar um largo informe sobre as necessidades, os habitos de vida e as tradições das differentes zonas do país. Não cabe tão ampla documentação, como logo se infere do fim que visa este livro, numa curta exposição descritiva em que deve accentuar-se o factor pittoresco e o caracter poetico, — portanto de indole bem diversa das memorias eruditas.

UM MONTE ALEMTEJANO

O que poderia concluir-se d'estas notas, um pouco esparsas, é que a habitação em Portugal não offerece um typo unico, inva-

riavel no tempo e no espaço, a que possamos dar a designação nacionalista de *casa portuguesa*. Bem pequena é a area do país, mas dentro d'esse restricto ambito, com a multiplicidade dos seus materiaes e do seu clima, surprehendem-se formas de tão flagrante differenciação, o homem por tão variadas maneiras tirou o seu abrigo das condições geologicas, climatericas e agrarias, que uma sinuosa cadeia se pode estabelecer entre os dois élos extremos: a casa pelasgica erguida nas duras e asperas regiões graniticas, e os palheiros de pranchas levantados no chão movediço das dunas do litoral. Nas zonas de contacto, a habitação apresenta caracter misto; ao bloco junta-se a ripa, a taipa, a alvenaria remata o perpianho, e tudo se começa a adornar



EM PORTALEGRE

ALEMTEJO — Sempre noiva

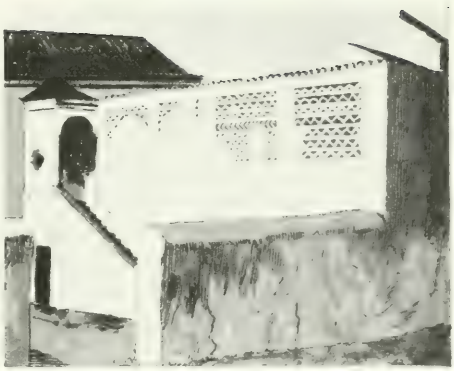
com particularidades decorativas que em nada perturbam a expressão geral architectonica.

MERGNEP — *Agua de Peixes*

Das condições geologicas deriva, como já accentuámos, a expressão externa da habitação humana, e do encontro d'esta com o clima surgiram os recursos especiaes com que a egoista imaginativa do homem foi tornando acolhedor o seu rude, primario abrigo.

No solo tem o constructor de enraizar a casa não só pela imposição dos factores naturaes que se lhe deparam, mas pela maneira de os combinar e pôr em obra, afim de que o typo constructivo não só caiba dentro da ambiencia climaterica, mas se adapte á divergencia das condições sociaes: preço do terreno, especialidades productivas, processos de cultura e recrutamento do pessoal empregado nas lavouras.

EM VIANNA DO ALEMTEJO — *Agua de Peixes*



EM BEJA

Desde o Tejo á extrema norte, na zona propriamente continental, esses processos oscillam dentro de themas similares e d'isso a casa se resente, pois que para o amanho das terras é em geral sufficiente o grupo familiar com a adstricção permanente de restricta famulagem. É por isso que os aposentos se reduzem em numero e a habitação se limita ao rés-do-chão para a alfaia agricola, os celeiros e o gado, e ao primeiro andar para o proprietario e a sua *gens* que frequentemente vive em promiscuidade familiar. É essa a casa portuguesa que apresenta menor numero de variantes e se estende ao Minho, Trás-os-Montes e Beiras, casa de escada exterior alpendrada, varanda saliente sobre pilares ou misulas a qual

PATIO INTERNO DE *Agua de Peixes*

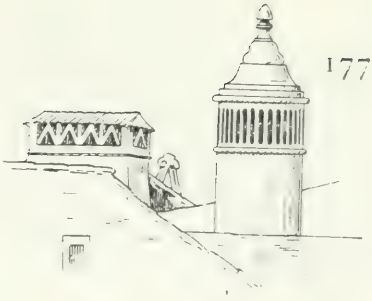
EM EVORA

ora deita para a rua, ora para um pateo rectangular onde secam as carradas de lenha. Na região alemtejana, com a cultura antes extensiva, a multiplicidade das industrias agricolas dentro do mesmo predio, as colmeias de trabalhadores adventicios, o *monte,* mercê, alem d'estes factores, do pequeno material e da facilidade do alargamento da area pela vastidão da propriedade, desdobra-se geralmente em extensão limitando-se ao pavimento terreo em redor do qual se agrupam as demais dependencias do cultivo.

Na faixa algarvia, que são os *Algarves d'áquem-mar*, a tradição mourisca deixou, mais que em qualquer outra parte do país, traços indeleveis de construcção local a que se prende a tradição horticola e a derivada das industrias da pesca. Do clima uniforme nasceram os elementos espontaneos que teem apenas emprego episodico no resto do país: a casa de terraço, de arestas nitidas como um enorme dado de cal, de cuja linha superior apenas se levanta a delicada renda da chaminé ou o perfil da sotéa, como uma cabeça embiocada e curiosa que olhasse ao longe, para o mar de turquesa.

EM EVORA — As portas de Moura

O que nos ultimos tempos se tem querido definir, abstractamente, como constituindo a expressão regionalista da casa portuguesa, é a habitação de escada exterior encostada a uma das fa-



CHAMINÉS DE [illegible] PAPO

chadas do predio ou caindo sobre esta perpendicularmente e coberta no patim do alto por um alpendre com tejadilho assente em columnellos doricos ou jonicos.

Effectivamente, é esta a variedade que, como já dissemos, com maior frequencia se encontra nas regiões ruraes mais diversas, por ser talvez a escada exterior, além de outros motivos apontados, um recurso de construcção facil e economica, facto que parece dar garantias sobre a remota origem d'esse typo, accentuando-se que é commum a toda a faixa mediterranea, como se vê em pontos extremos, no sul de Italia e na Grecia. Nelles se filiam, como ficou exemplificado para o Paço de Calheiros e a Casa do Feital, alguns dos solares dos seculos XVII e XVIII e muitas habitações da classe media no campo e nas cidades. É por certo a que mais se coaduna com a uniformidade do nosso clima, sobretudo nas suas zonas temperadas, e aquella que abrange não só maior numero de exemplares ainda existentes, mas a que mais inalteravel se conservou nas suas linhas geraes através das variantes da architectura civil nos periodos das grandes correntes de arte estrangeira.

Quanto ao pormenor decorativo, esse é que offerece uma abundante variedade de motivos locaes, e é principalmente a elle

CASA DO SR. RICARDO SEMPRO NO PORTO (RUA DO [illegible])

CHAMINÉS DE FERRO

que devemos ir buscar a pedra de toque de onde irradia a expressão regional da casa portuguesa, pois é elle que lhe imprime caracter e lhe dá vida nossa. Ora conservado nas camadas fundas do povo, e em reproducção permanente e fecunda elaboração nos seus objectos de uso commum, ora substituido pela decoração erudita bem depressa modificada ao sabor das tendencias estheticas do architecto local, o ornato é o elemento mais espontaneo e mais intimo da construcção domestica, impregnado de fantasia, de imprevisto, de risonha ingenuidade e sempre de graça ondulante e rythmica. Ao eschema regional, ás necessidades elementares que eram os requisitos inherentes da sua construcção, acrescentou o alvenel os elementos que a poesia do meio e a tradição lhe iam fazendo brotar da imaginação irrequieta; e é por isso que da casa portuguesa se evola um perfume que não reside só na fórma, não se destaca apenas da linha, mas irradia de um conceito minusculo, de um aspecto recatado e humilde, nimba a aresta de um telhado, sente-se ranger na veleta, rasga uma janella sobre a vida intima, evoca-nos o passado embalando a dôr para que adormeça. Ora tudo isto nos faz sonhar porque é a poesia da nossa terra, a poesia do campo e da cidade, que nos lembra sempre, num sobresalto de nostalgia, os sonhos incubos da nossa infancia, e nos unge com o refrescante orvalho da patria longinqua.

COIMBRA — Lapide dos predios foreiros ao Municipio no seculo XVI

JOÃO BARREIRA.

# ARTE DECORATIVA PORTUGUESA

## I

A ARTE decorativa andou em Portugal, como em todos os paises cultos da Europa, ligada aos monumentos. Esta these seria trivial se não a completassemos, acrescentando-a com outra subordinada: quando não havia ainda monumentos, haveria arte decorativa, em germen, ao menos? Onde e como se manifestou?

Os monumentos, ou corrigindo a expressão com mais propriedade, as construcções ornamentadas mais antigas que possuimos, vêem-se ainda nos fragmentos architectonicos da Citania de Briteiros e de Sabroso, nas vizinhanças de Guimarães. Foram integradas com superior criterio no claustro do Convento de S. Domingos, séde da Sociedade Martins Sarmento. Entramos, assim, num dominio decorativo anterior de algumas centenas de annos á arte dos Romanos. Porem, esse mesmo alfabeto artistico apparece na ceramica prehistorica, desligado de qualquer monumento. E recuamos então novamente algumas centenas de annos; quantas? Ninguem o poderá provar por emquanto [1].

---

[1] Cartaillac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris 1886, p. 287 e seg.

Pierre Paris, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*. Paris, 1903 a 1904, 2 vol. Sobretudo os capitulos que comprehendem *l'architecture*

Os motivos da arte são muito variados, e abrangem a pedra, o barro, a lousa, os metaes preciosos. Alguem disse e demonstrou com autoridade incontestavel que os primeiros elementos decorativos, os mais archaicos: os circulos concentricos, a espiral, as covinhas isoladas ou agrupadas, a espinha de peixe elementar, o lavor entrançado, os cordões, os ornatos cruciformes ou alveolares, etc., recordam a arte dos monumentos prehistoricos da Scandinavia e da Gran-Bretanha [1].

A semelhança de alguns motivos é perfeita; outros lembram com evidente clareza as descobertas feitas pelo allemão Schliemann [2].

Separar esses motivos, classificá-los por periodos, determinar a sua procedencia, com apparente exactidão, seria tarefa impossivel por emquanto, e pouco util. É, porem, sobremodo interessante e instructivo observar a persistencia e vitalidade d'essa arte, num periodo em que ella se achava reduzida a um campo limitado, vivendo somente em duas ou tres industrias primitivas.

O que todavia apparece como facto novo e surprehendente — e não foi ainda notado — é a persistencia d'essa arte decorativa da Citania e de Sabroso, com todos os seus symbolos, até nossos dias, em differentes industrias caseiras de primeira ordem, reatando o fio de uma tradição, duas, tres vezes millenaria, com a mais escrupulosa exactidão.

Pois o que são os jugos dos nossos bois, ora simplesmente lavrados com gravura linear, ora com entalhe fundo ou apenas superficial, ora tapados, ora vasados, monochromicos ou polychromicos, senão *pedras formosas*, a seu modo?

O que são as arcarias ornamentadas, no portico da Matriz de Barcellos, o conjunto decorativo (duzias de motivos) de todo o templo de S. Pedro de Balsemão, a decoração em granito do Mosteiro de Travanca, ou os effeitos decorativos em tijolo nas

---

(vol. I), *la céramique* e *les bijoux* do vol. II, com uma extraordinaria riqueza de illustrações.

A obra alcançou o premio Martorell, (concurso de Barcelona de 1902).

Só a ceramica abrange 152 pag. em 8.º gr.

[1] Id., *ibid.*

[2] Id., todo o capitulo: *Les Citanias et les villes fortifiées du Minho*, p. 272 e seg.

ruinas da igreja do Convento de Castro de Avellãs, senão archivos de desenhos para feitores de jugos populares?

Quem foi mais fiel?—o architecto no grande monumento erudito e apurado, o mestre de obras na modesta capella de longinqua freguesia, ou o artifice popular, talhando o jugo com tres pobres instrumentos: a goiva, a meia cana e o pé de cabra? Quem revelou melhor esthese? A resposta é facillima.

O oleiro, o ourives na filigrana, o feitor de jugos principalmente, para citar só tres, revelaram-se os mais seguros e fieis adeptos da arte nacional. Elles nos conservaram o alfabeto de formas decorativas mais rico, mais variado, mais puro, mais genuino que uma nação pode apresentar. E sem receio de contradição se deve affirmar que ninguem nesse campo nos leva a palma!

OS OIROS DAS MULHERES DO MINHO

Salvé pois! Obreiro das aldeias! Não te importes com as pretensões da outra gente que se diz *artista,* porque já acharam pouco o titulo que tiveram ainda teus paes, intitulados simples artifices ou operarios.

Dos templos, uns cairam; outros foram deturpados; raro é o que mantem a pureza das suas linhas constructivas. A arte decorativa popular ficou, vive, floresce. Da ornamentação, nos grandes estilos eruditos, d'essa não falemos! Ahi é que os restauros da moda, os estragos, a confusão foi enorme, perturbando a logica mais elementar, o raciocinio esthetico mais necessario, supprimido ás vezes quasi o proprio

senso commum em determinados centros de influencia, aliás pretenciosos.

A applicação desordenada, chaotica, do estilo *rocóco,* tradicional em Braga, imitado em nossos dias com o mais deploravel exagero, num rigorismo que assombra; o servilismo com que se repete na capital o chamado estilo *pombalino,* na habitação particular, applicando a chalets um estilo feito para quarteis, secretarias e conventos banaes: estilo frio, monotono e pobre de ideias; a furia insana com que se devaneia no moderno estilo *manuelino,* com dois elementos apenas: asymetria nas linhas constructivas e arcos polycentricos—porque fauna e flora decorativa ninguem as entende na ornamentação talhada *à l'aventure* — são symptomas deploraveis de uma pobreza de ideias palpavel, de uma orientação errada. É tempo de acudir com um conselho reflectido, fundado nas melhores tradições nacionaes. Felizmente, não nos faltam alguns artistas de bom criterio, originalidade e fecundidade comprovadas. Começam a multiplicar-se as obras bem pensadas, obedecendo ás melhores condições technicas, accommodadas a um preço razoavel, traçadas em obediencia ás necessidades modernas, sem cairem nos excessos de estilo, que só por irrisão podiam baptizar como *Arte Nova.*

OS OIROS DAS MULHERES DO MINHO

Haverá *suite,* persistencia nessa salutar reacção?

Tudo depende de um conselho claro da critica, de uma regressão salutar, não ao Passado, puramente, cegamente, mas sim ás fontes, ás genuinas fontes da inspiração nacional. É preciso sentirem novamente, com o povo, as suas alegrias e as suas tristezas expressas em symbolos palpitantes como outr'ora, quando imagens valiam por lettras: *in ipsa legunt qui litteras nesciunt.*

*

* *

Mostrem-lhe as bellezas da sua patria, da sua casa; honrem a poesia do seu lar; venerem a sua arte, porque elle o merece; amparem as suas industrias caseiras, que ainda podem ser uma fonte de receita e de inspiração nacional. Entre elles ha *cantadores*-improvisadores; porque não haverá na arte decorativa popular o improviso fecundo? Se quem canta, seus males espanta — quem debuxa e esculpe e idealiza tanta coisa, é porque tem no coração a saudade de uma belleza entrevista em sonho, presentida, que lhe afaga e fecunda a imaginação. As fontes da inspiração popular nunca secaram.

COBERTA DE URROS

*

* *

Quaes foram essas fontes? Eis o que importa averiguar.

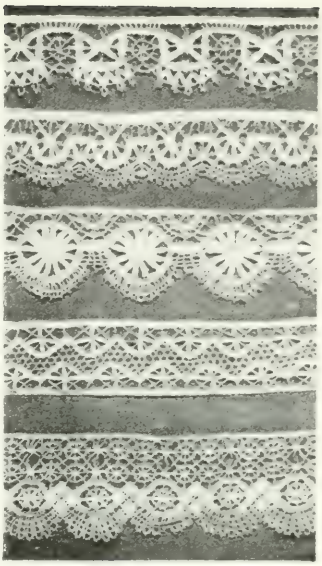
Começaremos a reforma pelas artes decorativas ou pela grande arte, a arte

mãe, a *Architectura*, que em si reune, encyclopedicamente, todos os elementos? A segunda solução só é applicavel nos grandes centros, onde afflue o capital; e ahi mesmo vemos prevalecer os *casarões* (*Avenida da Liberdade*, em Lisboa!) cortiços enormes com mil aberturas, onde a colmeia humana, o inquilino, larga a pelle, o seu dinheiro, explorado pela usura de qualquer grande mestre de obras que traçou o fino plano. Ao contrario, a arte da provincia fez produzir maravilhas artisticas, em terras onde não havia nem marmores raros, nem escultores pretenciosos, nem pintores ou scenographos exoticos. Com uma simples alvenaria — (porque a cantaria é ahi, no Alemtejo, superflua, luxo da mão de obra) — e sobre ella um rebôco de cal, economico, encobrindo o *opus rusticum;* com o tijolo applicado em formas e feitios variadissimos, surprehendentes [1], semeando aqui e acolá com discreta parcimonia uma janella geminada, com columnellos de marmore branco de permeio; realçando a arcaria com tijolo recortado e tingido a ocre vermelho; numa palavra, com os elementos mais economicos, tirados exclusivamente dos recursos locaes, realiza-se um prodigio decorativo. O mesmo *sgraffito,* importado da Italia talvez no seculo XV, mantendo ainda hoje motivos tradicionaes de uma elegancia e distincção raras, em Evora e Beja, mas já esquecido em Coimbra, onde teve e tem bellissimos exemplares historicos — o *sgraffito* nacionalizou-se, a ponto de ser um encanto de toda a vida eborense, até na casa apenas remediada. É uma das formas mais expressivas e mais economicas da decoração portuguesa exterior, ainda hoje.

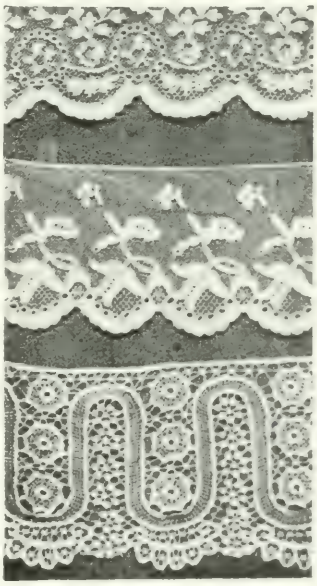
Quem inspirou ali o artifice? Quem animou o seu collega, estucador de Affife (Vianna do Castello), cuja reputação de arte,

[1] Em 1882 (*Ceramica*, serie II, pag. 27, nota 2.ª) sublinhei a importancia do tijolo antigo, como elemento decorativo, em todo o Alemtejo. José Queiroz (*Ceramica Portuguesa*, Lisboa, 1907, pag. 299, capitulo *Tijolo*), a quem recommendei o assunto, illustrou-o lindamente. O grande industrial Almeida Costa (Fabrica das Devezas, em Gaia) provou praticamente nas suas edificações de Gaia e do Porto (Rua de D. Carlos) que a applicação decorativa do tijolo se presta a innumeras e surprehendentes ornamentações na architectura moderna. Vide ainda: *A ceramica applicada ás construcções*, Lisboa, 1907 na *Bibliotheca de Instrucção Profissional*. Ahi mesmo reproduziu a bellissima construcção do Visconde de Sacavem, em Lisboa (Rua do Sacramento), com os merecidos louvores ao fidalgo de bom gosto, que foi arrojado industrial.

bom gosto e geito technico é proverbial? As escolas não devem nada. A tradição para elles — alemtejano e minhoto — é tudo, na officina caseira que, transmittida de paes a filhos e a netos, mantem uma technica primorosa. A familia Meira, hoje com officinas em Vianna, de onde é natural, no Porto, em Coimbra e Lisboa, é um exemplo eloquente da transmissão de aptidões artisticas, sobremodo honrosas. Amparemos pois por todos os modos o lavor domestico, as industrias caseiras, respeitando os direitos historicos adquiridos, saneando os mercados de venda, repellindo a usura e as imitações estrangeiras. Centralizar, com a fé num qualquer typo ou modelo de organização francesa, allemã ou inglesa, é asphyxiar uma vitalidade preciosa.



RENDAS DE PENICHE



Fala-se tanto — tem-se falado de mais — na criação da *Casa portuguesa,* com decoração propria, original, que já ninguem se entende no meio de tantas receitas e alvitres. Cada provincia tem felizmente o seu typo. Procurae-os. Como pretendeis pois apregoar uma *formula, um padrão unico?* Os mais caracteristicos estão por essas estradas fóra; são producto espontaneo popular, original, sem a menor intenção de o ser, simples e convincente, porque são sobretudo exemplares economicos, claros e apropriados ao fim pratico. Teem por fundo uma paisagem que prima pela belleza; nella vive uma raça privilegiada, fecunda pela prole abundante com que povoa o Reino, gente videira, economica, robusta, no meio de uma existencia frugalissima; infatigavel como o boi

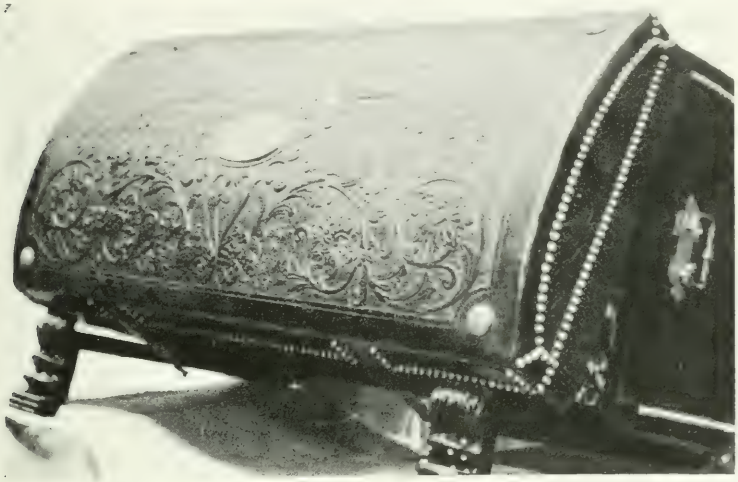
minhoto, que ella considera o seu melhor amigo e alliado. Para elle o melhor logar da casa, o mais agasalhado no inverno, o mais fresco no verão; para elle a alfaia mais adornada, mais cara, mais vistosa — o jugo incomparavel. — Neste capitulo o lavrador, aliás ultra-poupado, não pensa em economia; ahi mantem um verdadeiro culto; á menor doença chama-se o *doutor,* corre-se á botica, longinqua e careira, sempre pesada á magra bolsa do lavrador. Gasta-se com o boizinho aquillo que se regateia á mulher e aos filhos, em doença ás vezes grave. Em torno d'esse jugo e com a mesma technica, precisamente, manteve-se uma decoração caseira que dá grande realce ainda a outros moveis de uso pessoal do lavrador.

Vi em Trás-os-Montes e no Douro peças de mobiliario cobertas de desenhos lavrados com o *entalhe obliquo,* o qual nos paises septentrionaes da Europa: Allemanha, Suecia, Noruega, Dinamarca, Hollanda, etc., resuscitou ha uns vinte annos sob o nome *Kerbschnitt,* com uma voga excepcional.

Vi tambem nessa mesma região, e ainda na casa rustica, typos variados de mobilia torneada (castanho) no estilo da Renascença flamenga e hollandesa, muito notaveis, extremamente solidos, resistindo aos peores tratos, apesar de varios seculos de existencia. Porquê? E facil explicá-lo. A sua construcção é perfeitissima. Não teem prego, nem colla; todos os elementos estão ensamblados com o maior apuro. A mesma perfeição, o mesmo cuidado se revela na factura do vasilhame de cozinha. É certo que os vasos de cobre, caros, mas quasi eternos, tendem a desapparecer. Faz pena porque, sob o ponto de vista da technica, são perfeitos; tudo é batido a martelo primorosamente, soldado com arte eximia, decorado com motivos tradicionaes preciosos. Vale tanto essa *Dinanderie* como a serralharia, pois a obra de ferro, toda forjada, batida sobre a bigorna, ostenta formas, desenhos e ornatos que nos transportam aos seculos XIV, XV e XVI. As grades antigas de grande estilo, nas casas abastadas — (poucas eram ha vinte e sete annos, quando em 1881 as desenhámos; hoje são rarissimas) provam que em Trás-os-Montes se ligou grande importancia á obra do ferreiro e serralheiro.

Estas officinas viviam ao lado da loja do armeiro e espadeiro; lidavam com gente nobre; d'ahi a riqueza com que os fidalgos e burgueses abastados ornavam as varandas de suas casas e pa-

lacios, as reixas de suas capellas mortuarias em Braga, Lamego, Bragança, Evora, Elvas, Borba, Villa Viçosa, etc. Em todas essas localidades, recolhemos desenhos preciosos. Os pequenos centros da provincia rivalizaram com os lavores das grandes cidades. A obra moderna de serralharia em Lamego, Trancoso e Celorico (gradeamentos dos cemiterios) dá ainda hoje na vista, surprehende, encanta nos padrões. A enorme grade do cemiterio de Celorico, um primor de arte, deve-se a um modesto serralheiro



BAHU DE COIRO LAVRADO, MODERNO — Porto

da terra. É um prodigio e custou 300$000 réis!! Outra, de merito quasi igual, no cemiterio de Trancoso.

Repetimos: o estilo d'essas grades de cemiterio, grimpas de torre, gaiolas de sinos, cruzes funereas, impõe-se, nos padrões grandes e nos minimos. Em Coimbra reappareceram nos ultimos annos lavores que annunciam uma nova Renascença, graças aos esforços do Sr. Antonio Augusto Gonçalves, antigo Director da Escola Industrial *Brotero* e restaurador benemerito da Sé Velha de Coimbra, artista de optima raça e organizador da officina conimbricense, em novas bases. Elle tem como poucos a intuição clara, o sentimento arraigado, a convicção profunda da valia do operario popular. Sabe, ha muito, de onde vem e para onde vae; e com elle caminha ha 30 annos o operariado de uma cidade inteira. A *Escola Livre das Artes do Desenho* de Coimbra, que

já festejou as suas bodas de prata, modestamente, em silencio recolhido, mas em trabalho sempre fecundo, deu o exemplo, antes do Governo intervir no ensino das artes decorativas com tentativas, apalpadelas e contradições. Ahi, como na capital, foi a iniciativa particular quem deu o exemplo, o modelo para as suas organizações. Em Lisboa, a *Escola Rodrigues Sampaio* é anterior a todas as tentativas do Ministro, aliás benemerito, Antonio Augusto de Aguiar (1883). A *Escola Livre* de Coimbra ainda é mais antiga! O Sr. Gonçalves não promoveu só essa arte da serralharia artistica, decorativa, de que estamos falando; agrupou em torno das officinas da Sé Velha, restaurada por iniciativa de um Prelado eminente, grande e generoso, á moda dos Almeidas, dos Castello-Brancos e dos Mellos — uma serie de industrias de arte, que posso e devo classificar como modelares, porque é elle o primeiro que trabalha e maneja os instrumentos, como maneja o seu seguro, fecundo e energico lapis. Assim, os effeitos são visiveis, palpaveis, gloriosos; ennobrecem uma cidade e honram o paiz!

## II

A arte decorativa seguiu na architectura profana e religiosa iguaes destinos ao principio. Não temos especimes da decoração romanica, mas ha-os nos codices membranaceos castelhanos (*codice Vigilano,* seculos XI–XII; no *Libro de los Testamientos,* na cathedral de Oviedo, principios do seculo XII; na *Biblia,* de Avila, seculo XII; no *Libro de los juegos,* de D. Affonso, *O Sabio*, fins do seculo XIII, etc.). E toda a razão ha para suppor em Portugal uma arte irmã. Comparando, por exemplo, o ultimo d'estes codices com as illuminuras que illustram o *Cancioneiro* da Bibliotheca Real da Ajuda, facilmente se conhece que os nossos artistas se inspiravam dos modelos vizinhos, mormente da arte que dominava na côrte de D. Affonso, *O Sabio,* avô de El-Rei D. Dinis, de quem foi padrinho, protector e conselheiro. Isto já eu demonstrei com documentos, os proprios decalcos do *Cancioneiro* citado, tirados em 1877 e remettidos ao meu illustre amigo Ferdinand Denis, que com esses e outros documentos meus compôs

uma boa parte da memoria sobre os antigos pergaminhos illuminados da litteratura portuguesa [1].

Em Coimbra conservaram-se até cêrca de 1862 restos muito notaveis de pinturas muraes, *a fresco,* na igreja romanica de S. Christovam, que certamente se relacionavam pelo estilo com a arte da illuminura nacional, como foi observado em Espanha.

Quaes foram dentro da epoca romanica [2] (seculos IX–XIII), os elementos componentes da decoração interior? Sobresaem quatro:

1.º A pintura mural *al fresco.*
2.º–3.º O mosaico, juntamente com o azulejo.
4.º O lavor multiforme do *alfarje.*

Já dissemos como em Coimbra se conservou, até 1862, um preciosissimo resto de pintura a fresco, do seculo XII, na crypta da igreja romanica de S. Christovam, destruida vandalicamente, para dar logar ao Theatro D. Luis I, que tambem jà desappareceu, como obra banal, de fancaria, que era. Tinhamos ahi um typo de decoração interna valioso, caracteristico e bem conservado, segundo o testemunho de pessoas que o admiraram, quando o templo foi demolido [3]. Ninguem, na douta, culta, sabia e pre-

---

[1] *Introducção historica* ao Missal de Estevão Gonçalves. *De la peinture des manuscripts illustrés en Portugal.* Paris, Maciá éditeurs. Sem data.

Vide tambem a monographia do Visconde de Santarem: *Notice sur quelques mannscripts remarquables par leurs caractères et par les ornements dont ils sont embellis.* Paris, s. d. Não traz anno, mas as *Notes additionnelles,* ainda mais raras do que a *Notice,* teem a data 24 de abril de 1835.

O estudo de Esteves Pereira no *Occidente* (revista illustrada), sobre os manuscritos illuminados portugueses, ou existentes em collecções portuguesas, é muito deficiente. Basta recordar que lhe falta toda e qualquer referencia á arte dos nossos vizinhos, que são riquissimos ainda e originaes na sua technica. Sempre a mesma muralha da China, na fronteira de Portugal, para estes senhores, nacionalistas inconscientes! O Visconde de Santarem não procedeu d'este modo, no mesmo assunto, ha sessenta annos. Para que servem então esses exemplos illustres?

[2] Com esta designação entendemos uma classificação que, por falta de espaço, não podemos justificar aqui. Esse serviço foi feito em outro logar, com ampla documentação. (Revista do Porto: *A Arte,* «Ensaio sobre a architectura romanica em Portugal», anno IV, n.º 37 e seguintes).

[3] A. Felipe Simões, *Reliquias da architectura romano-byzantina,* cita as pinturas e dá a planta da egreja destruida.

sunçosa Lusa-Athenas, teve a lembrança de tirar um simples esboço das pinturas da crypta.

Com os frescos combinavam-se os mosaicos de que em toda a peninsula hispanica ha trabalhos nacionaes importantissimos, começando pelas bellissimas obras polychromicas de Gerona e Tarragona (Museu archeologico d'esta cidade; collecção do Conde de Belloch, cêrca de Gerona, etc., etc.). O Museu Archeologico do Carmo (Lisboa), o Museu Archeologico e Ethnologico de Belem, differentes museus de provincia (o do Instituto, em Coimbra; da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães; os da Figueira,

NO BUSSACO — Lavores embrechados

Santarem, Beja, Evora, etc.; vejam-se os valiosos *Boletins* dos mesmos museus) podem apresentar documentos de valor, desde os mosaicos romanos de thermas celebres (no Minho, Caldas de Vizella e das Taipas; no Douro, recentes descobertas de Entre-os Rios; na Estremadura, em todo o Alemtejo e Algarve, segundo as explorações de Estaço da Veiga).

Do mosaico ao azulejo vae um passo somente, bem curto, como é facil demonstrar em toda a arte arabe, pois os azulejos peninsulares mais antigos dos seculos IX e X (Cordoba, na mesquita), são de facto um mosaico ainda e não uma combinação de chapas, inteiriças, nas dimensões normaes de $0^{m},13$. Logo voltaremos a este elemento decorativo, de capital importancia em toda a peninsula, em todos os tempos, até nossos dias.

Sendo o azulejo, desde a sua apresentação no Oriente, como o foi o tijolo vidrado, polychromico, equivalente a um tapete, a um tecido, traduzido em ceramica, para encobrir material de valor intrinseco secundario, é evidente que a transição de um para outro ramo da arte decorativa é natural e impõe-se ao historiador.

Deixemos, porem, por emquanto o azulejo, o tijolo, e o tecido, para nos occuparmos do *alfarje,* que verdadeiramente devia abrir a serie, visto que é o elemento constructivo, por excellencia, em toda a habitação peninsular; d'elle depende tudo o mais; a elle convergem todas as concepções do decorador medievico e do da Renascença.

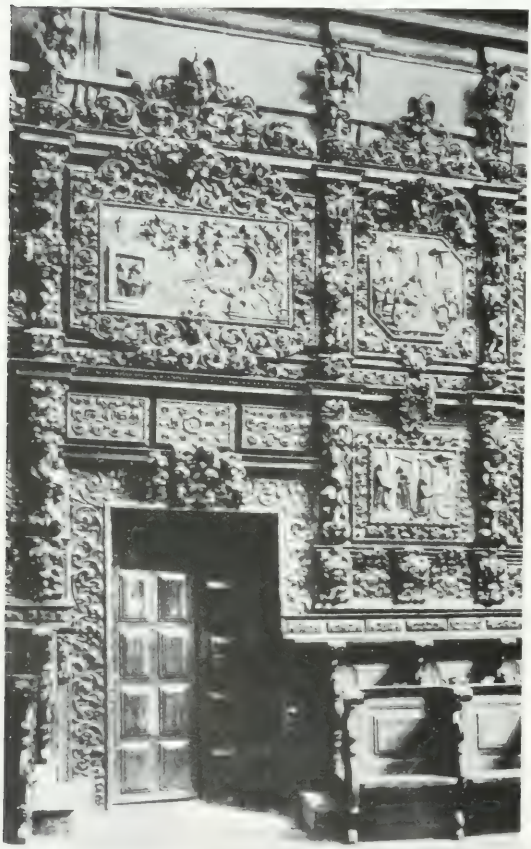
Elle, o alfarje mourisco, mantem o seu triumfo durante todo o seculo XVII e cria ainda maravilhas no primeiro terço do seculo XVIII, no meio da tyrannia do estilo rocôco, e apesar da omnipotencia da moda, que fez da solemnidade faustosa, mas pesada, da habitação portuguesa, um arrebique casquilho. Graça, a graça inconfundivel, o donaire perfeito dos decoradores franceses, uma legião de artistas! raras vezes o teve esse rocôcó [1], mormente trabalhando o granito; e no granito cifram-se tres quartas partes do lavor nacional nesse estilo. Foi preciso que o estilo pseudo-classico, que em Portugal vigorou até 1830 (e corresponde rigorosamente ao estilo Luis XVI de França) começando cêrca de 1780, no reinado de D. Maria I, viesse reacordar a graça, a elegancia, o discreto bom gosto e o conforto da casa moderna; viesse restabelecer as honras da sciencia do desenho, sciencia que o bom Francisco de Hollanda deixára adormecida, como a «Menina branca de neve» da lenda allemã. Esse estilo fez escola, nobilitou o gosto decorativo nacional, mas foi, infelizmente para a maioria das classes abastadas, apenas um episodio da moda, não um proposito esthetico, claro e definido, um programma para

[1] Um exemplo rocôco puro, que nos satisfez plenamente, como uma recordação do que vimos de mais bello em França — mas esse especimen é em *madeira,* não em pedra! — encontra-se no Santuario (Casa das Reliquias) do convento de S. Francisco de Alemquer. Não tem par em todo o Reino, a guarnição dos armarios envidraçados. Parece o *boudoir* de uma Rainha; e Rainha foi a fundadora (D. Beatriz, segunda mulher de D. Affonso III).

Vida nova na Arte. Esse estilo subtil e perfumado, cheio de cherubins e de cupidos, coroado de trofeus galantes, decorado de festões de rosas, de emblemas pastoris e de boninas, colhidas nos prazeres campestres e nos *rendez-vous* amorosos, vive hoje só para os bibliophilos, em meia duzia de livros muito raros, que constituem o nosso capitulo de *livres à gravures*. Aqui entramos num dominio novo, não explorado ainda pela erudição nacional.

* * *

O lavor do *alfarje* ou *almocárabe* domina em Portugal em toda a arte decorativa no interior das habitações, desde a conquista arabe até ao primeiro terço do seculo XVIII. Não ha exemplo de tenacidade, de vitalidade semelhante! Em todo o revestimento interior das grandes e pequenas moradas, dos templos majestosos, das ermidas e capellas mais modestas que sobem pelas grandes serras do Reino ou se escondem nas quebradas umbrosas; em todas as salas e galerias dos Paços regios, bem como nos corredores dos conventos, ou ainda nas aulas dos collegios semi-seculares — por toda a parte registei o triunfo indisputado d'essa grande arte, que mestres mouriscos nos ensinaram.



CÓRO DA IGREJA DE S. BENTO DA VITORIA — PORTO

Mas não é só a carpintaria de construcção em que elles nos instruiram maravilhosamente; é o proprio mobiliario artistico, fixo e volante, que lhes deve os segredos de uma technica surprehendente, ainda hoje louvada e admirada por todo aquelle que a soube descobrir e estudar em exemplares autenticos, quer na cidade, quer na villa, quer na mais insignificante aldeia, pois a difficuldade está nisso, em seguí-la até ás camadas populares, hoje em dia.

Mesmo quando a obra de talha da segunda metade do seculo XVII attinge os effeitos mais theatraes — o de um scenario de opera archi-faustosa, fantastico, é facil encontrar no remanso de uma sacristia, no segredo de uma vestiaria, uma obra rara do alfarje, occulta modestamente, consolando o visitante. Está ali escondida, em bellissimo estilo, recordando-nos a boa tradição de seculos passados, por assim dizer uma Renascença posthuma! A technica é, porem, sempre mosarabe.

Ha mais de trinta annos que estou chamando a attenção dos estudiosos para este ramo, outrora frondosissimo, da arte decorativa peninsular, nacionalizando o termo technico sob a expressão *laço* (em arabe *ajaraca*), *laçaria,* lavor *alicatado.* Em 1882 citei a fonte de estudo capital, o compendio theorico e pratico de toda essa maravilhosa arte mosarabe [1], o tratado: *Carpintaria de lo blanco y tratado de alarifes,* de Diego Lopes de Arenas (1.ª edição, 1633); 3.ª ed. Madrid, 1867, por D. Eduardo de Mariategui. Temos esta á vista.

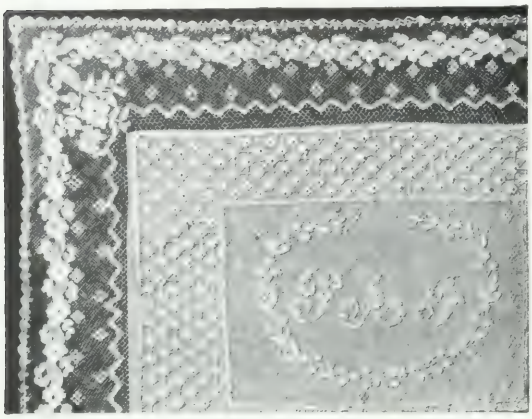
Que importa que o dominio arabe terminasse em Portugal com a conquista do Algarve em 1250, se a influencia do genio artistico d'essa raça nacionalizada no solo peninsular (o mourisco) continuou até á conquista de Granada (1492) e perdurou mesmo até ao primeiro terço do seculo XVII, até á expulsão definitiva dos *mouriscos,* sob o governo de Felipe III (1609); se emfim

---

[1] Havemos encontrado em Portugal differentes exemplares annotados da edição de 1727. O Sr. Antonio Moreira Cabral, distincto bibliophilo do Porto, possue um. Temos presente a edição moderna, annotada, de 1867, que pertence á serie *Biblioteca del arte en España.* No *Commercio do Porto,* a proposito da Exposição de Ceramica Nacional, apontámos em 1882 para a excepcional importancia d'este compendio de carpintaria.

o ensino nas escolas de artifices e nas officinas avulsas se manteve rigorosamente dentro da tradição mourisca, pois o Arenas continuou a ser reeditado pelo seculo XVIII adeante?! [1]

O *alfarje* é uma arte complexa, com processos technicos especiaes; complexa, porque abrange no systema do traçado geometrico não só a carpintaria, mas todo o mobiliario, o azulejo, o lavor variadissimo de estuque, emfim: grande parte da obra de ferro e aço, secções importantes da ceramica, da ourivezaria e da obra esmaltada. No sentido restricto da carpintaria de construcção, que prevalece em toda a habitação humana, é a arte que ensina a traçar, enlaçar, embutir as listas, faixas, fitas ou bandas, que ora cobrem de figuras estrelladas os aposentos interiores, em superficie corrida ou interrupta (alisares, taboleiros das paredes, frisos, nichos, etc.), ora pendem dos tectos, formando estalactites; é a arte da *alxamia,* que produz os adornos pendentes de desenho polygonal; é, emfim, a arte



ALMOFADA DE PENICHE

[1] A influencia do Arenas é reconhecida pelo eminente pedagogo espanhol Borrell, no seu esplendido *Tratado de dibujo.* Madrid, 1866-1875, obra em 3 volumes, fol., que muito honra a sua patria e é uma verdadeira encyclopedia das artes decorativas. A Espanha teve mesmo antes do Arenas um outro livro celebre, com a apologia da officina: *Bienes de el honesto trabajo y daños de la ociosidad,* por el P. Pedro de Guzman. Madrid, 1614. (Nossa collecção). Sobre a Bibliographia da arte e das industrias em Espanha temos publicado elementos importantes desde 1886.

Colleccionámos para nosso uso muitos dos volumes d'essa copiosa e honrosissima bibliographia, que debalde se procurarão nas Bibliotecas publicas mais ricas de Lisboa, Porto e Coimbra.

que criou as cupulas de construcção *alveolar,* as feericas armações que recordam as scintillações do céu estrellado [1].

Se houve arte decorativa original, peninsular, e por isso tambem portuguesa, foi a do *alfarje.* Se os nossos antiquarios suppõem uma influencia d'essa arte, menos evidente entre nós do que em Espanha, enganam-se. Até ha pouco, elles nem sonhavam com o *alfarje;* se algum citou o tecto da capella de Cintra foi para o classificar erradamente de *arabe (sic),* como sendo o da antiga mesquita dos paços *arabes,* quando elle é mourisco, e pertence incontestavelmente ao principio do seculo XVI [2]. O pavimento ceramico da capella, no seu genero tambem lavor de alfarje, esse será talvez do fim do seculo XIV ou principio do seculo immediato. Enganam-se os archeologos nacionaes, porque não conhecem do país senão meia duzia de localidades, accessiveis por meio de commodas linhas ferreas; enganam-se duas vezes, porque teem deante dos olhos uma especie de muralha da China, que começa para elles na raia de Espanha. Desde 1881 andamos registando pacientemente e desenhando as reliquias do alfarje, *da arte mosarabe* [3] entre nós. São ainda numerosas e muito no-

---

[1] Borrell (*op. cit.*) traz os variados processos de construcção, engenhosissimos, das abobadas ou coberturas alveolares (vol. II est. 40 e 41). Elle em parte completa, em parte resume, outras secções do Arenas, mais prolixo. Vide tambem Mariátegui, *Glosario de arquitectura y de sus artes auxiliares.* Madrid, 1876; emfim, o recente estudo de Antonio Prieto y Vives: «Apuntes de geometria decorativa: Los mocárabes», na revista *Cultura española,* Madrid, 1907, n.º 5. O termo — leia-se: *almocárabe.*

[2] Conde de Sabugosa, *O Paço de Cintra,* Lisboa, 1903, com desenhos de Sua Majestade a Rainha. Ahi veem desenhos do tecto e do pavimento em mosaico, de tijolo vidrado, polychromico. Vide, emfim, o nosso Ensaio: *A Ceramica portuguesa e sua applicação decorativa.* Lisboa, junho de 1907, na «Biblioteca de instrucção profissional».

[3] Já em 1882 prometti um estudo intitulado: «Reliquias da arte mosarabe em Portugal (Ceramica portuguesa). Serie II, pag. 34». O douto escritor Mariátegui *(Glosario,* pag. 85). chega a definir o lavor de alfarje, com o proprio termo *moçárabes,* assim: «Labores en forma de lazo çon que se adornan los paños, racimos, cubos, tirantes, etc., de los techos de alfarje — Del arabe *al-morcabaç*», e em outra citação: «moçarabes ó mozarabes llamaban á los techos de maderas dorados que despues se llamó artesonado». Cita depois documentos de 1540 e 1542 e dá os desenhos.

CÔRO DA IGREJA DA MADRE DE DEUS (ABRUGAS)

taveis; o que era, ao principio, um documento artistico, raro, uma excepção, é hoje um valioso thesouro! [1]

Resumindo, porque o capitulo sobre o *alfarje,* seria hoje interminavel, a sua technica perdura ainda; em Coimbra reproduziram ha annos a reliquia da Sé Velha, citada em nota, com toda a perfeição. Uma exposição de desenhos e photographias d'esses lavores

---

[1] Falta-me o espaço para enumerar e commentar a valia das descobertas. Tudo é inedito. Ha obra de alfarje notabilissima em Ceia (Palacete Motta Veiga). O tecto da sala maior d'esta casa do seculo XV, era uma copia rigorosa do grande salão do paço dos Duques do Infantado (Mendozas) em Guadalajara. Desenhámo-la em 1881; foi destruido. Ha ali mais quatro tectos de obra de alfarje, muito notaveis. Outro tecto precioso existe em Coimbra (descoberta do Sr. A. A. Gonçalves). O tecto da matriz de Caminha é incomparavel, uma maravilha. Desenhámo-lo nos menores detalhes, em 1881 e 1882.

É mais conhecido o alfarje que cobria o tecto inferior do antigo côro da Sé Velha de Coimbra, com data de 1477. Foi apeado para ser applicado nas obras novas do Paço do Bispo. Já citámos o tecto da capella do Paço Real de Cintra; ha outro identico na capella do solar dos Duques de Bragança em Villa Viçosa. Ha obra de alfarje em quasi todas as egrejas e capellas semeadas pelas duas vertentes da Serra da Estrella (valles do Mondego e do Zezere). A abundancia de boa madeira de castanho na dita região, outr'ora, favoreceu alli a arte do carpinteiro-decorador.

impõe-se. Por quasi todas as freguesias da Beira, desde os pequenos templos da primeira e segunda metade do seculo XVII e principio do seculo XVIII; desde a laçaria mais simples, schema de duas ou tres estrellas, formada de polygonos enlaçados ou sobrepostos e armados sobre outros tantos pares de tirantes (reguas) parallelos, até á deslumbrante armação pseudo-gothica de 1711 [1], do antigo Palacio dos Peixotos-Padilhas em Lamego [2], temos uma serie ininterrupta de obras de arte que documentam de um modo brilhante, surprehendente a vitalidade da tradição mosarabe em Portugal, o vigor ingenito de um officio privilegiado, a tenacidade, o methodo, a *virtude* em summa, de um ensino que resiste a todas as influencias das modas exoticas importadas. O carpinteiro português quis ser e foi sempre até meado do seculo XVIII (a 2.ª edição do *Arenas* o prova) fiel depositario, honestissimo obreiro de uma arte ancestral, digna de figurar ao lado e em concorrencia com os primeiros modelos estrangeiros.

NA MADEIRA DE ROIS

Note-se que a par d'esse lavor mosarabe na madeira corre parallelo o lavor da Renascença. Pondere-se que as novas formas da arte antiga renascida foram familiares ao carpinteiro-cons-

---

[1] A data está no portico da entrada, sob o brasão de armas.

[2] Por esta obra de talha, posta num palacio que ostenta no brasão da entrada a data 1711, offereceu certo subdito inglês, que foi lá levado por um fidalgo português, a quantia de tres contos de réis. É um prodigio de execução e, o que é raro ao mesmo tempo, um primor de bom gosto, com eminente effeito decorativo, com uma sciencia, uma arte tão segura, tão bem ponderada na graduação do relevo que denota um mestre perfeito.

Está na côr natural do castanho, fosca, numa tonalidade quente, harmoniosa e foi restaurado com muito criterio, por ordem da Direcção do Banco, por

tructor; mas, por mais bellos que pareçam esses productos assimilados da arte italiana, não soffrem comparação com o almocárabe mourisco. Seria facil provar pelo mobiliario fixo: cadeiraes, arcazes, armarios e caixas de orgão, retabulos de altares e pulpitos, gradeamentos e cancellas, guarda-ventos e confissionarios — lavores que se apresentam muitas vezes datados, que elle carpinteiro-constructor riscou para o seu collega, o entalhador, primores da arte da Renascença; mas tudo isso fizeram igualmente bem artifices de outras nações — o *alfarje* só o temos nós e a Hespanha [1].

Não acabaria com este capitulo tão original da arte decorativa portuguesa, se a minha attenção não fosse solicitada por duas variantes da obra de madeira: a talha combinada com a pintura, e a talha combinada com a obra de torno. Tratemos da primeira.

São os revestimentos das abobadas formando caixotões, em que a moldura é talha, ás vezes riquissima, o fundo pintura historica ou allegorica, sempre variada. O pintor neste caso é mais um scenographo que aspira a produzir um effeito decorativo, a distancia, a instruir como num livro aberto; ao passo que o seu collega ornamenta os retabulos pintados dos altares com mais

---

um artista popular de Lamego, que sem cultura, sem escola, executa espontaneamente o mesmo lavor hoje em dia! Quem tal obra fez inventou uma planta geral e risco todo *mosarabe,* baseada sobre dez polygonos hexagonaes de formas muito alongadas que produzem o singularissimo effeito de um artezoado de *abobada gothica,* estrellada, desenhado sobre as faces internas de uma pyramide hexagonal truncada, que forma chapeu sobre a sala. O recinto deverá ter 10 a 12 metros quadrados. Outro aposento menor, contiguo, apresenta outro tecto tambem artistico, mas mais simples. Em Viseu, na Guarda, em Bragança, em Amarante, em Coimbra, Braga, Tagilde (Guimarães), etc., vi tambem exemplares notaveis, mas o de Lamego não tem par, no Reino! É um *traçado* gothico em 1711!

[1] É mosarabe e em parte alfarje, mas com variante sensivel na technica, o gradeamento das varandas, com adufas, rotulas, etc. As adufas da região de Trás-os-Montes são muito notaveis (Villa Real, Mirandella, Murça, Bragança, etc.). Ha até typos de frontarias inteiras, gradeadas em Braga, Guimarães; não havia outrora mirante de convento que não tivesse os elegantes gradeamentos no Norte do país, os quaes correspondem aos gradeamentos de tijolo ornamental *à jour,* nas casas religiosas da Estremadura e do Alemtejo.

cuidado, com os ultimos primores do pincel. Todos os templos do meado do seculo XVII em deante apresentam em Portugal essa obra realizada com o auxilio de duas artes.

Não é combinação nova, a composição da obra de talha com a obra de torno, mas é engenhosa. As camas de lavores fusiformes, de columnas torcidas, coroadas de bilros, são puramente obra de torneiro; o entalhador raras vezes intervem. Ha ahi muita applicação de desenhos e padrões do chamado estylo *indo-português,* mal definido ainda; como é sem duvida indo-português o lavor acharoado (vermelho e ouro, ou preto e ouro [1]) com motivos chineses, que teve immensa voga no reinado de D. João V. (typos: orgão da Capella da Universidade e a propria Biblioteca, ahi mesmo). Mas são de muito merito alguns exemplares do mobiliario nacional em que o entalhador e o torneiro se combinaram harmonicamente. Um pulpito de 1580–1600, na egreja de Santa Maria de Almacave (Lamego), é a este respeito, uma obra prima.

O lavor de *tremidos,* de que tanto se tem abusado nas imitações modernas da obra antiga, desfiguradas ainda em cima com ferragens, de fancaria, não tem importancia, nem valor quando applicado, sem outro elemento decorativo, assim como a obra de torno só, isolada, cansa e fatiga com o seu aspecto pesado. É preciso variar, combinar esses differentes processos technicos, com o alto e baixo relevo, as molduras de variadas grossuras e perfis; attender ao justo equilibrio das superficies lisas e lavradas; fazer intervir a ornamentação dos embutidos a marfim, das madeiras finas, a uma e mais côres (*intarsia*), as applicações do mosaico chamado *florentino* (marmores de côres), etc. Na obra moderna do coiro lavrado teem os nossos artifices attingido, ás vezes, os primores dos mestres antigos. Ha, comtudo, muito exagero na technica.

Se a talha puramente decorativa já era uma especialidade em que se executaram verdadeiros prodigios de 1600–1700, o azulejo decorativo — que chamaremos de *tapete,* o tecido traduzido no barro, sob mil padrões, ou o quadro sacro e allegorico do agiolo-

---

[1] Ou então: verde, preto e ouro com realce branco (S. João de Tarouca).

gio nacional, assumiu proporções que o tornam uma manifestação unica. São a gloria da nação portuguesa, que nenhuma outra lhe pode disputar nos seculos XVII e XVIII, quaesquer que sejam as condições em que a critica apresente o problema a julgamento. Comparem os nossos melhores especimes com as decorações mais aprimoradas que as nações cultas — começando pela grande e fecunda mestra, a Italia — inventaram para a pintura a fresco, e a victoria será nossa. Ahi, no azulejo de Evora, de Beja e de Estremoz, de Lisboa e do Porto, de Alcobaça e de Coimbra, de Refojos do Lima, de S. João de Tarouca, de Viseu e de Lamego, de Guimarães e de Braga, de Vianna e de Barcellos — citamos ao acaso, porque seria preciso contar todas as grandes cidades e todas as villas, as mais obscuras e reconditas aldeias, todas as quintas e solares, as herdades, capellas e cruzeiros mais modestos! — tudo e todos, do Norte a Sul, da raia de Espanha até ás rochas escarpadas do Atlantico, dos pincaros do Minho aos promontorios do Algarve, tudo proclama ao mundo que houve um impulso artistico irresistivel no povo português, comparavel nos seus resultados ás mais bellas manifestações da grande arte.

SACRISTIA
DA SÉ DE VIZEU
Azulejos das paredes e decoração do tecto

O azulejo foi a imitação de um quadro, ou a copia de um tecido, substituiu um e outro, ou ambos ao mesmo tempo, quando

se apresentou como o mais bello panno de raz, com todos os caracteres da grande decoração mural.

Conservou-nos a imagem da vida portuguesa, fielmente, todo o encanto do lar, do nosso interior, a poesia da nossa vida maritima, as aventuras da guerra, as tragedias do mar, os jogos da infancia, os cuidados e as alegrias do campo, os primores da côrte, o idillio amoroso, a lenda dos santos, o milagre das romarias, as sortes das touradas, o sabor do conto popular. Se quereis estudar as artes decorativas — ahi as tendes no mais solido e seguro documento, na *linguagem ceramica,* como num livro inexgotavel e... como se fosse pouco, o que o proprio livro, *impresso,* produziu, o que elle soube inspirar.

TALHA GRANDE DA FABRICA DO RATO

Já atrás alludimos ao livro de imagens — o termo é traduzido da expressão: *livre à figures,* tão conhecido dos verdadeiros bibliophilos.

Parece, pelo silencio dos nossos eruditos, que tal especie não existiu entre nós, ou foi indifferente para os destinos, para a historia das nossas artes decorativas. Puro engano! Desde o sec. XV, desde os incunabulos, desde a *Chronica do Mundo,* de Hartmann Schedel, com as innumeras illustrações (cêrca de 2:000!) de Wohlgemut (mestre de Dürer) e de sua escola; desde a encyclopedia illustrada que correu mundo nos seculos XV e XVI em numerosas edições, sob o titulo *Margarita philosophiæ;* desde esses pesados in-folios e in-quartos, até os minusculos volumes que os Quilhard, os Debrié e os Bartolozzi illustraram, para os nossos poetas da Arcadia e para as almas devotas dos outeiros freiraticos, até ás novenas impressas e aos livrinhos de missa de uma Theresa Angelica da Silva, Princesa Real que escondeu o seu

fino buril sob o veu do anonymo, houve sempre inspirações para a Arte decorativa, dentro do dominio da Imprensa [1].

Não é possivel no limitado espaço de que disponho (e que mal chegaria para fazer bem a historia documentada de um só ramo da arte decorativa) dar uma relação aproximada d'esses *livros de figuras,* onde os gravadores-decoradores nacionaes (portugueses e espanhoes) deixaram archivadas as suas *pièces d'ornements,* suas gravuras decorativas. Esses *maîtres ornemanistes* da peninsula foram por mim estudados cuidadosamente desde 1877. Comecei nos depositos das Bibliotecas reunidas das Necessidades e da Ajuda, ainda na gerencia de Alexandre Herculano, que me facultou hospitaleiramente os seus aposentos de bibliothecario, junto ao palacio da Ajuda. Explorei depois esse riquissimo thesouro durante longos annos, como se fosse a minha propria Biblioteca, porque a confiança que em mim depositava o primeiro empregado, 2.º official Rodrigo Vicente de Almeida, aliás rigoroso no cumprimento das suas funcções, como todos sabem, não tinha limites.

Estes estudos conduziram naturalmente ao exame da Historia da gravura em madeira e cobre portuguesa e da lithographia nacional, á organização de uma collecção que reputo unica, no Reino, e á colleccionação dos *livres à figures,* portugueses. Em publicações successivas, desde 1877, tenho chamado a attenção dos amadores sobre o assunto que constitue verdadeiramente a documentação mais autentica da historia dos *mestres decoradores* (*maîtres-ornemanistes*) em Portugal, nacionaes e estrangeiros, porque estes ultimos prestaram-nos grandes, incontestaveis serviços. Bastará recordar os nomes que figuram acima no texto. Não deve perder-se isto nunca de vista. Primeiro os allemães e os franceses nos incunabulos (seculos XV e XVI); depois esses mesmos, os flamengos puros e os flamengos-hispanizados (dominio de Espanha em Flandres) durante todo o seculo XVII (Pedro Perret,

---

[1] Os paragraphos que vão ler-se em seguida são extrahidos de dois capitulos extensos de um *volume,* note-se bem (*Illustração artistica do livro* nos seculos XV-XVIII sob o ponto de vista *decorativo;* e de outro volume: *Historia da gravura em madeira e em cobre, em Portugal),* iniciados na Ajuda, em 1877».

Noort, Heylan, Villa Franca, Schorquens, etc.), a que vieram juntar-se os ingleses (Biling, o nosso *Belingue*, Dudley), guiaram os mais notaveis gravadores nacionaes, com o esplendido Agostinho Soares — aliás Floriano — á frente.

Os serviços de celebres gravadores franceses: Rochefort, Picart, Quillard, Le Bouteux, os Debrié são menos ignorados. As publicações da Academia Real da Historia que hombreiam, sob o ponto de vista typographico, com as mais perfeitas da França e Italia no seculo XVIII; os primores da Officina Real Sylviana e da Officina Real da Musica de Fernandes Gayo são um encanto, por exemplo na obra: «*Joannes Portugalliae reges ad vivum expressi,* Calamo a P. Emanuele Monteyro; Coelo a Guil.° Franc.° Laur.° Debrie. Parisino Regio Calcographo. Ulyssipone. Anno CIↃ IↃCC XLII fol».

Pode rivalizar com essa obra a seguinte que até a precedeu:

*Ultimas acções do Duque (de Cadaval) D. Nuno,* por seu filho D. Jayme de Mello. Lisboa, 1730, na Officina da Musica, in-fl. gr. com retrato e 28 estampas, alem de grande abundancia de vinhetas.

Os artistas que figuram no precioso volume são: Quilhard (pintor) e Harrewin (gravador). É uma das publicações mais esplendidas que conhecemos da epoca de D. João V, que certamente não foi avara em magnificencias typographicas.

Finalmente: ao terminar o seculo XVIII o celebre Bartolozzi e a sua escola evocaram a arte elegante, decorativa do Imperio e o estilo de Luis XVI, o qual precedeu o gosto da era de Napoleão I e foi ainda o herdeiro d'ella e das modas da grande Revolução até — cêrca de 1830. A escola portuguesa que se criou á volta de Bartolozzi e na celebre officina do Arco do Cego, aperfeiçoando-se em Roma, legou-nos alguns livros deliciosos, mas de merito desigual, porque no mesmo volume trabalharam ás vezes buris desiguaes. (*Noites Josephinas,* de Mirtilo, Lisboa, 1790). Seria preciso citar uma ou duas duzias de volumes. De entre a nossa collecção escolhida lembraremos somente os tomos do *Theatro* de Manuel de Figueiredo, os dois grandes libretos illustrados da Opera, chamada do Tejo (reinado ainda de D. José). Deveriamos ter começado com o rarissimo *Manual de Orações para assistir ao Sacrificio da Missa,* composto e aberto ao buril por Theresa An-

gelica da Silva [1] (Lisboa, 1732), volumezinho que é quasi um mysterio, um enigma da Côrte de D. João V. Depois, seguir pelos livros illustrados de festas e exequias regias, nos reinados de D. Pedro II, D. João V e D. José; passar em seguida ás obras de calligraphia — ás «Artes de ler e escrever» do seculo XVIII, primorosamente illustradas, delicia do bibliophilo em qualquer país! Finalmente, para sermos methodicos, teriamos como remate os poetas da Arcadia e suas obras profusamente illustradas, finamente commentadas ao buril, invenções ás vezes de mediocres poetas (não offendemos com isto a ingenua memoria de Manuel de Figueiredo) servidos por gravadores emeritos [2]. Quasi lhes invejamos a sorte, hoje, no seculo dos processos technicos requintados, em que uma graphia prodigiosa nos deslumbra, mas não faz

---

[1] Sobre a autora-gravadora e o seu rarissimo livrinho, todo gravado a buril (158 pag. em 32.º; creio que o meu exemplar é unico, presentemente) vide Innocencio da Silva, *Diccionario bibliographico,* vol. VII, pag. 316. O meu exemplar tem uma historia muito curiosa. Foi da Infanta a Sr.ª D. Maria Anna, filha de El-Rei D. José, que nasceu a 7 de outubro de 1736 e falleceu no Rio de Janeiro a 16 de maio de 1813. Deixou nome, como artista amadora muito distincta nas artes do desenho e da musica.

[2] Eis as datas de alguns livros com gravuras decorativas de grande merito, datas tiradas dos proprios originaes, que possuimos: Albergaria, *Tropheos Lusitanos,* Lisboa, 1631; *Methodo lusitanico de desenhar as fortificações,* Lisboa, 1680, por Serrão Pimentel; *O engenheiro portuguez,* Lisboa, 1729, por Azevedo Fortes, em 2 vol.; *Exame de bombeiros,* (artilharia), Madrid, 1748, por Pinto Alpoym; *Exame de artilheiros,* pelo mesmo, 1744; *Divertimentos militares,* 1762, anonymo; etc. As relações de exequias, casamentos e outras festas começam com as do embarque da futura Rainha da Grã-Bretanha D. Catharina, filha de D. João IV, em 1661, continuam com a pompa funebre da Rainha D. Sofia Isabel de Neuburgo, em 1699 (2.ª esposa de D. Pedro II) e vão até D. João VI. Os tratados de desenho portugueses, muito bem illustrados no seculo XVIII, foram citados por mim, já em 1879 em obra impressa nesse anno. Conteem muitas gravuras de grande interesse. Finalmente, os tratados de calligraphia são, alem dos de Barata (seculo XVI, contemporaneo de Camões), os bellissimos volumes de Manuel Andrade de Figueiredo, s. d. 1722; Ventura da Silva, 1803; as Regras methodicas do mesmo autor, 1819. Em torno das obras do poeta Figueiredo ha uma multidão de gravadores portugueses de grande merito, como os ha nas obras de Luis Rafael Soyé (Mirtilo). Só as *Noites Josephinas,* com as suas 29 gravuras representam 10 gravadores; *O Sonho,* do mesmo autor tem 16 gravuras e 1 retrato: os gravadores são Debrié, Le Bouteux, e A. Quillard; *O Elo-*

olvidar o amoroso instincto artistico que guiou vossa mão, a vós, alumnos academicos do Arco do Cego, pensionistas da Escola Portuguesa de Roma, hoje olvidada!

Numa arte rara, como é a da gravura em madeira e em cobre, e como foi depois a lithographia, houve em Portugal sempre, um pincel, um buril, um *crayon* fecundo, que ainda hoje admiramos no segredo de uma escolhida livraria, á luz de um velho candieiro português, com a saudade indizivel do passado e a esperança no porvir:

Co'o tempo o prado sêco reverdece,
Co'o tempo um louro morre, outro florece.

Porto, março de 1908.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

---

## DESCRIPÇÃO DAS ESTAMPAS CONTIDAS NO ARTIGO PRECEDENTE

**Ourivesaria.** — Peças de uso exclusivamente popular. Technica da filigrana tradicional.

Pertencem a uma collecção de photographias que mandei executar de 1879-1880 e deviam enriquecer uma obra do calligrapho Godinho sobre os trages populares das provincias portuguesas. Appareceu apenas um fasciculo.

---

*gio,* da Serenissima Senhora D. Maria Barbara, Princesa de Portugal e Rainha de Espanha, por Manuel de Figueiredo, Lisboa, 1804, é um primor de gravura e desenho em que collaboraram Bartolozzi, o celebre D. A. de Sequeira e outros; e para concluir vejam-se as gravuras de José Teixeira Barreto nos *Scherzi poetici,* de Rossi; existe um exemplar na Biblioteca Real da Ajuda, onde abundam os livros dos *Maîtres-ornemanistes,* a começar na *Hypnerotomachia* de Polyphilo (Veneza, 1499) que ali descobrimos em 1877, exemplar perfeitissimo, *hors ligne.*

Havia acceitado a redacção de um capitulo sobre a arte popular e sobre as industrias tradicionaes das nossas aldeias. Outros redactores eram Theophilo Braga e Ramalho Ortigão.

N.º 7. Grande grilhão com estrella pendente (Cruz de Malta), ou em logar d'esta, o grande coração, que está na parte superior.

N.º 8. Brincos lavrados em relevo, ôcos, batidos sobre fôrma; simulam cachos de uvas.

N.os 9 e 10. Argolas lavradas em relevo; mesma technica; uma d'ellas está de frente, a outra em perfil.

N.º 11. Fio de contas torcidas.

N.º 12. Fio de contas lizas.

N.º 13. Grilhão mais grosso que o n.º 7, com medalha pendente, e ao centro um Senhor pregado na cruz; dos lados a Virgem e S. João; o fundo era folheta metallica luzente, côr de purpura.

A parte superior, especie de sobreceu tinha ao centro Nossa Senhora da Conceição e rematava com uma corôa real.

A technica d'esta peça, já difficil de encontrar em 1879, apresenta o lavor de *piorrinhas*, variante preciosa da filigrana popular, que tem ido desapparecendo das peças de ouro e de prata, pois é muito mais difficultoso do que a filigrana de fio tirado, puramente.

N.º 14. Crucifixo; o resplandor esta trabalhado em *piorrinhas*.

N.º 15. Argolas massiças de filigrana, com beira lisa.

N.º 16. Brincos de filigrana, com argola lisa.

N.º 17. Broche usado ainda em 1879, indistinctamente por homens e mulheres.

N.º 18. Borboleta, de filigrana (tambem as vi antes de 1879, de folha de ouro, orlada só de filigrana) que se usava pendente de um cordão fino. A borboleta é apenas, na fórma, um coração invertido; e, como tal, tem significação symbolica.

**Tecidos.** — (Industria domestica). — Arte popular. Urros (concelho de Moncorvo.

Technica: Relativamente perfeita, num tear muito rude, cujo typo authentico pode ver-se no Museu Industrial e Commercial do Porto. Urdidura de linho grosso com trama de lã, puramente.

Ha exemplares muito raros, em que sobre a urdidura de linho se estabelece a trama de seda ordinaria amarella (*barbilho*), especie de seda frouxa.

O tinto é formado com côres vegetaes exclusivamente (neste caso, azul escuro) e resiste muito á acção dos raios solares.

*Polychromia* adoptada: vermelho, verde, amarello, alem do branco e azul.

Estylo: Tradição sem duvida oriental, como tenho verificado escrupulosamente. No seu genero, são modelos admiraveis. Como desenho representam verdadeiros improvisos, pois as tecedeiras de Urros não teem nenhum ensino de arte.

**Rendas.** — (Industria caseira). — Arte popular. Peniche.

Technica: Excellente, feita com bilros e linha nacional. Typos de Peniche.

Pertencem aos annos de 1880-1885, antes da creação da Escola de desenho industrial D. Maria Pia.

Amostras apenas de uma grande collecção de rendas nacionaes de bilro, que representa uns 600 padrões (Vianna do Castello, Villa do Conde, Peniche, Setubal, etc.), cedidos pelo autor ao Estado, e colleccionados de 1876-1889.

A grande travesseira (0,68×0,56) pode considerar-se a obra mais perfeita que se fabricava em Peniche cêrca de 1880. Valor: 13$500 réis. Propriedade do Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, Abbade aposentado de Miragaia (Porto).

Não ha renda de agulha em Portugal, na industria popular.

Estylo: A renda de Peniche foi influenciada notavelmente pelos padrões irlandeses (*guipure*); os padrões de estylo francês (seculo XVIII) são mais raros; são apenas o primeiro e segundo da estampa inferior.

**Obra de couro lavrado.** — Esta industria de arte resurgiu, modernamente, no Norte do país ha cêrca de vinte annos; no Porto, principalmente, trabalhavam e trabalham ainda alguns artistas de muito merito. Comtudo forçam, não poucas vezes, a technica, e prejudicam o effeito decorativo.

A casa Silva Rocha, do Porto, vendeu essa obra ao Museu Industrial e Commercial do Porto num anno (1889) em que apresentou umas malas de grande lavor em estylo manuelino, de gosto duvidoso por vezes, com scenas maritimas, etc. Houve até quem se deleitasse, encommendando e pagando retratos em couro, fingindo baixos-relevos...

As grandes malas mandadas por Silva Rocha á ultima Exposição de Paris (1900), ostentando as maiores florescencias manoelinas, venderam-se só em pequena parte. A maioria foi para o fundo do mar, com o celebre vapor Saint-Jacques, que reconduzia os productos portugueses, não vendidos.

**Obra de mosaico.** — É do primeiro terço do seculo XVII, a obra de *embrechado*, mais antiga, do Convento do Bussaco. Como lavor, é sobremodo caracteristico e muito nacional. O effeito é magnifico, com recursos minimos.

Modernamente tem esta ornamentação sido applicada em grande escala nos passeios de Lisboa (Avenida da Liberdade), com bom resultado; e maior seria, se o desenho dos padrões escolhidos fosse mais artistico.

**Ceramica.** — Azulejo polychromico, simulando tapete.

Escolhi o revestimento da sachristia da Sé de Vizeu, porque neste recinto se conbina, de um modo admiravel, a pintura de arabesco, decorativa, sobre madeira de bôrdo (fim do seculo XVI) com a decoração ceramica e com o azulejo puramente ornamental do primeiro terço do seculo XVII.

O effeito é prestigioso, quando se considera a riqueza da grande pintura em tábua, da Escola do Grão-Vasco, onde brilham admiraveis estofos, em parte ainda guardados nos magnificos arcazes, que não são o menor encanto d'esse discreto e harmonico aposento!

Compare-se esta obra com a da sachristia monumental da igreja de Santa Cruz de Coimbra (1622), em que rivalisa a escultura decorativa da

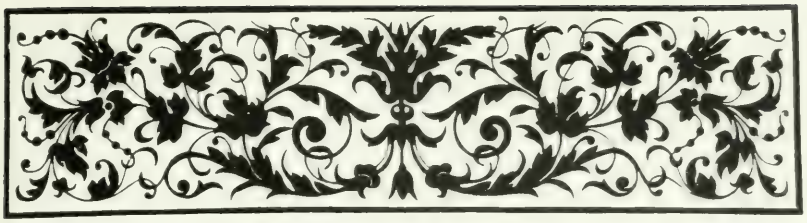
abobada, em pedra de Ançã (um primor), com o azulejo polychromico de tapete nas paredes, com a obra de talha do mobiliario e com a suave harmonia das tábuas do pintor Velascus.

Comparem-se esses dois aspectos com o espectaculoso apparato scenico, theatral da sachristia da Sé do Porto!

Peça grande, decorativa, nacional, inedita, da antiga Fabrica Real do Rato (ultimo terço do seculo XVIII), a maior e mais importante que ella produziu.

É uma talha de faiança decorada sobre fundo branco, com flores, estylo oriental, com as côres: azul, verde, amarello e rôxo. Marca: *F R. Fabrica Real,* sobre monogramma de *Thomaz Brunetti.* Altura: $0^{m},94 \times 0^{m},535$ de diametro. Pertenceu ao Marquês de Pombal e estava em 1886 ainda na Quinta de Oeiras. Foi arrematada no leilão do Conde de Mozer por 82$000 réis e pertencia em 1895 ao Sr. Carlos Ribeiro Ferreira, de Lisboa. (Communicação de José Queiroz).

J. DE V.



# BREVE NOTICIA

SOBRE A

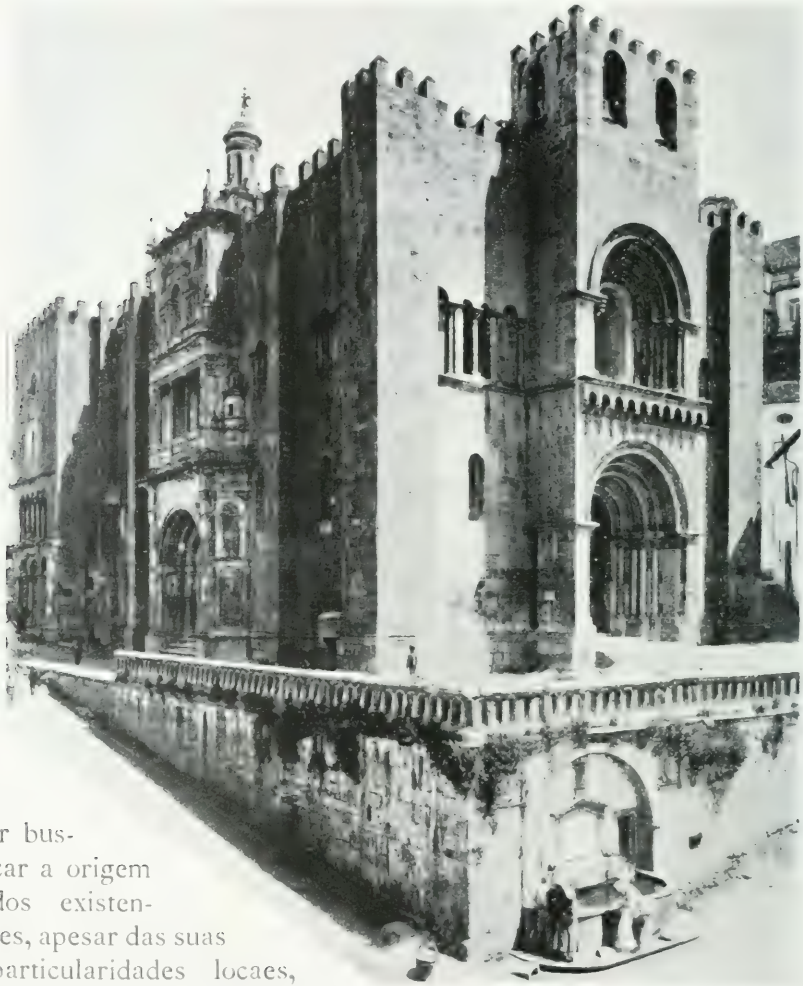
# ARCHITECTURA EM PORTUGAL

Quando no meado do seculo XII Portugal se separou da monarchia leonesa, já na Europa se definira organicamente o typo de architectura conhecida no nosso tempo sob a designação de architectura romanica. Caracterizada nos seus grandes monumentos pelo emprego systematico da abobada, da qual deduz os elementos da sua estructura geral, foi assim denominada por Caumont, em 1825, pois este archeologo a considerou como dimanando da architectura classica por processo analogo ao que fez derivar do latim as linguas chamadas romanicas.

Começando a organizar-se depois do anno 1000, talvez ao sul da França onde se conservara a tradição da abobada antiga, facilmente se espalhou por toda a Europa christã na sua grande zona occidental, sendo a peninsula hispanica a região onde mais rapidamente penetrou, mercê da influencia clunysiana e do grande numero de conventos pela famosa ordem monastica estabelecidos áquem dos Pyrineus.

A Espanha christã comprehendia então uma grande faixa que ia do Tejo ao Ebro e cuja orla oscillava segundo os azares da reconquista, soffrendo por vezes entalhes furiosos da gente sarracena, os quaes, posto que ephemeros, bastavam para a destrui-

ção radical dos monumentos recentemente construidos. É por isso que da phase pre-romanica não ha, pelo menos na região do noroeste peninsular, monumento digno de nota, e forçoso se torna



SE VELHA DE COIMBRA

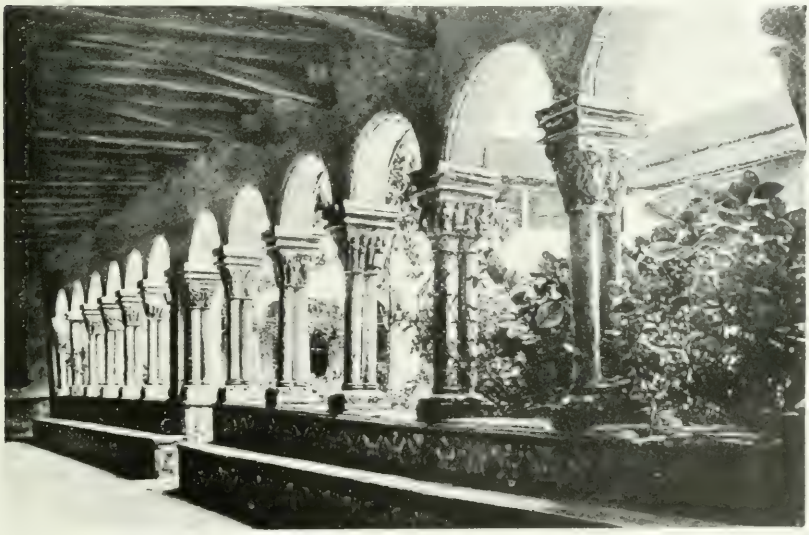
ir buscar a origem dos existentes, apesar das suas particularidades locaes, ás escolas de arte que na Europa criaram o novo typo architectonico, entre nós implantado em virtude do facto religioso.

No periodo indeciso de formação da nacionalidade portuguesa, dado que as fórmas estheticas se manifestam independentemente

das modificações politicas, o conjunto de monumentos sobre que tem de recair a observação do archeologo, existentes ainda hoje na zona de Entre-Douro-e-Minho, pertencem ao grupo que pode-

TRAVANCA — Interior da igreja conventual

mos denominar gallecio-português, pois accusam na estructura e na ornamentaria um reticulo de influencias estendido áquellas duas provincias, ainda apenas esboçado, mas cuja genealogia se fará com maior clareza quando a documentação plastica se



CLAUSTRO DE CELLAS

completar com a informação historica. Não cabe nas dez ou doze paginas d'este artigo a investigação de taes filiações nem o estudo da acção que as grandes cathedraes tiveram sobre os pequenos monumentos: basta que assinalemos o facto para mais tarde o justificarmos em maior espaço e com mais vasto informe.

TORRE DA SÉ DE EVORA

A primeira phase da architectura portuguesa corresponde, pois, ao romanico, e como esta expressão constructiva durou na Europa o curto espaço de 150 annos, os monumentos da nova nacionalidade nasceram quando lá fóra começava a desenhar-se a cruz de ogiva e a esboçarem-se os primeiros traços da architectura gothica,— facto este que circunscreve o romanico português a um periodo de meio seculo. Effectivamente, a cruz de ogiva, ou artesoado gothico, apparece com grande precocidade em monumentos do começo da monarchia.

SÉ DE EVORA

A architectura romanica portuguesa, na sua fórma integral, isto é, em edificios de tres naves abobadadas, reduzia-se ás Sés de Braga[1], Porto, Lamego, Coim-

[1] Em Braga, Porto, Travanca, Pombeiro, Lamego e Lisboa, já não existem as abobadas romanicas; no entanto, ou nunca existissem ou fossem derruidas, é certo que todos os seus elementos organicos tendem á existencia d'aquella cobertura.

bra, Lisboa e Evora, e ás igrejas conventuaes de Travanca e de Pombeiro. Os numerosissimos edificios d'este estilo, mas mais modestos, disseminados pelo país, teem cobertura de madeira, e são em geral de uma só nave. A sua ornamentação obedece ás fontes de inspiração que Courajod lhes assinala com lucido criterio, e que são as influencias classicas, bysantinas, gaulesas e irlandesas, chegando as tres ultimas, pela sua preponderancia, a expulsar completamente a decoração greco-romana. Acrescentemos os motivos locaes que o alvenel da região ingenuamente applicava, por tradição ou por gosto, facto de resto commum a todos os periodos da historia da Arte. A fauna e a flora são orientaes, trazidas pela corrente bysantina aos portos do Mediterraneo ou pelos povos septentrionaes através da zona das caravanas; a ornamentação geometrica reproduz os themas dos objectos de adorno dos povos nordicos, cinturões, punhos de espadas, fibulas, themas caldeados pelos illuministas irlandeses, e mesclados com motivos gallo-romanos, de cujo hybridismo irrompe ás vezes a linha simples da sereia hellenica. Estes ornatos revestem capiteis e archivoltas, modilhões e gargulas, e circundam por vezes com seu macabro enredamento o tympano dos portaes onde se agrupam os elementos ingenuos do symbolismo christão. O luxo decorativo dos edificios romanicos comprehende, alem do portal, fortemente escavado na frontaria, com as curvas decrescentes das archivoltas assentes em duas renques de colum-

IGREJA DA GRAÇA EM SANTAREM

nelos, a diversidade dos capiteis, de plastica rude no duro granito do norte e do Alemtejo, mais delicada na região do calcareo, a ornamentação fruste dos tympanos, e alguns informes e raros exemplares de escultura em vulto.

Começando este simples relato pela zona que no despertar da nacionalidade devia ter soffrido a influencia dos sanctuarios gallegos e leoneses, teriamos naturalmente a citar a Sé de Braga, se

A BATALHA

as successivas mutilações lhe não tivessem reduzido os elementos romanicos a alguns vestigios da porta principal, á porta sul, deslocada do primitivo logar, e a alguns modilhões e gargulas. Mas em volta das reliquias da Cathedral bracarense, nos concelhos de Guimarães, Povoa, Villa do Conde, Barcellos, Santo Tirso, ha toda uma colmeia de pequenos edificios romanicos, quer de uma só nave, de abside ora rectangular, ora semi-circular com abobada em quarto de esfera; quer de tres naves, com ou sem transepto. A sua disseminação faz-se depois em linhas divergentes, no sentido da região portucalense (Aguas-Santas, Cedofeita), para nordeste até Chaves (Granjinha, Outeiro-Sêco), para Bragança

(Castro de Avellãs), para o Douro (Cette, Paços de Ferreira), para sueste até Lamego, subindo depois até á Serra da Estrella. Outra zona de influencia comprehende Coimbra como centro, Thomar, Leiria (igreja de S. Pedro), Santarem (Alporão), Lisboa e Evora.

Das igrejas que constituem aquelle primeiro agrupamento, uma das mais curiosas a citar é a conventual da Travanca, perto de

CASTELLO DE LEIRIA

Projecto de restauração do Sr. Korrodi

Amarante, de tres naves talvez primitivamente abobadadas, com arcos quebrados de saimeis levemente inflectidos, particularidade que os aproxima dos arcos mouriscos em ferradura. A fachada accusa as tres naves interiores, a do meio mais alta com janellas lateraes (*clerestory*), ligada por uma especie de botaréo a uma torre de vigia em cujo portal se repete o arco quebrado, de duas archivoltas estranhamente decoradas com animaes que se perseguem e se devoram, cingindo o tympano onde o cordeiro pascal segura a cruz numa das patas. Alem d'esta igreja, e tambem de tres naves, posto que sem abobadas, temos a citar a interessantissima de S. Pedro de Rates, de bello portal com tympano escul-

pido exterior e interiormente, archivoltas historiadas, capiteis de variadissimos motivos e um tramo do lado da epistola onde apparece o artesoado gothico como um prenuncio da passagem ao typo definitivo da arthitectura medieval.

Passando pela Sé do Porto, onde as successivas restaurações alteraram a primitiva traça, temos a descrever, ainda que succintamente, um dos mais bellos e nobres monumentos do romanico peninsular, não só pela admiravel rythmica das suas linhas, pela sua soberana estructura organica, mas pelo seu magnifico estado de conservação, levado ao primitivo aspecto por uma restauração intelligente e amoravel: a Sé Velha de Coimbra. É um edificio de planta crucial como os seus congeneres, de tres naves todas abobadadas, a central soerguida acima das lateraes, e ornamentada por uma esbelta galeria de triforio. As tres naves terminam por tres absides semi-circulares, correspondendo a do centro á capella-mór, onde se admira um dos mais bellos retabulos de talha gothica que existem na peninsula; e as lateraes respectivamente á capella de S. Pedro, lado da Epistola, e á dos Apostolos, lado do Evangelho. A fachada, cujo corpo central avança sobre os lateraes, demarcando assim a triplice nave, corôa-se de ameias como uma torre de menagem e apresenta nas suas proporções um mixto de força e de elegancia, de sobriedade e de côr, como raro se encontra em edificios onde concorram tão simples elementos ornamentaes. As suas grandes aberturas historiadas são o rico portal, thema decorativo fundamental do corpo saliente, e a janella que sobre elle se rasga em proporções elegantissimas. Nos corpos lateraes, ao rés-do-chão, as setteiras, que escassamente illuminam as naves correspondentes; em cima, ao nivel do triforio, duas pequenas janellas geminadas e flanqueadas cada qual por duas arcadas cegas, o que

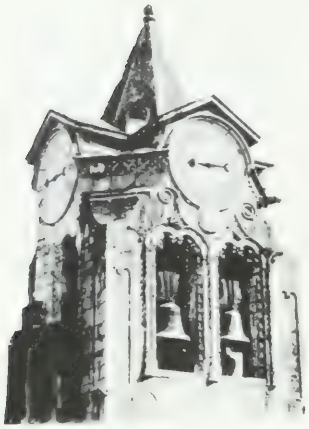
S. JOÃO DE THOMAR

põe uma discreta nota de côr na silharia nua dos corpos reintrantes.

Caminhando para o sul, temos em Thomar um monumento antes de caracter bysantino, semelhante a certas capellas italianas e rhenanas do periodo carolingio: a charola do Convento de Christo. Igreja dos Templarios, a sua construcção obedece a padrão exotico e consta de um octogono de arcos exalçados, acima dos quaes se rasgam outras tantas frestas de arcos de tres lobulos; do octogono central irrompe uma abobada em berço que o liga a um octogono circundante, formando este o sobranceiro perfil que domina a cumiada historica onde se acolheu Gualdim Paes. S. João do Alporão, em Santarem, é um dos mais venerandos monumentos da região do centro; de fascies exterior romanico, definido na rosacea e no portal de archivoltas em arco pleno, é já coberta por uma abobada ogival, talvez posterior á fundação, de nervuras firmadas sobre misulas da mais engenhosa estructura: troços de cornijas onde pousam os capiteis e que aos angulos se embebem na parede á maneira de trompas. A capella-mór, semi-circular, de abobada exalçada e nervada, illumina-se por frestas que se rasgam entre os columnellos, constituindo ao fundo uma encantadora galeria aberta, que prende esta parte do edificio ao typo dos baptisterios bysantinos.

BATALHA — Porta das capellas imperfeitas

Na região alemtejana merece especial menção a Sé de Evora, a qual pelo emprego quasi systematico do arco quebrado, tanto nas suas aberturas como nas suas abobadas, vem sendo considerada como



CALDAS DA RAINHA

um monumento gothico. A fachada tem todo o aspecto grave e robusto dos edificios romanicos, com duas torres salientes, entre as quaes se lança um terraço, que constitue, sobre o portal, uma galilé esteada em cruz de ogiva.

As torres, com aberturas de meio ponto e arco quebrado, coroam-se de lindos corucheus, o do norte formado por um simples cone azulejado, o do sul constituido por cone semelhante circundado por uma theoria de pequenos pinaculos, reduzido exemplar do altaneiro zimborio do lanternim central. A porta, á sombra da galilé, enriquece-se com o apostolado, massiças figuras de caracter romanico, encostadas aos fustes das columnas, com os disticos e os gestos da sua funcção evangelizadora. Esculpidas em marmore, a sua brancura destaca vigorosamente sobre o tom escuro do granito.

Por cima do terraço rasga-se um janellão que illumina o côro e a nave central, dividido por columnellos em quatro janellas geminadas, sustentando as do meio uma rosacea simples. Pelas cornijas de todo o edificio corre uma linha de ameias do modêlo usado em quasi toda a região alemtejana.

Interiormente divide-se em tres naves, com a abobada central mais alta, de

BATALHA — Parochia de D. Manuel

arco quebrado, galeria de triforio e *clerestory*; as abobadas lateraes são de aresta, do typo denominado em barrete de clerigo; no cruzeiro eleva-se o esbelto zimborio octogono que se liga ao plano quadrado dos arcos por meio de trompas. Este zimborio, que domina o edificio e a cidade, é o mais bello motivo architectonico da Sé; coberto de pequenas lagens formando revestimento escamoso, é circundado por uma linha de pinaculos tambem octogonos e lembra, no escorço geral, posto que de mais modesta contextura, a *torre del gallo* da cathedral velha de Salamanca.

Apesar dos arcos quebrados que constituem as suas aberturas e geram as suas abobadas, a Sé de Evora é um edificio estructuralmente romanico. A existencia d'aquelle typo de arco em nada altera o principio organico em que ella assenta, e de transição para o gothico apresenta apenas um élo: a cruz de ogiva já citada e que sustenta a abobada da galilé. O seu bello claustro, esse é francamente ogival, já construido no seculo XIII; nos tympanos dos seus arcos abrem-se rosaceas com a decoração de cruzamentos geometricos tão usados em muitos exemplares de azulejos hispano-arabes.

THOMAR — Porta principal do Convento de Christo

Não é facil averiguar qual o edificio português em que se revela o primeiro emprego da abobada nervada, caracteristica essencial do gothico, mas pela sua apparição em S. Pedro de Rates e na galilé da Sé eborense, dado que taes episodios sejam contemporaneos da fundação dos respectivos monumentos, vê-se que bem cedo se espalhou em Portugal, talvez por processo

da disseminação analogo ao que propagou os principios romanicos. Vemo-la apparecer substituindo o berço de certas absides, no deambulatorio da Sé de Lisboa, no claustro da mesma Sé e mais tarde na capella de Bartholomeu Joannes; em varios outros claustros como no da Sé de Evora, no monumento de Guimarães, nas immensas naves e charola da igreja de Alcobaça, um dos primeiros monumentos ogivaes do pais, e em muitos edificios incompletos na phase anterior aos quaes os architectos applicavam os principios do novo canon, quer acabando-os, quer demolindo por vezes, afim de substitui-las, partes já construidas.

Lançado o novo systema, de tão admiraveis consequencias pela simplicidade e pela logica dos seus principios, abre-se á architectura uma ampla estrada que os mestres peninsulares logo trilharam com segurança crescente, e de que temos em Portugal um exemplar já tardio mas integralmente bello: a igreja de Santa Maria da Victoria.

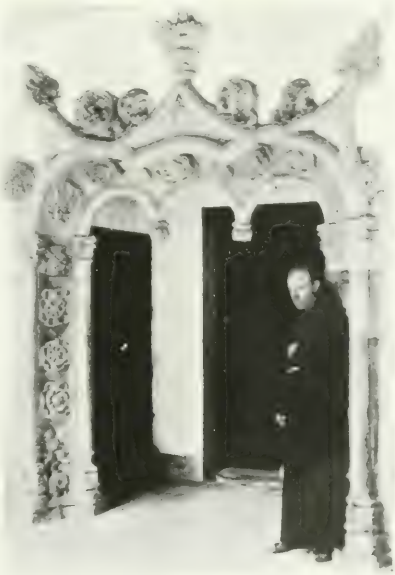
Os prodromos da lucta que se rematou com o epico arranque de Aljubarrota, já haviam dado ao Mestre de Avis ensejo para a construcção de um edificio, tambem filho de um voto solemne, e ao qual o *Regedor do Reino* queria imprimir cunho de grandeza, no que foi trahido pela modestia de vistas do architecto: quero referir-me á igreja da Senhora da Oliveira, em Guimarães. Da primitiva construcção restam apenas a fachada e os arcos interiores, aquella enriquecida por um bello portal, acima do qual se

SANTA CRUZ DE COIMBRA

EVORA

rasga uma janella fortemente escavada na frontaria, e que constituiria um originalissimo exemplar do gothico flammejante se o personagem que agora se encontra voltado para o interior da igreja é com effeito Jessé, do qual devia irromper em maravilhosa dichotomia, pelo vão da vasta ogiva, a arvore genealogica da sua descendencia.

Mas um anno depois fere-se Aljubarrota, e do solo uberrimo da região extremenha surge como um hymno guerreiro e mystico, o mais rico edificio da architectura da Edade Media em Portugal. Visto de longe, na tranquillidade da historica planicie, logo surprehende, ao rememorar-se o eschema dos leviathans da architectura nordica, pelo predominio das horizontaes e como que pela adaptação da sua solida e aerea membratura á suavidade acolhedora d'estes paises do sul. As suas linhas não demandam o azul em arrojadas fugas de pinaculos e agulhas, mas correm com a alada renda das platibandas ao longo dos terraços de ponto quasi nullo, e apenas trepam em ascensão logo detida pelas obliquas pouco extensas dos botaréos até á coroação superior. Nesta sabia e esthetica horizontalidade, o corucheu da cegonha destaca-se em altura, mas tão modestamente que a sua pyramide, reticulada como



NO VARATOJO

MATRIZ DE VIANNA DO ALEMTEJO

uma asa de insecto, não perturba a impressão que emana do escorço geral do edificio. Um campanario humilde, como se fôra o campanario pobre de uma ermida da serra, de um só sino em obediencia ao rito dominico, põe na sumptuosidade da ornamentação flammejante, uma nota rustica de simpleza aldeã.

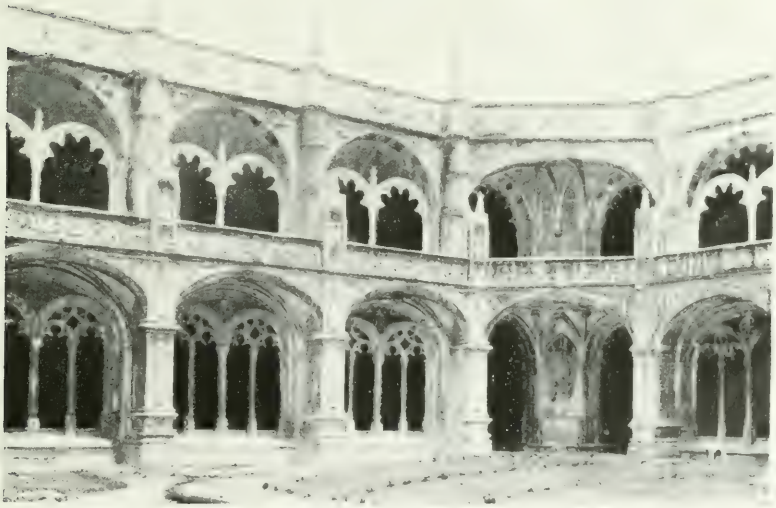
A frontaria, expressão nitida da planta, accusa a altura das tres naves, a do centro realçada sobre as collateraes em proporções de admiravel equilibrio, e separada exteriormente d'estas por dois gigantes cujos pinaculos terminam á altura do janellão central. Ao alto, uma platibanda horizontal, vasada em quadrilobulos, lança-se como remate da frontaria entre dois pinaculos

MERONYMOS — Porta principal

mais pequenos, ornamentados de cogulhos; a silharia do corpo central é estriada por meio de filetes verticaes, decoração que avantaja á vista as proporções da fachada, dando-lhe assim maior expressão da altura.

PONTA DELGADA

O portal, como no romanico centro convergente da decoração, é povoado de imagens entre os columnellos e ao longo das archivoltas, e d'esse profuso trecho de côrte celestial parece irromper um hossana á figura do Padre Eterno que no tympano abençoa entre as figuras em baixo relevo dos quatro Evangelistas. A janella que sobrepuja o portal, separada d'este por uma especie de varandim, janella tão fina «que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado em trancinhas de agulha,



JERONYMOS — Claustro

ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola» como diz Frei Luis de Sousa, pertence typicamente pela sua ornamentação flammejante ao gothico terciario. Ao lado direito da fachada, como uma ampola na simplicidade da planta, segue uma das faces da capella do Fundador, rematada pelo lanternim octogono onde outrora se erguia a pyra sepulcral e tão graciosamente amparado pelos esteios obliquos dos botaréos.

O desdobramento do edificio manifesta-se em toda a sua magnificencia na fachada lateral sul, com os oito tramos onde se rasgam as grandes janellas, o braço meridional do transepto, a floresta dos botaréos, e a renda das platibandas que seguem com delicadeza ao longo das linhas constructivas da enorme fabrica, que pelo tom da pedra nos dá a impressão de um velho pergaminho de evangeliario onde se destacavam outrora as illuminuras polychromas dos vitraes. No braço sul do transepto, ha ainda a notar o sabor archaico do portal, que dir-se-hia concebido por um alvenel em cuja sensibilidade surgisse, atavicamente, a arte dos velhos canteiros romanicos. Ao fundo do edificio de D. João I, continua a linha irregular do tardio appendice denominado «Capellas Imperfeitas».

MOURA

O interior, de uma imponencia dominadora, com a floresta gigante dos seus pilares polystilos, subindo em linhas arrojadas até ás nervuras da abobada, projecta as longas naves envoltas em vaga claridade, por onde a vista suavemente segue até á nota mais viva que cae das janellas absidaes. A capella do Fundador lembra uma vasta tenda de parada, esteada por um octogono de arcos afestonados de polylobulos como pelas varas alçadas de um palio rico, e assim heraldicamente cobre o leito mortua-

rio de D. João I que dá a mão leal á honesta inglesa mesmo na paz da morte; em volta fazem côro, como pagens funerarios, sob os arcosolios dos seus tumulos, os inclitos Infantes, seus filhos e sua gloria.

A fachada norte do templo encosta-se o claustro real, de ogivas equilateras, posteriormente alindado com tympanos no complicado lavor da arte manuelina. Num dos seus lados, abre-se a sala do capitulo coberta pela famosa abobada que deu origem á celebre lenda do architecto Afonso Domingues, cuja effigie a tradição diz ser a que se vê esculpida a um canto, num arranque de nervura.

Se a igreja de Santa Maria da Victoria é uma radiosa e inesperada florescencia das modestas tentativas da architectura gothica portuguesa que desde a plenitude do romanico vinha ensaiando os novos principios constructivos, ou se foi integralmente concebida pelo esforço anonymo da associação cosmopolita dos pedreiros-livres, não ha aqui espaço para o discutir. Basta indicar que, pelo seu estudo directo, a devemos filiar no ultimo periodo d'aquella arte, variedade do perpendicular inglês, não só pelo seu escorço geral, mas por innumeros pormenores organicos e decorativos caracteristicos das modificações derradeiras da arte ogival.

SETUBAL

Caminhando para o sul, depara-se-nos o castello de Leiria, onde encontramos vestigios dos tres typos de architectura: civil, militar e religiosa; — a linha das muralhas com a torre de menagem, o palacio e a igreja. Esta, de uma só nave, de entrada lateral sob galilé, com um graciosissimo abside coroado por uma abobada ner-

vada de admiraveis linhas ascensionaes, faz derivar as suas particularidades constructivas das condições locaes da sua erecção: espaço estreito, quasi sobranceiro á escarpa. Em condições analogas foi levantada por Nunalvares a igreja do Convento do Carmo em Lisboa, cujas ruinas se erguem no velho morro que no seculo XV dominava Valverde. Ao norte do Porto citemos a historica igreja de Leça do Bailio de tres naves cobertas de madeira; e dentro da cidade a Igreja de S. Francisco; em Villa Real a igreja de S. Domingos; em Thomar, a Senhora do Olival; em Vianna do Alemtejo a interessantissima igreja da fundação de D. Dinis; a igreja de S. Francisco de Evora, e a Sé de Elvas; em Santarem temos a esbelta fachada da igreja da Graça, tão simples, tão pura no sobrio desdobramento das suas linhas e na elegancia das suas proporções; na Guarda a velha cathedral começada por D. João I a qual, pela sua dilatada construcção, soffreu tardiamente a influencia da architectura manuelina.

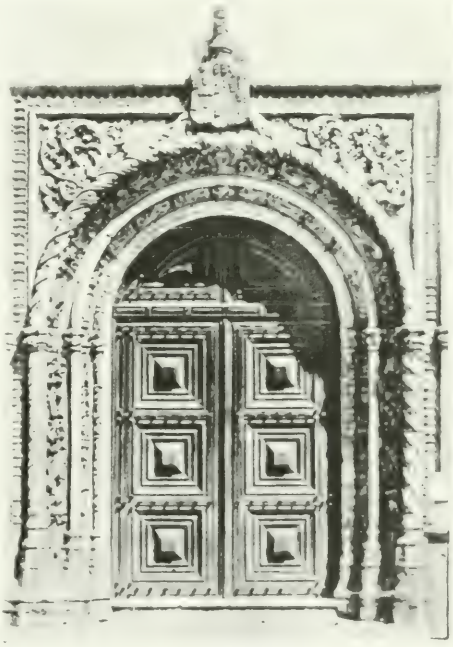
FIG. 105

A decomposição do gothico começa em Portugal no reinado de D. João II. Por decomposição do gothico deve entender-se a entrada do illogismo decorativo na architectura, que caracteriza o ultimo periodo da arte medieval, denominado flammejante ou terciaria. Uma das preoccupações dos architectos d'este periodo, manifesto symptoma de esgotamento criador, consistia em opporem a toda a curva uma contracurva, em multiplicarem os centros dos arcos, e em empregarem uma exhuberancia ornamental independente das linhas constructivas. É no periodo em que a arte ogival se caracteriza por estas tendencias, e quando outro elemento novo, o elemento classico, a penetra começando a fazê-la ruir, que se organiza em

Portugal a arte denominada manuelina. Obedecendo nos seus principios fundamentaes ás ultimas variantes da abobada nervada, portanto organicamente de traça gothica, a architectura que floresceu em Portugal nos reinados de D. João II e de D. Manuel, adquire caracter regional mais pela superabundancia da ornamentaria do que pelo emprego logico dos motivos decoraes, resultantes entre nós do choque de correntes varias e de civilizações diversas. Esta plethora de ornatos chega por vezes a effeitos radiantes de côr, como no portico lateral da igreja dos Jeronymos em que a linha ascensional das figuras faz da escultura um admiravel cantico, e na entrada da igreja do Convento de Christo, em Thomar, talhada em galilé, onde tão bellamente sob a luz caminha a ronda das sombras projectadas.

Thomar é um dos repositorios melhor providos de arte manuelina que ha no país, objecto de carinho por parte do Rei Venturoso que a dotou com os mais escrupulosos e expressivos mestres do seu tempo. Foi a liça onde o gothico moribundo, debatendo-se em espiraes de desordenada phantasia, soffreu os mais fortes embates da intervenção classica.

O côro da parte manuelina, que communica com a charola bysantina por um arrojado arco praticado em duas faces do octogono do velho oratorio templario, é coberto por uma elegante abobada nervada, e as suas linhas exteriores são dominadas por uma abundancia de decoração em que coleia um vegetalismo offegante de floresta virgem, o qual attinge a sua expressão maxima na janella da casa do capitulo.

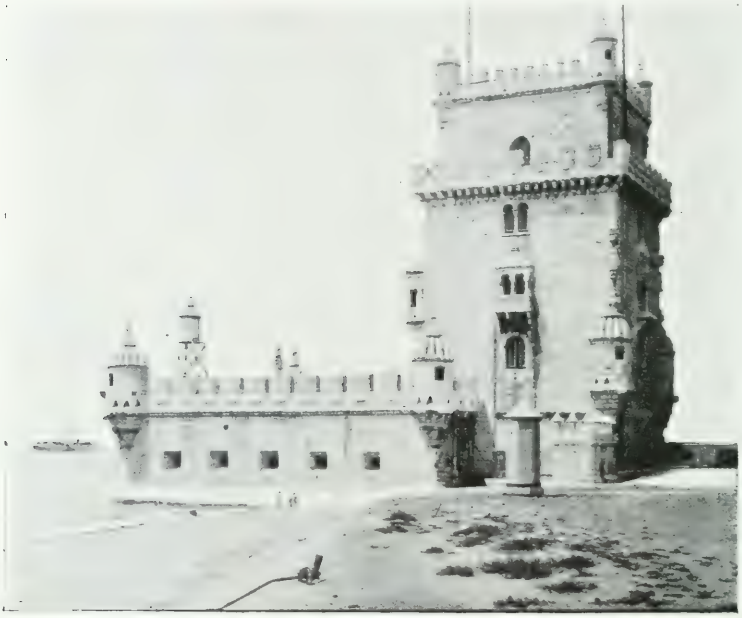


TORRES VEDRAS

A igreja dos Jeronymos é o mais perfeito exemplar do gothico manuelino

e reune as grandes qualidades de abundancia e de brilho, de rythmo e de côr que caracterizam o periodo mais equilibrado e ao mesmo tempo mais luminosamente fluente d'esta expressão de arte.

O interior chama irresistivelmente o olhar para a admiravel estructura da abobada polynervada que á mesma altura cobre as tres naves, esteando-se em seis pilares octogonos que fazem irra-



TORRE DE BELEM

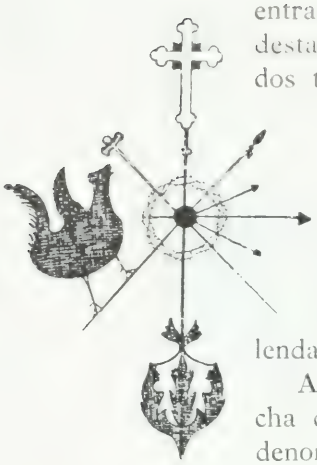
diar a umbella das suas nervuras como palmeiras gigantescas, e cujas faces se enriquecem de decoração classica em modenatura gothica, interrompida pelo escavado dos nichos, vazios de imagens. A abobada do cruzeiro, de 16 metros de abertura, independente das abobadas das naves, é uma das mais arrojadas de toda a architectura, e continua a norte e a sul nas curtas saliencias do transepto. Em todo o interior, a mesma exhuberancia ornamental, nos dois pulpitos, nos pilares, nos fechos da abobada cobertos com rosetões heraldicos, nas capellas absidaes, nos confessionarios da nave, de singular planta, e nos arcos Tudor que sus-

tentam o varandim do côro. O effeito geral é o de um vasto hymnario de pedra, cujos sons, entrechocando-se numa vasta polyphonia, indefinidamente reboam, renovando-se indefinidamente. Ao fundo, em severo contraste, a capella-mór no estilo classico, especie de pantheon de fria solemnidade apesar da belleza das suas proporções e da discreta polychromia dos seus marmores.

S. MARCOS — Capella dos Reis Magos

O claustro dos Jeronymos passa, com justa razão, pelo mais bello claustro do mundo. Dir-se-hia nascido de um só jacto, por uma esplendorosa e brusca fecundidade da natureza, tão sobrio no desdobramento das suas curvas, tão rico de notas originaes, tão cheio do imprevisto gracioso que resulta dos compromissos das duas architecturas antagonicas. As pilastras, os arcos, a decoração, casam-no á corrente classica pelo élo da Renascença francêsa; as abobadas, as penetrações das bases dos columnellos, a aerea irradiação das rendas geminaes, prendem-no á tradição gothica: umas dão-lhe a renascente simplicidade antiga, outras a riqueza languida dos ultimos tempos medievaes.

No portico principal da igreja, de arco polycentrico, vêem-se as estatuas orantes de D. Manuel e de sua mulher D. Leonor, amparados pelos seus santos padroeiros; anjos e prophetas ascendem sob baldaquinos historiados ou suspendendo sobre a



BRAGA

entrada o escudo de armas, e ao alto, do lado esquerdo, destaca-se o grupo da Annunciação, um dos mais delicados trechos esculturaes do edificio: o geito enleado da Virgem é cheio de timido pasmo e do recatado nicho parece irradiar uma aureola azul como se o nimbasse a aurora da bemaventurança.

Perto, á beira do Tejo, o lindo baluarte de S. Vicente, que dir-se-hia antes, pelo donaire do seu perfil e a fantasia da sua ornamentação, a gruta encantada onde se acolhiam, para tecer a teia das lendas oceanicas, as Tagides invocadas por Camões.

A arte manuelina interrompe bruscamente a sua marcha de audaciosa fantasia no incompleto pantheon real denominado Capellas Imperfeitas, que D. Duarte projectou atrás da abside da igreja da Batalha. Sobre o octogono ogival do fundador, cujas abobadas se adornam com o seu moto de Principe Leal, *tant que serai,* erguem-se, no tempo de D. Manuel, seis gigantes interrompidos bruscamente na sua arrojada ascensão, e sobre os quaes devia assentar a cobertura do edificio. Na torturada e embaraçosa decoração d'esses blocos

THOMAR — Claustro de D. João III

inacabados, manifesta-se, levada aos seus limites extremos, a tendencia dos alveneis em transportar para a ornamentação lithica as subtilezas da modelação toreutica. *Plateresco* (de *platero,* ourives) chamam a este principio os espanhoes, quando nelle filiam edificios que são uma ourivezaria de pedra. O rico portal de en-

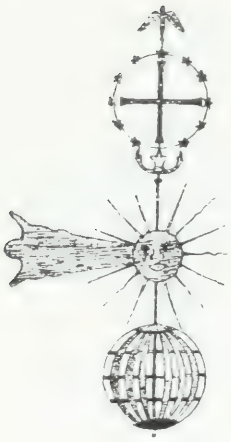
trada das capellas imperfeitas, desdobrado numa linda curva polycentrica que ondula e se enlaça em gracioso rythmo, dir-se-hia de prata martelada pelas ciosas e destras mãos de um Gil Vicente. Sobrepujando-a e dominando-a como expressão victoriosa da nova corrente de arte, a admiravel varanda de balaustro, cujas proporções, belleza classica e delicadeza decorativa lhe dão um nitido contraste com o enredamento da gruta dos seis gigantes, e fazem d'ella uma das joias da Renascença portuguesa.

ARCOS DE VAL DE VEZ

Além dos monumentos citados, ha em Portugal, no estilo manuelino, as igrejas de Villa do Conde, Freixo de Espada á Cinta, Thomar, Setubal, Conceição Velha em Lisboa, Santa Cruz de Coimbra, e portas nas igrejas da Gollegã, Moura, na da Universidade, na sacristia de Alcobaça, na igreja de Marvilla em Santarem, na igreja de Vianna do Alemtejo, na Madre de Deus em Xabregas, na igreja de S. Julião em Setubal, na matriz de Foscôa, etc. Foi ephemera esta architectura; nascida no tempo de D. João II, logo começa a soffrer os embates do classissismo que triunfara em toda a Europa, abafando os clarões vacillantes das ultimas tentativas medievaes.

INTERIOR DE MAFRA

Com a resurreição do estilo greco-romano, Portugal abandona definitivamente as fórmas e a decoração gothicas, lançando-se como o resto da Europa nos braços do módulo classico. Esta deserção da arte ogival provocada pelas influencias italianas, começou por fazer timidos enxertos em varios edificios religiosos e civis, embaraçando-se no gothico moribundo para dar o manuelino, e triun-



BRAGA

fando finalmente durante o reinado de D. João III com a intervenção dos propagandistas italianos do novo canon. Em Coimbra, já na fachada norte da Sé Velha o Bispo D. Jorge de Mello mandara erguer a porta Especiosa; no Convento de Christo em Thomar levanta-se o celebre claustro denominado dos Filipes, posto fosse construido no tempo do *rei piedoso,* bem como innumeros fragmentos em varias partes do edificio; em Coimbra temos o Convento de S. Tomás, e perto d'esta cidade, em S. Marcos, o pantheon dos Silvas, onde se admira um dos mais perfeitos e elegantes trechos da Renascença em Portugal: a capella dos Reis Magos. Communicando com o corpo da igreja por um admiravel portico em que a sobriedade classica se allia á delicada modelação da escultura ornamental, cobre-se com uma cupula de linha elegantissima, assente sobre pendiculos, illuminada por um lanternim central. Alem d'isso, ha portas nas igrejas de Caminha, Chaves, Figueiró dos Vinhos, Faro, etc. A frescura dos primeiros tempos da Renascença, impregnada ainda da fantasia

TERREIRO DO PAÇO

dos architectos florentinos, succede a pomposa e fria fase do estilo *barroco* que corresponde, para os fins do seculo XVI e principios do XVII, ao periodo da decadencia do gothico na epoca

anterior; a superabundancia ornamental, o predominio das curvas, o maneirismo decorativo caracterizam o estilo chamando *jesuita*. Em Portugal podemos citar os conventos da ordem benedictina em Lisboa, Porto e Coimbra, e em quasi todas as igrejas a atormentada superfetação de talha dourada que reveste a membratura interior dos edificios com o enredamento das suas folhagens, a attitude preciosa dos seus cherubins e o geito languido dos seus anjos e das suas virgens. Um dos monumentos mais interessantes d'este periodo é o Convento da Serra do Pilar, na riba Douro em frente do Porto, com a igreja de planta circular, a que se junta um claustro de igual planta, assente em columnas jonicas, do mais bello effeito; temos mais o claustro da casa-mãe d'aquelle, em Grijó, e o soturno massiço que é o edificio da Relação do Porto; em Lisboa, alem do demolido torreão de Filipe II, no Terreiro do Paço, S. Vicente e a incompleta igreja de Santa Engracia, que seria, acabada, um dos mais perfeitos exemplares d'este periodo pela sua linha sobria e pela sumptuosidade decorativa dos marmores que lhe revestem o interior.

QUELUZ — Pavilhão dos Esplendores

Com a entrada do italianismo pomposo do seculo XVIII, mais uma vez as fórmas já fatigadas e esgotadas da ultima Renascença dominam a architectura em Portugal, e surge então o collosso de Mafra, inspirado na Renascença michelangesca, enriquecido ainda pela riqueza dos marmores e o resplandor da crysocalda tão brilhante como o ouro dos dobrões que tilintavam na sacola perdularia do seu fundador D. João V. A igreja, de bellas proporções, é uma reducção de S. Pedro de Roma, no que talvez ganhe sobre a sua congenere italiana.

No Porto, do seculo XVIII temos a Torre dos Clerigos, soberbo exemplar de sabia construcção e bello equilibrio, erguendo-se

como um mastro da base ao tôpo numa altura de 75 metros, e as graciosas igrejas unidas das Ordens do Carmo e dos Terceiros, esta tão profusa de decoração *rocaille,* e em cuja fachada dominam as linhas curvas que imprimiram requebrada elegancia á arte francesa do tempo de Luis XV.

BASILICA DA ESTRELLA

Com a reconstrucção de Pombal, talvez pela sua urgencia, nenhum facto novo apparece na expressão architectonica que se conserva fiel ás suas antecessoras; assim se levanta a soberba Praça do Terreiro do Paço, a igreja da Memoria, as mais interessantes partes do palacio de Queluz, a Basilica da Estrella e a graciosa igreja de Santo Antonio da Sé. O pouco que se construe em Portugal durante o seculo XIX (theatro de D. Maria) não se afasta dos elementos classicos dentro de cujos moldes se debateram os architectos até ao alvorecer do periodo contemporaneo.

João Barreira.

# OURIVEZARIA PORTUGUESA

## ENSAIO HISTORICO

*Até fins do sec. XV*

## I

### Arte pre-historica e proto-historica

Quem houvesse de iniciar a historia da ourivezaria portuguesa ha vinte e cinco annos teria apenas como elemento quasi unico, archaico, a grande argola de ouro macisso, achada em 1883 perto de Penella, numa saibreira, joia de tamanho e peso tão desusado ($1^k$,900) que muitos a admittiram apenas como *collar celtico.*

De facto, as unicas argolas de ouro, anteriormente conhecidas, estavam sómente desde 1881 ou 1882 na posse de Martins Sarmento, que as comprára por elevado preço; eram lisas, de apparencia modestissima, á vista do magnifico exemplar de Penella. Procediam de Folgosinho (região da Guarda) e constituiam aos olhos do eminente archeologo um precioso thesouro. Elle mesmo as discutiu commigo. Vi-as. Foram depois roubadas, com peças de ouro do medalheiro da Sociedade Martins Sarmento!

Comprehende-se, pois, a surpresa causada pelo extraordinario achado de 1883, que veio revelar uma arte de ornamentação per-

feitamente analoga á que já era conhecida na ceramica das escavações da Citania, ornamentação continuada tradicionalmente na olaria popular até nossos dias.

Em face d'essas provas tive de additar a um trabalho meu extenso, e em parte já impresso, sobre a *Ourivezaria Nacional,* um capitulo novo, precedido de uma introducção sobre a arte pre-historica e proto-historica. Está inedito. E este, ampliado.

Hoje, os documentos d'esses periodos são numerosos e de grande valor, graças aos estudos realizados no ultimo quarto de seculo. Estão archivados na notabilissima revista *Portugalia.*

CRUZ LATINA — Estilo latino-byzantino, seculo IX

Aos distinctissimos trabalhos dos Srs. Conselheiro José Fortes, Ricardo Severo, Santos Rocha, etc., vieram juntar-se recentemente as acquisições valiosas do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, que tem enriquecido as collecções do Museu Ethnologico de Lisboa (Belem).

A seguinte lista não se apresenta com pretensões a inventario completo.

Temos as arrecadas de ouro do Castro de Laundos (concelho da Povoa de Varzim), os braceletes de ouro de Arnozello e de Tellões, a xorca de Cintra, os torques de Almoster, Serrazes, Lebução, Reguengos e Cortinhas; emfim, o collar de Valle de Malhadas e o bracelete de ouro de Bairro. E fica a relação ainda incompleta.

«Convem (recommenda o Sr. Ricardo Severo) não abandonar a logica que deve guiar o nosso methodo analytico; do contrario o espirito erra perdido pelo labyrinthico roteiro de povos e de civilizações. Admittiremos uma metallurgia indigena, regional, e parallelamente uma industria de ourivezaria com a sua completa technica. Seja o estilo de longinqua origem oriental, através das

escolas gregas e das officinas etruscas, transportado por phenicios ou punicos, seja esta civilização de origem celtica, o facto é que em parte alguma encontramos o modelo originario d'estas replicas peninsulares, com o seu particular feitio iberico, ou, mais especificadamente, lusitanico. Não podem negar-se todas estas estranhas influencias nas civilizações peninsulares; nem todas, porem, é possivel definir e explicar — e nem todas as explicam».

Mais adeante o mesmo erudito investigador acrescenta:

«As formas da ourivezaria primitiva modificaram-se nos varios povos, consoante a technica para a applicação dos esmaltes e das pedras finas. Entretanto, subsistiram nas classes populares muitos d'esses typos singelos em ouro e prata; assim como ficou na joalharia o uso do longo pingente carregado de ornamentos e de pedras lapidadas. É de notar que na Peninsula Iberica ininterruptamente perdurou esta moda, que em outros paises esqueceu, e que a dama de Elche brilhantemente exhibe; d'ahi voltou para a côrte francesa, pelos meados do seculo XVI, enfeitando depois, á maneira espanhola, as preciosas e os *incroyables* do seculo XVIII.

CRUZ LATINA. PROCESSIONAL. 1211

«Se percorrermos a variada ourivezaria popular do norte do país, encontramos actualmente os mesmos longos brincos de folha de ouro e de filigrana, com pingentes, a mesma arrecada penannular, em forma de caixa, com o travessão recto para atravessar o lobulo da orelha, e por ultimo o mesmo gosto pela sobrecarga de volumosas joias de grande apparato.

«Deveras interessante é tambem a persistencia, como adorno, dos berloques formados por minimas reducções de peças ceramicas que se vendem e usam nos mercados e romarias populares de Trás-os-Montes. O collar de pequenas louças de barro de Miranda do Corvo, adeante figurado, é um exemplo curioso d'esta sobrevivencia — tal qual os collares de amphoras, ampullas, bolas e *crotales* dos etruscos e dos romanos; a pequena amphora diota do collar de Miranda é replica d'esse typo amphoristico greco-italo-etrusco, ao lado da pequena bilha de bico trilobado.

CRUZ PROCESSIONAL — Estilo gothico, seculo XIV

«Existiu, pois, neste país do noroeste da peninsula, desde tempos, para nós, prehistoricos, uma ourivezaria caracteristica, com essa technica barbara e de primitiva esthetica, mas que manifesta uma feição propria.

«Tem que se adiar a destrinça das influencias, quaes as de origem, escola, technica, gosto. Através do nosso estudo indicamos as principaes. Em muitos casos o problema ethnico e historico embaraça-as e confunde-as.

«Para definir o facto ethnographico seria necessario que todos os outros que parecem explicá-lo fossem determinados; mas tem cada qual as suas incognitas, funcções umas das outras. Haverá, pois, entrementes, que restringir o problema aos limites da zona occidental atlantica».

Um artigo do Sr. José Fortes (*Duas joias archaicas*), logo em seguida, traz, com o seu habitual escrupulo scientifico, novos elementos de apreciação:

«Podem dispor-se em seis grupos as joias d'esta categoria, até agora exemplificadas em varios especimens:

1.º, collares fechados, circulares, massiços e roliços — typo, o *torques de Penella;*

2.º, collares de haste aberta, em forma de crescente, massiços, com fecho independente — typos, os *torques de Almoster* e de *Serrazes;* o nosso camarada Ricardo Severo propõe fundadamente incluir neste grupo o celebre *collar da Penha Verde* ou *xorca de Cintra,* que assim constituiria uma variedade;

3.º, collares penannulares, massiços, com pequenos botões terminaes — typo, o *torques da Serra da Conceição;*

4.º, collares penannulares, massiços, com grossas cabeças terminaes — typo, o *torques de Lebução;*

5.º, collares, adelgaçando do meio para os extremos, que se curvam formando ganchos de prisão directa, como os de *Wedmore* e *Burwel* descritos e figurados por J. Evans; secção quadrada — typo, o *torques de Reguengos;* e

6.º, collares de fios torcidos ou entrançados em grupo e fundindo-se em cada extremo num só ramo liso e roliço; em prata e ouro — typo o *torques de Cortinhas.*

CRUZ PROCESSIONAL — Estilo [illegible]
Fase [illegible] do seculo XVIII

«O collar em estudo (Valle da Malhada) avizinha-se mais do typo 3.º, que Estacio da Veiga inscreveu hypotheticamente na idade do bronze; a similitude accentua-se em particular nos extremos, os quaes, nas duas joias comparadas, finalizam em pyramides quadrangulares. E se, considerando apenas o aspecto formal, se cotejar o *collar de Valle da Malhada* com os quatro braceletes inteiramente similares de *Beachy Head,* Sussex, averigua-se que o alvitre do illustrado archeologo português era procedente, e coincide com o parecer de Charles H. Read, o qual attribue legitimamente as joias irlandesas áquella idade, pela sua associação no mesmo meio archeologico com uma espada e um *winged celt,* de bronze.

CRUZ DE ALTAR — Estilo Renascença, 1540

«Seria mesmo esta para nós a solução definitiva do problema ethnographico e chronologico, se não interviesse a duvida opposta pelo caracter muito particular da ornamentação, que os precedentes exemplares confrontados não exhibem. Em verdade, de um modo geral, os collares e braceletes da idade do bronze são abertos, massiços, por vezes com decorações gravadas; os da idade de ferro, fechados, tenues, com ornatos globulares, em carena, em entalhes fundos, e ás vezes vazados — taes os da celebre *cachette* de transição de Launac, os dos cemiterios do Marne e dos Alpes».

Os desenhos e gravuras que acompanham os estudos dos Srs. José Fortes e Ricardo Severo são digna illustração do commentario historico, sendo por si só muito instructivas e perfeitas; maior importancia adquirem ainda confrontando-as com as peças que vimos ha pouco tempo em poder do Sr. Leite de Vasconcellos e foram adquiridas para o Museu Ethnologico de Lisboa. No

seu genero rivalizam com o que ha de mais perfeito nas celebres collecções de Schliemann, legadas ao Governo Allemão; desenho e composição artistica, caracteres do estilo e technica officinal estão á mesma altura. Na região de Elche não appareceu nada mais perfeito. De onde procedem esses thesouros? Serão exclusivamente peninsulares?

O Sr. Ricardo Severo já apontou para as difficuldades multiplas do problema. Tanto elle como o Sr. Conselheiro Fortes poderiam reforçar os alicerces da questão, recorrendo ao exame dos estudos notabilissimos do inglês George Bonsor, tão erudito investigador como felicissimo descobridor de antiguidades phenicias.

CALICE E PATENA — Estilo gothico manuelino

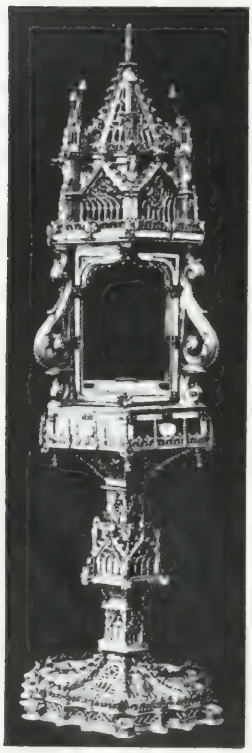
Faltando-nos o espaço para juntar aqui extractos convincentes dos trabalhos de Bonsor, recommendamos o excellente resumo que fez um mestre allemão, o nosso amigo Prof. Emilio Hübner, ha pouco fallecido.

Trata-se de objectos em marfim, mas a technica, a ornamentação, o destino que os artifices lhes designaram, emfim o processo e as vias pelas quaes entraram na peninsula, sendo sobremodo exoticos, aconselham um confronto com os artefactos de metal, achados no solo peninsular. Charles de Linas indica diptycos de marfim antiquissimos, a que foi applicada uma ornamentação interior de filigrana de ouro: *orlas de oro afiligranadas*. São peças de igrejas asturianas. (Docum. de 910, pag. 77).

No fim diz Hübner sobre o resultado das pesquisas de Bonsor:

«Pues aunque no hubiera encontrado ninguna otra cosa más que los objectos en marfil arriba descritos, esto bastaria para

contarlo entre los investigadores más felices. Aquellas cajillas, peines y escudillas de marfil son, efectivamente, los primeros objetos de indudable origen fenicio encontrados EN EL INTERIOR de la peninsula. Los hallazgos de la Punta de la Vaca, en Cadiz, que hasta ahora eran los unicos de la misma procedencia cierta, prueban sólo la existencia de la colonia fenicia y su duracion hasta una época relativamente reciente, ya bastante conocida. Los marfiles del Sr. Bonsor nos enseñan como testimonios palpables, que el comerciante fenicio supo penetrar en el interior del país, rio Betis arriba, para cambiar ó vender los «artefactos» de su comercio».



CUSTODIA — Seculo XIV

Repare-se bem na expressão: *penetrar no interior da peninsula.*

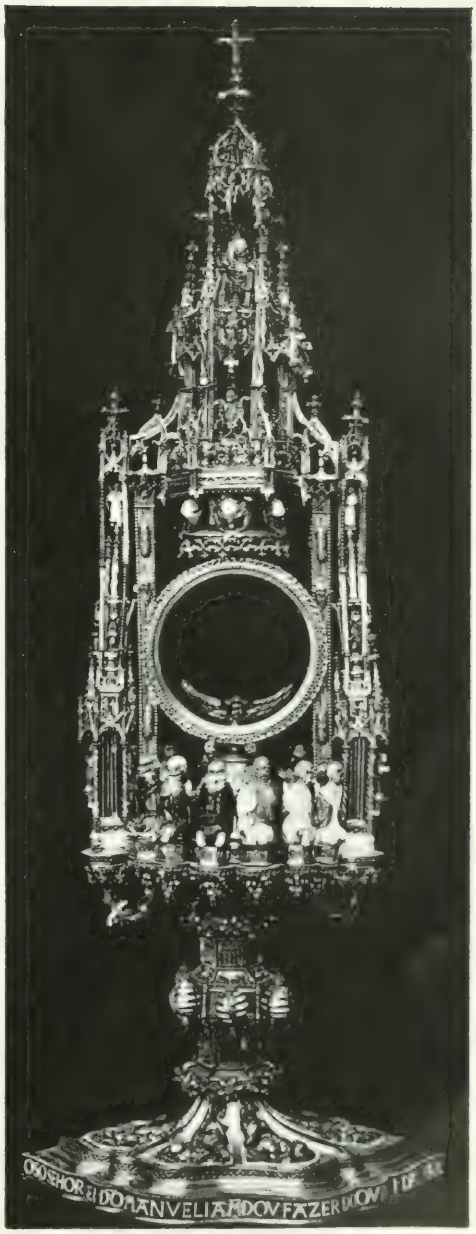
Até aqui localizavam os archeologos as colonias phenicias da Peninsula Iberica exclusivamente nas linhas da costa. George Bonsor provou que os phenicios percorreram toda a Betica, penetrando-a em todas as direcções.

O facto tem importancia capital, pois nem sequer foi pressentido por um especialista tão competente como Mövers (*Die Phönizier*). Martins Sarmento, para quem procurámos em Allemanha, em 1881, um dos tres volumes da grande monographia, que se esgotára, suspeitou alguns dos factos revelados por Bonsor. Numa conversa que tivemos em Guimarães, discutindo em face da obra de Milchhöver sobre a arte grega archaica, o estilo decorativo da ceramica da Citania e de parte dos bronzes, Sarmento demonstrou a intima relação d'elle com os padrões apresentados pelo autor allemão, e que eram em grande parte procedentes das pesquisas de Schliemann.

Outras reminiscencias levavam a pensar nas antiguidades de Chypre e nas descobertas de Cesnola (vid. Domenech, *Historia General del Arte,* cap. *Fenicia y Chipre*).

Do estudo do Prof. Hübner, sobre as descobertas de Bonsor, extrahirei apenas uma citação, sobre o novo aspecto da influencia phenicia nas provincias meridionaes da peninsula:

«Porque parece que esta gente, industrial como ninguna otra de las de la antigüedad, supo aprovecharse de la perfeccion del arte y de la industria de las grandes naciones del Oriente, sin tener nada de proprio que añadir, y de la habilidad de sus artifices, para comprar objetos de aquéllas ó servirse de éstos em pró de su comercio. La época á la cual han de atribuirse objetos como los que acabamos de describir, por el estilo de sus grabados y su contenido, no la han podido aun fijar con certidumbre los conocedores de la cultura de los antiguos reinos del Oriente: se ha pensado generalmente en el segundo milenio antes de Jesucristo, ó sean los años 1400 hasta 1200. De todos modos, su antigüedad es remota y nada impide el atribuirlos al comercio de




CUSTODIA DE BELEM — Estilo manuelino, 1500
Foi alterada no 1.º terço do seculo XVII

los antiguos gaditanos, talvez en el primer periodo de su grandeza mercantil, después de la fundacion de la colonia de Gadir, cerca del 1200 antes de Jesucristo».

Á primeira vista parece que os objectos de marfim alludidos não se relacionam facilmente com os artefactos da *toreutica* (arte dos metaes). Já provámos o contrario, ha pouco. Repare-se ainda que os primeiros relicarios e os mais archaicos do principio da era christã foram precisamente lavrados em marfim. Os diptychos de marfim existentes no thesouro da cathedral de Oviedo pertencem ao primeiro terço do seculo VI. S. Isidoro, que nos deixou nos seus trabalhos de grande erudição as mais preciosas noticias sobre a historia das artes peninsulares (*Etymologias*), não fala da industria de escultura em marfim sob o dominio romano e visigothico, mas é certo que os lavores eburneos da arte arabe, conservados quer em Espanha, quer em Portugal (Sé de Braga, no thesouro) revelam uma perfeição que não podia adquirir-se senão após longa aprendizagem. Muito embora com a invasão dos arabes, no principio do seculo VIII, entrasse com elles uma technica aperfeiçoada em quasi todas as artes decorativas, ninguem poderá negar que os visigodos cultivaram antes d'elles algumas das artes do metal e a arte dos esmaltes com grande perfeição. Basta lembrar os esplendidos lavores que constituiam o chamado *Thesouro de Guarrazar*[1] que vale só por si um museu de ourivezaria e de esmaltes. Antes dos visigodos, porem, temos a arte dos Suevos revelada nas suas moedas e cunhagens; esses antecessores mantiveram um extenso dominio numa grande parte da peninsula e criaram uma capital afamada em Braga, semeando pelo litoral varias officinas monetarias. Onde existiu a cunhagem da moeda e a gravura dos cunhos floresceu sem duvida a ourivezaria religiosa e profana, quer para adorno pessoal das classes abastadas, quer para ornamento do culto.

Recuando dos Suevos para a arte dos povos que elles subjugaram, encontramos varias influencias, predominando a romana. Pouco resta das reliquias da ourivezaria romana, se pretendermos restringir o termo aos metaes — prata e ouro; mas convem adver-

---

[1] Estudos de Amador de los Rios e do francês Lasteyrie; e recentemente de Riaño.

PORTA PAZ — Estilo manuelino

tir que nos restam numerosos objectos em bronze, de adorno pessoal, com caracter artistico superior (fibulas). Uma unica peça existe, de notaveis dimensões e peso, o grande disco em prata do imperador Theodosio, achado na Estremadura Espanhola, perto de Almendralejo. Está excellentemente reproduzido na obra de Lafuente (*Historia de España*), e foi achado em 1847; tem de diametro 28 $\frac{0}{8}$ pollegadas inglesas e pesa 533 onças. Guarda-se no Museu da Academia de la Historia. Um disco muito menor, chamado de Otañez, appareceu na provincia de Santander. Tem valor sobretudo pela escultura allegorica que o ornamenta; é de prata e em parte dourado; pesa somente 33 onças.

O numero de objectos de prata e ouro conservados hoje em dia é naturalmente reduzido, porque a cubiça, ateada em successivas e continuadas invasões, não os poupou; em compensação abundam as citações dos autores classicos, que em numerosos documentos attestam a prodigiosa riqueza metallifera extrahida dos jazigos da peninsula. Phenicios, Gregos, Romanos, Carthagineses, emfim, os povos invasores do norte, todos, trabalhando sem descanso, não conseguiram exgotar as riquezas do sub-solo iberico. Hübner resumiu excellentemente todos esses testemunhos numa *Memoria* magistral, depois de haver lançado os grandiosos alicerces da archeologia peninsular durante o dominio romano e os primeiros periodos christãos nos differentes volumes do *Corpus inscriptionum latinarum,* comprehendendo as inscripções romanas pagãs e christãs, a que pôs a coroa nos volumes do *Supplemento* e na serie das *Inscrições ibericas*. Ainda ha poucas semanas provei em estudos publicados na revista *A Arte,* a proposito dos monumentos de Travanca e Balsemão, e em conferencias publicas sobre a architectura romanica archaica (meses de junho e julho) feitas na Academia Portuense de Bellas Artes, que esses estudos fundamentaes de Hübner constituem uma mina quasi inexgotavel, inclusivamente para toda a historia da arte peninsular durante a Idade Media. Embora se interponha a invasão arabe no seculo VIII, todos devem saber hoje que a arte christã, feitas as contas ás inevitaveis destruições e derrocadas dos grandes templos que os suevos e godos haviam propositadamente erguido para serem fortalezas (e não *fraquezas,* como no periodo gothico florido) — ganhou muito pelo contacto com o Islam.

Ficaram comtudo os pequenos templos, os cenobios modestos que não affrontavam a retaguarda do invasor com torres e muralhas, castros e fossos; ahi se abrigou a arte, ahi floresceram innumeras pequenas industrias; ahi redigiram monges eruditissimos maravilhosos repositorios do saber technico, de que a *Schedula diversarum artium* é o typo mais precioso (editio Albert Ilg).

COFRE — Estilo Renascença. 1540-1550

Antes d'este celebre tratado, compilado no fim do seculo XI, tinha o eminente e santo prelado hispalense resumido toda a sciencia, toda a arte theorica, toda a technica tradicional de gregos, romanos, arabes e christãos; havia criado uma encyclopedia incomparavel e reconhecido a importancia da *tradição* dentro da officina. Essa tradição não tem quasi limite de idade, tão vetusta é. E pode hoje classificar-se de *autochtona* [1].

---

[1] Nada mais convincente do que o recente magnifico trabalho de Alcalde del Rio sobre as *Pinturas y grabados de las cavernas prehistoricas* de la pro-

Com quanta razão D. José Amador de los Rios defendeu, em 1861, a originalidade do trabalho peninsular na ourivezaria da epoca latino-bysantina contra as pretensões de M. de Lasteyrie, que não queria ver nas peças incomparaveis do thesouro de Guarrazar (seculos v a vii) senão productos, oriundos dos paises setentrionaes germanicos, reconhece-se, de anno em anno, com mais evidencia. O Sr. Pierre Paris, num trabalho muito notavel e recentissimo (1903–1904), reconhece a existencia de uma civilização iberica, claramente determinada nos monumentos da arte e da industria, anterior a quaesquer influencias que alcançaram a peninsula, procedentes do Oriente mediterraneo por intervenção de gregos e phenicios. Essa civilização produziu depois aquillo que M. Pierre Paris chama *arte iberica de estilo greco-oriental,* cuja obra mais genial é, presentemente, a figura feminina de Elche (*Dame d'Elche*), celebre e formosissimo busto adquirido pelo Museu do Louvre.

SANTO ANTONIO E O MENINO
Estilo portuguès, seculo XVII

Se a arte iberica resistiu a todas as invasões de povos estranhos e ás imposições de modelos exoticos que um luxo sumptuoso, mas de barbaro gosto, lhe apresentou, devia possuir a vitalidade precisa para manter durante o periodo visigodo de mais intensa acção (annos de 410–650) as suas tradições favoritas. Ainda hoje as podemos admirar em innumeros objectos das artes decorativas, que causam admiração a estrangeiros (e a nacionaes), que por força os querem filiar nas categorias sabidas e conhecidas!

---

vincia de Santander: Altamira, Covelanas, Hornos de la Peña e Castillo na *Portugalia.* Tomo ii, fasc. ii, pag. 137–178, com numerosas e bellissimas estampas.

## II

### Primeiro periodo christão e Idade Media

(*ate 1500*)

A influencia poderosa da tradição sobre o estudo das condições technicas do officio seria materia para uma dissertação especial. Em outro logar e por mais de uma vez em conferencias recentes tratei de S. Isidoro de Sevilha, cuja obra capital foi uma fonte inexgotavel de estudo para todos os officios, uma encyclopedia de receitas de influencia incalculavel. Os arabes, conquistando no seculo VIII a Espanha, encontraram o terreno preparado, aptidões technicas, desenvolvidas nas officinas dos artistas visigodos, que se haviam inspirado na obra do Santo Bispo. O arabe ensinou ao espanhol a sua admiravel *ornamentação das superficies planas,* o segredo do artista oriental, que produziu depois o *estilo mudejar*. Nas provincias que resistiram á invasão continuaram os artistas godos produzindo obras notaveis, como a *cruz de los Angeles,* dada por D. Afonso II á cathedral de Oviedo, e a *cruz de la Victoria* ou de Pelayo, da mesma igreja; ambas teem inscrição e data, a primeira 808 A. D., a segunda 828 A. D. A notavel cruz de D. Afonso III, do thesouro da cathedral de Santiago, vae mais alem, com a data de 912, isto é, 874.

Do saber do Santo Bispo viveu durante seculos a peninsula.

Depois, no fim do seculo XI, temos o celebre tratado (compilação, de Theophilus Presbyter, já citado. O monge allemão e ourives revela a influencia e o conhecimento dos processos de trabalho usados em Espanha [1]. Assim chegamos ao seculo XII, XIII e XIV; nesta epoca já a arte hispanica concorre no mercado europeu. Por differentes vezes tenho escrito a respeito dos esmal-

---

[1] Elle escreve no capitulo XLVII: *De auro arabico;* no capitulo XLVIII: *De auro hispanico;* no capitulo XLIII: *De viridi hispanico; o aurichalcum hispanicum,* citado pelo mesmo autor, era uma mistura de ouro e latão, que dava uma côr avermelhada ao metal, caracteristica do ouro hispanico. Sobre a saida em grande escala de ouro hispanico para França e Allemanha no tempo de Carlos Magno. v. H. Meyer, *Die Strassburger Goldschm.*, p. 152.

tes aragoneses, exportados para França no seculo XIV; nem admira este luxo, se já em 1234 publicava D. Jayme de Aragão[1] uma severa lei sumptuaria, que provocou a de Sevilha de 1256, repetida logo em 1258 por Afonso X. As obras que restam da epoca a que nos referimos (seculo XI–XIV) são maravilhosas.

PRATO — Estilo indo-português, seculo XVI

Citaremos: o calice de ouro da Abbadia de S. Domingos de Silos, do seculo XI; um calice de agata, coberto de ouro e pedras preciosas, da mesma epoca, dado a S. Isidro de Leão pela

[1] O dominio do Aragão alcançava até Montpellier, então uma grande cidade commercial, adquirida em 1204. Para a historia especial das relações politicas e sociaes de ambos os lados dos Pyrineus v. Cénac-Moncault, *Histoire des peuples et des etats Pyreneens*. Paris, 1860, 5 vols.; obra importante, mesmo para o estudo das questões artisticas e archeologicas d'esses paises.

Em 1290 encontramos Dalmacio Suñer, feitor catalão em Byzancio. Em 1302 tinha o Imperador Grego Androniko um corpo de mercenarios catalães ás suas ordens. Heyd, *Levantehandel*, vol. I, pag. 523.

Já em 1187 concedia Conrado de Montferrat o palacio verde de Tyro á *Companhia Provençal*, que se compunha de colonos de S. Gilles, Marselha,

Infanta D. Urraca; o calice de prata dourada do Abbade Pelagius (seculo XII); o calice da Academia Real da Historia de Madrid (seculo XIV); o relicario polyptico de Nossa Senhora del Cabello do Convento de Quejana (Alava), instituido em 1375 por Hernan Lopes de Ayala; o esplendido altar de prata da Ca-

SALVA — Estilo *baroque*, seculo XVII

thedral de Gerona (1348); a *silla* do Rei D. Martin de Aragão (1395–1412), existente na Cathedral de Barcelona; as *Tablas Alfonsinas* da Cathedral de Sevilha (seculo XIII) e outros objectos, que dão uma alta ideia da antiga arte espanhola. No seculo XV já alguns ourives barceloneses foram chamados a Roma para a

Montpellier e Barcelona. O Governo da colonia pertencia a um Consulado composto de seis individuos; os colonos tinham fôro commum, proprio. Heyd, *Levantehandel*, vol. I, pag. 368. Em Alexandria, no Egypto, já Benjamin de Tudela encontrou mercadores aragoneses em 1137. Em 1266 havia consules ou feitores catalães em Alexandria, e em 1290 concluia-se um importante tratado commercial e politico entre o Rei de Aragão e o Sultão Kilawun do Egypto. Heyd, *op. cit.*, vol. I, pag. 466.

execução de peças importantes, como eram as rosas e estoques *de offerta,* que os Papas costumavam enviar aos Principes da Christandade por serviços relevantes.

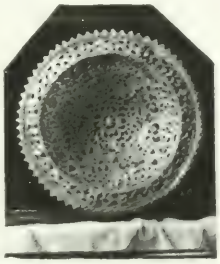
Os centros das outras monarchias espanholas só apparecem em scena muito depois de Barcelona, de Valencia e mesmo de Gerona; primeiro Burgos no principio do seculo XV, depois Toledo, em seguida Sevilha; Leão no começo do seculo XVI, Valladolid um pouco mais tarde, Cuenca, etc. Foi na passagem do fim do seculo XV para o seculo XVI, depois do impulso dado ao genio nacional pelos triunfos de Granada, que se produziu um movimento de rivalidade entre as cidades espanholas, na dotação dos seus templos com as grandes obras da ourivezaria religiosa. A centralização ainda não havia conseguido amortecer o espirito provincial. Só em 1479 é que o Aragão, que vimos unido á Catalunha e Valencia em 1309, se fundiu com Castella pelo casamento dos Reis Catholicos. Cidades de segunda ordem, protegidas por uma nobreza opulenta, que ainda não tinha abandonado os seus esplendidos solares, pondo em moda um *absentismo* fatal á vida dos centros provinciaes, rivalizavam em generosidade com os grandes centros; cada uma quis ter a sua peça celebre. É então que os ourivezes começam as suas correrias por toda a Espanha; que Henrique e Antonio de Arphe, de Leão, Juan Alvarez, de Salamanca, Juan Ruiz, de Cordoba, os Becerriles, de Cuenca, Vozmediano, de Sevilha, executam as suas admiraveis obras de ourivezaria religiosa. Descentralização, actividade, vida por todo o corpo hispanico; as grandes feiras provinciaes ainda deslumbravam os forasteiros e peregrinos do seculo XIV e XV; hoje são apenas um pallido reflexo para exhibição de modas internacionaes muito duvidosas, que fazem ridiculissima figura ao lado da exhuberancia decorativa da tradição castelhana.

GOMIL — Estilo Renascença, seculo XVI

* * *

A arte da ourivezaria na Idade Media dependeu principalmente de dois factores, da protecção do alto clero e das ordens religiosas; em segundo logar, do favor dos Principes e da nobreza que lhe imitou os costumes, As primeiras officinas vamos encontrá-las na Peninsula (como no resto da Europa) installadas dentro dos proprios conventos. Só na primeira metade do seculo XIV é que a ourivezaria se dedicou seriamente ao serviço profano e procurou installações independentes da Igreja [1].

Devemos, porem, recordar que esta divisão da actividade não foi repentina e que prende com a separação dos artifices em dois grupos, um de artistas religiosos, que permaneceram fieis ás antiquissimas officinas dos conventos, e outro, separatista, que se foi collocar fora, no meio da cidade, debaixo da tutela dos gremios e das suas leis profanas. Este movimento de separação accentua-se á proporção que o espirito municipal se levanta, inspirado pelo elemento burguês.



SALVA — Seculo XVII

Os primeiros regimentos de ourivezaria que conhecemos datam do principio do seculo XIII (Montpellier e Paris [2]); houve pois tempo, um seculo, para preparar a transição de um serviço para outro, que era indubitavelmente mais difficil, porque havia a attender a variadissimas exigencias e a innumeros caprichos da sociedade profana.

A comparação da nossa arte não pode, nem deve fazer-se sem a deferencia que devemos á arte irmã mais antiga da nossa vizi-

---

[1] Renan, *Discours*, pag. 148 e seg.: 163 e seg.: e 178. Texier, pag. 985, pag. 1000 e seg. Labarte, *op. cit.*

[2] Em outro logar demonstrámos já a relação de affinidade entre os Estatutos franceses e aragoneses. Depois de Montpellier appareceu Limoges e Toulouse do seculo XIV, com estatutos tambem em lingua provençal. Vid. Texier, *op. cit.* Antiquissimo tambem o Estatuto de Paris, redigido pelo Prévot Étienne Boileau: *Livre des Mestiers*, anno de 1258-69, tit. XI, redacção original em Lacroix-Seré, pag. 38.

nha. Quando a nação portuguesa se tornou independente no seculo XII encontrou uma tradição leonesa e castelhana na politica, nas letras e nas artes, com todas as suas vantagens, vivaz e fecunda, não falando na tradição gallega, que na poesia e na arte dos *Cancioneiros* (musica, dança, illuminura) criou formas originaes e uma esthetica propria.

Mas filhos já eramos da grande *Hispania*.
. . . . . .
. . . . . .

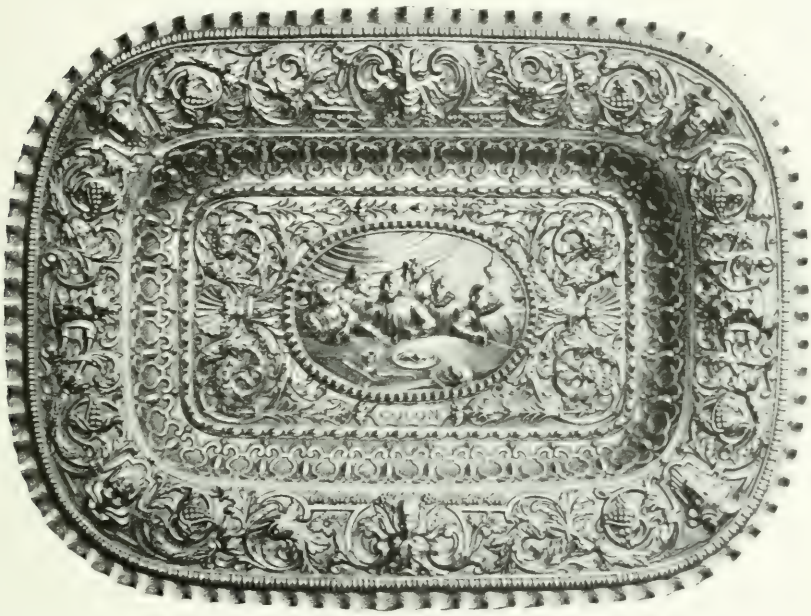
Nesta arte decorativa, como nas demais, temos pois de dar o primeiro logar, na Historia da Peninsula, á irmã mais velha — á espanhola ou com mais correcção á castelhana, aragonesa e catalã. A ourivezaria espanhola desenvolve-se em condições superiores. Teve sobre a portuguesa a vantagem de começar muito mais cedo a sua historia, e com relações de commercio por assim dizer universaes; mesmo para o estudo technico e theorico teve fontes de estudo muito antigas. Temos citado (e nunca será de mais) S. Isidoro (Bispo de Sevilha, fallecido em 636), na sua Encyclopedia ou livro de *Etymologias,* em que trata de numerosissimas questões technicas. Os livros XVI, pedras e metaes, pesos e medidas; XVIII, arte da guerra, armas, musica, etc.; XIX, construcções navaes, architectura domestica, vestuario e sua ornamentação, joias, etc., são os que nos interessam especialmente [1].

A intima ligação com a França (onde vemos esta arte tão florescente no seculo XIV, a ponto de registar a historia 383 nomes de ourivezes no periodo de 1337 a 1400) pela Navarra e Catalunha até á Provença, foco de cultura literaria e artistica para onde os Papas haviam transportado a sua côrte desde 1305 (em Avinhão até 1378); a posição e influencia excepcional de Barcelona em todo o Mediterraneo no seculo XIII; as intimas relações d'este emporio mercantil com o Imperio Grego de Byzancio, as suas colonias na Syria e no Egypto — tudo isto produziu bem cedo

---

[1] Sobre a immensa influencia d'esta obra v. Ebert, *Geschichte der christ. latein. Literatur*, vol. I, pag. 555 e seg.; e Menendez Pelayo, *Historia de las ideas estéticas en España*, vol. I, cap. II.

admiraveis resultados. Estas relações abriram á metade oriental da Peninsula horizontes vastissimos para o seu commercio e a sua industria. Em cincoenta annos (1229 a 1282) arranca o Rei de Aragão e Conde de Barcelona aos mouros as ilhas de Malhorca e Minorca, os reinos de Valencia e Murcia, e expulsa os franceses da Sicilia; em 1324 toma ainda a Sardenha. Emquanto na parte occidental lutavam os Reis de Castella, ora com os inimigos do



SALVA — Estilo *barroque*, do meado do seculo XVII

sul, os mouros, ora com os rivaes do litoral, os portugueses, continuava a casa de Aragão a sua carreira gloriosa fora da Peninsula, fundando ao mesmo tempo, por um governo sabio e liberal, a prosperidade interna da monarchia. A serie de conquistas que apontamos preparou a ultima e mais grandiosa empresa, a conquista do reino de Napoles em 1442. A 25 de fevereiro do anno seguinte fez o Rei D. Afonso a sua entrada triunfal na cidade, em um carro de ouro, como um antigo Cesar, a coroa de Napoles sobre a cabeça, e adeante de si, sobre uma almofada de brocado, mais seis diademas: os de Aragão, de Valencia, de Malhorca, da Corsega, da Sardenha e da Sicilia.

O que este grande monarcha fez em favor das sciencias e das artes não sabe a historia como encarecê-lo. A vida dos mais eminentes sabios, como Georgius de Trebizonda, Chrysoloras, Lorenzo Valla, Bartholomeu Facio, Panormita, o pode dizer. (Burckhardt, *Die Cultur der Renaissance,* pag. 219).

A arte deve-lhe, para citar só um facto, o incomparavel arco triunfal de Castel-Nuovo; e este arco symbolizava o predominio espanhol na Italia, que se havia de estender a toda a Europa com o advento de Carlos V (1516). A tomada de Granada e a descoberta de Colombo, no mesmo anno, foram o remate do novo edificio politico.

SALVA — Estilo de 1650

. . . . . .

. . . . . .

Quão differente foi a nossa sorte! Emquanto os espanhoes avançavam pela Europa dentro, tomando posse dos centros da civilização antiga e da cultura da Idade Media (Italia, sul da Allemanha e Paises-Baixos, linhas do Rheno e do Danubio), partiamos nós para o Oriente, pelo mar tenebroso; abandonavamos quasi a Europa; e teriamos perdido o fio ás relações occidentaes, se não fôra a continua emigração de gente europeia, que vinha esperar nas margens do Tejo a resolução dos novos problemas economicos. Este movimento inverso explica, de uma maneira sufficiente, a differença entre o desenvolvimento artistico dos dois paises da peninsula, e esta differença não é a nosso favor em nenhuma das quatro artes, e ainda menos nas artes industriaes até fins do seculo XV. Não alludimos a uma ou outra obra excepcional; não é isso o que se trata de confrontar; compare-se o movimento, a marcha geral, fase por fase, desde o nascimento de uma arte ou de uma industria até sua extincção. A emigração artistica para Portugal, a introducção de elementos estrangeiros não podia desviar as consequencias necessarias, fataes, do movi-

mento a que obedecemos; podia apenas actuar isoladamente sobre certas organizações privilegiadas, e isto no curtissimo espaço de trinta annos [1]. D'ahi uma decadencia rapida, quasi repentina, como a de uma planta exotica que muda de clima. Qualquer

SALVA — Estilo Renascença

movimento artistico, qualquer arte é o resultado de uma progressão historica sensivel, mas lenta, durante seculos; não se importa, repetimo-lo [2]. A historia da ourivezaria e joalharia espanhola é mais uma prova d'isso, como vamos ver. O foco d'essa industria

---

[1] É a duração do reinado de D. Manuel (1495-1521), o movimento começou porem já nos ultimos annos do reinado de D. João II.

[2] *A pintura portuguesa nos seculos XV e XVI*. Porto, 1881, pag. 9.

é o Aragão e a Catalunha [1], o dominio d'esse grande Principe que em 1443 abria as portas da Italia aos espanhoes. A progressão abrange dois seculos.

Nesse mesmo anno triunfal estavamos nós de luto; expirava então o Infante Santo nas enxovias de Tanger; pouco depois começavamos nós as terriveis questões internas que cobriram de precioso sangue os campos de Alfarrobeira (1449) e só terminaram no cadafalso de Evora (1483). Emquanto aragoneses, catalães e valencianos se tinham fortalecido durante dois seculos sob a influencia das antigas civilizações, que haviam nascido em torno do Mediterraneo; emquanto castelhanos e leoneses desciam á Andaluzia a admirar em paz as ultimas maravilhas do genio arabe no Alcazar de Sevilha (1360, a Alhambra é de 1258), Portugal procurava reatar antiquissimas relações através do immenso oceano; sustentava a Europa, cansada, esgotada, e acordava o Oriente do seu torpor [2]! Eis a differença de situação entre Portugal e a Espanha.

Todo o reino de Aragão tirou grande proveito das conquistas que enumerámos; a sua capital, Barcelona, tornou-se a rival de Genova, principalmente durante o reinado do grande D. Jaime I, o *Conquistador* [3]. Da parte do Principe, liberdades locaes e communaes concedidas com a maior franqueza, protecção racional,

---

[1] Capmany, *Memorias*, prova que Barcelona já tinha um commercio activo de pedras preciosas com o Oriente no seculo XIV; v. tambem Heyd, cap. *Edelsteine*, vol. II, pag. 581. Barcelona e Montpellier, cidade ligada, politicamente, ao Aragão tinham corporações de ourivezes organizadas, com estatutos, já no seculo anterior. Vid. Texier, pag. 1200.

[2] A Europa estava, com effeito, exhausta. Em 1492 não tinha ella nos seus cofres mais do que um milhar de milhões de francos, segundo Kiesselbach, *Der Gang des Welthandels*, pag. 301 e seg. Vid. as provas e a indicação das causas no cap. *Sobre o commercio oriental das especiarias*, em *Arch. art.*, fasc. IV, pag. 136 e seg. Posteriormente ao nosso estudo de 1877 appareceu a lucida exposição historica do allemão Heyd, em 1879: *Erschöpfung der Handelsnationen am Mittelmeer*, que occupa a maior parte do vol. II da sua obra.

[3] Basta recordar que o primeiro codigo de commercio, a primeira compilação de leis maritimas, o *Consolat del mar*, foi impresso em Barcelona em 1458 em lingua limosina, espalhando-se depois por toda a Europa. Sobre as varias edições e traducções, vid. o Catalogo da Bibliotheca Salvá, vol. II, pag. 692. A melhor fonte de estudo é a traducção francesa commentada de Boucher. Paris 1808, 2 vols., in-8.º

dispensada largamente ao commercio e á industria; da parte do povo tenacidade, iniciativa corajosa, actividade commercial, genio inventivo para as empresas industriaes, — e tudo isto ajudado, idealizado por notaveis faculdades artisticas — eis os elementos que concorreram para a singular fortuna da casa de Aragão, uma das maiores da Europa nos seculos XIV e XV. A politica centralizadora e niveladora de Carlos V acabou com os foros e privilegios de D. Jaime e seus successores. O Aragão fundiu-se na immensa casa de Habsburgo e Borgonha. A sorte que tiveram os foros aragoneses no tempo do Imperador, quis Felipe II prepará-la aos flamengos, mas o temperamento germanico resistiu e venceu afinal. Entre a historia dos paises de Flandres e do Aragão-Catalunha, entre Bruges e Barcelona ha, com effeito, mais de um ponto de contacto: o mesmo espirito municipal que ensina o respeito da lei; a mesma força nas corporações, que cria industrias florescentes e a riqueza da classe media; a mesma burguesia valente e audaz nos mares e nos combates, que abre a essas industrias um mercado universal.

JOSÉ PEREIRA LEITE
Ourives-artista

Com relação á ourivezaria e joalharia (a que nos temos de restringir) isto já era assim, no seculo XIV. Davillier fornece noticias valiosas sobre a corporação dos ourivezes de Barcelona, que se referem ao seculo XIV e XV, e que podem ser completadas pelo estudo de Ebert. A organização do ensino era solida; a disciplina dispunha de penas severas; as relações entre os varios membros da officina eram rigorosamente fiscalizadas, para prevenir toda e qualquer injustiça do mais forte, ou desobediencia do subordinado.

### Conclusão: Inventarios. Facilidades para o Estudo

O limitado espaço de que disponho não me permitte traçar aqui a historia das peças mais arcaicas da ourivezaria peninsular, e descrevê-la; já citei as mais importantes; aqui teria de restringir-me aos artefactos portugueses e aos que existem em collecções

portuguesas e estrangeiras. Porem, a descrição sem as estampas correspondentes, em escala avultada, não é proveitosa.

Para as reliquias dos nossos vizinhos, guardadas em Espanha, França (Paris-Cluny) e Inglaterra (South-Kensigton) ha estampas magistraes em publicações condignas, que enumeramos cuidadosamente nas *Fontes de consulta*. Para lá remettemos o leitor. Quem não puder adquirir essas obras tem ainda o recurso das photographias, nas series opulentas da celebre casa Laurent de Madrid, e a divulgação em volumes economicos.

Portugal descuidou-se durante longo tempo. A collecção de photographias da casa Pardal (1865-1872), que começou a archivar os thesouros do chamado *Museu de arte ornamental* existente outr'ora em duas salas escuras da Academia de Bellas Artes (Convento de S. Francisco de Lisboa) foi uma mui louvavel tentativa, hoje esquecida; mas o photographo reproduziu somente dentro da collecção official e não se importou com os outros thesouros da arte existentes em Lisboa, por exemplo na Sé, em S. Vicente, em S. Roque, nos Paços Reaes das Necessidades, Ajuda, etc.

A preciosa collecção do Rei D. Fernando (Necessidades) fôra mandada reproduzir pelo Museu de South-Kensington, que já muito antes delegara o photographo Thomson para archivar os monumentos mais caracteristicos do reino. Figurou a serie do Rei na Exposição de Vienna (1873) e depois trouxe-a eu ao Porto para outro certamen. O publico de Lisboa pôde vê-la e admirá-la no Museu do Carmo, ao qual fôra dada. Continuou porem o sequestro dos thesouros das cathedraes, confrarias, etc., até á grande exposição de 1882, sem que o enorme dispendio então feito no Museu das Janellas Verdes servisse ao publico, pois das reproducções de Carlos Relvas fizeram monopolio official, em beneficio dos caprichos de um amador [1]. O photographo Sartorius de

[1] As casas Biel do Porto e Rocchini de Lisboa chegaram a fazer offertas razoaveis, no caso de se abrir o *concurso* para as reproducções. Eu instei nesse sentido; mas o Inspector da Academia de Bellas Artes de Lisboa (Delfim Guedes) queria, por força, favorecer o seu particular amigo Carlos Relvas. Construiu-se-lhe até, de graça, e de proposito, um *atelier* photographico de madeira e zinco no jardim do Museu de Lisboa, que custou a bonita, mas inverosimil somma de 4:500$000 réis. Fomos lá vê-lo, por dentro e por fóra; e deu-se-lhe o monopolio das reproducções, sem nenhuma condição, *ad libitum*. A historia por miudo fica para outro logar.

Coimbra e depois a casa Biel do Porto [1] ajudaram a reproduzir nos ultimos annos peças desconhecidas e valiosas; Rocchini em Lisboa e Serra em Evora vulgarizaram outras joias da arte; mas tudo isso foram migalhas [2].

Falta um inventario, em forma, da ourivesaria e joalharia nacional, com reproducções a preços razoaveis. Os desenhos de Casanova, que acompanham o catalogo official de 1882, não são dignos do certamen, nem do valor das peças reproduzidas. Perdeu-se uma occasião unica para auxiliar os estudos da historia das artes decorativas em Portugal e criar uma boa receita permanente para o Estado pela venda das photographias! Resta-nos esperar pela munificencia sobejamente provada do Sr. Bispo-Conde D. Manuel, que organizou ha poucos annos admiravelmente o opulento *Museu de arte religiosa* da mitra. O catalogo já tarda um pouco; era facil adeantar, ao menos, as photographias, pois esse Museu da mitra e a collecção adjunta ao Convento Real de Santa Clara (edificio moderno), em devoção da Rainha Santa Isabel [3], contém o melhor nucleo que podemos apresentar [4] de peças de ouro e prata, esmaltes, joias, não falando nos estofos tecidos e panos bordados, etc., do periodo de 1000–1500. E por aqui ficarei, por ser este limite o que abrange um dominio da arte, em parte inedito e noutra parte, menos conhecido. O seculo XVI é o de uma pujante florescencia; abundam as provas; mas são peças de estilo mais corrente [5].

Porto, agosto de 1908.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

---

[1] *A Arte e a Natureza em Portugal.* Publicação em 8 vols e 96 fasc. = 384 estampas, com texto em português e francês.

[2] O Album de Aveiro e o de Vianna (Exposições de artes decorativas, antigas) deram bom auxilio aos estudiosos.

[3] O Sr. Dr. Ribeiro de Vasconcellos fez a historia d'essas reliquias, com boas illustrações e excellente criterio, na *Vida da Rainha Santa*, em 2 vols.

Em Guimarães, a Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira seguiu o exemplo, dado pelo Sr. Bispo-Conde. Bem haja.

[4] É claro que não devemos esquecer a grande collecção do Museu Nacional (Janellas Verdes); d'esta não ha, porém, ainda hoje! nem esboço de catalogo, apesar de ser facillimo organizá-lo com os dados da Exposição de 1882.

[5] O catalogo chronologico e critico da ourivezaria e joalharia nacional, desde a fundação da monarchia, mesmo separado dos periodos historicos e ante-historicos, obrigaria a um volume especial. Está feito nos nossos mss.

## NOTAS EXPLICATIVAS SOBRE AS ESTAMPAS DO TEXTO

1. Cruz latina de cobre, portatil, estilo latino-byzantino; classificada de *hispano-arabe*, e como pertencente ao seculo IX, na collecção do fallecido Marquês de Sousa-Holstein. Ignora-se o paradouro actual.

2. Cruz latina, processional, de ouro, ornamentação de filigrana, com *cabochons* de pedras preciosas. Altura $0^m,60$. No centro tinha uma reliquia do Santo Lenho; nas costas outra. Foi do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde era conhecida como cruz de D. Sancho I. Feita em 1214, segundo a inscripção original da haste, por ordem do monarcha. Palacio Real da Ajuda.

3. Cruz processional, de prata. Tem de altura $1^m,30$ e pesa 22 kilogrammas. Foi do Mosteiro de Alcobaça. Estilo gothico florido, fim do seculo XIV. Peça contemporanea e irmã, no estilo, da custodia n.º 7. Museu Nacional de Bellas Artes. Lisboa.

4. Cruz processional, de prata. Altura $1^m,19$. Pertence á Sé do Funchal. Dadiva de El-Rei D. Manuel. Estilo manuelino; este exemplar, de magnifico lavor, soffreu bastante do tempo.

5. Cruz de altar, de prata, com o vulto dourado. Altura $0^m,91$. Na peanha, tri-partida, alternam os passos da Paixão de Christo com scenas mythologicas. Lavor perfeitissimo, que pertenceu ao Mosteiro de Belem. Estilo da Renascença, cêrca de 1540. Museu Nacional, Lisboa.

6. Calice de prata dourada, com patena. Altura $0^m,35\frac{1}{2}$. Estilo gothico-manuelino. Pertenceu ao Convento da Ordem de Christo em Thomar; hoje no Palacio Real da Ajuda. El-Rei D. Luis I mandou uma imitação perfeitissima d'este calice, feita pelo ourives Leitão & Irmão, de Lisboa, como presente, ao Papa Leão XIII.

7. Custodia de prata dourada. Altura $0^m,92$. Largura $0^m,25$. Segundo uma inscrição foi mandada fazer pelo Abbade de Alcobaça, D. Frei João de Ornellas, na era de 1404 (1366). As volutas, que ladeiam o hostiario, são do meado do seculo XVII e substituem antigos botaréos de estilo gothico. Museu Nacional de Bellas-Artes, Lisboa.

8. Custodia de ouro esmaltada, chamada *de Belem*, fabricada pelo celebre ourives Gil Vicente; acabada em 1506. Altura $0^m,83$. Peso 30 marcos de ouro. É sobremodo notavel o lavor do esmalte, na parte figurativa, que lhe dá um logar unico na historia da arte nacional. Na parte constructiva soffreu alterações consideraveis. Legado de D. Manuel ao Mosteiro de Belem. Palacio Real da Ajuda, Lisboa.

9. Porta-paz de prata. Altura $0^m,56$. Largura $0^m,28$. No centro Nossa Senhora com o Menino, sobre a meia-lua, e um espinheiro florido. É uma das obras de ourivezaria mais perfeitas e caracteristicas, no estilo manuelino.

Foi do Convento dos Eremitas de Santo Agostinho de Nossa Senhora da Graça de Villa Viçosa. Museu Nacional, Lisboa.

10. Cofre de bronze dourado, com lavores de prata branca. Comprimento $0^m,34$. Estilo da Renascença, cêrca de 1540-1550. Parece-nos haver nelle evidentes sinaes de influencia allemã. O ornato linear, de estilo oriental (*moresche*), recorda as composições de Peter Flöttner. Ha ainda muita analogia com a cruz n.º 5, na parte figurativa. Foi do Mosteiro de Belem. Hoje no Museu Nacional, Lisboa.

11 Imagem de prata, em parte dourada. Santo Antonio com o Menino Jesus. Altura $0^m,30$. Estilo nacional do primeiro terço do seculo XVII. Renascença, evolucionando para o estilo barôco. Peça caracteristica na concepção e na parte technica. Museu Nacional, Lisboa.

12. Fruteiro circular, de prata dourada, com pé. Diametro $0^m,32$. Fim do seculo XVI. Estilo indo-português, provavelmente de uma officina de Goa. A corôa ducal aberta parece indicar o possuidor D. Constantino de Bragança, Vice-Rei da India. Collecção do Palacio Real da Ajuda.

13. Salva circular, de prata dourada, *repoussée*. Estilo *baroque*, lavor relevado, bem nacional, do meado do seculo XVII. A execução, algum tanto carregada com elementos decorativos, é de uma grande virtuosidade e de effeito sumptuoso. Museu Nacional, Lisboa.

14. Gomil grande de prata dourada, carregado com uma ornamentação fantastica, no estilo da Renascença, cêrca de 1540. Tem prato correspondente. Antiga collecção de El-Rei D. Fernando; passou para seu neto El-Rei D. Carlos. Paço da Penha, Cintra.

15. Pequena salva, recortada, *à jour*. Diametro $0^m.30$. Trabalho do principio do seculo XVII. Pertencia em 1883 ao Visconde de Valdemouro. Aveiro.

16. Salva oblonga, grande, de prata *repoussée*, no estilo *baroque* (Luis XIV), do meado do seculo XVII. No centro, em medalhão oval, a representação do episodio do *ovo de Columbo*. Aparte o anachronismo dos trajes, é um primor de arte, em tudo invenção original do celebre ourives portuense Pereira Leite. Pertencia em 1883 ao negociante Th. Alves Guimarães, Prior que foi da Ordem do Carmo, grande protector do mallogrado artista. Paradouro actual, ignorado. Photographia inedita.

17. Salva redonda de prata, relevada, estilo do meado do seculo XVII (tulipas e rainunculos estilizados, genero hollandês). No centro Cupido sobre um leão (o amor vencendo a força); parece imitação de um camapheu antigo. Do mesmo artista e do mesmo possuidor em 1883. Paradouro actual, ignorado. Photographia inedita.

18. Salva em estilo da Renascença por João Monteiro, ourives do Porto. Diametro $0^m,57$. Trabalho primoroso de um dos primeiros artistas contemporaneos. Officina na Rua do Bomjardim.

19. Retrato do ourives-artista José Pereira Leite, primeiro lavrante de prata do norte do país, na segunda metade do seculo XIX. Obteve a primeira distincção na Exposição de Ourivezaria Nacional da Sociedade de Instrucção do Porto em 1883. Falleceu cêrca de 1887. Retrato inedito.

## FONTES DE CONSULTA

MONUMENTOS ARQUITECTONICOS DE ESPAÑA, com o texto espanhol e os additamentos que os allemães Uhde, Junghändel e Gurlitt publicaram modernamente, de 1880 em deante. Os franceses, em architectura não são isentos de *parti-pris* (por exemplo, Enlart). O inglês W. Watson (1908), acaba de publicar um estudo importante sobre a *Architectura portuguesa* (London, A. Constable), em que envolve um pouco as artes decorativas.

MUSEU ESPAÑOL DE ANTIGUËDADES, sob a direcção de Rada y Delgado; e as importantes monographias estrangeiras que completam a historia da archeologia da arte na peninsula, em parte adeante citadas. A enumeração completa encheria uma dezena de paginas. Escolheremos só os allemães Hübner e Justi; os franceses: Cartaillac, Pierre Paris (1903-1904), e Davillier. Deixamos de parte os autores sobre a pintura castelhana, aragonesa, catalã, etc., posto que os quadros dos seculos XIII a XVI contenham especimens da ourivezaria, joalharia, armaria, etc., peninsular, *pintados*. Os dois volumes de Sanpere y Miquel, sobre os *Primitivos hespanhoes*, o provam; os quadros gothicos do nosso Museu Nacional do mesmo modo

M. BORRELL, *Tratado de dibujo*. Madrid, 1866-1878, 3 vol., fol. peq.—Esta obra, capital para a Espanha, não perdeu, em trinta annos, o merito e o valor, que lhe assinalámos em 1879. *(Reforma do ensino do desenho)*.

Posteriormente, as publicações mais valiosas espanholas, na forma de manuaes, completaram e ampliaram essa obra fundamental. Veja-se adeante. A Espanha tinha officialmente uma cadeira de Historia da Arte e Archeologia antes de 1875, pois a Diputacion provincial de Barcelona mantinha a Escola de Bellas Artes, subsidiava pensionistas e pagava a D. José Manjarrés (que a imprimia em 1875), a «primera Historia ilustrada del Arte que se ha publicado en España» — um volume de 570 paginas, com 195 gravuras. Manjarrés começou os seus *Cursos livres* em lições dominicaes nos annos de 1868 a 1869; passaram a ser *lecciones como assignatura* em 1872, entrando no programma official, obrigado, do professor, que passou a cathedratico, e ainda o era em 1880. Os manuaes espanhoes, a que acima me refiro, são principalmente os de Gudiol y Cunill, Vich, 1902; La Roza y Cabal, Oviedo, 1895; Peña y Fernandez, Sevilla, 1890; Miguel y Baia, Barcelona, 1879 e 1892, etc.

MENENDEZ Y PELAYO, *Historia de las ideas estéticas en España*. Madrid, 1883 e annos seguintes (6 volumes, até 1889). – Lavor de grande merito, cuja leitura recommendo ha vinte annos; que recommendarei sempre aos nossos descobridores, *nacionalistas* de estufa, que teem medo do ar dos Pyreneus.

Do mesmo, *O discurso de recepción publica,* na Academia de Bellas Artes de San Fernando, em 31 de março de 1901. Madrid, Fortanet.

Complemento da obra precedente.

Luis Domenech, *Historia general del Arte.* Dirigida por L. D. Barcelona, Montaner y Simon. — Estão publicados oito volumes, que abrangem tambem as artes decorativas e os trajes. Obra de primeira ordem, inclusivamente para o periodo pre-historico e proto-historico. São do mesmo arrojadissimo editor da *Historia general de España,* de Lafuente, continuada por Valera (Madrid, 1877-1882; 6 vol.), outro monumento da imprensa editorial espanhola, cheio de magnificas illustrações.

Joaquim de Vasconcellos. — O estudo historico especial (inedito), em 2 volumes sobre a *Ourivezaria e Joalharia* portugueza, e varias monographias do autor sobre as artes dos metaes *(Toreutica)* no *Boletim* da Associação do Carmo, desde 1882; na *Arte Portuguesa,* revista do Centro Artistico do Porto desde 1880; na *Revista da Sociedade de Instrucção,* do Porto desde 1882; na *Revista de Guimarães,* etc., no decurso dos ultimos vinte e cinco annos.

Os theoricos antigos espanhoes dos seculos xv, xvi e xvii foram explorados pelo autor, pode dizer-se, pela primeira vez em Portugal, systematicamente, desde que começou a publicação da *Archeologia Artistica* (1872). Continuamos isolados nesse campo. Vide a respectiva *Bibliographia,* amplissima, no estudo sobre Dürer (1877); no *Ensaio sobre a architectura manuelina* (1885), appendice ii, etc.

Estatutos Portugueses dos ourivezes da prata e ouro, e dos officios manipuladores dos metaes, em geral. Grande collecção da Biblioteca Municipal do Porto (44 volumes), que inventariei de 1877-1878; e de que publiquei extensos extractos na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto.* Annos de 1881-1883, na *Revista de Guimarães* e na separata intitulada *Toreutica.*

Catalogo da exposição de arte ornamental. Lisboa, 1882, em fasciculos, com estampas.— O volume de A. F. Simões, sobre este certame, é fraquissimo. Lisboa, 1882.

Album da exposição de aveiro (secção archeologica).— Aveiro, 1883.

Album da exposição de vianna do castello (secção archeologica). — Vianna, 1898.

O *Album Relvas,* da Exposição de Lisboa, de 1882, foi um capricho de um notavel amador-photographo, mas sem effeito para o publico, pela sua tiragem limitadissima (50 ex.). Ha, porem, d'elle o *Album Completo,* em 4 volumes (cêrca de 400 estampas), exemplar unico, dado ao Museu Nacional, que é precioso. Na exposição de Ourivesaria e Joalharia Nacional, que organizei no Porto em 1883, tirou a casa Biel setenta e tantos clichés, mas não

conseguiu assinatura para o album. Das exposições, chamadas *archeologicas*, realizadas em Lisboa por 1850 e tantos, e no Porto (1865-1867), não ficaram photographias, infelizmente.

E. A. Allen e Ferreira, *Catalogo da collecção de moedas visigodas*, pertencentes a Luis José Ferreira. Porto, 1890. Com uma *Introducção* valiosa de Allen. — Junte-se o catalogo da collecção Ferreira Carmo (hoje do Conde do Ameal, pelo Dr. Pedro Augusto Dias (Porto, 1877), onde trata das officinas visigodas; os volumes do Dr. Teixeira de Aragão sobre as moedas portuguesas; emfim, a grande obra de Heiss (Aloys), *Description générale des Monnaies des Rois Wisigoths*. Paris, 1872.

O archeologo português. Publicação muito valiosa do Museu Ethnologico Português, dirigida pelo Dr. Leite de Vasconcellos. — Appareceram até hoje, junho de 1908, 13 volumes. Lisboa, Imprensa Nacional.

Portvgalia. Revista dirigida pelos Srs. Ricardo Severo e Rocha Peixoto. Custeada toda pelo primeiro, sem subsidio algum. Porto, 7 fasciculos, que bem se podem classificar de volumes, e lhe conquistaram um dos primeiros logares na secção scientifica da Peninsula.

Historia y arte. Revista mensal illustrada. Madrid, marzo de 1895 a fevereiro de 1896. Director, Adolfo Herrera. — Com profunda pena, vimos terminar esta excellente publicação no 2.º volume! Contém monographias interessantissimas sobre as artes decorativas da Espanha.

Entre as revistas portuguesas especiaes, é justo ceder o primeiro logar ao *Boletim do Museu do Carmo;* as revistas de Lisboa: *Artes e Letras* (varios volumes); a *Arte*, que veio depois; a *Arte Portuguesa*, editada por Casanova; a anterior, do mesmo titulo, que o Centro Artistico inaugurou no Porto — tudo isso contém elementos aproveitaveis, mas dispersos. A publicação da Casa Biel & C.ª: *A Arte e a Natureza em Portugal*, ainda é, afinal, a contribuição mais valiosa dos ultimos cem annos para o estudo da Arte, da paisagem e da gente portuguesa e seus costumes. Publicaram-se oito volumes, com 384 estampas (phototypias), e texto razoavelmente elucidativo, em português e francês.

Juan F. Riaño, *The industrial arts in Spain*. London, 1879. Publicação official do Museu de South-Kensington. Ensaio muito valioso, illustrado.— Não deve confundir-se (como tenho notado em escritores nossos, que fingem consultar livros de Arte sobre assuntos espanhoes) com outra obra do mesmo autor: o *Catalogo* dos objectos de Arte espanhoes do dito Museu: *Classified und descriptive Catalogue of the art objects of Spanish production in the South K. M.* London, 1872. Pertence-lhe um supplemento sobre as tapeçarias: *Report* de 30 de abril de 1875, de Riaño. Bem entendido: tapeçarias do Palacio Real de Madrid. São para cima de mil! que conhecemos desde 1871. Como os objectos portugueses andam, mesmo em South-Kensington, baralhados com os espanhoes (observámos esta confusão por

toda a Europa, em viagens desde 1865-1876, e ainda depois em 1881!) é mister fiscalizar as classificações de todos os especialistas espanhoes, incluindo as de um dos mais eruditos, o nosso fallecido amigo Riaño. O bem conhecido Sr. J. C. Robinson (escritor sobre *Grão-Vasco*) na obra em seguida mencionada, e que é tambem objecto de confusão com as duas de Riaño, deu-se uns ares de quem resolve o enygma, e achou os caracteres de differenciação entre os productos espanhoes e portugueses nas artes decorativas. (Vide a Introducção, pag. 11). Já respondi a essa pretensão na *Revista da Sociedade de Instrucção* (vol. 1, 1882, pag. 403). No fim d'esta nota vae o titulo da terceira obra que, como as duas citadas, foram materia incognita para a illustre Commissão da Exposição de Arte Ornamental de 1882 (Lisboa). É justo dizer que o medico-archeologo Sr. Dr. Sousa Viterbo consultou Riaño e o Catalogo da *Loan exhibition*, de 1881, muito depois de fechado o certamen de Lisboa; mas como o *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* (onde imprimiu o seu escrito em Junho de 1883), andava atrasado nas datas, parece, á primeira vista, que o Sr. Viterbo tinha conhecimento em 1882 do que andava impresso em Inglaterra em 1872 e 1879. No Catalogo official da Exposição de 1882 não apparece vestigio de haverem seus autores folheado qualquer dos tres guias que indicamos: 1. Catalogo de objectos espanhoes em South-Kensington (1872); 2. Resumo historico de Riaño (1879); e 3. Catalogo de objectos de arte ornamental expostos em Londres em 1881, de emprestimo (*on loan*); porque, a final, foi esta exposição londrina que provocou a de Lisboa, de 1882. Eis a verdade.

CATALOGUE OF THE SPECIAL EXHIBITION OF SPANISH AND PORTUGUESE ORNAMENTAL ART, South-Kensington Museum, 1881. Edited by J. C. Robinson. — A introducção é de Robinson; o *Essay on spanish art* é de Riaño, reimpresso da primeira obra, supra, de 1872. Este catalogo da exposição de Londres custava um *shilling* (225 réis); o da Exposição irmã de Lisboa, 1$440 réis.

DAVILLIER (BARON CH.), *Les arts décoratifs en Espagne au moyen âge et à la Renaissance*. Paris, 1879. Edição, ampliada dos estudos feitos na revista *L'Art*, de Paris. Obra indispensavel, que a famosa Commissão de 1882 igualmente desconhecia. Esqueceu á illustre commissão tambem o seguinte:

DO MESMO, *Recherches sur l'orfévrerie en Espagne, au moyen âge et à la Renaissance*. Paris, 1879. In-4.º

HÜBNER (PROF. EMIL.).—Haveria a citar uma biblioteca, taes, tantos e tão valiosos foram os seus estudos sobre a archeologia da peninsula.

Resumiremos: 1) *O corpo das inscrições latinas* (vol. II da grande serie da Academia de Berlim), com supplemento. 2) *As inscrições latinas, christãs*, com supplemento. 3) *As inscrições ibericas*. 4) A memoria premiada *La arqueologia de España*. Barcelona, 1888; emfim, entre a numerosissima serie de pequenas monographias, a que tem o titulo: *Objetos del comercio fenicio encontrados en Andalucia*, em que aprecia as importantissi-

mas descobertas de George Bonsor e seus estudos, publicados na *Revue Archeologique* de 1898-1899 e depois em volume. Temos presente uma *separata* da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* (com que o professor allemão brindou somente alguns amigos). Madrid, 1900.

E. Renan, *Discours sur l'état des Beaux-Arts en France au quatorzième siècle.* Faz parte da *Hist. littéraire de la France au* xiv *siècle.* Vol. ii. Paris, 1865, pag. 123 e seg.

Abbé Texier, *Dictionnaire d'orfévrerie, de gravure et de ciselure chrétiennes* (com a historia dos metaes, esmaltes e pedras preciosas). Paris, 1857. In-8.º gr.—Pertence á celebre *Encyclopedia theologica,* de Migne. Tem ainda grande valor.

Paul Lacroix et Ferdinand Serré, *Histoire de l'orfévrerie, joaillerie et des anciennes communautés et confrèries,* etc. (France et Belgique). Paris, 1850. In-8.º gr.—Obra indispensavel, com os mais antigos documentos, Estatutos dos officios (1234) e marcas. 450 estampas, em parte coloridas.

Linas (Charles de), *Orfévrerie mérovingienne.* «Les œuvres de Saint-Eloi et la verroterie cloisonnée». Paris, 1864. In-8.º—Esta obra, infelizmente já muito rara (tiragem 100 exemplares), trata com a mais solida erudição e ajuizada critica da ourivezaria peninsular desde o seculo v até ao seculo ix; e deve confrontar-se a cada momento com os trabalhos de Mr. de Lasteyrie e Amador de los Rios.

John H. Pollen, *Ancient and modern gold and silversmith's work in the South Kensington Museum,* described, etc. London, 1878—É o grande Catalogo illustrado das collecções (edição critica). Como supplemento, a grande serie illustrada, em fasciculos, *The South-Kensington Museum.*

A. Darcel, *Notice des émaux et de l'orfévrerie* (collecções do Louvre). Paris, 1867.—Edição critica.

H. Barbet de Jouy, *Notice des gemmes et joyaux* (idem). Paris, 1872.

Ferdinand de Lasteyrie, *Description du trésor de Guarrazar.* Paris, 1860. F. Didot.

D. José Amador de los Rios, *El arte latino-byzantino en España y las Coronas de Guarrazar.* Madrid, 1861. Nos *Monumentos Arquitectonicos de España;* e em volume separado. Outro estudo de Rada no *Museu Español,* (vol. iii), é de 1874.

PAUL MANTZ, *Notes sur l'orfévrerie anglaise*, na *Gazette des Beaux-Arts*, 2ème periode, tomo IX e tomo XVI.

WILFRIED J. CRIPPS, *College and corporation plate*. «A Handbook to the reproductions of silver plate in the South-Kensington Museum». London, 1881.

HUYTENS (Jules), *Recherches sur les corporations gantoises*. Gand, 1861. Folio.— A historia dos armeiros da mesma cidade contém outras e mui preciosas informações que aproveitam á ourivezaria e seus processos technicos. Veja-se: Ferdinand Vanderhaeghen, *Histoire de la Gilde souveraine*, etc. dite chef-confrérie de Saint-Antoine à Gand. Gand. Septembre, 1860. In-8.º gr.

DR. J. STOCKBAUER. *Nürnbergisches Handwerksrecht des XVI Jahr*. Nürnberg, 1879. In-4.º gr.— Sobre as Corporações da Allemanha do Sul.

HANS MEYER, *Die Strassburger Goldschmiedezunft*, com documentos historicos, importantes de 1365-1681.— Pertence á Biblioteca de Sciencias Sociaes e Politicas, dirigida por G. Schmoller. Leipzig, 1881. Volume III. Sobre a Corporação de Strasburgo.

EXPOSITION UNIVERSELLE DE 1867 A PARIS, «Rapports du jury international, publiés sous la direction de Michel Chevallier» — Secção: *Joaillerie et bijouterie*. Tomo IV.

EXPOSITION UNIVERSELLE DE VIENNE EN 1873. Commission supérieure. France, Paris, 1875. Tome II. Rapports.

EXPOSITION UNIVERSELLE INTERNATIONALE DE 1878 A PARIS. Rapports du jury international. (Martial Bernard, Roubleaux, Dugage e outros). — Paris, 1877 e 1880.

Deveriamos começar por onde acabaremos, recommendando a exploração cuidadosa das seguintes obras: *Provas da Historia Genealogica da Casa Real* (6 volumes); *Portugaliæ Monumenta Historica;* os *Documentos historicos da cidade de Evora,* do seculo XVI, por Gabriel Pereira, e as suas numerosas, pequenas monographias, onde abundam noticias de valor; emfim, a obra *Vimaranis Monumenta Historica*, a saec. nono P. C. Vimarane, 1908, dirigida pelo Sr. Abbade de Tagilde, precioso complemento das abundantes noticias da *Revista de Guimarães*. A cidade do Norte prova que o exemplo dado pelo Municipio de Lisboa (collecção de Documentos Freire de Oliveira) frutificou. O Municipio do Porto parou, infelizmente, com a sua iniciativa.

J. DE V.

# A MUSICA EM PORTUGAL

**Golpe de vista retrospectivo.** — Preliminar. — Não permitte o plano d'este brevissimo resumo tomar o fio da historia em epoca muito remota, pois isso obrigaria a investigações forçosamente extensas.

Sómente se pode constatar que o desenvolvimento da arte musical adquirido na Europa depois do periodo medieval e representado principalmente pelos contrapontistas flamengos, encontrou no nosso país terreno bem disposto, e que as obras dos mais celebres d'esses contrapontistas, taes como João Ockeghem e Josquin do Prado, nos eram familiares, como se reconhece pelas referencias que lhes fazem varios escritores coevos. Principalmente nos seculos XVI e XVII, mestres portugueses muito notaveis brilharam entre os mais afamados da peninsula; os nomes de Manuel Mendes, Frei Manuel Cardoso, Soares Rebello e Duarte Lobo (*Eduardus Lupus* em latim, Eduardo Lopes em espanhol), foram celebrados num poema de Faria de Sousa, que os colloca a par dos espanhoes Morales, Guerrero e Victoria. Duarte Lobo, que viveu 103 annos, parece comtudo ter sido a figura primacial d'esse movimento, não só pelas obras que escreveu, algumas das quaes ainda chegaram até nós, como pela sua influencia e acção educativa sobre grande numero de discipulos notaveis que teve.

EDVARDVS LVPVS IN OLISIPONENSI
ECCLESIA MVSICES PRÆFECTVS.

DUARTE LOBO

O restaurador de Portugal, D. João IV, interessando-se particularmente pela musica, juntou uma biblioteca riquissima na especialidade, sem duvida a primeira do seu tempo, mas que, por pouco estimada, veio a dispersar-se. A dispersão, levada a effeito principalmente nos reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II, terminou com o terramoto de 1755. O interesse que a casa de Bragança sempre teve pela arte musical, a partir do Duque D. Theodosio, bisavô do *Restaurador,* e apenas interrompido nos dois reinados que citei, prolongou-se, porem, como adeante veremos, nos descendentes de D. Pedro II.

Seculo XVIII.—Todo o povo que tem linguagem sua, caracter proprio, vida autonoma, deve tambem possuir uma arte nacional: se não a tiver, precisa adquirí-la; se a perdeu, deve esforçar-se em recuperá-la. Portugal está hoje nesta ultima situação: perdeu, ha exactamente dois seculos, a sua musica caracteristica, e procura agora dar-lhe novos alentos. Nunca poderá ter, nunca teve, escola propria, mas tenta adquirir um caracter distinctivo que lhe dê direito de nacionalidade. Vão-se tornando notaveis e frequentes certas tentativas para fazer entrar nos dominios da arte mais esmerada as canções tradicionaes ouvidas nos recantos das povoações rusticas, aquelle «cantar saudoso» — segundo a frase de João de Barros — que caracteriza a melopeia dos povos peninsulares. Esse cantar saudoso nunca deixou de existir, visto que, decorridos quatrocentos annos depois de ter sido notado por João de Barros, elle se encontra ainda não raro ecoando pelos nossos campos e serras. Somente da arte culta o desterraram as *arias* e recitativos garganteados pelos capadinhos romanos, que D. João V e D. José importaram juntamente com outras mercadorias, não sei se tão avariadas como aquella.

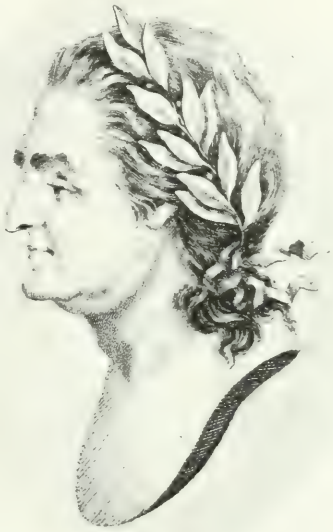
A musica portuguesa começou principalmente a ser enxertada pela italiana quando a rainha D. Maria Anna de Austria casou com D. João V (1708), trazendo de Vienna o uso da opera nos paços reaes. Com a opera vieram cantores, instrumentistas, bailarinos, scenographos, compositores e até poetas, para comporem e executarem aquellas representações denominadas operas, que substituiram os antigos e nacionaes autos ennobrecidos pela memoria de Gil Vicente. Musicos portugueses foram enviados a Roma para beberem na propria fonte o manancial dos gorgeios

D. JOÃO IV

ravura de Balthasar Moncornet, Paris

italianos. Da escola de Napoles vieram mestres para tambem aqui ensinarem as formulas da composição e o modo da execução de taes gorgeios [1]. Os primeiros musicos alados a Italia foram: Antonio Teixeira, em 1717, e Francisco Antonio de Almeida, pouco depois. Muitos outros se lhes seguiram, sendo o ultimo Marcos Antonio Portugal.

Simultaneamente, veio para Lisboa o celebre cravista Domingos Scarlatti, que D. João V contratou para seu serviço, em 1721, e foi mestre affeiçoado da Infanta D. Maria Barbara, mais tarde Rainha de Espanha. Partindo Scarlatti com a sua discipula para Madrid, veio em 1752 outro mestre napolitano de grande fama, David Peres, que exerceu profunda e duradoura influencia nos compositores nacionaes. Ficámos, desde então, completamente italianizados.



DAVID PERES

Gravura de Bartolozzi

É justo, porem, confessar que o ensinamento italiano foi notavelmente prolifico: numerosos compositores portugueses receberam esse ensinamento e produziram trabalho de incontestavel valor na sua especie, como se reconhece pelo que d'elles nos resta. As partituras que se conservam na Biblioteca da Ajuda dão testemunho de que a

---

Advirta-se, porem, que a arte italiana não avassalou unicamente o nosso país. A supremacia que desde o seculo XVII adquiriu sobre a polyphonia flamenga, vencendo com a simples monodia o trabalho complexo dos mestres contrapontistas, tornou-se geral em toda a Europa, ou mais exactamente em todas as côrtes da Europa, visto que a opera foi a principio uma arte puramente cortesã.

segunda metade do seculo XVIII marca um periodo aureo para a musica theatral na côrte portuguesa. Desde 1720, epoca em que as representações italianas começaram a tomar maior incremento, até á inauguração do theatro de S. Carlos, em 1793, isto é, durante setenta e tres annos, cantaram-se nos theatros regios para cima de duzentas operas differentes, um terço das quaes foram escritas por musicos portugueses. As restantes eram dos autores em voga na Europa, figurando com maior numero os dois mestres napolitanos David Peres e Nicola Jommelli. Este ultimo firmara em 1769 um contrato pelo qual se obrigou a enviar para Lisboa copias de todas as partituras que compusesse, contrato que cumpriu até fallecer, em 1777.

LUISA TODI

Lithographia do *Plutarcho Português*

Ao mesmo tempo, o theatro publico imitava o exemplo da côrte, e não só companhias italianas, mas tambem as portuguesas exhibiam, com muita frequencia, operas de mistura com as farças e burletas nacionaes. Foi neste meio que se criou a celeberrima cantora Luisa Todi e o não menos celebre compositor Marcos Portugal.

Por essa epoca desenvolveu-se extraordinariamente entre nós o gosto pela musica, como affirma uma carta escrita em 1755: «Na musica temos feito os maiores progressos. Não ha casa onde se não ache algum instrumento musico, ou quem saiba cantar» [1].

Dos compositores portugueses produzidos pela escola italiana, ou mais especialmente napolitana, sobresaiu João de Sousa Carvalho, que esteve em Italia, e a quem coube a honra de ser

---

[1] Carta aos socios do *Jornal Estrangeiro*, em Paris, por Miguel Tiberio Pedagache.

o successor de David Peres em todos os cargos da côrte: mestre da familia real, compositor e director das operas, mestre da capella e mestre de contraponto no Seminario Patriarchal, que era então a nossa primeira escola de musica. Teve por melhores discipulos Antonio da Silva, Leal Moreira, Marcos Portugal, João José Baldi, e por ultimo João Domingos Bomtempo, alem de muitos mais que não lograram igual reputação.

A par de Sousa Carvalho trabalharam outros musicos de não menor valor, que foram tambem pensionistas em Italia, como Luciano Xavier dos Santos, João Cordeiro da Silva, Jeronimo Francisco de Lima e seu irmão Brás de Lima. Quasi todos compuseram numerosas operas italianas. Leal Moreira e Marcos Portugal foram, alem d'isso, mestres nos theatros publicos do Salitre e Rua dos Condes, escrevendo nessa qualidade muita musica para as peças nacionaes ali representadas. As *arias* e *lunduns* que essas peças continham, e mais caíam no agrado publico, passavam a ser cantadas nas salas e tornavam-se populares. Assim nasceram os dois typos que hoje se julga geralmente serem os principaes representantes da musica portuguesa: a «moda» ou — segundo o eufemismo brasileiro — «modinha», que outra cousa não é senão a *aria* italiana amoldada ao gosto nacional; o «fado», derivado de dança africana que com o nome de «lundun» divertia as plateias populares, tornando-se favorito nos bordeis, onde recebeu a nova designação. Não constituem, decerto, estes dois typos a unica substancia da musica portuguesa, que em tal caso bem pobre seria; mas nelles se encontra o espirito interno que a caracteriza e tem sido notado pelos estrangeiros.

BALDI

Agua-forte de Sequeira

A par da musica theatral, tambem a musica religiosa italiana exerceu decidida influencia entre nós, levando-nos na orientação viciosa que frequentemente fez confundir o estilo proprio da igreja com o do theatro. Essa orientação foi boa a principio: D. João V contratara em 1729 um mestre veneziano, João Jorge, para dirigir a escola de canto religioso que fundou; era um mestre habil na especialidade e criou excellentes discipulos. Entre

MARCOS PORTUGAL

a enorme quantidade de musica sacra dos compositores acima citados, encontram-se bastantes exemplares de bom e serio estilo; sobre todos, Luciano Xavier dos Santos produziu trabalho muito notavel. Mas o gosto pelas *arias* dos castrados e o interesse d'estes em se tornarem indispensaveis, obrigava os autores da musica a fazerem dos textos liturgicos assunto para elles brilharem, e assim se perdeu a noção da verdadeira musica religiosa, que entre nós se tornou raridade.

Seculo XIX. — Com a inauguração do theatro de S. Carlos (1793), encerraram-se para sempre os theatros privativos da côrte. Leal Moreira, director e ensaiador de musica no theatro da Rua dos Condes, passou com igual categoria para o de S. Carlos, e ahi se conservou até 1800, cedendo então o logar a seu cunhado, Marcos Portugal, recemchegado de Italia. Tanto um como outro, escreveram ainda algumas operas, que se cantaram sob a sua direcção, até 1810, ultimo anno da residencia de Marcos em Lisboa. Mesmo por mais algum tempo ainda se repetiram certas operas d'este compositor, mas depois só muito raramente os musicos portugueses teem tido accesso no nosso theatro lyrico, seja para compor ou seja para dirigir. Apenas lhe ficou o recurso dos bailados, para os quaes Santos Pinto, de 1839 a 1853, escreveu musica de valor relativo, seguindo-se-lhe Angelo Carrero, Rio de Carvalho e Justino Castilho.

SANTOS PINTO

Attenuando a falta do theatro italiano, adquiriu a musica maior desenvolvimento nos theatros nacionaes, e epoca houve (meado do seculo), em que o publico recebia de mau grado qualquer peça dramatica que se apresentasse sem musica. Muitos compositores trabalharam nesse genero, já collaborando em dramas, peças fantasticas, comedias, etc., já escrevendo verdadeiras operas comicas e operetas. Foi dos primeiros Antonio José do Rego, autor dos *Velhos Gaiteiros,* burleta muito popular em 1814. Merecem tambem nota: João Evangelista Pereira da Costa, mestre ensaiador no theatro da Rua dos Condes em 1820; Jacob Osternold, que desde 1835 escreveu tanto para este theatro como para o do Salitre; e Antonio Luis Miró, que trabalhou para os theatros do Salitre e Gymnasio até 1849. A par de Miró, sobrevivendo-lhe ainda alguns annos, trabalhou Santos Pinto, estreando-se em 1839 com a musica para o drama de Mendes Leal *Os dois renegados.* Guilherme Cossoul escreveu

algumas operas comicas, representadas entre os annos de 1848 e 1853.

Mas a todos sobrelevou Joaquim Casimiro, que se fez primeiro notar em algumas comedias de Molière, representadas na Rua dos Condes em 1842. O trabalho de Casimiro foi abundante, attingindo a cifra de duzentas e nove peças, para as quaes escreveu musica muito apreciada pela vivacidade e frescura da inspiração.

CARLOS DE SEIXAS
Retrato de Fr. Vieira, gravura de Daullé

É justo mencionar neste ponto Angelo Frondoni, nascido em Italia mas estabelecido em Portugal, onde exerceu a maior parte da sua actividade artistica; tornou-se popularissima a *Canção da Saloia,* intercalada numa farça que se representou em 1844, canção digna de nota pelo sabor nacional. Escreveu muitas peças portuguesas, representadas em diversos theatros de Lisboa até ao anno de 1873.

Monteiro de Almeida escreveu bastante musica para o theatro da Rua dos Condes, entre 1860 e 1868.

Emfim, dos compositores lisbonenses mais notaveis já fallecidos, Rio de Carvalho, Julio Soares e Francisco Alvarenga, trabalharam assiduamente para o theatro nacional durante o ultimo quartel do seculo XIX. Alvarenga foi muito applaudido no Rio de Janeiro, onde falleceu em 1883.

No Porto, João Medina de Paiva, nascido em 1810; Sá Noronha, melodista inspirado, que trabalhou desde 1854; José Francisco Arroyo, musico de grande valor pela mesma epoca; José Candido, autor da popular opereta *Narciso com dois pés* (1874), que teve centenas de representações; Alves Rente e Antonio Canedo, seus contemporaneos, escreveram para uma infinidade de peças.

Um logar especial é porem devido ao portuense Domingos Cyriaco de Cardoso, pela sua *verve* offenbachiana e pela extraor-

dinaria habilidade em ensaiar e dirigir. As popularissimas operas burlescas *Burro do Sr. Alcaide* e *Solar dos Barrigas,* cuja musica se allia com a mais pittoresca jovialidade aos versos do mallogrado poeta D. João da Camara, constituem preciosos exemplares da genuina graça nacional. Cyriaco de Cardoso nasceu no Porto em 1846, e quasi encerrou o seculo XIX, fallecendo em Lisboa a 16 de novembro de 1900.

Foram numerosos os *virtuosi* notaveis durante o seculo XIX. Não contando já com Luisa Todi, cujos dotes de perfeitissima cantora receberam os maiores testemunhos de admiração em Madrid, Paris, Londres, Vienna, Berlim, S. Petersburgo e muitas cidades de Italia e Allemanha desde 1777 até 1796; deixando mais remotamente ainda o organista e cravista José Antonio Carlos de Seixas, que floresceu na primeira metade do seculo XVIII, abre o caminho á brilhante pleiade do seculo passado o pianista João Domingos Bomtempo, nascido em Lisboa, no anno de 1775, o qual partiu para Paris em 1801 e de lá passou a Londres, sendo muito apreciado nessas duas capitaes, onde residiu alguns annos, pela sua maravilhosa execução. Voltou a Lisboa em 1820, e aqui fundou a primeira sociedade de concertos, sendo tambem o primeiro director do Conservatorio; falleceu em 1842. As suas sonatas, concertos com orchestra e outras composições, publicadas a maior parte em Londres, são classicas no estilo de Clementi.

J. D. BOMTEMPO
Gravura de Vendramini, Londres 1813

O clarinetista José Avelino Canongia, nascido em Oeiras no anno de 1784, saiu de Lisboa em 1806, esteve alguns annos em Paris e Nantes, passou a Londres, percorreu varias cidades da Italia e Allemanha, Espanha, dando concertos, exercendo a

sua arte; veio a Portugal em 1816, estabelecendo-se definitivamente aqui em 1821. Era admirado pela belleza do som e primor da execução. Fez imprimir em Paris quatro *Concertos* e dois *Themas variados,* para clarinete com acompanhamento de orchestra.

Pela mesma epoca, primeira metade do seculo XIX, brilhou no Porto um flautista, João Parado, fallecido em 1842, mestre muito considerado e autor de diversas composições para o seu instrumento.

FRANCISCO EDUARDO DA COSTA

Desenho de João Correia, 1850

A familia Ribas, oriunda de Espanha e estabelecida no Porto desde o principio do seculo, produziu vergonteas de grande valor na arte musical. Contam-se entre as principaes: 1.ª, João Antonio Ribas, nascido no Ferrol em 1799, mas criado no Porto desde a primeira infancia, habil em quasi todos os instrumentos, especialmente no violino e no violoncello; 2.ª, José Maria Ribas, irmão do precedente, que em Londres, onde residiu desde 1828 até 1841, chegou a ser o primeiro flautista do seu tempo, publicando-se naquella cidade muitas das suas obras para flauta; 3.ª, Hypolito Ribas, filho de João Antonio, tambem flautista considerado no Porto; 4.ª, Nicolau Ribas, violinista, que em Bruxellas estudou com Bériot.

Francisco Eduardo da Costa, nascido em Lamego, em 1819, mas criado no Porto, onde desenvolveu toda a sua actividade artistica, foi excellente pianista, organista e compositor inspirado, principalmente de musica de igreja; cultivava com amor e proficiencia a musica classica.

O autor das operas *Arco de Sant'Anna* e *Beatriz de Portugal,* Francisco de Sá Noronha, foi tambem festejado, principalmente na America do Sul, como brilhante concertista no violino. Mas o violinista português que mais justas homenagens recebeu no

Brasil, quasi adquirindo ali foros de patricio, foi um filho do Porto, Francisco Pereira da Costa. Estudou em Paris com Garcin e Alard, tornando-se principalmente notavel pela expressão e majestosa sonoridade com que tocava um *adagio,* pelo que grangeou o epitheto de «rei da 4.ª corda». Falleceu no Rio de Janeiro em 1890.

Não seria justo esquecer outro bom tocador de violino, natural do Porto, Augusto Marques Pinto, que falleceu em 1888.

Entre os lisbonenses mais notaveis do seculo XIX compete um dos primeiros logares a Guilherme Cossoul, que exerceu as funcções de *maestro* no theatro de S. Carlos, entre os annos de 1860 e 1878. Esteve em Madrid, Paris e Londres, fazendo-se applaudir como violoncellista primoroso.

Um amigo e companheiro de Cossoul nos trabalhos artisticos cumpre mencionar a seu lado: o fagotista Augusto Neuparth que, indo á Allemanha em busca de mestre que o aperfeiçoasse, mal encontrou quem o igualasse. Coevos de Neuparth e Cossoul, pertence o logar immediato aos irmãos Croners, Antonio (flauta) e Rafael (clarinete); Rafael Croner percorreu por mais de uma vez a America do Sul, onde o festejaram enthusiasticamente; apresentou-se tambem no Palacio de Cristal de Londres, e ali despertou um enthusiasmo raro na capital inglesa.

A brevidade obrigatoria neste resumo só me deixa citar de passagem mais alguns nomes; serão elles: os violinistas Ignacio de Freitas († 1815), seu filho José Maria de Freitas († 1867), Caetano Jordani († 1860), Angelo Carrero († 1867), Narciso Pitta († 1893), Victor Wagner († 1877), Garcia Alagarim († 1897); os violoncellistas João Jordani († 1860), seu discipulo Sergio da Silva († 1890) e o discipulo de Cossoul, Eduardo Wagner († 1889); os flautistas José Gazul († 1865) e João Emilio Arroyo († 1896); o clarinetista Carlos Campos († 1888); o harpista Galeazzo Fontana († 1875); os pianistas Duarte dos Santos, que se estabeleceu em Londres, onde gozou boa reputação de professor († 1855), Guilherme Daddi († 1887), Eugenio Mazoni († 1899), José Antonio Vieira († 1894), Miguel Angelo Pereira († 1901).

Já disse que as operas de portugueses rarearam desde o principio do seculo, pela difficuldade em serem recebidas no theatro italiano; darei agora a lista das que lograram tal ventura, depois de Marcos Portugal ter encerrado o periodo fecundo.

1. *Egilda di Provenza,* de João Evangelista Pereira da Costa, 1828[1].

2. *Il Sonambulo,* de Antonio Luis Miró, theatro das Laranjeiras, 1835.

3. *Atar,* do mesmo autor, 1836.

4. *Virginia,* do mesmo autor, 1840.

5. *Inès de Castro,* de Manuel Innocencio dos Santos, 1839.

6. *Cèrco de Diu,* do mesmo autor, 1841.

7. *Bianca di Mauleon,* de José Francisco Arroyo, theatro de S. João no Porto, 1846.

8. *Sampiero,* de Xavier Migone, 1852.

9. *Mocana,* do mesmo autor, 1854.

10. *Beatriz de Portugal,* de Sá Noronha, theatro de S. João no Porto, 1863.

11. *Arco de Sant'Anna,* do mesmo autor, theatro de S. João, 1867, S. Carlos, 1868.

12. *Tagir,* do mesmo autor, theatro de S. João, 1876.

13. *Eurico,* de Miguel Angelo Pereira, 1870.

14. *L'Elisire di Giovinezza,* do Visconde do Arneiro, 1876.

15. *Beatriz,* de Frederico Guimarães, 1882.

16. *Laureana,* de Augusto Machado, 1884; Marselha, 1883; Rio de Janeiro, 1886.

17. *I Doria,* do mesmo autor, 1887.

18. *Mario Wetter,* do mesmo autor, 1898.

19. *Frei Luis de Sousa,* de Francisco Gazul, 1891.

20. *D. Branca,* de Alfredo Keil, 1888, com repetição em 1889.

21. *Irene,* do mesmo autor, 1896; Turim, 1893.

22. *Serrana,* do mesmo autor, 1899, com repetição em 1900; Coliseu dos Recreios em Lisboa, 1901; S. João, no Porto, 1902.

Actualidade.—Começarei pelo ensino, visto que ainda d'elle não tratei. O ensino da musica era noutros tempos ministrado com profusão nas cathedraes, mosteiros e seminarios, visando particularmente a musica religiosa. Nos seculos XVI e XVII sobresaiu entre todas a escola de Evora, pela excellencia dos mestres

---

[1] As que não tiverem indicação especial cantaram-se em Lisboa no theatro de S. Carlos.

que a regiam e dos discipulos que produziu. Depois tomou-lhe o passo o Collegio dos Reis, seminario instituido em Villa Viçosa pelo Duque de Bragança, D. Theodosio II. Á semelhança do Collegio dos Reis estabeleceu D. João V em Lisboa, no anno de 1713, o Seminario Patriarchal, largamente dotado, e que veio a ser a nossa escola superior de musica até aos principios do seculo XIX.

Já em decadencia, foi o Seminario absorvido pelo Conservatorio Real de Lisboa, criado em 1835 por Almeida Garrett, sendo seu collaborador na parte musical João Domingos Bomtempo, que ficou exercendo os logares de director da secção musical e professor de piano. Muitos mestres notaveis, alem de Bomtempo, teem ensinado nesta escola, taes como:

Canongia e seu successor Neuparth, dirigindo a aula de instrumentos de palheta; Migone, as aulas de piano e de composição; João Jordani e Cossoul, a aula de violoncello; Masoni, Freitas e Alagarim, a aula de violino; José Gazul e João Emilio Arroyo, a de flauta; Ernesto Wagner, a de trompa, etc. Numerosos e bons discipulos tem produzido durante os setenta e tres annos da sua existencia, não se podendo, portanto, dizer com justiça que a historia do Conservatorio carece de paginas honrosas.

Em varias epocas tem sido modificada a sua organização, e sem duvida a melhor lei que o tem regido é a actual, decretada pelo Ministro Hintze Ribeiro em 24 de outubro de 1901. Esta lei conservou a divisão primitiva do ensino em duas secções, musica e declamação, cada uma com acção independente e director privativo, ambas sob a gerencia artistica e administrativa de um inspector. Criou de novo um Conselho de Arte Dramatica e outro de Arte Musical, corpos consultivos formados de professores do Conservatorio e de individuos a elle estranhos, nomeados pelo Governo. É actual inspector o membro da Academia das Sciencias, Eduardo Schwalbach, que elaborou a lei vigente e seu regulamento interno, auxiliado por Augusto Machado, director da secção musical e professor de canto.

O ensino de musica comprehende os seguintes cursos: rudimentos; solfejo preparatorio de canto; canto; piano; harpa; violino e violeta; violoncello e contrabaixo; flauta; instrumentos de palheta; instrumentos de metal; orgão; harmonia, contraponto e composição. Alem d'estes cursos estabelece a lei mais as seguin-

tes classes, obrigatorias para os alumnos matriculados nas outras aulas: canto coral, musica de orchestra, musica de camara, historia da musica e litteratura musical, lingua italiana. O curso de rudimentos é de dois annos; os de piano, violino e violoncello dividem-se em curso geral e curso superior, com uma totalidade de oito annos; o curso de harmonia é de tres annos, continuado pelo de contraponto e fuga, que abrange mais quatro annos. Os cursos de solfejo preparatorio de canto, canto individual e collectivo e canto theatral, constituindo o estudo completo do cantor, abrangem uma totalidade de sete annos. Os cursos dos outros instrumentos são de quatro, cinco ou seis annos, conforme o instrumento.

Os professores estabelecidos pela lei são: dez de 1.ª classe, com o ordenado annual de 500$000 réis; dois de 2.ª classe, com 400$000 réis; onze auxiliares, com 150$000 réis; quatro adventicios, contratados temporariamente por quantia não superior a 240$000 réis. O professor de lingua italiana vence a gratificação de 200$000 réis. As classes de orchestra, camara e canto coral são dirigidas por professores dos outros cursos, com a gratificação de 120$000 réis [1].

Os logares de professores são dados por concurso publico; a lei estabelece, porem, uma excepção, dispensando de concurso e deixando ao arbitrio do Governo a nomeação de «qualquer professor estrangeiro que pela sua provada aptidão julgar necessario para o aperfeiçoamento do ensino».

Uma applicação muito latitudinaria d'esta excepção tem graves inconvenientes.

O Conservatorio é frequentado por trezentos alumnos em media, os quaes são leccionados por vinte e oito professores, alem dos monitores nomeados pela escola em numero indeterminado.

Os livros de estudo são obrigatorios, approvados pelo Conselho da Arte Musical, de cinco em cinco annos, ou antes de concluido este prazo se o professor de qualquer curso justificar a conveniencia de ser substituida alguma das obras adoptadas.

A frequencia dos alumnos é gratuita, exigindo-se-lhes apenas o pagamento de pequenas propinas pela abertura e encerramento

---

[1] A classe de historia e literatura ainda não funcciona.

de matricula. As provas de aproveitamento são dadas annualmente em exame publico, perante um jury de tres professores e dois membros do Conselho da Arte Musical, que dá a classificação de approvado ou adiado; dois adiamentos successivos na mesma disciplina importam exclusão. Alem dos exames ha concursos a premios, e a admissão aos cursos superiores faz-se tambem por meio de concurso.

Uma circunstancia se dá neste Conservatorio que, sendo aliás util, não tem equivalente nos estabelecimentos congeneres do estrangeiro: é a admissão de examinandos não alumnos. A principal utilidade d'esta medida é dar ás pessoas que estudam particularmente um certificado do seu aproveitamento.

O canto coral nas escolas primarias está consignado na lei de instrucção publica desde 1878, mas a sua pratica é ainda rara e imperfeita. Uma das causas d'esta falta deve attribuir-se necessariamente ás escolas normaes, onde os futuros professores não praticam esta materia nem lhe ligam a menor importancia. Consequencia natural, sociedades orpheonicas tambem não ha, embora se tenham feito tentativas em differentes epocas para vulgarizar o canto harmonizado; geralmente quando se canta nas escolas ou nas sociedades populares é em unisono. Em compensação pullulam por todo o país, até nas mais reconditas aldeias, as «sociedades philarmonicas», constituindo bandas de musica militar; são tambem muito populares as «tunas» ou «sol-e-dós», conjunctos formados principalmente por instrumentos de cordas dedilhadas.

Se passarmos da arte popular para a arte culta, reconheceremos que a epoca actual é animadora e que os musicos em Portugal acompanham de perto a evolução moderna.

Um artista exuberante de talento, que infelizmente deixou ha pouco de existir, mas que pelo modernismo das suas tendencias pertence de direito á geração actual, Alfredo Keil, produziu obras de incontestavel valor em diversos generos. Não só nas tres operas acima mencionadas, que se cantaram em S. Carlos, mas na cantata *Patrie,* no poema *Orientaes,* em outras composições com orchestra e nos numerosos trechos publicados para canto e para piano, encontra-se a flux trabalho de um musico activissimo, ansioso de produzir e sedento de gloria.

Mais valioso trabalho ainda elle deixou inedito entre a multidão de composições que completou, mas não chegou a publicar,

e tambem na grande quantidade de esboços por concluir, entre os quaes a partitura de uma opera sobre a descoberta da India e outra intitulada *Pedro o Ruivo*. Alfredo Keil era artista de grande coração e patriota devotadissimo, como provam os assuntos das suas operas; muitas vezes se inspirou elle, com subida arte, na musa nacional. Era seu desejo intimo criar a opera lyrica portuguesa, e nessa intenção tinha composto a *Serrana* sobre poema português, escrito por Henrique Lopes de Mendonça.

Os actuaes compositores mais em evidencia, que pelas suas obras mostram uma orientação moderna, são Augusto Machado, Julio Neuparth, Francisco Gazul e, recentemente, João Arroyo.

Augusto Machado possue bagagem artistica de consideravel valor, pois que, alem das tres operas já mencionadas, tem apresentado nos theatros nacionaes muitas operas comicas, operetas e outras peças com musica; concluiu uma opera italiana que espera o *favor* de ser cantada em S. Carlos, e outra portuguesa que brevemente apparecerá. Muitas das suas composições estão publicadas. A tendencia ou *maneira* — como se diz dos pintores — que Augusto Machado tem manifestado é puramente francesa, mas algumas vezes tem ido á fonte nacional buscar uma ou outra nota caracteristica.

Julio Neuparth, professor de harmonia no Conservatorio, tem produzido musica symphonica e de camara — entre ella um bello quartetto — e peças theatraes portuguesas, alem de varios trechos para canto e para piano, que estão publicados.

Francisco Gazul, tambem professor no Conservatorio e excellente harmonista, fez da sciencia de compor uma occupação principalmente profissional, e no exercicio d'ella escreveu e arranjou durante alguns annos para o theatro da Trindade em Lisboa enorme quantidade de musica com que ornou peças de todos os generos representadas naquelle theatro. Da parte mais artistica do seu trabalho deve destacar-se a opera *Frei Luis de Sousa*, um *Libera-me* que pode considerar-se entre nós raro exemplar de boa musica religiosa, e alguns trechos symphonicos, dando testemunho de sciencia technica.

João Arroyo surgiu ultimamente de improviso, como um quasi milagre. Filho de José Francisco Arroyo (vid. acima este nome) era muito conhecido pela sua brilhante carreira politica, mas de musica apenas se sabia que a cultivava como amador nos mo-

mentos de repouso. Repentinamente, e começando por onde é costume acabar, apresenta uma bella opera — *Amor de Perdição* — e consegue (não menor milagre) fazê-la cantar em S. Carlos, com o maior exito e unanimes applausos, durante duas epocas consecutivas, em 1907 e 1908. O *Amor de Perdição* foi a primeira opera de compositor português que se cantou em S. Carlos no seculo XX.

Quanto aos compositores que actualmente trabalham para os theatros populares, são mais notaveis: Joaquim Delnegro, que de optimo trompista se fez autor e arranjador de musica para toda a qualidade de peças theatraes; Filipe Duarte, autor de duas festejadas operetas, a *Lancha Favorita* e o *Oito,* esta ultima com letra de D. João da Camara; Luis Filgueiras, Dias Costa, Calderon, etc.

Cumpre ainda notar entre os compositores: Frederico Guimarães, autor da opera *Beatriz;* o pianista Antonio Soller, cujas obras publicadas para piano são muito numerosas; o pianista Oscar da Silva, tambem autor de varias obras publicadas para o seu instrumento; o organista Costa Pereira, que se dedicou á musica religiosa; Antonio Taborda, mestre da banda de musica da Guarda Municipal de Lisboa; e outros que a brevidade me não deixa mencionar.

Os autores de valsas e obras congeneres para piano são muitos e as suas obras contam-se por centenas; entre elles sobresaiu Fabião Figueira, ha pouco fallecido, cujas valsas tiveram voga.

Ultimamente teem saido do Conservatorio alumnos com aproveitaveis aptidões, os quaes teem feito promettedores ensaios; mas a carreira de compositor não offerece estimulo para commettimentos de grande monta, que podem considerar-se verdadeiras excepções, exigindo desafogo nos recursos materiaes. A luta pela vida obriga a rastejar quem não pode voar.

Executantes de primeira ordem temo-los em José Vianna da Motta e Alexandre Rey Collaço; sobre o valor de ambos não ha que dizer, tão provado elle está e tão grande é. Resta só frisar que nas suas producções vibram muitas vezes as cordas da lyra popular, ennobrecendo-a com arte superior.

Francisco Bahia, professor no Conservatorio a par de Collaço, é tambem pianista de muito merecimento.

Teria logar á frente dos primeiros pianistas portugueses o decano d'elles, Arthur Napoleão, natural do Porto, se o Brasil

não o considerasse de ha muito seu glorioso e dilecto filho adoptivo.

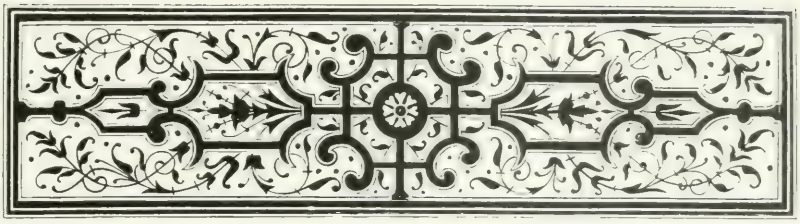
E outro português illustre residente em país estranho, com direito a honrosa menção nesta fugitiva galeria dos nossos principaes musicos, é o primoroso cantor Francisco de Andrade, tão applaudido na Allemanha e tão estimado na côrte de Berlim.

Para concluir: Bernardo Moreira de Sá é um nome que a justa critica manda não esquecer; litterato, mathematico, violinista e compositor, tem, com as suas multiplas aptidões, prestado os maiores serviços á cultura da arte musical no nosso país.

E como Moreira de Sá no Porto, Michelangelo Lambertini em Lisboa, com o seu enthusiasmo artistico, illustração e saber technico, trabalha tambem devotadamente no mesmo sentido.

Lisboa, 1908.

ERNESTO VIEIRA.



# INDICE


Pag.

ADVERTENCIA PRELIMINAR — por Antonio Arroyo . . . . . v

O PAÍS PORTUGUÊS — o solo, o clima e a paisagem — por Antonio Arroyo.
- O Minho . . . . . 1
- Trás-os-Montes . . . . . 11
- O Douro . . . . . 15
- As Beiras . . . . . 24
- A Serra da Estrella . . . . . 30
- Aveiro, Coimbra . . . . . 36
- Estremadura. . . . . 43
- Cintra . . . . . 47
- O Tejo e Lisboa. . . . . 53
- Alemtejo . . . . . 60
- Algarve. . . . . 66

O POVO PORTUGUÊS — por Antonio Arroyo . . . . . 73

PRAIAS E ESTAÇÕES THERMAES — Portugal, estação de inverno — por Antonio Arroyo . . . . . 101
- As praias portuguesas . . . . . 103
- Aguas e estações thermaes . . . . . 119
  - Rheumatismo e doenças da pelle . . . . . 120
  - Doenças da pelle. . . . . 128
  - Doenças das vias digestivas . . . . . 131
  - Doenças diversas. . . . . 133

Pag.

Doenças das vias respiratorias e arthritismo . . . . . 137
Aguas purgativas. . . . . 138
Portugal, estação de inverno . . . . . 139

A habitação em Portugal — por João Barreira. . . . . 147

Arte decorativa portuguesa — por Joaquim de Vasconcellos.
I. . . . . 179
II. . . . . 188

A architectura em Portugal (Breve noticia sobre) — por João Barreira 209

Ourivezaria portuguesa — Estudo historico (até fins do seculo xv) — por Joaquim de Vasconcellos.
I. — Arte pre-historica e proto-historica . . . . . 235
II. — Primeiro periodo christão e Idade Media (até 1500) . . . . 249
Conclusão: Inventarios. Facilidades para o Estudo . . . . . 259
Fontes de consulta. . . . . 264

A musica em Portugal — por Ernesto Vieira.
Preliminar. . . . . 271
Seculo xviii . . . . . 273
Actualidade . . . . . 284

Erratas principaes . . . . . 293

# ERRATAS PRINCIPAES

Pag. 68 — linhas 23 e 24 — em logar de: *vem ajuntar-se a palmeira do esparto* — ler: *veem ajuntar-se a palmeira e o esparto.*

Pag. 119 — linha 17 — em logar de: *mais de* — ler: *cêrca de.*

Pag. 120 — linha 13 — em logar de: *doenças de pelle* — ler: *doenças da pelle.*

Pag. 147 — linha 9 — em logar de: *ambientes de solo e clima* — ler: *derivados do solo e clima.*

Pag. 165 — linha 23 — em logar de: *modernatura* — ler: *modenatura.*

Pag. 226 — linha 25 — em logar de: *terciaria* — ler: *terciario.*

LIBRARY
DEC
19
1079
UNIVERSITY OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
517
T4
v.2

Teixeira Judice, Antonio
Notas sobre Portugal

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 04 20 04 015 8